

*Não percebo como é que um romance
tão bom passou despercebido tanto tempo.*

IAN MCEWAN

Quase perfeito. BRET EASTON ELLIS

STONER

JOHN WILLIAMS

*Um romance formidável
de uma latejante tristeza.*

JULIAN BARNES

*Um dos grandes romances esquecidos
do século passado.*

COLUM MCCANN

*Magnificamente escrito,
numa prosa simples mas brilhante.*

RUTH RENDELL



D. QUIXOTE



Ficha Técnica

Título original: Stoner
Autor: John Williams
Edição: José Prata
Capa: Ideias com Peso
Revisão: Nuno Reis/Dulce Reis
ISBN: 9789722055574

Publicações Dom Quixote
uma editora do grupo Leya
Rua Cidade de Córdova, n.º 2
2610-038 Alfragide – Portugal
Tel. (+351) 21 427 22 00
Fax. (+351) 21 427 22 01

© 1965, John Williams
Posfácio © John McGahern
Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor
www.dquixote.leya.com
www.leya.pt

John Williams

Stoner

Posfácio de John McGahern

Traduzido por Tânia Ganho

Dedico este livro aos meus amigos e antigos colegas do Departamento de Inglês da Universidade do Missouri. Eles perceberão de imediato que se trata de uma obra de ficção e que nenhuma personagem retratada no livro se baseia numa pessoa real, viva ou morta, e nenhum acontecimento teve o seu equivalente na realidade que vivemos na Universidade do Missouri. Verão igualmente que tomei algumas liberdades, quer físicas, quer históricas, em relação a essa mesma universidade, que, assim sendo, se tornou, ela também, um espaço ficcional.

Capítulo 1

William Stoner entrou para a Universidade do Missouri em 1910, aos dezanove anos. Oito anos depois, no auge da Primeira Guerra Mundial, doutorou-se e aceitou um cargo de docente nessa mesma universidade, onde lecionou até morrer, em 1956. Não passou do grau de assistente e poucos alunos se lembravam de Stoner com nitidez, depois de terem acabado os cursos. Quando morreu, os colegas ofereceram um manuscrito medieval à biblioteca da universidade, em sua homenagem. Esse manuscrito ainda se encontra na Coleção de Livros Raros, com a inscrição: «Oferecido à Biblioteca da Universidade do Missouri, em memória de William Stoner, pelos seus colegas do Departamento de Inglês.»

Um aluno que ocasionalmente depare com o nome poderá perguntar-se quem era William Stoner, mas poucas vezes tentará saciar a curiosidade, indo além da pergunta casual. Os colegas de Stoner, que não lhe tinham uma estima por aí além quando era vivo, raramente falam dele agora; para os mais velhos, o nome é um lembrete do fim que os espera a todos e, para os mais jovens, é um mero som que não evoca qualquer noção do passado nem qualquer sentimento de identificação quer em termos pessoais, quer em termos de carreira.

Nasceu em 1891, numa pequena quinta no centro do Missouri, perto da aldeia de Booneville, a cerca de sessenta quilómetros de Columbia, sede da universidade. Embora os pais fossem jovens quando o tiveram – o pai, vinte e cinco anos, e a mãe, vinte, acabadinhos de fazer –, Stoner via-os, desde pequeno, como velhos. Aos trinta anos, o pai aparentava cinquenta; de costas vergadas pela faina, contemplava sem esperança o retalho de terra árida que sustentava a família de ano para ano. A mãe encarava a vida com paciência, como se fosse uma longa etapa que tivesse de suportar. Os seus olhos eram claros e turvos, e as pequeninas rugas em redor deles eram sublinhadas pelo

cabelo fino e grisalho, puxado para trás e apanhado num totó.

Desde que se lembrava, William Stoner tinha tarefas para cumprir. Aos seis anos, ordenhava as vacas escanzeladas, alimentava os porcos na pocilga a uns metros da casa e recolhia os pequenos ovos de um bando de galinhas magricelas. E mesmo quando começou a frequentar a escola rural, a doze quilómetros da quinta, o seu dia era preenchido por trabalho, fosse ele qual fosse, desde o sol raiar até depois de cair a noite. Aos dezassete anos, já os seus ombros começavam a curvar-se sob o peso da labuta.

Era uma família solitária, da qual ele era o único filho, unida pelo imperativo da faina. Ao serão, sentavam-se os três na pequena cozinha iluminada por um único candeeiro a querosene, a olhar especados para a chama amarela. Muitas vezes, durante esse espaço de uma hora e pouco entre o jantar e o deitar, o único som que se ouvia era o movimento cansado de um corpo numa cadeira de costas direitas e o suave ranger de uma viga de madeira a ceder ligeiramente sob o peso da idade da casa.

A casa era um tosco quadrado e as vigas sem pintura arqueavam na zona do alpendre e das portas. Com os anos, adquirira as cores da terra seca: cinza e castanho, com uns rasgos de branco. Num dos lados da casa ficava uma sala de estar comprida, esparsamente mobilada com cadeiras e umas quantas mesas rústicas, e uma cozinha onde a família se reunia no pouco tempo de que dispunha. Na outra ponta, havia dois quartos, ambos com uma cama de ferro pintada de branco, uma cadeira e uma mesa, com um candeeiro e uma bacia. O chão era de tábuas corridas, irregular, a estalar da idade, e o pó que se infiltrava nas brechas era varrido todos os dias pela mãe de Stoner.

Na escola, Stoner estudava as lições como se fossem meras tarefas a cumprir, embora menos cansativas do que as da quinta. Quando terminou o liceu, na primavera de 1910, estava à espera de assumir uma parte maior do trabalho no campo; tinha a sensação de que o pai estava mais lento e cansado a cada mês que passava.

Mas, uma noite, no final da primavera, depois de os dois homens terem passado um dia inteiro a mondar milho, o pai falou com ele na cozinha, depois de levantarem a mesa.

– O conselheiro rural passou por cá, na semana passada.

William levantou os olhos da toalha impermeabilizada de xadrez branco e vermelho, posta com todo o cuidado na mesa redonda. Não disse nada.

– Diz qu’a Universidade de Columbia abriu uma escola nova. Chama-se

Escola Agrária. Acha que te devias candidatar. O curso são quatro anos.

– Quatro anos – repetiu William. – E é caro?

– Podias trabalhar pra pagar o quarto e a alimentação – disse o pai. – A tua mãe tem um primo direito que é dono duma quinta nos arredores de Columbia. Terias de comprar livros e essas coisas. Eu podia mandar-te dois ou três dólares por mês.

William abriu as mãos em cima da toalha de mesa, que reluziram palidamente sob a luz do candeeiro. Nunca tinha ido mais longe do que Booneville, que ficava a vinte e cinco quilómetros de casa. Engoliu em seco para que a voz não lhe tremesse.

– Acha que vai conseguir tratar da quinta sozinho? – perguntou.

– A tua mãe e eu conseguíamos. Plantava trigo nos dez hectares de cima e isso reduzia a mão-de-obra.

William olhou para a mãe.

– Mãe? – perguntou.

Ela respondeu num tom inexpressivo:

– Faz o que o teu pai diz.

– Querem mesmo que eu vá? – perguntou, como se uma parte de si tivesse esperança de que a resposta fosse um não. – Querem mesmo?

O pai mudou de posição na cadeira. Olhou para os seus dedos grossos e calejados, em cujas gretas a terra se entranhara de tal maneira que já não saía com a lavagem. Entrelaçou os dedos e levantou-os da mesa, quase numa atitude de prece.

– Nunca tive estudos propriamente ditos – disse ele, de olhos postos nas mãos. – Comecei a trabalhar na quinta quando acabei a quarta classe. Não concordava com a escola quando era pequeno. Mas, agora, já não sei. Parece que a terra fica cada vez mais seca e difícil de lavrar, d’ano pra ano; já não é fértil como quando eu era um rapazote. O conselheiro rural diz que têm ideias novas, maneiras novas de fazer as coisas, qu’ensinam na universidade. Talvez ele tenha razão. Às vezes, quando estou a trabalhar no campo ponho-me a pensar. – Fez uma pausa. Os dedos entrelaçaram-se com mais força e as mãos unidas caíram sobre o tampo. – Ponho-me a pensar... – Olhou para as mãos, carrancudo, e abanou a cabeça. – Vais prá universidade este outono. A tua mãe e eu cá nos arranjam.

Foi o discurso mais longo que William ouvira da boca do pai. Nesse outono, inscreveu-se na Universidade de Columbia e entrou para a Escola

Agrária.

Foi para Columbia com um fato novo de tecido preto de primeira qualidade, encomendado do catálogo da Sears & Roebuck e pago com as economias da mãe, um sobretudo puído que pertencera ao pai, um par de calças de sarja azul que uma vez por mês usara para ir à igreja metodista de Booneville, duas camisas brancas, duas mudas de roupa de trabalho e vinte e cinco dólares em dinheiro vivo, que o pai pedira emprestado a um vizinho contra a promessa de trigo no outono. Meteu pés ao caminho, partindo de Booneville, para onde os pais o tinham levado de manhãzinha na carroça da quinta, puxada por uma mula.

Estava um dia quente de outono e a estrada de Booneville para Columbia coberta de poeira. Stoner caminhava há quase uma hora, quando uma carroça de mercadorias parou ao seu lado e o condutor lhe perguntou se queria boleia. Stoner fez que sim com a cabeça e instalou-se no banco da carroça. As suas calças de sarja estavam vermelhas de terra até aos joelhos e o seu rosto, tismado pelo sol e pelo vento, incrustado de sujidade, nos sítios onde a poeira da estrada se misturara com o suor. Durante o longo trajeto, não parou de limpar as calças com mãos desajeitadas e de passar os dedos pelo cabelo liso e cor de areia, que se recusava a assentar.

Chegaram a Columbia ao fim da tarde. O condutor deixou Stoner nos arredores da cidade e apontou para um grupo de edifícios à sombra de ulmeiros altos.

– É a tua universidade – disse. – É ali que vais estudar.

Depois de o indivíduo se ir embora, Stoner permaneceu imóvel durante vários minutos, de olhos fixos no grupo de edifícios. Nunca antes vira nada tão imponente. Os edifícios de tijolo vermelho erguiam-se na vertical, num vasto campo verdejante quebrado por muros de pedra e retalhos de jardim. Além do assombro, foi assolado por uma súbita sensação de segurança e serenidade como nunca antes sentira. Embora fosse tarde, caminhou longos minutos na orla do recinto universitário, olhando apenas, como se não tivesse o direito de entrar.

Era quase de noite quando perguntou a um transeunte qual o caminho para Ashland Gravel, a estrada que o levaria à quinta de Jim Foote, o primo direito da mãe, para quem ele iria trabalhar, e já tinha escurecido quando chegou à

casa branca de dois andares onde ia viver. Como não conhecia os Footes, sentiu-se constrangido por chegar tão tarde.

Cumprimentaram-no com um aceno de cabeça, perscrutando-o. Passado um instante, durante o qual Stoner se manteve na entrada, constrangido, Jim Foote fez-lhe sinal para que entrasse para uma salinha de estar penumbrosa, atulhada de móveis volumosos e com quinquilharia espalhada por mesas mal iluminadas. Não se sentou.

– Jantaste? – perguntou Foote.

– Não, senhor – respondeu Stoner.

A Sr.^a Foote chamou-o com o dedo indicador e afastou-se, arrastando os pés. Stoner seguiu-a e atravessaram várias assoalhadas até chegarem à cozinha, onde ela lhe fez sinal para que se sentasse a uma mesa. Pôs um jarro de leite frio e vários pedaços de pão de milho à frente dele. Stoner bebericou o leite, mas a sua boca, seca de excitação, não quis o pão.

Foote entrou na cozinha e postou-se ao lado da mulher. Era um homem franzino, não passava do metro e sessenta, com um rosto magro e o nariz afilado. A mulher tinha mais dez centímetros do que ele e era mais pesada; uns óculos sem aros escondiam-lhe os olhos e tinha os lábios finos cerrados. Os dois observaram-no com avidez, enquanto ele bebericava o leite.

– De manhã, dás de comer e beber às vacas e os restos de comida aos porcos – disse Foote muito depressa.

Stoner olhou para ele, inexpressivo.

– O quê?

– É isso que fazes de manhã – explicou Foote –, antes de ires para a faculdade. Depois, à noite, dás de comer aos animais e trata dos porcos outra vez, recolhes os ovos, ordenhas as vacas. Cortas lenha quando tiveres tempo. Ao fim de semana, ajudas-me no que for preciso.

– Sim, senhor – respondeu Stoner.

Foote observou-o um instante.

– Faculdade – disse ele, e abanou a cabeça.

Portanto, em troca de nove meses de alojamento e alimentação, Stoner deu de comer e beber ao gado, tratou dos porcos, recolheu ovos, ordenhou as vacas e cortou lenha. Também arou e gradou os campos, desenterrou cepos (no inverno, tendo de partir quase oito centímetros de terra gelada) e fez manteiga sob o olhar de severa aprovação da Sr.^a Foote, que o observava acenando com a cabeça, enquanto a batedeira de madeira batia o leite.

Instalaram-no no cimo da casa, num espaço que em tempos servira de despensa; os únicos móveis eram uma cama de ferro pintada de preto, abaulada, com um fino colchão de penas, uma mesa partida com um candeeiro a querosene, uma cadeira de costas retas que abanava e uma arca grande que ele usava como secretária. No inverno, a única fonte de aquecimento de que dispunha era o calor que lhe chegava dos quartos do andar de baixo através do soalho; embrulhava-se nas mantas de retalhos e cobertores esfarrapados que lhe tinham dado e soprava para as mãos para poder virar as páginas dos livros sem as rasgar.

Fazia o trabalho da universidade da mesma maneira que fazia o da quinta: minuciosamente, conscienciosamente, sem prazer nem aflição. No final do primeiro ano, a sua média ficou ligeiramente abaixo de 16; ficou contente por não ter sido mais baixa e não se preocupou por não ser mais alta. Estava ciente de que aprendera coisas que antes não sabia, mas isso significou apenas para ele que talvez se saísse igualmente bem no segundo ano.

No verão a seguir ao primeiro ano de faculdade, regressou à quinta do pai e ajudou nas colheitas. A certa altura, o pai perguntou-lhe se estava a gostar da escola e ele respondeu que sim. O pai assentiu com a cabeça e não voltou a falar no assunto.

Só quando entrou para o segundo ano é que William Stoner descobriu porque é que tinha ido para a faculdade.

No segundo ano, já ele era uma figura familiar no recinto universitário. Em todas as estações do ano, usava o mesmo fato preto de tecido de boa qualidade, camisa branca e gravata fina atada num laço; os punhos saíam-lhe das mangas do casaco e as calças trepavam-lhe pelas pernas acima, desajeitadas, como se fosse um uniforme que tivesse pertencido a outra pessoa qualquer.

As suas horas de trabalho aumentaram com a crescente indolência dos seus patrões e Stoner passava os longos serões no quarto a fazer metodicamente os trabalhos da faculdade. Tinha iniciado o curso que o levaria a um diploma de licenciatura da Escola Agrária e, nesse primeiro semestre do segundo ano, teve duas cadeiras básicas, uma sobre química do solo e outra que era obrigatória para todos os alunos da universidade: um semestre de Literatura Inglesa.

Passadas as primeiras semanas, teve algumas dificuldades com as cadeiras; havia tanto trabalho para fazer, tantas coisas para decorar. A cadeira de química do solo interessou-o particularmente; nunca lhe passara pela cabeça que os torrões acastanhados com os quais lidara a maior parte da vida fossem mais do que o que aparentavam ser e começou a aperceber-se vagamente de que o seu conhecimento crescente sobre eles poderia ser útil, quando regressasse à quinta do pai. Mas as aulas obrigatórias de Literatura Inglesa perturbaram-no e inquietaram-no como nunca.

O professor era um homem de meia-idade, de cinquenta e poucos anos. Chamava-se Archer Sloane e encarava a sua missão de docente com aparente desdém e desprezo, como se percebesse que entre o seu conhecimento e aquilo que podia dizer existia um fosso tão profundo que nem valia a pena tentar transpô-lo. A maior parte dos alunos temia-o e antipatizava com ele, ao que Sloane reagia com uma atitude irónica e desligada. Era um indivíduo de estatura média, com um rosto comprido, de rugas profundas e bem barbeado; tinha o hábito de passar os dedos com impaciência pela guedelha grisalha e encaracolada. A voz, monocórdica e seca, saía-lhe dos lábios, que quase não se moviam, sem expressão nem entoação; mas os seus dedos compridos mexiam-se com graciosidade e persuasão, como que conferindo às palavras a forma que a voz não lhes conseguia dar.

Longe da sala de aulas, executando as suas tarefas na quinta ou pestanejando à luz fraca do candeeiro, enquanto estudava no seu quartinho sem janelas no sótão, Stoner tinha a noção de que a imagem daquele homem lhe vinha muitas vezes à mente. Tinha dificuldade em evocar o rosto de qualquer outro dos seus professores, ou em lembrar alguma coisa de específico de qualquer outra das aulas, mas, no limiar da sua percepção, encontrava-se sempre a figura de Archer Sloane, e a sua voz seca e os seus comentários desdenhosamente bruscos sobre um trecho de *Beowulf* ou uns versos de Chaucer.

Percebeu que não conseguia lidar com aquela cadeira como lidava com as outras. Embora se lembrasse dos autores e das respetivas obras e datas e influências, quase chumbou no primeiro exame; e saiu-se pouco melhor no segundo. Lia e relia os trabalhos de Literatura tantas vezes que o estudo para as outras cadeiras começou a ressentir-se disso; e, mesmo assim, as palavras que lia continuavam a ser apenas palavras impressas numa página e não conseguia perceber para que servia aquele seu esforço.

Ponderava as palavras que Archer Sloane proferia nas aulas, como se por debaixo do seu significado seco e sensaborão pudesse descobrir uma pista que o conduzisse aonde era seu destino ir. Debruçava-se sobre a sua carteira, que era demasiado pequena para ser confortável, agarrando-se ao tampo com tanta força que os nós dos dedos ficavam brancos em contraste com a sua pele trigueira e áspera; franzia o sobrolho, concentrado, e mordiscava o lábio inferior. Mas à medida que a atenção de Stoner e dos colegas se tornava mais desesperada, também o desprezo de Archer Sloane se tornava mais gritante. E, uma vez, esse desprezo entrou em erupção e a raiva dirigiu-se em exclusivo contra William Stoner.

A turma tinha lido duas peças de Shakespeare e estava a terminar a semana com o estudo dos sonetos. Os alunos estavam enervadiços e desconcertados, meio assustados com a tensão crescente entre eles e a figura curvada que os observava por detrás do atril. Sloane lera-lhes em voz alta o soneto setenta e três; os seus olhos varreram a sala e os lábios cerraram-se num sorriso desprovido de humor.

– Qual é o significado deste soneto? – perguntou abruptamente, e fez uma pausa, os seus olhos perscrutando a sala com uma descrença sinistra e quase satisfeita. – Sr. Wilbur? – Silêncio. – Sr. Schmidt? – Alguém tossiu. Sloane pousou os olhos escuros e brilhantes em Stoner. – Sr. Stoner, qual é o significado deste soneto?

Stoner engoliu em seco e tentou abrir a boca.

– É um soneto, Sr. Stoner – disse Sloane secamente –, um poema composto por catorze versos, de acordo com um determinado padrão que o senhor terá certamente decorado. Foi escrito em língua inglesa, que, creio eu, o senhor fala há já alguns anos. O autor é William Shakespeare, um poeta que já morreu, mas que, não obstante, ocupa uma posição de uma certa importância na mente de umas quantas pessoas. – Olhou para Stoner um instante e, depois, os seus olhos perderam a expressão, fixando-se obstinadamente num ponto para lá da turma. Sem olhar para o livro, declamou o poema outra vez; e a sua voz tornou-se mais grave e suave, como se as palavras e os sons e a cadência se tivessem transformado, por um instante, nele próprio:

em mim: folhas caindo ou já caídas;
ramos que o frémito do frio gela;
árvore em ruína, aves despedidas.
E podes ver em mim, crepuscular,
o dia que se extingue sobre o poente,
com a noite sem astros a anunciar
o repouso da morte, gradualmente.
Ou podes ver o lume extraordinário,
morrendo do que vive: a claridade,
deitado sobre o leito mortuário
que é a cinza da sua mocidade.

Eis o que torna o amor mais forte:

amar quem está tão próximo da morte.¹

Num momento de silêncio, alguém pigarreou. Sloane repetiu os versos, numa voz que se tornou de novo a sua, inexpressiva.

«Eis o que torna o amor mais forte:

Amar quem está tão próximo da morte.»

Os olhos de Sloane regressaram a William Stoner e, secamente, disse:

– O Sr. Shakespeare está a falar consigo a uma distância de trezentos anos, Sr. Stoner. Ouve-o?

William Stoner percebeu que estava a suster a respiração há vários instantes. Soltou o ar suavemente dos pulmões, com a noção exacerbada do movimento da roupa no seu corpo enquanto expirava. Desviou os olhos de Sloane para a sala em redor. A luz entrava enviesada pelas janelas e pousava nos rostos dos colegas, de tal maneira que parecia irradiar de dentro deles e, em contraste com a penumbra. Um aluno pestanejou e uma sombra fina recaiu numa bochecha cuja penugem captara a luz do sol. Stoner apercebeu-se de que os seus dedos se soltavam do tampo da carteira. Virou as mãos para um lado e para o outro diante dos olhos, espantando-se com a sua cor trigueira, com a maneira intrincada como as unhas encaixavam nas pontas dos dedos toscos; convenceu-se de que conseguia sentir o sangue a correr invisivelmente nas veiazinhas e artérias, a pulsar delicadamente, precariamente, desde as pontas das falanges até ao resto do corpo.

Sloane falou novamente:

– O que é que ele lhe diz, Sr. Stoner? O que significa o soneto para si?

Stoner levantou os olhos, lenta e relutantemente.

– Significa – começou e, com um pequeno movimento, ergueu as mãos no ar; sentiu o olhar toldar-se-lhe quando procurou a figura de Archer Sloane. – Significa – repetiu, mas não foi capaz de terminar a frase que começara.

Sloane fitou-o com um ar estranho. Depois, fez um aceno de cabeça brusco e disse:

– Acabou a aula. – Sem olhar para ninguém, virou as costas e saiu da sala.

William Stoner mal tinha noção dos outros alunos à sua volta, que se levantaram das carteiras, resmungando e murmurando, e saíram da sala a arrastar os pés. Durante vários minutos, depois de eles se terem ido embora, ficou sentado, imóvel, de olhos fixos no soalho de tábuas estreitas às quais os pés irrequietos de estudantes que ele nunca veria ou viria a conhecer tinham arrancado o verniz. Deslizou os seus próprios pés ao longo do chão, ouvindo o arranhar seco da madeira nas solas dos sapatos e sentindo a aspereza através do couro. Depois, também ele se levantou e saiu lentamente da sala.

O friozinho do entardecer outonal atravessou-lhe a roupa. Olhou em redor, para os ramos nodosos e nus das árvores que se reviravam e retorciam contra o céu pálido. Estudantes, encaminhando-se apressadamente para as suas aulas, roçaram nele ao passar. Stoner ouviu-lhes as vozes e o bater da sola dos sapatos nos carreiros de pedra, e viu-lhes os rostos, corados do frio, baixados para se protegerem da brisa ligeira. Observou-os, curioso, como se nunca os tivesse visto antes, e sentiu-se muito distante deles e, ao mesmo tempo, muito próximo. Agarrou-se a essa sensação enquanto se apressava para a aula seguinte e acalentou-a ao longo da palestra sobre química do solo, com a voz monocórdica do professor em pano de fundo recitando coisas que eles deviam apontar em cadernos e decorar através de um processo enfadonho que, já nesse instante, começava a tornar-se-lhe estranho.

No segundo semestre desse ano letivo, William Stoner desistiu das cadeiras básicas de ciências e interrompeu o curso da Escola Agrária; inscreveu-se em cadeiras de Introdução à Filosofia e História e em duas cadeiras de Literatura Inglesa. No verão, regressou à quinta da família e ajudou o pai com as colheitas e não falou dos seus estudos na universidade.

Anos depois, muito mais velho, olharia para trás e encararia os seus dois

últimos anos de licenciatura como se tivessem sido uma fase irreal que pertencera à vida de outra pessoa qualquer, um tempo que decorrera, não fluidamente como estava habituado, mas aos solavancos. Um momento justapunha-se a outro e, no entanto, mantinha-se isolado dele, e Stoner tinha a sensação de estar desligado do tempo, a observá-lo passando diante de si como um grande diorama irregular.

Tomou consciência de si próprio como nunca antes lhe acontecera. Por vezes, observava-se ao espelho, o rosto comprido emoldurado pelo cabelo castanho seco, e tocava nas maçãs do rosto anguloso; via os pulsos finos, que saíam uns centímetros das mangas do casaco, e perguntava-se se teria um ar tão ridículo aos olhos dos outros como aos seus.

Não tinha planos para o futuro e não falou a ninguém sobre a sua incerteza. Continuou a trabalhar na quinta dos Footes para pagar o alojamento e a alimentação, mas já não trabalhava horas a fio como fizera nos dois primeiros anos na universidade. Durante três horas, todas as tardes e meio dia ao fim de semana, deixava que Jim e Serena Foote o usassem como quisessem, mas reivindicou o resto do tempo para si.

Uma parte do tempo, passava-a no quatinho do sótão da casa dos Foote; mas, sempre que podia, depois de terminadas as aulas e o trabalho na quinta, regressava à universidade. Por vezes, à noite, vagueava pelo comprido pátio, entre casais que passeavam trocando murmúrios. Embora não os conhecesse, e embora não lhes falasse, sentia uma afinidade com eles. Às vezes, postava-se a meio do pátio da universidade, a olhar para as cinco colunas enormes à frente de Jesse Hall, que se erguiam da relva fresca para o céu noturno; descobrira que aquelas colunas eram o que restava do antigo edifício principal da universidade, destruído havia muitos anos por um incêndio. De um cinza-prata ao luar, expostas e puras, era como se representassem o modo de vida que ele abraçara, como um templo representa uma divindade.

Na biblioteca da universidade vagueava por entre as estantes, por entre os milhares de livros, inspirando o odor bafiento a couro, tecido e papel ressequidos como se fosse um exótico incenso. Por vezes parava, tirava um volume de uma prateleira e segurava-o um instante com as suas mãos grandes, que eram tomadas por um formigueiro perante essa sensação ainda nova da lombada, da capa cartonada e das folhas de papel que se lhe ofereciam sem resistência. Depois, folheava o livro, lendo um parágrafo aqui e ali, os seus dedos hirtos virando as páginas cuidadosamente, com medo de,

desajeitados, rasgarem e destruírem aquilo que tinham descoberto com tanto esforço.

Stoner não tinha amigos e, pela primeira vez na vida, tomou consciência da solidão. Por vezes, no quarto do sótão, à noite, levantava os olhos de um livro que estava a ler e perscrutava os cantos escuros do quarto, onde a luz do candeeiro tremeluzia em contraste com as sombras. Se olhasse muito tempo e com a devida atenção, a escuridão transformava-se numa luz, que assumia a forma insubstancial do que estivera a ler. E sentia que estava fora do tempo, como sentira naquele dia na aula, quando Archer Sloane o interpelara. O passado emergia da escuridão onde jazia e os mortos levantavam-se diante dele e ganhavam vida; e o passado e os mortos deslizavam para o presente entre os vivos, de maneira que, por um intenso instante, ele tinha uma visão tão densa que o puxava para dentro dela e, mesmo que conseguisse fugir, não queria. Tristão e a doce Isolda caminhavam diante dele, Paolo e Francesca rodopiavam na escuridão cintilante, Helena e o radiante Páris, com os rostos amargurados, erguiam-se da penumbra. E Stoner convivia com eles como não conseguia conviver com os colegas que iam de aula para aula, que viviam naquela grande universidade em Columbia, no Missouri, e que caminhavam, indiferentes, no ar do Midwest.

Num ano, aprendeu o suficiente de Grego e Latim para conseguir ler textos simples; amiúde, ficava com os olhos vermelhos e a arder do esforço e da falta de sono. Às vezes, lembrava-se da pessoa que fora havia uns anos e ficava espantado com a recordação dessa estranha figura, trigueira e passiva como a terra de onde emergira. Pensava nos pais e afiguravam-se-lhe quase tão estranhos como a criança que tinham gerado; sentia por eles um misto de piedade e amor distante.

Em meados do seu quarto ano na universidade, Arthur Sloane reteve-o um dia, no fim de uma aula, e pediu-lhe para passar pelo seu gabinete, para conversarem.

Era inverno e uma bruma baixa e húmida pairava sobre o recinto universitário. A meio da manhã, os ramos finos dos cornizos ainda cintilavam de geada e as trepadeiras pretas que subiam pelas grandes colunas diante de Jesse Hall estavam orladas de cristais iridescentes que piscavam contra o céu cinzento. O sobretudo de Stoner estava tão maltrapilho e gasto que ele decidira não o usar para ir falar com Sloane, embora fizesse um frio de rachar. Tremia quando subiu o carreiro e a larga escadaria de pedra da

faculdade.

Comparado com o frio lá fora, o interior do edifício estava muito quente. A luz cinzenta infiltrava-se a conta-gotas pelas janelas e portas envidraçadas em cada ponta do edifício, de maneira que o chão de mosaicos amarelos brilhava com mais intensidade do que a luz triste que incidia neles, e as grandes colunas de carvalho e as paredes coçadas reluziam no escuro. Passos arrastados sibilavam no chão e um murmúrio de vozes era abafado pela vasta extensão do edifício; figuras difusas moviam-se lentamente, unindo-se e afastando-se, e o ar opressivo concentrava o odor das paredes gordurosas e o cheiro húmido a roupas de lã. Stoner subiu os degraus de mármore polido até ao gabinete de Archer Sloane, no primeiro andar. Bateu à porta, ouviu uma voz e entrou.

O gabinete era comprido e estreito, iluminado por uma única janela ao fundo. Estantes forradas de livros erguiam-se até ao teto alto. Junto da janela, estava encaixada uma secretária e, sentado diante dela, de perfil e a contraluz, encontrava-se Archer Sloane.

– Sr. Stoner – disse Sloane secamente, soerguendo-se e apontando para uma cadeira de couro à sua frente. Stoner sentou-se.

– Estive a ver as suas notas. – Sloane fez uma pausa e pegou numa pasta que estava em cima da secretária, fixando-a com uma certa ironia impessoal.
– Espero que não leve a mal a minha curiosidade.

Stoner molhou os lábios e mudou de posição na cadeira. Tentou esconder as mãos grandes uma na outra para que se tornassem invisíveis.

– Não, professor – respondeu, numa voz rouca.

Sloane fez um aceno de cabeça.

– Ótimo. Reparei que começou os seus estudos aqui na universidade como estudante de Agricultura e que, depois, no segundo ano, mudou para Literatura. Está correto?

– Sim, professor – respondeu Stoner.

Sloane recostou-se na cadeira e levantou os olhos para o quadrado de luz que entrava pela janelinha alta. Bateu com as pontas dos dedos umas nas outras e virou-se novamente para o rapaz que estava sentado, de costas hirtas, à sua frente.

– O objetivo oficial desta nossa reunião é informá-lo de que terá de fazer um pedido formal de mudança de curso, declarando a sua intenção de abandonar o curso inicial e mudar definitivamente para este. É coisa rápida,

uns cinco minutos na secretaria. Tratará disso, não tratará?

– Sim, professor – respondeu Stoner.

– Mas, como deve ter adivinhado, não foi por isso que lhe pedi para passar pelo meu gabinete. Importa-se que lhe pergunte quais são os seus planos para o futuro?

– Não, professor – disse Stoner. Olhou para as mãos, que estavam enroscadas uma na outra com força.

Sloane tocou na pasta que tinha deixado cair em cima da secretária.

– Se bem percebi, era um nadinha mais velho do que a maioria dos alunos, quando entrou para a universidade. Já tinha quase vinte anos, se não me engano?

– Sim, professor – respondeu Stoner.

– E nessa altura, a sua intenção era tirar o curso da Escola Agrícola?

– Sim, professor.

Sloane recostou-se na cadeira e olhou para o teto alto e penumbroso. Abruptamente, perguntou:

– E quais são os seus planos agora?

Stoner ficou em silêncio. Era algo em que ainda não pensara, em que não quisera pensar. Por fim, e com um certo ressentimento, disse:

– Não sei. Ainda não pensei nisso.

– Está desejoso de que chegue o dia em que sairá destes claustros para aquilo a que algumas pessoas chamam o mundo? – perguntou Sloane.

Stoner sorriu, constrangido.

– Não, professor.

Sloane deu um toque na pasta que estava em cima da secretária.

– A sua ficha diz-me que vem de uma comunidade agrícola. Depreendo que os seus pais são agricultores?

Stoner fez um gesto de assentimento.

– E tenciona voltar para a quinta, quando terminar o curso?

– Não, professor – respondeu Stoner, e o tom determinado da sua voz surpreendeu-o. Pensou, com algum espanto, na decisão que acabara de tomar.

Sloane assentiu com a cabeça.

– Imagino que um aluno sério de Literatura possivelmente não achará o curso adequado ao trabalho da terra.

– Não vou voltar para a quinta – disse Stoner, como se Sloane não tivesse falado. – Não sei ao certo o que farei. – Olhou para as mãos e, fixando-as,

disse: – Ainda nem consegui digerir a ideia de que o curso está quase a acabar, de que vou deixar a universidade no final do ano.

– Claro está – retorquiu Sloane, em tom casual – que não é imperativo abandonar a universidade. Depreendo que não tem meios próprios de subsistência? – Stoner abanou a cabeça. – As suas notas são excelentes. Excetuando a – arqueou as sobrancelhas e sorriu – excetuando a cadeira de Literatura Inglesa do segundo ano, o senhor tirou dezoito a todas as cadeiras de Inglês e nada abaixo de dezasseis no resto do currículo. Se conseguisse sustentar-se financeiramente durante um ano e picos depois de terminar a licenciatura, estou certo de que conseguiria concluir o mestrado. Depois, provavelmente poderia lecionar enquanto fazia o doutoramento. Se esse tipo de coisa lhe interessar, claro.

Stoner retraiu-se, surpreendido.

– Como assim? – perguntou, e sentiu medo na sua própria voz.

Sloane inclinou-se para a frente até ficar com o rosto muito próximo dele. Stoner viu-lhe as rugas do rosto comprido e magro suavizarem-se e ouviu a voz seca e trocista tornar-se branda e sincera.

– Ainda não percebeu, Sr. Stoner? – perguntou Sloane. – Ainda não descobriu essa verdade sobre si próprio, sobre a sua natureza? O senhor vai ser professor.

De repente, Sloane pareceu-lhe muito distante e as paredes do gabinete recuaram. Stoner sentiu-se suspenso na vastidão do ar e ouviu a sua própria voz perguntar:

– Tem a certeza?

– Tenho – respondeu Sloane baixinho.

– Como é que sabe? Como é que pode ter a certeza?

– É amor, Sr. Stoner – disse Sloane alegremente. – O senhor está enamorado. É tão simples quanto isso.

Era tão simples quanto isso. Teve a noção de que fazia um sinal de assentimento a Sloane e dizia qualquer coisa de inconsequente. Depois, saiu do gabinete. Levava um formigueiro nos lábios e as pontas dos dedos dormentes. Caminhava como se estivesse a dormir e, no entanto, estava profundamente ciente do espaço que o rodeava. Roçou nas paredes de madeira polida do corredor e achou que sentia o calor e a idade da madeira; desceu as escadas lentamente e interrogou-se sobre o mármore frio e raiado que parecia escorregar-lhe ligeiramente debaixo dos pés. Nos corredores, as

vozes dos alunos tornaram-se distintas e individualizadas, destacando-se do murmúrio abafado, e os seus rostos eram-lhe próximos e estranhos e familiares. Saiu de Jesse Hall para o ar da manhã e o cinza do céu já não parecia oprimir o recinto universitário, pelo contrário, conduziu-lhe o olhar para o horizonte e para as alturas, que ele contemplou como se fossem uma possibilidade que não sabia nomear.

Na primeira semana de junho do ano de 1914, William Stoner, juntamente com sessenta rapazes e umas quantas raparigas, recebeu o diploma de licenciatura em Letras da Universidade do Missouri.

Para assistirem à cerimónia, os pais tinham partido de véspera, numa caleche puxada pela sua velha égua castanha-escura, e percorrido durante a noite os sessenta e cinco quilómetros desde a quinta até casa dos Foote, onde chegaram pouco depois de o dia raiar, hirtos de uma viagem sem dormirem. Stoner foi ao quintal recebê-los. Eles postaram-se lado a lado sob a luz límpida da manhã, à espera que ele se aproximasse.

Stoner e o pai cumprimentaram-se com um aperto de mão rápido e vigoroso, sem se entreolharem.

– Estás bom? – disse o pai.

A mãe fez um aceno de cabeça.

– Eu e o teu pai viemos ver-te receber o diploma.

Por um instante, ele não disse nada. Depois, respondeu:

– É melhor entrarem e tomarem o pequeno-almoço.

Estavam sozinhos na cozinha. Desde que Stoner vivia na quinta, os Footes tinham adquirido o hábito de se levantar tarde. Mas nem enquanto os pais tomavam o pequeno-almoço nem depois, Stoner teve coragem de lhes contar sobre a sua mudança de planos, a sua decisão de não regressar à quinta. Uma ou duas vezes começou a falar, mas, depois, olhou para os rostos trigueiros que se erguiam, incautos, das suas roupas novas, e pensou na longa viagem que eles tinham feito e há quantos anos esperavam pelo seu regresso a casa. Sentou-se, hirto, até eles acabarem de beber o café e até os Footes acordarem e aparecerem na cozinha. Disse-lhes, então, que tinha de ir cedo para a universidade e que os veria por lá mais tarde, na cerimónia.

Vagueou pelo recinto universitário, levando na mão a toga e o capelo que tinha alugado; eram pesados e incómodos, mas não tinha sítio onde os deixar. Pensou que teria de dizer aos pais e, pela primeira vez, percebeu que a sua decisão era definitiva e quase desejou poder voltar atrás. Sentiu que não

estava à altura do objetivo que escolhera de maneira tão irresponsável e sentiu a atração do mundo que abandonava. Sofreu pela sua própria perda e pela dos seus pais e, até no seu sofrimento, sentiu que se afastava deles.

Carregou esse sentimento de perda ao longo da cerimónia de licenciatura. Quando proferiram o seu nome e atravessou o estrado para receber o diploma das mãos de um indivíduo de rosto escondido por uma barba grisalha e macia, nem queria acreditar na sua própria presença e o rolo de pergaminho na sua mão não significava nada. Só conseguia pensar nos seus pais sentados muito direitos e constrangidos na grande multidão.

Quando a cerimónia acabou, voltou com eles para a quinta dos Footes, onde eles passariam a noite, iniciando a viagem de regresso a casa ao raiar do dia seguinte.

Ficaram até tarde na sala de estar dos Footes. Jim e Serena Foote fizeram-lhes companhia uns instantes. De vez em quando, Jim e a mãe de Stoner falavam no nome de um familiar qualquer e depois remetiam-se ao silêncio. O pai sentou-se numa cadeira de costas direitas, com as pernas afastadas, ligeiramente inclinado para a frente, com as mãos largas agarradas às rótulas. Por fim, os Footes entreolharam-se e, bocejando, anunciaram que era tarde. Foram para o quarto e deixaram-nos sozinhos.

Seguiu-se mais um silêncio. Os pais, que tinham os olhos fixos em frente, nas sombras projetadas pelos seus próprios corpos, de vez em quando olhavam de viés para o filho, como se não quisessem incomodá-lo, dado o seu novo estatuto de licenciado.

Passados uns minutos, William Stoner debruçou-se e falou, a voz saiu-lhe mais sonora e enérgica, do que queria.

– Eu já lhes devia ter contado. Devia ter contado no verão passado ou hoje de manhã.

Os rostos dos pais mantiveram-se apáticos e inexpressivos à luz do candeeiro.

– O que estou a tentar dizer é que não vou voltar com os pais para a quinta. Ninguém se moveu. O pai disse:

– Se tens coisas pra fazer aqui, podemos ir embora amanhã de manhã e tu regressas a casa daqui a uns dias.

Stoner esfregou o rosto com a palma da mão aberta.

– Não foi isso que eu quis dizer... Estou a tentar dizer que não vou voltar para a quinta, nunca.

As mãos do pai apertaram as rótulas com mais força e ele chegou-se para trás na cadeira.

– Meteste-te nalguma encrenca? – perguntou.

Stoner sorriu.

– Não, nada disso. Vou fazer mais um ano de estudos e, depois disso, talvez mais dois ou três.

O pai abanou a cabeça.

– Mas eu vi que acabou hoje... E o conselheiro rural disse que a escola agrária eram quatro anos.

Stoner tentou explicar ao pai o que tencionava fazer, tentou evocar nele a sua própria noção de prioridades e objetivos. Ouviu as suas palavras como se proviessem da boca de outra pessoa e observou o rosto do pai, que recebeu essas palavras como uma pedra recebe os golpes repetidos. Quando acabou de falar, entrelaçou as mãos entre os joelhos e baixou a cabeça. Escutou o silêncio da sala.

Por fim, o pai mexeu-se na cadeira. Stoner levantou os olhos. Os rostos do pai e da mãe confrontaram-no; ele quase chorou.

– Não sei... – disse o pai, numa voz rouca e cansada. – Não pensei que as coisas fossem acontecer desta maneira. Pensei que estava a fazer o melhor que podia por ti, mandando-te pra cá. A tua mãe e eu sempre fizemos o melhor que podíamos por ti.

– Eu sei – respondeu Stoner. Já não conseguia olhar para eles. – Ficam bem? Eu posso voltar este verão, durante uns tempos, para dar uma ajuda. Posso...

– S’achas que deves cá ficar e estudar os teus livros, então é isso que deves de fazer. A tua mãe e eu lá nos arranjam.

A mãe estava de frente para ele, mas não o via. Os olhos fechados e encolhidos, a respiração pesada, o rosto retorcido de dor, e os punhos fechados fincados nas bochechas. Com espanto, Stoner percebeu que ela estava a chorar, profunda e silenciosamente, com a vergonha e o constrangimento de uma pessoa que raramente chora. Observou-a mais um instante; depois, levantou-se pesadamente e saiu da sala. Subiu as escadas estreitas que levavam ao seu quarto no sótão; durante muito tempo ficou deitado na cama, de olhos fixos na escuridão por cima de si.

Caminho, Lisboa, 1992. (*N. da T.*)

Capítulo 2

Duas semanas depois de Stoner ter recebido o seu diploma de licenciatura, o arquiduque Francisco Fernando foi assassinado em Sarajevo por um nacionalista sérvio e, antes de chegar o outono, já a guerra se tinha espalhado por toda a Europa. Era um assunto de interesse constante entre os estudantes mais velhos; perguntavam-se qual o papel que a América acabaria por desempenhar e tinham agradáveis incertezas sobre os seus próprios futuros.

Mas, para William Stoner, o futuro estendia-se radiante e certo, imutável. Via-o, não como um fluxo de acontecimentos, mudança e possibilidade, mas como um território à espera de ser explorado. Via-o como a grande biblioteca universitária, à qual se podia acrescentar novas alas, à qual se podia acrescentar livros novos e da qual se podia tirar outros antigos, mantendo na sua essência a sua verdadeira natureza inalterada. Via o futuro na instituição, na qual se empenhara e que compreendia, de uma maneira muito imprecisa; imaginava-se a mudar nesse futuro, mas via o futuro em si como o instrumento da mudança e não como o seu objeto.

Perto do fim desse verão, antes de começar o semestre de outono, fez uma visita aos pais. Tencionava dar uma ajuda com as colheitas de verão, mas o pai contratara um indivíduo negro, que trabalhava com uma intensidade silenciosa e aguerrida, conseguindo despachar num só dia quase tanto como o que William e o pai juntos costumavam despachar no passado no mesmo espaço de tempo. Os pais ficaram contentes por o ver e, aparentemente, não o recriminaram pela decisão que tomara. Mas Stoner deu-se conta de que não tinha nada para lhes dizer; percebeu que ele e os pais estavam a tornar-se estranhos e sentiu o seu amor intensificado pela perda. Regressou a Columbia uma semana antes do que tinha previsto.

Começou a melindrar-se com o tempo que tinha de passar a trabalhar na quinta dos Footes. Tendo começado a estudar tarde, sentia a urgência do estudo. Por vezes, imerso nos seus livros, tomava consciência de tudo o que não sabia, que não lera, e a serenidade à qual aspirava estilhaçava-se, quando

percebia o pouco tempo de que dispunha na vida para ler tanta coisa, para aprender o que queria.

Terminou a parte curricular do mestrado na primavera de 1915 e passou o verão a acabar a tese, um estudo prosódico de um dos *Contos de Canterbury* de Chaucer. Antes de o verão chegar ao fim, os Footes disseram-lhe que já não iam precisar mais dele na quinta.

Já estava à espera de ser dispensado e, de certa forma, desejava-o; mas por um instante, depois de ter recebido a notícia, sentiu uma pontada de pânico. Foi como se o último laço que o prendia à sua vida antiga tivesse sido quebrado. Passou as derradeiras semanas do verão na quinta do pai, a dar os retoques finais na tese. Por essa altura, já Archer Sloane tratara de tudo para que ele desse aulas de Inglês a duas turmas do primeiro ano, enquanto começava a trabalhar no doutoramento. Em troca, receberia quatrocentos dólares por ano. Stoner tirou os seus pertences do quatinho minúsculo no sótão dos Footes, que ocupara durante cinco anos, e instalou-se num quarto ainda mais pequeno perto da universidade.

Embora o seu trabalho fosse simplesmente ensinar as bases da gramática e estudos literários a um grupo de caloiros heterogéneo, estava entusiasmado com a sua missão e tinha a noção exacta da sua importância. Preparou o programa da cadeira na semana anterior ao início do semestre e viu todas as possibilidades que se abriam diante de si enquanto se debatia com os materiais e os assuntos da sua empreitada. Captou a lógica da gramática e achou que percebia a maneira como se ramificava, permeando a língua e escorando o pensamento humano. Nos simples exercícios de redação que preparou para os alunos, viu as potencialidades da prosa e a sua beleza, e estava desejoso de contagiar os alunos com as suas próprias descobertas.

Mas, nas primeiras aulas que deu, depois dos rituais iniciais das matrículas e programas, quando começou a abordar o tema e os alunos, sentiu que era incapaz de lhes transmitir o seu fervor. Às vezes, quando falava com os alunos, sentia-se como se estivesse a pairar, a observar um estranho a falar com um grupo reunido a contragosto; ouvia a sua própria voz a recitar a matéria que preparara e o seu discurso não deixava transparecer um único pinga do seu entusiasmo.

Nos seminários a que assistia na qualidade de aluno, sim, sentia-se solto e realizado. Aí, conseguia reviver a sensação de descoberta que sentira naquele primeiro dia, quando Archer Sloane o interpelara na aula e, de imediato, ele

se tornara uma pessoa diferente de quem fora até então. Quando a sua mente se debruçava sobre um tema, quando tentava alcançar o poder da literatura e compreender a sua natureza, tinha a noção de que ocorria uma mudança dentro de si; e ciente disso, saía de si próprio para o mundo que o continha, sabendo que o poema de Milton ou o ensaio de Bacon ou a peça de Ben Jonson que estava a ler mudavam o mundo que tinham por tema, e mudavam-no por causa da sua dependência dele. Raramente falava nas aulas e os seus trabalhos escritos raramente o satisfaziam. À semelhança do que acontecia com as aulas que dava aos seus jovens alunos, os trabalhos não refletiam aquilo que ele sabia no seu âmago.

Começou a dar-se bem com uns quantos colegas estudantes, que também lecionavam no departamento. Entre eles, havia dois de quem se tornou amigo: David Masters e Gordon Finch.

Masters era um rapaz franzino e moreno, com uma língua mordaz e uns olhos meigos. Tal como Stoner, estava a começar o doutoramento, embora fosse sensivelmente um ano mais novo do que ele. Entre os docentes e os alunos, tinha fama de ser arrogante e impertinente, e a opinião geral era de que teria alguma dificuldade em obter o grau. Stoner considerava-o o homem mais brilhante que já conhecera na vida e tratava-o com um respeito isento de inveja ou ressentimento.

Gordon Finch era alto e louro e, com apenas vinte e três anos, já começava a evidenciar uns quilos a mais. Tirara um curso técnico comercial em St. Louis e, na universidade, experimentara vários seminários de Economia, História e Engenharia. Começara a estudar Literatura em grande parte porque conseguira arranjar, em cima da hora, um pequeno emprego de leitor no Departamento de Inglês. Rapidamente mostrou ser o estudante mais (quase) indiferente do departamento, mas era popular entre os caloiros e dava-se bem com os membros mais velhos da faculdade e os funcionários da secretaria.

Os três – Stoner, Masters e Finch – ganharam o hábito de se encontrar às sextas-feiras à tarde, num pequeno bar na baixa de Columbia, onde bebiam grandes canecas de cerveja e conversavam pela noite dentro. Embora esse fosse o único prazer social que tinha na vida, Stoner interrogava-se muitas vezes sobre a relação entre eles. Embora se dessem bastante bem, não se tinham tornado amigos íntimos; não trocavam confidências e raramente se viam fora dos seus encontros semanais.

Nunca nenhum deles falava dessa sua relação. Stoner sabia que isso nem

passava pela cabeça de Gordon Finch, mas desconfiava de que já ocorrera a David Masters. Uma vez, já tarde, sentados a uma mesa dos fundos, na penumbra do bar, Stoner e Masters tinham falado das aulas que davam e dos estudos, com a jocosidade desajeitada das pessoas muito sérias. Masters, segurando um ovo cozido como se fosse uma bola de cristal, disse:

– Os senhores já alguma vez consideraram a questão da verdadeira natureza da universidade? Sr. Stoner? Sr. Finch?

Sorrindo, abanaram a cabeça.

– Aposto que não. O Stoner, por exemplo, imagino eu, vê-a como um enorme repositório, ao estilo de uma biblioteca ou de um prostíbulo, onde os homens vão de livre vontade e escolhem aquilo que os saciará, onde todos trabalham juntos como abelhinhas numa colmeia. Os Verdadeiros, os Bons, os Belos. Estão ao virar da esquina, no corredor ao lado; estão no próximo livro, aquele que ainda não leste, ou na próxima estante, aquela aonde ainda não chegaste. Mas um dia lá chegarás. E quando isso acontecer... quando isso acontecer... – Olhou para o ovo um instante, depois deu uma grande dentada e virou-se para Stoner, com os maxilares a trabalhar e os olhos escuros a brilhar.

Stoner sorriu, constrangido. Finch soltou uma gargalhada e deu uma pancada na mesa.

– Ele captou-te bem, Bill. Apanhou-te na perfeição.

Masters mastigou durante mais uns instantes, engoliu e virou os olhos para Finch.

– E tu, Finch. Qual é a tua ideia? – Ergueu a mão. – Vais dizer que nem sequer pensaste nisso, mas pensaste. Por detrás dessa fachada grandalhona e robusta, funciona uma mente simples. Para ti, a instituição é um instrumento do bem... para o mundo, em geral, claro, e por acaso para ti também. Vê-la como uma espécie de tónico espiritual que distribuis todos os outonos para os sacaninhas dos alunos aguentarem mais um inverno; e és o médico velhinho e bondoso que lhes dá palmadinhas afetuosas na cabeça e mete as propinas deles ao bolso.

Finch soltou mais uma gargalhada e abanou a cabeça.

– Sinceramente, Dave, quando desatas a língua...

Masters enfiou o resto do ovo na boca, mastigou-o uns instantes, satisfeito, e bebeu um grande trago de cerveja.

– Mas estão ambos enganados – disse ele. – É um hospício ou... como é

que lhes chamam agora? Um lar de repouso para os enfermos, os idosos, os descontentes e os incompetentes. Olhem para nós os três: *nós* somos a Universidade. Um desconhecido não saberia que temos tanto em comum, mas *nós* sabemos, não sabemos? Sabemos muito bem.

Finch riu-se.

– O quê, Dave?

Interessado no que estava a dizer, Masters debruçou-se atentamente sobre a mesa.

– Começemos por ti, Finch. Sem te querer ofender, diria que és o incompetente. Como tu próprio sabes, não és particularmente esperto... embora isso não seja assim tão relevante.

– Bolas – disse Finch, sem parar de rir.

– Mas és suficientemente esperto... *suficientemente* esperto... para perceber o que te aconteceria no mundo lá fora. Foste talhado para o fracasso e tens a noção disso. Embora consigas ser um filho da mãe, não és suficientemente impiedoso para o seres a tempo inteiro. Embora não sejas propriamente o homem mais honesto que já conheci na vida, também não és heroicamente desonesto. Por um lado, tens capacidade para trabalhar, mas és demasiado preguiçoso para trabalhares tanto como o mundo gostaria. Por outro lado, não és suficientemente preguiçoso para conseguires convencer o mundo de como és importante. E não tens sorte, na verdade não tens. Não tens carisma e exibes uma perpétua expressão desconcertada. No mundo, estarias sempre à beira do sucesso e serias destruído pelo teu fracasso. Por isso foste escolhido, eleito. A providência, cujo sentido de humor sempre me divertiu, arrancou-te das mandíbulas do mundo e colocou-te aqui, a salvo, entre os teus irmãos.

Sem parar de sorrir e com irónica malevolência, virou-se para Stoner.

– Tu também não escapas, meu amigo. Nem penses. Quem és tu? Um simples filho da terra, como te queres convencer a ti próprio? Ah, não. Tu também fazes parte dos enfermos... tu és o sonhador, o louco num mundo ainda mais louco, o nosso Dom Quixote do Midwest sem o seu Sancho Pança, a fazer cabriolas sob o céu azul. És suficientemente esperto, pelo menos mais esperto do que o nosso amigo mútuo. Mas tens a mácula, a velha enfermidade. Achas que há qualquer coisa *aqui*, qualquer coisa para descobrir. Pois bem, no mundo, aprenderias depressa. Também tu foste talhado para o fracasso, embora não lutasses contra o mundo; deixarias que ele te pisasse e deitasse fora, e ficarias ali caído a perguntar-te o que se

passava, porque esperarias sempre que o mundo fosse algo que não era, algo que não queria ser. O gorgulho no algodão, a minhoca no pé de feijão, o caruncho no milho. Não os conseguirias encarar e não conseguirias lutar contra eles, porque és demasiado fraco e és demasiado forte. E não tens para onde ir no mundo.

– Então e tu? – perguntou Finch. – E tu?

– Ah – disse Masters, recostando-se –, eu sou como vocês. Aliás, sou pior. Sou demasiado inteligente para o mundo e não paro de fazer alarido sobre isso; é uma doença para a qual não há cura. Por isso, têm de me trancar num espaço onde eu possa ser irresponsável de uma maneira segura, onde não possa fazer mal a ninguém. – Debruçou-se para a frente outra vez e sorriu-lhes. – Somos todos uns pobres Toms e temos frio.

– *O Rei Lear* – disse Stoner em tom sério.

– Terceiro Ato, Cena quatro – disse Masters. – E, assim, a providência, ou a sociedade, ou o destino, ou seja qual for o nome que lhe quiserem dar, criou este telheiro para nós, para nos abrigarmos da tempestade. É para nós que existe a universidade, para os desalojados do mundo; não para os estudantes, não para a busca altruísta do conhecimento, não por nenhuma das razões que vocês ouvem. Enumeramos as razões e deixamos entrar alguns dos normais, aqueles que se safariam bem no mundo, mas isso é só para disfarçar e nos protegemos. Tal como a Igreja na Idade Média, que se estava nas tintas para a laicidade ou inclusive para Deus, também nós temos as nossas pretensões para podermos sobreviver. E sobreviveremos... porque temos de o fazer.

Finch abanou a cabeça com admiração.

– Dás uma imagem péssima de nós, Dave.

– Talvez – disse Masters. – Mas por muito maus que sejamos, somos melhores do que os que estão lá fora, na lama, os pobres coitados do mundo. Não fazemos mal a ninguém, dizemos o que queremos e pagam-nos para isso, o que é um triunfo da virtude natural, ou algo muito próximo disso.

Masters chegou-se para trás, indiferente, tendo perdido o interesse no que dissera.

Gordon Finch pigarreou.

– Bom – disse ele, ansioso. – Podes ter razão nalgumas coisas que dizes, Dave, mas acho que vais demasiado longe. Acho mesmo.

Stoner e Masters entreolharam-se com um sorriso e não falaram mais no assunto, nessa noite. Mas, durante anos, nas situações mais estranhas, Stoner

lembrava-se do que Masters dissera e, embora não se identificasse com aquela imagem da Universidade, ela revelava-lhe qualquer coisa sobre a sua relação com os dois rapazes e dava-lhe um vislumbre da amargura corrosiva e intacta da juventude.

A 7 de maio de 1915, um submarino alemão afundou o transatlântico *Lusitania*, com cento e catorze passageiros americanos a bordo. No final de 1916, os Alemães faziam a guerra com submarinos sem quaisquer restrições e as relações entre os Estados Unidos e a Alemanha deterioraram-se a olhos vistos. Em fevereiro de 1917, o presidente Wilson cortou relações diplomáticas e, a 6 de abril, o Congresso decretou o estado de guerra entre a Alemanha e os Estados Unidos.

Com esta declaração, milhares de jovens de uma ponta à outra do país, como que aliviados por a tensão da incerteza ter sido finalmente quebrada, invadiram os centros de recrutamento montados à pressa umas semanas antes. Centenas de jovens não tinham querido esperar pela intervenção da América e, quando ainda decorria o ano de 1915, já eles se tinham alistado nas forças canadianas ou como condutores de ambulância de um dos exércitos aliados europeus. Uns quantos estudantes mais velhos da universidade tinham-no feito e, embora William Stoner não os conhecesse, ouviu falar com frequência crescente nesses nomes lendários, nos meses e semanas que conduziram ao momento que todos eles sabiam que acabaria por chegar.

A guerra foi declarada numa sexta-feira e, embora as aulas continuasse marcadas para a semana seguinte, poucos alunos e docentes as respeitaram. Vagueavam pelos corredores e reuniam-se em pequenos grupos, murmurando em vozes abafadas. De vez em quando, o sossego tenso entrava em erupção e quase descambava em violência; por duas vezes, houve manifestações gerais contra a Alemanha, em que os estudantes gritaram frases incoerentes e brandiram bandeiras americanas. Uma vez, houve uma manifestação breve contra um dos docentes, um velho e barbudo professor de língua germânica, que tinha nascido em Munique e, em jovem, andara na Universidade de Berlim. Mas quando o professor enfrentou o grupinho raivoso e corado de alunos, pestanejou de desconcerto e esticou as mãos magras e trémulas para os cumprimentar, eles debandaram, confusos e mal-humorados.

Nesses primeiros dias a seguir à declaração de guerra, também Stoner foi

afetado pela confusão, mas era profundamente diferente daquela que se apoderara da maior parte dos outros alunos e professores da universidade. Embora tivesse falado sobre a guerra na Europa com os estudantes mais velhos e leitores, nunca acreditara realmente nela e, agora que ela lhe aterrara em cima, que aterrara em cima de todos eles, descobriu dentro de si próprio uma reserva enorme de indiferença. Irritava-o a maneira como a guerra perturbava a vida na universidade, mas não conseguia encontrar dentro de si sentimentos fortes de patriotismo e não era capaz de odiar os Alemães.

Mas os Alemães ali estavam para serem odiados. Uma vez, Stoner encontrou Gordon Finch a falar com um grupo de membros mais velhos da faculdade; o rosto de Finch estava crispado e falava dos «Hunos» como se cuspsse para o chão. Mais tarde, quando ele abordou Stoner no grande gabinete que meia dúzia de leitores partilhavam, o seu estado de espírito tinha mudado: febrilmente bem-disposto, bateu no ombro de Stoner.

– Não podemos deixá-los safar-se impunemente, Bill – disse, afogueado. Uma película de suor reluzia-lhe como óleo no rosto redondo e o cabelo louro caía-lhe, fininho e sem vida, sobre o crânio. – Não, nem pensar. Vou alistar-me. Já falei com o Sloane sobre isso e ele disse para eu o fazer. Vou a St. Louis amanhã, alistar-me. – Por um instante, conseguiu manter uma expressão de gravidade no rosto. – Temos todos de fazer a nossa parte. – Depois, sorriu e bateu outra vez no ombro de Stoner. – Devias ir comigo.

– Eu? – disse Stoner, e repetiu, incrédulo: – Eu?

Finch riu-se.

– Claro. Toda a gente se está a alistar. Acabei de falar com o Dave... ele vai comigo.

Stoner abanou a cabeça, como se estivesse aturdido.

– O Dave Masters?

– Claro. O Dave às vezes diz umas maluqueiras, mas quando a coisa dá para o torto, ele é igual a toda a gente: fará a parte que lhe compete. Tal como tu farás a tua, Bill. – Finch deu-lhe um murro no braço. – Tal como tu farás a tua.

Stoner ficou calado um instante.

– Não tinha pensado nisso – retorquiu. – Tenho a sensação de que aconteceu tudo tão depressa. Vou ter de falar com o Sloane e depois digo-te qualquer coisa.

– Tudo bem – respondeu Finch. – Farás a tua parte. – A voz dele tornou-se

mais grossa de emoção. – Estamos todos metidos nisto, Bill, todos.

Stoner afastou-se de Finch, mas não foi ter com Archer Sloane. Em vez disso, deu uma volta pelo recinto universitário à procura de David Masters. Encontrou-o numa das salas reservadas da biblioteca, sozinho, a chupar um cachimbo, de olhos fixos numa estante de livros.

Stoner sentou-se à mesa, à frente dele. Quando o interrogou sobre a decisão de se alistar no exército, Masters respondeu:

– Sim, porque não?

E quando Stoner lhe perguntou porquê, Masters redarguiu:

– Conheces-me bastante bem, Bill. Estou-me nas tintas para os Alemães. E, verdade seja dita, acho que também me estou nas tintas para os Americanos. – Deitou a cinza do cachimbo no chão e varreu-a com o pé. – Acho que decidi fazê-lo, porque não importa se o faço ou não. E talvez seja divertido ver o mundo uma vez mais, antes de regressar à lenta e enclausurada extinção que nos aguarda a todos.

Embora não tivesse compreendido, Stoner fez que sim com a cabeça, aceitando as palavras de Masters.

– O Gordon quer que eu me aliste convosco – disse.

Masters sorriu.

– O Gordon está a sentir pela primeira vez uma pontada de virtude e, como é natural, quer incluir o resto do mundo nela, para poder continuar a acreditar. Tudo bem, porque não? Alista-te connosco. Talvez te faça bem ver como o mundo é. – Calou-se e olhou atentamente para Stoner. – Mas, se te alistares, pelas alminhas, não o faças por Deus, pelo país e pela nossa querida Universidade. Fá-lo por ti.

Stoner esperou uns minutos e só então acrescentou:

– Vou falar com o Sloane e depois digo-te qualquer coisa.

Não sabia qual era a resposta que esperava de Archer Sloane; não obstante, ficou surpreendido quando o confrontou no seu gabinete estreito, forrado de livros, e lhe falou na sua decisão, que ainda não era propriamente uma decisão.

Sloane, que sempre o tratara com uma ironia distante e educada, perdeu a cabeça. O seu rosto comprido e magro ficou vermelho e as rugas aos cantos da boca tornaram-se sulcos de raiva. Levantou-se da cadeira como se fosse avançar para Stoner, de punhos cerrados. Depois, voltou a sentar-se e descontraiu os punhos deliberadamente, pousando as mãos abertas em cima

da secretária; tinha os dedos a tremer, mas a voz era firme e dura.

– Desculpe o meu acesso de raiva. Mas, nestes últimos dias, perdi quase um terço dos membros do departamento e não tenho esperança de conseguir substituí-los. Não é consigo que estou irritado, mas... – desviou o rosto de Stoner e levantou os olhos para a janela alta, ao fundo do gabinete. A luz incidiu-lhe intensamente no rosto, acentuando-lhe as feições e escurecendo-lhe as olheiras, de maneira que, por um instante, pareceu velho e doente. – Nasci em 1860, mesmo antes da Guerra da Secessão. Não me lembro dessa época, como é óbvio, era demasiado pequeno. Também não me lembro do meu pai; foi morto no primeiro ano da guerra, na Batalha de Shiloh. – Olhou rapidamente para Stoner. – Mas vi as consequências. Uma guerra não se limita a matar uns quantos milhares ou centenas de milhares de jovens. Mata qualquer coisa num povo que nunca mais se pode recuperar. E se um povo atravessar suficientes guerras, daí a nada a única coisa que resta é a besta, a criatura que nós, isto é, você e eu e outros como nós, erguemos do limo. – Fez uma longa pausa e, depois, esboçou um ligeiro sorriso. – Não se deve pedir ao estudioso para destruir aquilo que passou a vida a tentar construir, com espírito de missão.

Stoner pigarreou e disse, hesitante:

– Aconteceu tudo tão depressa. Não sei porquê, mas nem me tinha passado pela cabeça, até falar com o Finch e o Masters. Ainda não me parece propriamente verdade.

– E não é, claro – respondeu Sloane. Depois, moveu-se, irrequieto, desviando o rosto de Stoner. – Não lhe vou dizer o que deve fazer, direi simplesmente o seguinte: a escolha é sua. Vai haver recrutamento obrigatório, mas você pode ser dispensado, se quiser. Não tem medo de ir, tem?

– Não – disse Stoner. – Acho que não.

– Então, tem hipótese de escolha e a decisão terá de ser só sua. Escusado será dizer que, se decidir alistar-se, quando regressar retomará as suas funções atuais. Se decidir não se alistar, pode cá ficar, mas não terá nenhuma vantagem em especial. É possível, inclusive, que venha a ter desvantagens, agora ou no futuro.

– Compreendo – disse Stoner.

Seguiu-se um longo silêncio, até que Stoner decidiu que Sloane já não tinha mais nada para lhe dizer. Mas, no instante em que se levantou para sair do gabinete, Sloane falou novamente.

Pausadamente, disse:

– Lembre-se de quem é e do que escolheu ser, e da importância do que faz. Há guerras e derrotas e vitórias da raça humana que não são militares, nem ficam registadas nos anais da História. Lembre-se disso quando estiver a tentar decidir o que fazer.

Durante dois dias, Stoner não se reuniu com as suas turmas nem falou com conhecidos. Ficou no seu quartinho, a debater-se com a decisão que tinha de tomar. Os seus livros e o sossego do quarto rodeavam-no; só raramente tinha noção do mundo que existia fora do quarto, do murmúrio distante de estudantes aos gritos, do estrépito acelerado de uma caleche nas ruas empedradas e do ruído do motor de um automóvel, da meia dúzia de veículos que existia na cidade. Nunca fora dado à introspeção e considerou a tarefa de analisar os seus motivos difícil e ligeiramente desagradável. Sentiu que tinha pouco a oferecer a si próprio e que havia poucas coisas dentro de si para descobrir.

Quando finalmente tomou uma decisão, teve a sensação de que soubera desde o início qual iria ser. Encontrou-se com Master e Finch, na sexta-feira, e disse-lhes que não se juntaria a eles na luta contra os Alemães.

Gordon Finch, sustentado ainda pelo seu acesso de virtude, empertigou-se e deixou que uma expressão de mágoa e repreensão se lhe instalasse nas feições.

– Estás a desiludir-nos, Bill – disse, num tom pesaroso. – Estás a desiludir-nos a todos.

– Cala-te – retorquiu Masters, fitando Stoner intensamente. – De facto, pensei que poderias decidir não ir. Sempre tiveste esse ar enxuto e dedicado. Não tem mal, como é óbvio, mas o que é que te fez tomar essa decisão, no fim?

Stoner não disse nada durante uns momentos. Pensou nos últimos dois dias, na luta silenciosa que parecia sem objetivo nem sentido; pensou na sua vida na universidade, nos últimos sete anos; pensou nos anos anteriores, nos anos distantes com os pais na quinta e no torpor ao qual fora miraculosamente resgatado.

– Não sei – disse, por fim. – Acho que tudo. Não sei dizer.

– Vai ser difícil – disse Masters – ficar aqui.

– Eu sei – respondeu Stoner.

– Mas achas que vale a pena?

Stoner fez que sim com a cabeça.

Masters sorriu e, com a sua velha ironia, disse:

– Não há dúvida de que tens aquela expressão sedenta. Estás condenado.

O ar de repreensão e mágoa de Finch transformara-se numa espécie de desprezo relutante.

– Vais-te arrepender disto, Bill – anunciou, em voz rouca, e hesitou entre um tom de ameaça e pena.

Stoner fez um gesto de assentimento com a cabeça.

– Talvez – disse.

Despediu-se, então, e virou as costas. Eles iam a St. Louis, no dia seguinte, alistar-se, e Stoner tinha aulas para preparar.

Não se sentia culpado por causa da sua decisão e, quando decretaram o recrutamento geral, pediu adiamento sem quaisquer remorsos, mas teve a noção dos olhares que recebeu dos colegas mais velhos e da pontinha de insolência que transparecia na maneira aparentemente respeitosa como os alunos o tratavam. Sentiu inclusive que Archer Sloane, que a dada altura exprimira calorosa aprovação pela sua decisão de permanecer na universidade, se tornava mais frio e distante, à medida que os meses da guerra iam passando.

Terminou o curso de doutoramento na primavera de 1918 e obteve o grau em junho desse ano. Um mês antes de obter o diploma, recebeu uma carta de Gordon Finch, que fizera a escola de formação de oficiais e fora enviado para um campo de treino nos arredores de Nova Iorque. A carta informava-o de que Finch recebera autorização para, no seu tempo livre, frequentar a Universidade de Columbia, onde conseguira, também ele, preencher os requisitos necessários para o doutoramento, cuja tese defenderia no verão, na Escola Superior de Ensino.

Informava-o também de que Dave Masters fora enviado para França e que, quase um ano depois de se ter alistado, juntamente com as primeiras tropas americanas a irem para o campo de batalha, fora morto em Château-Thierry.

Capítulo 3

Uma semana antes da entrega dos diplomas, em que Stoner ia receber o seu grau de doutorado, Archer Sloane ofereceu-lhe o cargo de leitor a tempo inteiro na universidade. Sloane explicou que não era política da universidade contratar os seus próprios alunos de pós-graduação, mas devido à guerra e à consequente falta de docentes experientes, conseguira convencer a administração a abrir uma exceção.

Com uma certa relutância, Stoner enviara umas quantas cartas para universidades e escolas superiores da região, apresentando secamente as suas qualificações; o facto de não ter recebido resposta de nenhuma delas deixou-o curiosamente aliviado. Compreendia mais ou menos o seu alívio. Na Universidade de Columbia, conhecera o tipo de segurança e aconchego que deveria ter sentido em criança, em sua casa, mas não sentira, e não tinha a certeza de os conseguir encontrar noutro lugar qualquer. Aceitou a proposta de Sloane com gratidão.

E, ao fazê-lo, passou-lhe pela cabeça que Sloane envelhecera muito durante esse último ano da guerra. Tinha cinquenta e muitos anos, mas parecia uma década mais velho; o cabelo, que antes encaracolava numa grenha cinza-ferro, estava agora todo branco e caído e sem vida sobre o crânio ossudo. Os seus olhos pretos estavam baços, como que cobertos por películas de humidade, o rosto comprido e enrugado, que em tempos fora resistente como couro fino, tinha agora a fragilidade de papel antigo e ressequido, e a sua voz monocórdica e irónica começara a denotar um tremor. Olhando para ele, Stoner pensou: vai morrer... daqui a um ano, ou dois, ou dez, ele vai morrer. Um sentimento prematuro de perda apoderou-se de si e Stoner virou costas.

Pensou muito na morte, naquele verão de 1918. A morte de Masters chocara-o mais do que queria admitir, e as primeiras listas de baixas americanas na Europa começavam a ser divulgadas. Quando pensara na morte, antes, pensara nela ou como um acontecimento literário ou como o

lento e silencioso desgaste do tempo na carne imperfeita. Não pensara nela como a explosão de violência num campo de batalha, como o jorro de sangue de uma garganta perfurada. Interrogou-se sobre a diferença entre os dois tipos de morte e o que significaria essa diferença, e sentiu avolumar-se dentro de si uma parte daquele azedume que vislumbrara, em tempos, no coração vivo do seu amigo David Masters.

O tema da sua tese fora «A Influência da Tradição Clássica na Poesia Lírica Medieval». Passou uma grande parte do verão a reler os poetas latinos clássicos e medievais, e em especial os seus poemas sobre a morte. Admirou-se uma vez mais com a maneira simples e graciosa como os poetas romanos aceitavam a realidade da morte, como se o nada que enfrentavam fosse um justo tributo à riqueza dos anos de que tinham desfrutado; e espantou-se com a amargura, o terror, o ódio mal disfarçado que encontrou em alguns dos poetas cristãos mais tardios da tradição latina, que encaravam essa morte que prometia, ainda que vagamente, uma eternidade rica e extática, como se fosse uma zombaria que lhes azedava a vida. Quando pensava em Masters, pensava nele como Catulo ou um Juvenal mais brando e lírico, um exilado no seu próprio país, e pensava na morte dele como um outro exílio, mais longo e misterioso do que já sofrera antes.

Quando o semestre começou, no outono de 1918, era óbvio para toda a gente que a guerra não podia continuar muito mais tempo. A última ofensiva desesperada alemã fora atalhada à entrada de Paris e o marechal Foch ordenara um contra-ataque geral dos aliados que rapidamente empurrara os alemães de volta para a linha de partida. Os britânicos avançaram a Norte e os americanos atravessaram a Argonne, a um preço que foi largamente ignorado em plena exultação. Os jornais previam o colapso da Alemanha antes do Natal.

Portanto, o semestre começou num ambiente de boa disposição e bem-estar tensos. Os professores e leitores deram por si a sorrir uns para os outros e a fazer vigorosos acenos de cabeça nos corredores; ataques de exuberância e mostras menores de violência entre os estudantes foram ignorados pelos docentes e pela administração; e um estudante não identificado, que imediatamente se tornou uma espécie de herói popular local, trepou a uma das enormes colunas à frente de Jesse Hall e pendurou no cimo uma efígie empalhada do kaiser.

A única pessoa na universidade que parecia imune à excitação generalizada

era Archer Sloane. Desde o dia em que a América entrara na guerra, ele começara a retrair-se e o seu recolhimento tornara-se mais acentuado, à medida que a guerra se aproximava do fim. Não falava com os colegas, a menos que assuntos do departamento o obrigassem a isso, e murmurava-se que o ensino dele se tinha tornado tão excêntrico que os alunos assistiam às aulas apavorados. Ditava os seus apontamentos de uma maneira mecânica e enfadonha, sem nunca olhar para os alunos; muitas vezes, a sua voz suspendia-se, enquanto ficava a olhar especado para as suas notas, e o silêncio prolongava-se por um, dois, às vezes cinco minutos, durante os quais ele não se mexia nem respondia às perguntas constrangidas da turma.

William Stoner viu os últimos vestígios do homem inteligente e irónico que conhecera nos seus tempos de estudante, quando Archer Sloane o informou da distribuição de serviço para esse ano. Sloane deu-lhe duas turmas de Estudos Literários do primeiro ano e uma cadeira de Literatura Medieval e, depois, com um vislumbre da sua velha ironia, disse:

– Você, bem como muitos dos nossos colegas e não poucos dos nossos alunos, ficará contente por saber que vou desistir de uma série das minhas cadeiras. Entre elas conta-se uma que tem sido a minha preferida, e que é muito pouco bem vista, a cadeira de Literatura Inglesa do segundo ano. Lembra-se do programa?

Stoner fez que sim com a cabeça, sorrindo.

– Pois – continuou Sloane –, foi o que eu pensei. Estou a pedir-lhe para me substituir nessa cadeira. Não é que seja uma grande prenda, mas achei que talvez o divertisse começar a sua carreira oficial de docente no ponto onde começou como aluno. – Sloane fitou-o um instante, com os olhos brilhantes e intensos como costumavam ser antes da guerra. Depois, a capa da indiferença recobriu-os e, virando-se de costas para Stoner, pôs-se a remexer nuns papéis que estavam em cima da secretária.

Portanto, Stoner começou precisamente onde dera os primeiros passos: um homem alto, magro e curvado, na mesma sala onde se sentara enquanto rapaz alto, magro e curvado, a ouvir as palavras que o levaram aonde estava agora. Nunca entrava naquela sala sem olhar para o lugar que em tempos ocupara e ficava sempre ligeiramente surpreendido ao descobrir que não estava lá.

No dia 11 de novembro desse ano, dois meses depois de o semestre ter começado, foi assinado o Armistício. A notícia chegou num dia de semana e as aulas foram imediatamente interrompidas. Os alunos passearam-se pelo

recinto universitário, formando pequenos cortejos que se agrupavam, dispersavam e voltavam a agrupar, serpenteando pelos corredores, salas de aulas e gabinetes. Meio contrariado, Stoner viu-se apanhado no meio de um desses grupos que entrou em Jesse Hall, atravessou corredores, subiu escadas e percorreu mais corredores. Arrastado por uma pequena massa de alunos e professores, passou pela porta aberta do gabinete de Archer Sloane e teve um vislumbre de Sloane sentado na sua cadeira à secretária, o rosto exposto e contraído, a chorar amargamente, as lágrimas escorrendo-lhe pelos sulcos fundos da carne.

Por um instante, como que em choque, Stoner deixou-se arrastar pela multidão. Depois, afastou-se e foi para o seu quarto perto da universidade. Sentou-se na penumbra do quarto, a ouvir os gritos de alegria e alívio lá fora, e pensou em Archer Sloane que chorava perante uma derrota que só ele via, ou achava que via; e soube que Sloane era um homem destroçado e nunca mais voltaria a ser o que fora.

No final de novembro, muitos daqueles que tinham partido para a guerra começaram a regressar a Columbia e o recinto da universidade ficou pontilhado de verde-azeitona das fardas militares. Entre aqueles que regressaram de licença prolongada estava Gordon Finch. Engordara nesse ano e meio longe da universidade e o rosto largo e franco que fora amistosamente aquiescente exibía agora uma expressão de gravidade simpática, mas portentosa. Usava as insígnias de capitão e falava muitas vezes com um carinho paternal dos «meus homens». Tratou William Stoner com uma afabilidade distante e teve um cuidado exacerbado em mostrar deferência para com os membros mais velhos do departamento. O primeiro semestre já ia demasiado avançado para lhe atribuírem turmas, por isso, durante o resto do ano letivo, deram-lhe uma sinecura, que devia ser tida como temporária, de assistente administrativo do diretor das Letras e Ciências. Tinha sensibilidade suficiente para captar a ambiguidade do seu novo cargo e suficiente astúcia para ver as suas possibilidades; as suas relações com os colegas eram hesitantes e delicadamente prudentes.

O diretor das Letras e Ciências, Josiah Claremont, era um homem franzino e barbudo, que já tinha passado em vários anos a idade da reforma obrigatória; estava na universidade desde a transição, no início dos anos 70

do século anterior, de um colégio normal para uma universidade de pleno direito, e o pai fora um dos primeiros reitores. Estava tão enraizado e de tal modo envolvido na história da universidade que ninguém tinha coragem de insistir com ele para que se reformasse, apesar da crescente incompetência com que ocupava o seu posto. Estava praticamente sem memória; às vezes, perdia-se nos corredores de Jesse Hall, onde ficava o seu gabinete, e tinha de ser levado como uma criança até à sua porta.

Tornara-se tão alheado dos assuntos da universidade que, quando o seu gabinete anunciou que uma cerimónia em honra dos veteranos do corpo de docentes e dos serviços administrativos que regressavam da guerra se ia realizar em casa dele, a maior parte das pessoas que recebeu o convite julgou que era uma piada ou então que se tratava de um engano. Mas não era uma piada e não era um engano. Gordon Finch confirmou os convites; e foi amplamente insinuado que fora ele quem instigara a ideia da cerimónia e que levava a cabo os planos.

Josiah Claremont, que enviuvara muitos anos antes, vivia sozinho, com três empregados de cor quase tão velhos como ele, num dos casarões anteriores à Guerra da Secessão que outrora eram comuns em Columbia, mas que estavam a desaparecer rapidamente devido à chegada de pequenos agricultores independentes e de construtores imobiliários. A arquitetura da casa era agradável, mas inidentificável; embora fosse «sulista» na sua conceção e nas dimensões amplas, nada tinha da rigidez neoclássica das casas da Virgínia. As tábuas de madeira eram pintadas de branco e um friso verde debruava as janelas e as balaustradas das varandinhas que se viam aqui e ali no andar de cima. O terreno estendia-se até uma mata que rodeava a propriedade, e choupos altos, despidos em dezembro, alinhavam-se na entrada e nos carreiros. Era a casa mais majestosa que William Stoner já vira de perto e, naquela tarde de sexta-feira, foi com um certo receio que percorreu o caminho de acesso e se juntou a um grupo de docentes que não conhecia e que estava à porta, à espera de entrar.

Gordon Finch, que continuava a usar farda militar, abriu a porta. O grupo entrou para um vestíbulo quadrado, ao fundo do qual uma escadaria íngreme com o corrimão de carvalho encerado levava ao andar de cima. Uma tapeçariazinha francesa, em tons de azul e dourado tão esbatidos que o padrão já mal se via à ténue luz amarela projetada pelas pequenas lâmpadas, estava pendurada na parede da escadaria, mesmo à frente dos homens que tinham

acabado de entrar. Stoner ficou parado a contemplá-la, enquanto os outros aguardavam no átrio.

– Dá-me o casaco, Bill. – A voz, próxima do seu ouvido, sobressaltou-o. Stoner virou-se. Finch sorria, de mão esticada para receber o casaco que ele ainda não despira.

– Nunca cá tinhas vindo, pois não? – perguntou Finch, quase num sussurro. Stoner abanou a cabeça.

Finch virou-se para os outros homens e, sem levantar a voz, conseguiu chamá-los.

– Os senhores façam o favor de entrar para a sala de estar. – Apontou para uma porta à direita do vestíbulo. – É onde está toda a gente.

Virou a sua atenção novamente para Stoner.

– É uma bela casa antiga – disse, pendurando o casaco de Stoner num grande armário por baixo das escadas. – É uma das atrações turísticas da zona.

– Sim – disse Stoner. – Já tinha ouvido falar nela.

– E o diretor Claremont é um velhote bom. Pediu-me para tomar conta de tudo, hoje.

Stoner fez um gesto de assentimento.

Finch pegou-lhe no braço e conduziu-o para a porta que indicara há instantes.

– Teremos de nos juntar mais logo, para conversarmos. Agora, entra, que eu já lá vou ter. Quero apresentar-te a algumas pessoas.

Stoner abriu a boca para falar, mas já Finch tinha virado as costas para cumprimentar outro grupo que acabara de entrar. Stoner inspirou fundo e abriu a porta da sala de estar.

Quando entrou na sala, vindo do vestíbulo frio, sentiu o embate do calor, como que obrigando-o a recuar. O murmúrio arrastado das pessoas, libertado pela abertura da porta, intensificou-se um momento até os seus ouvidos se habituarem.

Deviam estar cerca de duas dúzias de pessoas na sala e, por um instante, Stoner não reconheceu nenhuma. Viu o preto e o cinza e o castanho sóbrios dos fatos dos homens, o verde-azeitona das fardas militares e, aqui e ali, o rosa ou azul delicados de um vestido de senhora. As pessoas moviam-se indolentemente por entre o calor e ele moveu-se a par com elas, ciente da sua altura entre as figuras sentadas, distribuindo acenos de cabeça aos rostos que

agora reconhecia.

Ao fundo, outra porta dava para uma salinha de estar adjacente à comprida e estreita sala de jantar. As portas duplas do salão estavam abertas, revelando uma enorme mesa de nogueira coberta de damasco amarelo e carregada de pratos brancos e taças de prata reluzente. Várias pessoas encontravam-se reunidas à volta da mesa, à cabeceira da qual uma rapariga, alta, esguia e loura, com um vestido de seda azul, lustrosa e ondeada, estava de pé a servir chá em chávenas orladas a ouro. Stoner deteve-se na entrada, surpreendido com a imagem da jovem. O seu rosto comprido, de feições delicadas, sorria para as pessoas à sua volta e os dedos esguios, quase frágeis, manuseavam destramente o bule e as chávenas. Observando-a, Stoner foi assolado pela noção do seu próprio corpo pesado e trapalhão.

Durante vários minutos, ficou imóvel junto da porta, a ouvir a voz suave e aguda da rapariga sobrepor-se ao murmúrio dos convidados que estava a servir. Ela ergueu a cabeça e, de repente, os seus olhos cruzaram-se com os dele; eram claros e grandes e pareciam brilhar com uma luz interior. Atordado, Stoner afastou-se da porta e voltou para a sala de estar. Encontrou uma cadeira vazia num espaço junto da parede e sentou-se de olhos postos no tapete debaixo dos pés. Não olhou para a sala de jantar, mas teve a impressão de sentir, de vez em quando, o olhar da rapariga roçar-lhe calorosamente o rosto.

Os convidados deslocavam-se à sua volta, trocavam de lugar, alteravam as suas inflexões quando encontravam novos parceiros de conversa. Stoner via-os através de uma neblina, como se fosse um mero espectador. Passado um pouco, Gordon Finch entrou na sala e Stoner levantou-se da cadeira e foi ao encontro dele. Quase com rudeza, interrompeu a conversa de Finch com um senhor mais velho. Puxando-o à parte, mas sem baixar a voz, pediu para ser apresentado à menina que servia o chá.

Finch olhou para ele um instante e a ruga de irritação que lhe começara a franzir a testa suavizou-se à medida que os olhos se arregalavam.

– Queres o quê? – perguntou Finch. Embora fosse mais baixo do que Stoner, parecia estar a olhar para ele de alto.

– Quero que me apresentes a ela – repetiu Stoner, sentindo o rosto quente.
– Conhece-la?

– Claro – respondeu Finch. Um sorriso começava a repuxar-lhe a boca. – É prima do diretor ou qualquer coisa assim e veio de St. Louis para visitar uma

tia. – O sorriso alargou-se. – Bill, Bill, Bill. Quem diria? Claro que ta apresento. Anda.

Ela chamava-se Edith Elaine Bostwick e vivia com os pais em St. Louis, onde, na primavera anterior, terminara um curso de dois anos num colégio particular para meninas. Tinha vindo a Columbia visitar a irmã da mãe, durante umas semanas, e na primavera iam fazer uma grande viagem pela Europa, viagem essa que era novamente possível, uma vez que a guerra acabara. O pai, presidente de um dos bancos mais pequenos de St. Louis, era oriundo da Nova Inglaterra; viera para Oeste nos anos 70 e casara com a filha mais velha de uma família abastada do centro do Missouri. Edith sempre vivera em St. Louis; uns anos antes, tinha ido a Boston com os pais passar uma temporada; fora à ópera a Nova Iorque e visitara os museus. Tinha vinte anos, tocava piano e descobrira umas certas tendências artísticas que a mãe incentivava.

Mais tarde, William Stoner não seria capaz de se lembrar de como descobrira todos estes pormenores, naquela primeira tarde e serão em casa de Josiah Claremont, pois esse encontro fora formal e vago, como a tapeçaria que se encontrava na escadaria ao fundo do vestíbulo. Lembrava-se de que falara com ela para que ela pudesse fitá-lo, permanecer junto de si e dar-lhe o prazer de ouvir a sua voz suave e aguda a responder às suas perguntas e, por sua vez, a fazer conversa de sala.

Os convidados começaram a ir embora. Ouviram-se adeuses, portas a bater e as salas esvaziaram-se. Stoner deixou-se ficar, mesmo depois de quase todos os outros convidados terem partido e, quando a carruagem de Edith chegou, ele seguiu-a até ao vestíbulo e ajudou-a a vestir o casaco. Antes de ela sair, ele perguntou-lhe se podia visitá-la no dia seguinte ao fim da tarde.

Como se não o tivesse ouvido, ela abriu a porta e ficou parada, vários instantes, sem se mexer. O ar frio varreu a entrada e tocou no rosto quente de Stoner. Ela virou-se, fitou-o e pestanejou várias vezes; os seus olhos claros eram especulativos, quase ousados. Por fim, fez um aceno de cabeça e disse:

– Sim, pode fazer-me uma visita. – Não sorriu.

E ele assim fez, atravessando a cidade a pé até casa da tia dela, numa noite invernosa de frio intenso, típica do Midwest. Não havia nuvens no céu; a meia-lua brilhava sobre uma ligeira camada de neve que caíra à tarde. As ruas

estavam desertas e o silêncio abafado era quebrado pela neve seca a restolhar debaixo dos seus pés a cada passo. Ficou muito tempo parado à porta do casarão, a escutar o silêncio. O frio entorpecia-lhe os pés, mas não se mexeu. A luz fraca que emanava das janelas de cortinas fechadas incidia na neve branca-azulada como uma mancha amarela. Pareceu-lhe ver movimento no interior da casa, mas não tinha a certeza. Deliberadamente, como se estivesse a comprometer-se com qualquer coisa, deu um passo em frente, percorreu o carroiro que levava ao alpendre e bateu à porta.

A tia de Edith (Stoner ficara a saber que se chamava Emma Darley e era viúva há anos) recebeu-o à porta e convidou-o a entrar. Era uma mulher baixa e roliça, de cabelo branco muito fino, que lhe esvoaçava em redor do rosto; os seus olhos escuros cintilavam, húmidos, e ela falava numa voz suave e ofegante, como se estivesse a contar segredos. Stoner seguiu-a até à sala de estar e sentou-se, de frente para ela, num comprido sofá de nogueira, cujas costas e assento estavam forrados de grosso veludo azul. A neve ficara-lhe agarrada aos sapatos; viu-a derreter e formar manchas húmidas no espesso tapete florido debaixo dos seus pés.

– A Edith disse-me que é professor na universidade, Dr. Stoner – disse a Sr.^a Darley.

– Sou, sim – respondeu ele, e pigarreou.

– É *tão* agradável poder voltar a conversar com um dos jovens professores universitários – comentou a Sr.^a Darley, animada. – O meu falecido marido, o Dr. Darley, fez parte do conselho de administração da universidade durante anos... mas isso já o senhor deve saber.

– Não, não sabia – disse Stoner.

– Ah – exclamou a Sr.^a Darley. – Bom, costumávamos convidar alguns dos assistentes mais jovens para tomar chá à tarde. Mas isso foi há muitos anos, antes da guerra. O senhor esteve na guerra, Dr. Stoner?

– Não – respondeu Stoner. – Estive na universidade.

– Sim – disse a Sr.^a Darley, com um vigoroso aceno de cabeça. – E dá aulas de...?

– Inglês – informou Stoner. – E não sou professor, apenas leitor. – Teve a noção da dureza da sua voz, mas não conseguiu controlá-la. Tentou sorrir.

– Ah, sim – disse ela. – Shakespeare... Browning...

Um silêncio instalou-se entre eles. Stoner retorceu as mãos uma na outra e olhou para o chão.

– Vou ver se a Edith está pronta – anunciou a Sr.^a Darley. – Se me dá licença...?

Stoner fez que sim com a cabeça e pôs-se de pé, enquanto ela saía da sala. Ouviu sussurros intensos vindos de outra assoalhada. Deixou-se ficar mais uns minutos de pé.

De repente, Edith surgiu na entrada, pálida e séria. Olharam um para o outro sem um sinal de reconhecimento. Edith deu um passo atrás e depois avançou, de lábios finos e tensos. Cumprimentaram-se com um aperto de mão sisudo e sentaram-se juntos no sofá, sem trocarem uma palavra.

Ela era ainda mais alta do que ele se lembrava, e mais frágil. O rosto era longo e esguio, e os lábios cerrados cobriam uns dentes grandes. A pele tinha o tipo de transparência que ruboriza à mínima provocação. O cabelo era de um castanho-avermelhado-claro e ela usava-o em tranças grossas presas no alto da cabeça. Mas foram os olhos que o cativaram, como acontecera no dia anterior. Eram muito grandes e de um azul-claríssimo, como ele nunca tinha visto. Quando os fitava, tinha a impressão de sair de si próprio e mergulhar num mistério que o transcendia. Achou-a a mulher mais bonita que já vira na vida e, impulsivamente, disse:

– Eu gostava... gostava de saber mais coisas sobre si.

Ela retraiu-se ligeiramente. Ele apressou-se a acrescentar:

– Quero dizer... ontem, na festa, não tivemos a ocasião para conversar. Eu queria falar consigo, mas havia tanta gente. Às vezes, as pessoas são um entrave.

– Foi uma festa muito agradável – disse Edith, num fio de voz. – As pessoas pareceram-me todas muito simpáticas.

– Ah, sim, claro – retorquiu Stoner. – O que eu queria dizer... – Não terminou a frase. Edith ficou calada. – Então, a Edith e a sua tia vão viajar pela Europa, em breve? – disse.

– Sim – respondeu ela.

– A Europa... – abanou a cabeça. – Deve estar muito entusiasmada com a viagem.

Ela fez um aceno de cabeça, relutante.

– Aonde é que vão? Isto é... quais são os países que vão visitar?

– Inglaterra – disse ela. – França. Itália.

– E vão... na primavera?

– Em abril.

– Cinco meses – disse ele. – Falta pouco. Espero que nesse espaço de tempo possamos...

– Só cá fico mais três semanas – disse ela, rapidamente. – Depois, volto para St. Louis. Para passar o Natal.

– Então é *muito* pouco tempo. – Ele sorriu e, desajeitadamente, disse: – Nesse caso, terei de a ver o máximo de vezes que puder, para nos conhecermos melhor.

Ela olhou para ele, quase horrorizada.

– Não foi isso que eu quis dizer – disse ela. – Por favor...

Stoner ficou calado um instante.

– Desculpe, eu... Gostava de a visitar novamente, as vezes todas que me permitir. Posso?

– Oh – exclamou ela. – Bem... – Tinha os dedos finos entrelaçados no colo e os nós dos punhos brancos nos sítios onde a pele estava muito esticada da tensão. Nas costas das mãos viam-se sardas muito clarinhas.

– Isto está a correr mal, não está? – comentou Stoner. – Perdoe-me. Nunca tinha conhecido uma pessoa como a menina e estou a ser trapalhão. Perdoe-me se a deixei constrangida.

– Não – disse ela. Virou-se para ele e arreganhou os lábios numa expressão que Stoner percebeu que devia ser um sorriso. – Nada disso. Estou a gostar muito. A sério.

Ele não sabia o que dizer. Referiu-se ao tempo que fazia lá fora e pediu desculpa por ter deixado marcas de neve no tapete, ao que ela murmurou qualquer coisa. Falou nas aulas que dava na universidade e ela fez que sim com a cabeça, desconcertada. Por fim, ficaram sentados em silêncio. Stoner levantou-se; moveu-se lenta e pesadamente, como se estivesse cansado. Edith levantou os olhos para ele, sem expressão.

– Bom – disse ele, e pigarreou. – Está a ficar tarde e eu... Olhe, desculpe. Posso visitá-la novamente daqui a uns dias? Talvez...

Foi como se não tivesse falado. Fez um aceno de cabeça, despediu-se com um «boa-noite» e virou-se para se ir embora.

Numa voz muito aguda e inexpressiva, Edith Bostwick disse:

– Quando eu era pequena... devia ter uns seis anos, sabia tocar piano e gostava de pintar e era muito tímida, por isso a minha mãe mandou-me para o colégio feminino de Miss Thorndyke, em St. Louis. Eu era a mais nova das alunas, mas aceitaram-me à mesma, porque o meu pai era membro do

conselho de administração e tratou de tudo. A princípio não gostei, mas depois acabei por adorar a escola. As meninas eram todas muito simpáticas e abastadas e fiz amizades duradouras, e...

Stoner tinha voltado para trás quando ela começara a falar e fitou-a, espantado, embora o seu rosto não o denotasse. Edith tinha os olhos fixos em frente, o rosto inexpressivo e os lábios mexiam-se como se estivesse a ler um trecho de um livro invisível cujo significado não compreendia. Ele atravessou a sala lentamente e sentou-se ao lado dela. Edith pareceu não reparar; os olhos permaneceram fixos em frente e ela continuou a falar-lhe de si, como ele lhe pedira para fazer. Stoner queria dizer-lhe para parar, queria reconfortá-la, tocar-lhe, mas não se mexeu nem falou.

Ela prosseguiu e, passado um pouco, ele começou a escutar o que dizia. Anos depois, Stoner tomaria consciência de que, naquela hora e meia daquele serão de dezembro, a primeira vez que estiveram juntos, Edith lhe contou mais coisas sobre si própria do que no resto da sua vida em comum. E quando acabou, ele sentiu que eram desconhecidos como não pensara que poderiam ser, e soube que estava apaixonado.

Edith Elaine Bostwick provavelmente não tinha a noção do que dissera a William Stoner naquele serão e, se tivesse, não teria compreendido a sua importância. Mas Stoner sabia o que ela dissera e nunca o esqueceu; o que ouviu foi uma espécie de confissão e o que julgou captar foi um pedido de ajuda.

À medida que a foi conhecendo melhor, soube mais pormenores da infância dela e acabou por perceber que foi a infância típica da maior parte das meninas daquela época e daquele meio. Foi educada sob a premissa de que seria protegida dos acontecimentos grosseiros que a vida lhe pudesse pôr pela frente, e sob a premissa de que o seu único dever era ser uma cúmplice graciosa dessa proteção, uma vez que pertencia a uma classe social e económica para a qual a proteção era uma obrigação quase sagrada. Frequentou colégios privados para meninas, onde aprendeu a ler, a escrever e aritmética simples. Nos tempos livres, era incentivada a fazer ponto de cruz, a tocar piano, a pintar aguarelas e a discutir algumas das obras mais leves da literatura. Aprendeu também os códigos de vestuário, porte, dicção, moral e bons costumes.

A sua formação moral, quer nos colégios que frequentou, quer em casa, foi negativa por natureza, de intenção proibitiva e quase inteiramente sexual. A sexualidade, porém, era indireta e não reconhecida e, por conseguinte, impregnou-se em todas as outras partes da sua educação, que recebeu a maior parte da sua energia dessa força moral implícita e recessiva. Aprendeu que teria deveres para com o marido e família e que teria de os cumprir.

A sua infância foi extremamente formal, inclusive nos momentos mais banais da vida familiar. Os pais tratavam-se com uma delicadeza distante; Edith nunca viu manifestar-se entre eles o calor espontâneo da raiva nem do amor. A raiva correspondia a dias de silêncio cortês e o amor era uma palavra de afeto cortês. Era filha única e a solidão foi uma das primeiras condições que conheceu na vida.

Cresceu, por isso, com um talento frágil para as artes menores e sem nenhum conhecimento das necessidades materiais da vida quotidiana. Fazia um ponto de cruz refinado e inútil, pintava aguarelas demasiado aguadas de paisagens brumosas e tocava piano sem vigor mas com precisão. Era, porém, ignorante no que tocava ao funcionamento do seu próprio corpo, nunca tratara de si própria sozinha um único dia da sua vida e nunca lhe teria passado pela cabeça que poderia ser responsável pelo bem-estar de outra pessoa. A sua vida era invariável, como um zumbido grave, e vigiada pela mãe, que, quando Edith era pequena, se sentava horas a fio a observá-la a pintar ou a tocar piano, como se fosse essa a única ocupação possível para ambas.

Aos treze anos, Edith sofreu a habitual transformação sexual, a par com uma transformação física mais invulgar. No espaço de uns quantos meses, cresceu quase trinta centímetros, de maneira que a sua altura era quase a de um homem adulto. E nunca recuperou por completo dessa relação entre a falta de graciosidade do seu corpo e o seu constrangedor novo estado sexual. Estas mudanças agravaram uma timidez natural: como era distante das colegas da escola e não tinha ninguém em casa com quem pudesse falar, tornou-se cada vez mais introvertida.

William Stoner invadiu essa privacidade interior. E houve qualquer coisa inesperada dentro dela, um qualquer instinto que a fez chamá-lo quando ele começou a dirigir-se para a porta, a fez falar depressa e desesperadamente, como nunca falara antes, e como nunca mais voltaria a falar na vida.

Nas duas semanas que se seguiram, viu-a quase todos os dias. Foram a um concerto patrocinado pelo novo Departamento de Música da Universidade; à noite, quando não estava demasiado frio, davam passeios lentos e solenes pelas ruas de Columbia; mas, a maior parte das vezes, sentavam-se na sala da Sr.^a Darley. Por vezes, conversavam e Edith tocava para ele, enquanto Stoner ouvia e observava as mãos dela a moverem-se, sem vida, sobre o teclado. Depois daquele primeiro serão juntos, a conversa tornou-se curiosamente impessoal; ele era incapaz de a fazer abandonar os seus modos reservados e, quando viu que os seus esforços nesse sentido a constrangiam, parou de tentar. Havia, contudo, uma espécie de à-vontade entre eles e Stoner convenceu-se de que se tratava de cumplicidade. Menos de uma semana antes de ela regressar a St. Louis, declarou-lhe o seu amor e pediu-a em casamento.

Embora não soubesse ao certo como é que Edith iria reagir à sua declaração e pedido de casamento, ficou surpreendido com a impassibilidade dela. Depois de o ouvir, ela lançou-lhe um longo olhar decidido e curiosamente arrojado, e ele lembrou-se da primeira tarde, quando, depois de lhe ter pedido autorização para a visitar, ela o fitara da porta onde soprava um vento frio. Em seguida, Edith baixou o olhar e a surpresa que lhe assolou o rosto pareceu irreal a Stoner. Ela disse que nunca pensara nele dessa maneira, que nunca imaginara, que não sabia...

– Deve ter percebido que a amava – retorquiu ele. – Não vejo como é que posso ter conseguido esconder isso de si.

Com uma certa vivacidade na voz, ela disse:

– Não sabia. Não sei nada dessas coisas.

– Então, dir-lhe-ei novamente – disse ele, em tom suave. – E deverá habituar-se a isso. Amo-a e não consigo imaginar a vida sem si.

Ela abanou a cabeça, como se estivesse confusa.

– A minha viagem pela Europa – disse, num fio de voz. – A tia Emma...

Ele sentiu uma gargalhada subir-lhe pela garganta acima e, com uma alegre confiança, retorquiu:

– Ah, a Europa. Eu levo-a à Europa. Iremos juntos, um dia.

Ela afastou-se e levou as pontas dos dedos à testa.

– Dê-me tempo para pensar. E eu teria de falar com os meus pais, antes de poder sequer considerar...

E recusou-se a comprometer-se mais do que isso. Não o voltaria a ver antes de se ir embora para St. Louis, daí a uns dias, e escrever-lhe-ia de lá,

depois de falar com os pais e ter as ideias assentes. Quando se despediu, nessa noite, ele baixou-se para a beijar; ela virou a cabeça e os lábios dele roçaram-lhe a face. Ela apertou-lhe a mão ao de leve e abriu-lhe a porta da rua sem o fitar novamente.

Passados dez dias, ele recebeu a carta dela. Era um bilhete curiosamente formal e não falava em nada do que acontecera entre eles. Dizia que gostaria de o apresentar aos pais e que estes estavam desejosos de o conhecer quando fosse a St. Louis, no fim de semana seguinte, se possível.

Os pais de Edith receberam-no com a formalidade fria que ele esperava e tentaram destruir de imediato qualquer à-vontade que Stoner pudesse sentir à partida. A Sr.^a Bostwick fazia-lhe uma pergunta e, quando ele respondia, dizia: «Si-im», num tom desconfiado, e fitava-o de maneira estranha, como se tivesse o rosto sujo ou o nariz a sangrar. Era alta e magra como Edith e, a princípio, Stoner ficou espantado com uma parecença que não previra; mas o rosto da Sr.^a Bostwick era pesado e letárgico, sem força nem delicadeza, e exibia as marcas profundas do que devia ser uma insatisfação perene.

Horace Bostwick também era alto, mas curiosamente volumoso, quase gordo. Uma melena de cabelo grisalho dava-lhe a volta ao crânio (que, tirando essa faixa, era careca) e da queixada pendiam-lhe dobras de pele flácida. Quando falava com Stoner, olhava para um ponto diretamente acima da cabeça dele, como se visse algo lá por trás, e quando Stoner respondia, ele tamborilava os dedos grossos no debrum central do colete.

Edith cumprimentou Stoner como se fosse uma visita qualquer e depois afastou-se, indiferente, ocupando-se com tarefas inconsequentes. Ele seguiu-a com os olhos, mas não conseguiu que ela o fitasse.

Era a casa maior e mais elegante que Stoner já visitara na vida. As assoalhadas tinham o teto muito alto, eram escuras e estavam repletas de jarras de todos os tamanhos e feitios, pratas com um brilho baço em cima de mesas com tampo de mármore e cómodas e arcas e móveis de linhas delicadas, estofados com ricas tapeçarias. Atravessaram várias assoalhadas até uma grande sala de estar, onde, murmurou a Sr.^a Bostwick, ela e o marido costumavam sentar-se a conversar informalmente com amigos. Stoner sentou-se numa cadeira tão frágil que até teve medo de se mexer; sentia-a ceder sob o seu peso.

Edith desaparecera. Stoner procurou-a quase freneticamente, mas ela só voltou à sala decorridas aproximadamente duas horas, depois de Stoner e os

pais terem tido uma «conversa».

A «conversa» foi indireta, alusiva e lenta, interrompida por longos silêncios. Horace Bostwick falou de si próprio em breves discursos dirigidos a um ponto uns centímetros acima da cabeça de Stoner. Stoner ficou a saber que Bostwick era natural de Boston e que o pai, no fim da vida, arruinara a sua carreira de banqueiro e o futuro do filho na Nova Inglaterra devido a uma série de investimentos imprudentes que tinham levado ao encerramento do banco. («Traído», anunciou Bostwick para o teto, «por falsos amigos.») O filho fora, assim, parar ao Missouri pouco depois da guerra civil, com a intenção de se mudar para oeste, mas nunca passara de Kansas City, onde ia de vez em quando, em viagens de negócios. Lembrando-se do fracasso do pai, ou traição, manteve-se fiel ao seu primeiro emprego num pequeno banco de St. Louis e, com trinta e muitos anos, seguro no seu modesto cargo de vice-presidente, casou com uma rapariga de boas famílias da região. Do casamento nascera um único filho. Quisera um rapaz e saíra-lhe uma rapariga, e isso fora mais uma desilusão que ele mal se dera ao trabalho de disfarçar. Tal como muitos homens que consideram o seu sucesso incompleto, o pai de Edith era extraordinariamente vaidoso e convencido da sua própria importância. De dez em dez minutos, ou de quinze em quinze, tirava um grande relógio de ouro do bolso do colete, olhava para ele e fazia um aceno de cabeça.

A Sr.^a Bostwick falava de si própria com menos frequência e de uma maneira menos direta, mas Stoner captou-a rapidamente. Era uma senhora sulista de um certo estereótipo. De uma família antiga e discretamente empobrecida, crescera com a presunção de que as circunstâncias de necessidade em que a família vivia eram inadequadas a alguém da sua categoria. Fora ensinada a esperar uma melhoria dessa condição, mas a tal melhoria nunca fora especificada ao pormenor. Aceitara o casamento com Horace Bostwick com aquela insatisfação que era tão comum nela e que fazia parte da sua personalidade e, à medida que os anos foram avançando, a insatisfação e a amargura agravaram-se, tão generalizadas e invasivas que nenhum remédio específico as podia mitigar. A sua voz era fina e aguda, e tinha uma nota de desespero que conferia um valor especial a cada palavra que proferia.

Já era tarde quando abordaram o assunto que os tinha reunido naquele dia.

Explicaram a Stoner o quão especial Edith era para eles, o quanto

desejavam a sua felicidade futura, os privilégios que ela tivera. Stoner ficou sentado, num constrangimento agoniado, esperando que as suas respostas fossem adequadas.

– Uma rapariga extraordinária – disse a Sr.^a Bostwick. – Tão sensível. – As rugas do seu rosto tornaram-se mais fundas e, com o seu velho azedume, disse: – Nenhum homem... ninguém pode compreender totalmente a delicadeza de... de...

– Sim – atalhou Horace Bostwick. E começou a interrogar Stoner sobre aquilo a que chamou as suas «perspetivas». Stoner respondeu o melhor possível; nunca pensara nas suas «perspetivas» antes e ficou surpreendido por parecerem tão pobres.

– E não tem... outros meios... – perguntou Bostwick – ... além da sua profissão?

– Não – respondeu Stoner.

O Sr. Bostwick abanou a cabeça, descontente.

– A Edith teve uma vida... privilegiada... compreende? Uma bela casa, criados, os melhores colégios. Pergunto-me se... tenho receio de que, com o decréscimo dos padrões que seria inevitável dada a sua... hum, condição... que... – a sua voz esmoreceu.

Stoner sentiu uma náusea subir por ele acima, e raiva. Esperou uns momentos antes de responder e esforçou-se por falar numa voz monocórdica e inexpressiva.

– Devo dizer-lhe, Sr. Bostwick, que não tinha pensado nessas questões materiais, antes. A felicidade da Edith é, claro está, a minha... Se pensa que a Edith seria infeliz, então eu tenho de... – fez uma pausa, procurando as palavras certas. Queria dizer ao pai de Edith que a amava, que tinha a certeza de que seriam felizes juntos, o tipo de vida que podiam ter. Mas não continuou. Captou no rosto de Horace Bostwick uma expressão tão clara de preocupação, desânimo e algo semelhante a medo, que o espanto o reduziu ao silêncio.

– Não – disse Horace Bostwick rapidamente, e a sua expressão desanuviou-se. – Não percebeu o que eu queria dizer. Estava simplesmente a tentar explicar-lhe as... dificuldades... que poderão surgir no futuro. Estou certo de que vocês, jovens, já conversaram sobre estas coisas e com certeza sabem o que querem. Respeito a vossa decisão e...

E o assunto ficou resolvido. Trocaram mais umas quantas palavras e a Sr.^a

Bostwick perguntou-se em voz alta onde é que Edith se teria metido aquele tempo todo. Chamou-a na sua voz estridente e, instantes depois, Edith apareceu na sala onde a esperavam. Não olhou para Stoner.

Horace Bostwick disse-lhe que ele e o «rapaz» dela tinham tido uma boa conversa e que o casalinho podia contar com a sua bênção. Edith fez um gesto de assentimento.

– Bom – disse a mãe –, temos de começar a fazer planos. Um casamento na primavera. Talvez em junho.

– Não – retorquiu Edith.

– O quê, querida? – perguntou a mãe com bonomia.

– Se é para avançar com isto – respondeu Edith –, então quero que seja depressa.

– A impaciência da juventude – comentou o Sr. Bostwick, e pigarreou. – Mas talvez a tua mãe tenha razão, querida. É preciso planear muita coisa, o que requer tempo.

– Não – repetiu Edith, e havia uma firmeza na sua voz que fez com que todos olhassem para ela. – Tem de ser em breve.

Fez-se silêncio. Depois, num tom surpreendentemente suave, o pai disse:

– Muito bem, querida. Como quiseres. Vocês, jovens, façam os vossos planos.

Edith acenou com a cabeça, murmurou qualquer coisa sobre uma tarefa que tinha de fazer e saiu da sala. Stoner só voltou a vê-la ao jantar, a que Horace Bostwick presidiu em majestoso silêncio. A seguir ao jantar, Edith tocou piano, mas tocou rigidamente e mal, com muitas falhas. Anunciou que não se estava a sentir bem e foi para o quarto.

No quarto de hóspedes, nessa noite, William Stoner não conseguiu dormir. Ficou a olhar espcado para a escuridão, interrogando-se sobre a estranheza que tinha invadido a sua vida e, pela primeira vez, pôs em causa a sensatez do que se preparava para fazer. Pensou em Edith e sentiu uma certa confiança na sua decisão. Depreendeu que todos os homens ficavam inseguros como lhe acontecera, de repente, e que provavelmente tinham as mesmas dúvidas.

Como o comboio de regresso a Columbia partia de manhã cedo, no dia seguinte, teve de se apressar depois do pequeno-almoço. Quis apanhar o elétrico para a estação, mas o Sr. Bostwick insistiu para que um dos criados o levasse no landau. Edith ficou de lhe escrever daí a uns dias com os planos do casamento. Stoner agradeceu aos Bostwicks e despediu-se deles; Edith e os

pais acompanharam-no à porta. Estava quase a chegar ao portão da entrada, quando ouviu passos a correr atrás de si. Virou-se. Era Edith. Ela deteve-se, muito hirta e alta, de rosto pálido, fitando-o nos olhos.

– Vou tentar ser uma boa esposa para ti, William – disse ela. – Vou tentar.

Ele apercebeu-se de que era a primeira vez que alguém dizia o seu nome desde que ali chegara.

Capítulo 4

Por motivos que se recusou a explicar, Edith não quis casar-se em St. Louis, por isso o casamento realizou-se em Columbia, na grande sala de estar de Emma Darley, onde tinham passado as primeiras horas juntos. Foi na primeira semana de fevereiro, assim que as aulas acabaram. Os Bostwicks apanharam o comboio em St. Louis e os pais de William, que ainda não conheciam Edith, deslocaram-se de carro, chegando no sábado à tarde, a véspera do casamento.

Stoner quis instalá-los num hotel, mas eles preferiram ficar em casa dos Footes, embora estes se tivessem tornado frios e distantes, desde que William deixara de trabalhar para eles.

– Nem saberia o que fazer num hotel – disse o pai, em tom sério. – E os Footes podem dar-nos guarida uma noite.

Nessa tarde, William alugou um cabriolé e levou os pais à cidade, a casa de Emma Darley, para poderem conhecer Edith.

A Sr.^a Darley recebeu-os à porta e lançou um olhar breve e embaraçado aos pais de William, convidando-os depois para entrarem para a sala. Os pais sentaram-se com todo o cuidado, como se tivessem medo de se mexer dentro das suas roupas novas e engomadas.

– Não sei porque é que a Edith está a demorar tanto – murmurou a Sr.^a Darley, passado um pouco. – Se me dão licença... – saiu da sala para ir buscar a sobrinha.

Passado muito tempo, Edith desceu as escadas; entrou na sala lentamente, relutantemente, com um misto de medo e provocação.

Puseram-se de pé e, durante vários instantes, os quatro ficaram constrangidos, sem saber o que dizer. Depois, Edith deu um passo em frente, hirta, e esticou a mão primeiro à mãe de William e, a seguir, ao pai.

– Como está – disse o pai formalmente, e soltou a mão dela, como se tivesse medo de a partir.

Edith olhou para ele, tentou sorrir e recuou.

– Sentem-se – disse. – Sentem-se, por favor.

Sentaram-se. William disse qualquer coisa. A sua própria voz pareceu-lhe tensa.

Num momento de silêncio, baixinho e como se estivesse a pensar em voz alta, a mãe disse:

– Oh, é tão bonita, não é?

William riu-se um nadinha e disse suavemente:

– É, sim, senhora.

Conseguiram falar mais à vontade, então, embora se entreolhassem fugazmente e depois pousassem os olhos nos cantos distantes da sala. Edith murmurou que estava contente por os conhecer e lamentava isso não ter acontecido mais cedo.

– E quando nos instalarmos... – fez um pausa, e William perguntou-se se iria terminar a frase. – E quando nos instalarmos, têm de vir visitar-nos.

– Muito obrigada pela gentileza – respondeu a mãe.

A conversa prosseguiu, mas interrompida por longos silêncios. O nervosismo de Edith agravou-se, tornou-se mais notório, e por uma ou duas vezes não respondeu a uma pergunta que alguém lhe fez. William pôs-se de pé e a mãe, lançando um olhar nervoso em redor, seguiu-lhe o exemplo. O pai, porém, não se levantou. Olhou diretamente para Edith e manteve os olhos fixos nela muito tempo.

Por fim, disse:

– O William foi sempre um bom rapaz. Ainda bem que ele arranjou uma bela mulher. Um homem precisa duma mulher pra cuidar dele e o reconfortar. Trate bem do William. Ele merece alguém que o trate bem.

A cabeça de Edith deu um esticão, refletindo o choque que sentiu; arregalou os olhos e, por um instante, William pensou que ela estava irritada. Mas não. O pai e Edith fitaram-se durante muito tempo, sem desviarem os olhos.

– Vou tentar, Sr. Stoner – respondeu Edith. – Vou tentar.

Depois, o pai pôs-se de pé, fez um desajeitado cumprimento de cabeça e disse:

– Está a fazer-se tarde. É melhor irmos andando. – E encaminhou-se para a porta com a mulher, morena, franzina e sem formas, ao seu lado, deixando Edith e o filho juntos.

Edith não disse nada, mas, quando William se virou para se despedir, viu

que ela tinha os olhos rasos de lágrimas. Baixou-se para a beijar e sentiu a força frágil dos dedos esguios dela nos seus braços.

A luz límpida e fria da tarde de fevereiro entrava na diagonal pelas janelas da frente da casa dos Darley e era quebrada pelas figuras que se moviam no salão. Os pais de Stoner estavam curiosamente sozinhos a um canto da sala; os Bostwicks, que tinham chegado havia apenas uma hora, no comboio da manhã, encontravam-se perto deles, sem os fitarem; Gordon Finch andava pesada e ansiosamente de um lado para o outro, como se estivesse encarregado de alguma coisa; havia umas quantas pessoas, amigos de Edith ou dos pais, que Stoner não conhecia. Ouviu a sua própria voz falar com este e com aquele, sentiu os seus lábios a sorrir, mas as vozes que lhe respondiam pareceram-lhe abafadas por camadas de tecido grosso.

Gordon Finch surgiu ao seu lado; tinha o rosto suado, a brilhar em contraste com o fato escuro. Sorriu nervosamente.

– Estás pronto, Bill?

Stoner sentiu a cabeça fazer que sim.

– O condenado tem um último pedido? – perguntou Finch.

Stoner sorriu e abanou a cabeça.

Finch deu-lhe uma palmada no ombro.

– Fica junto de mim e faz o que eu mandar, está tudo sob controlo. A Edith vai descer daqui a uns minutos.

Perguntou-se se se lembraria disso depois de terminada a cerimónia; tudo lhe parecia um borrão, como se visse as coisas através de uma neblina. Ouviu a sua voz perguntar a Finch:

– O padre... ainda não o vi. Ele já chegou?

Finch riu-se e abanou a cabeça, dizendo qualquer coisa. Depois, um burburinho percorreu a sala. Edith vinha a descer as escadas.

Com o seu vestido branco, parecia uma luz fria a entrar na sala. Stoner avançou automaticamente para ela e sentiu a mão de Finch no braço, retendo-o. Edith estava pálida, mas deu-lhe um leve sorriso. Daí a nada, estava ao seu lado e caminhavam juntos. Um desconhecido de colarinho clerical encontrava-se diante deles; era baixo e gordo e tinha um rosto indefinido. Murmurava palavras e olhava para um livro branco que tinha nas mãos. William conseguia ouvir a sua voz responder. Sentiu Edith a tremer ao seu

lado.

Seguiu-se um longo silêncio e novamente um burburinho e risos. Alguém disse: «Beija a noiva!» Stoner sentiu que o viravam e deu de caras com Finch, sorridente. Stoner sorriu para Edith, cujo rosto pairava diante do seu, desfocado, e beijou-a; os lábios dela estavam tão secos como os seus.

Sentiu que lhe davam apertos de mão e palmadas nas costas, ao som de gargalhadas; a sala estava em alvoroço. Chegaram mais pessoas. Uma grande tigela de vidro com ponche parecia ter aparecido em cima de uma mesa comprida, numa ponta da sala. Havia um bolo. Alguém uniu as mãos dele e as de Edith; havia uma faca; ele percebeu que devia guiar a mão dela, enquanto cortava o bolo.

Depois, separou-se de Edith e perdeu-a na multidão. Deu por si a falar e a rir e a fazer que sim com a cabeça e a olhar em redor da sala em busca de Edith. Viu os pais parados no mesmo canto da sala, de onde ainda não se tinham mexido. A mãe sorria e o pai tinha a mão desajeitadamente pousada no ombro dela. Fez menção de ir ter com eles, mas não conseguiu interromper a pessoa que estava a falar consigo.

Foi então que viu Edith. Estava com os pais e a tia. O pai, com o rosto ligeiramente franzido, observava a sala como se estivesse impaciente com ela, e a mãe chorava, de olhos vermelhos e inchados, acima das maçãs do rosto pesado, e a boca com os cantos descaídos como uma criança. A Sr.^a Darley e Edith abraçavam-na; a Sr.^a Darley falava com ela, muito depressa, como que tentando explicar alguma coisa. Mas, mesmo da outra ponta da sala, William conseguiu perceber que Edith estava calada; o seu rosto era uma máscara, inexpressivo e branco. Passado um instante, levaram a Sr.^a Bostwick para fora da sala e William só voltou a ver Edith no fim do copo-d'água, quando Gordon Finch lhe sussurrou qualquer coisa ao ouvido, o conduziu para uma porta lateral que abria para um jardimzinho e o empurrou lá para fora. Edith estava à sua espera, agasalhada para se proteger do frio, com a gola levantada de tal maneira que ele não conseguiu ver-lhe o rosto. Gordon Finch, rindo e dizendo palavras que William não conseguia perceber, apressou-os por um carreiro abaixo até à rua, onde uma caleche coberta os esperava para os levar à estação. Foi só depois de estarem no comboio com destino a St. Louis, onde passariam uma semana em lua-de-mel, que William Stoner percebeu que a cerimónia já acabara e que tinha uma esposa.

Chegaram ao casamento inocentes, mas inocentes de maneiras completamente diferentes. Eram ambos virgens e tinham ambos a noção da sua inexperiência, mas, enquanto William, que fora criado numa quinta, estava habituado aos processos naturais da vida, estes eram profundamente misteriosos para Edith e apanharam-na de surpresa. Não sabia nada sobre eles e havia qualquer coisa dentro dela que *não* queria saber nada sobre eles.

E, portanto, como aconteceu com tantos outros, a sua lua-de-mel foi um fracasso; recusaram-se, porém, a admitir isso perante eles próprios e só perceberam o significado desse fracasso passado muito tempo.

Chegaram a St. Louis no domingo à noite. No comboio, rodeados de desconhecidos que os fitavam com curiosidade e aprovação, Edith mostrara-se animada e quase alegre. Riram juntos e deram as mãos e falaram dos dias vindouros. Assim que chegaram à cidade, e quando William conseguiu arranjar uma carruagem para os levar ao hotel, já a alegria de Edith se tornara ligeiramente histérica.

Com ela meio ao colo, a rir, Stoner transpôs a entrada do Hotel Ambassador, uma estrutura enorme de pedra castanha. O átrio estava praticamente deserto e era escuro e pesado como uma caverna. Edith sossegou abruptamente e vacilou ao lado dele, enquanto atravessavam o chão imenso até à receção. Quando chegaram ao quarto, ela estava quase fisicamente doente; tremia como se estivesse com febre e os lábios estavam azuis e a pele branca como a cal. William queria chamar um médico, mas ela insistiu que estava simplesmente cansada e só precisava de repouso. Falaram em tom grave sobre as pressões daquele dia e Edith deu a entender que sofria de uma certa fragilidade que a incomodava de quando em quando. Murmurou, mas sem olhar para ele e sem entoação na voz, que queria que as suas primeiras horas juntos fossem perfeitas.

E William disse:

– E são... serão. Agora é melhor descansares. O nosso casamento começará amanhã.

E tal como outros homens acabadinhos de casar, de quem ele ouvira falar e à custa dos quais fizera piadas numa ou noutra ocasião, William passou a noite de núpcias separado da mulher, o seu comprido corpo enroscado num pequeno sofá, hirtos e insone, de olhos abertos a ver as horas passar.

Acordou cedo. A suíte, reservada e paga pelos pais de Edith como prenda de casamento, ficava no décimo andar e tinha uma vista imponente sobre a

cidade. Ele chamou Edith baixinho e, minutos depois, ela saiu do quarto, apertando o cinto do roupão, bocejando ensonada, sorrindo ao de leve. William sentiu o seu amor por ela apertar-lhe a garganta; pegou-lhe na mão e postaram-se diante da janela da sala. Observaram os automóveis, peões e carruagens que passavam nas ruas estreitas lá em baixo e sentiram-se distantes do frenesim da humanidade e das suas conquistas. Ao longe, visível para lá dos edifícios quadrados de tijolo e pedra, o caudal castanho-azulado do rio Mississípi serpenteava sob o sol matinal; os barcos e rebocadores que deslizavam para cima e para baixo nas suas curvas apertadas eram como brinquedos, embora as suas chaminés soltassem grandes quantidades de fumo cinzento para o ar invernal. Uma sensação de calma assolou-o; envolveu a mulher com um braço e puxou-a ao de leve para si, e contemplaram ambos um mundo que parecia cheio de promessas e discretas aventuras.

Tomaram o pequeno-almoço cedo. Edith parecia revigorada, completamente recobrada da sua indisposição da noite anterior; estava quase alegre, outra vez, e olhou para William com uma intimidade e um carinho que ele julgou serem de gratidão e amor. Não falaram da noite anterior; de vez em quando, Edith olhava para a sua aliança nova e ajustava-a no dedo.

Agasalharam-se para se protegerem do frio e percorreram as ruas de St. Louis, que começavam a encher-se de gente; viram as montras, falaram do futuro e conversaram seriamente sobre como iriam preenchê-lo. William recuperou aos poucos o à-vontade e a fluência que descobrira, quando começara a cortejar aquela mulher que se tornara sua esposa. Edith agarrou-se-lhe ao braço e pareceu escutar o que ele dizia como nunca antes tinha feito. Tomaram um café a meio da manhã, numa pequena pastelaria acolhedora, e viram os transeuntes apressar o passo para fugirem do frio. Arranjaram uma carruagem e foram ao Museu de Belas-Artes. De braço dado, atravessaram as salas altas, por entre o brilho da luz refletida pelos quadros. No sossego, no aconchego, no ar que adquiria uma espécie de intemporalidade causada pelas telas e as estátuas antigas, William Stoner sentiu uma descarga de afeto pela rapariga alta e frágil que caminhava ao seu lado e sentiu uma paixão serena subir por si acima, quente e formalmente sensual, como as cores que se destacavam nas paredes à sua volta.

Quando se foram embora, ao fim da tarde, o céu estava enevoadado e caía

uma chuva fraca, mas William Stoner carregava dentro de si o calor que recolhera no museu. Voltaram para o hotel pouco depois do pôr do sol. Edith foi para o quarto descansar e William ligou para a recepção a encomendar um jantar ligeiro, a ser servido na suíte; tomado por uma súbita inspiração, desceu ao bar e pediu para porem uma garrafa de champanhe no gelo e lha levarem daí a uma hora. O empregado do bar fez um sorumbático sinal de assentimento e disse-lhe que, infelizmente, o champanhe não seria bom. Até ao dia 1 de julho, a Lei Seca seria instaurada a nível nacional; já era ilegal fabricar e destilar bebidas alcoólicas e a cave do hotel não tinha mais de cinquenta garrafas de champanhe. E teria de cobrar mais do que o champanhe valia. Stoner sorriu e disse que não tinha mal.

Embora, em ocasiões especiais de celebração, em casa dos pais, Edith tivesse tomado um copo de vinho, nunca tinha provado champanhe. Enquanto jantavam, instalados a uma mesinha quadrada na sala de estar da suíte, ela olhou nervosamente para a estranha garrafa no balde de gelo. Duas velas brancas em castiçais de latão baço reluziam tremulamente na escuridão; William apagara as outras luzes. As velas cintilavam entre eles, enquanto conversavam, e a luz incidia nas curvas da garrafa escura e refletia no gelo que a rodeava. Estavam ambos nervosos e cautelosamente alegres.

Com dedos inexperientes, ele tirou a rolha do champanhe. Edith saltou ao ouvir o estrépito. A espuma branca jorrou do gargalo e encharcou a mão de William. Riram-se da falta de jeito dele. Beberam uma taça de champanhe e Edith fingiu que estava ligeiramente tonta. Beberam mais uma taça. William julgou ver uma languidez apoderar-se dela, um sossego tomar-lhe conta do rosto, um ar pensativo escurecer-lhe os olhos. Levantou-se e passou por trás dela, que continuava sentada à mesinha quadrada; pousou-lhe as mãos nos ombros, espantando-se com a grossura e peso dos seus dedos sobre a fragilidade da carne e osso de Edith. Ela ficou tensa ao sentir o toque e William deslizou as mãos suavemente de cada lado do pescoço fino e deixou-as roçar no cabelo fino arruivado; o pescoço dela ficou hirto, os tendões vibrantes de tensão. Baixou as mãos para os braços dela e ergueu-a lentamente da cadeira; virou-a de frente para si. Os olhos de Edith, grandes, claros e quase transparentes à luz da vela, fitaram-no, inexpressivos. William sentiu uma proximidade distante e pena daquele seu ar indefeso; o desejo tornou-se-lhe tão espesso na garganta que ele não conseguia falar. Puxou-a ligeiramente para o quarto, sentindo o corpo dela resistir de imediato e

sentindo, ao mesmo tempo, um contrariar deliberado dessa resistência.

Deixou a porta do quarto às escuras aberta; a luz das velas brilhava tenuemente na escuridão. Murmurou como que para a reconfortar e sossegar, mas as palavras foram abafadas e ele próprio não as conseguia ouvir. Pousou as mãos no corpo dela e procurou desajeitadamente os botões que a abriam. Ela afastou-o, impassível; tinha os olhos fechados na penumbra e os lábios tensos. Virou-lhe as costas e, com um movimento rápido, desapertou o vestido, que lhe caiu, amarrotado, aos pés. Os braços e os ombros ficaram nus; ela estremeceu de frio e, numa voz inexpressiva, disse:

– Vai para a sala. Eu despacho-me num minuto.

Ele tocou-lhe nos braços e encostou-lhe os lábios ao ombro, mas ela não se virou.

Na sala, William observou as velas que tremeluziam sobre os restos do jantar, entre os quais se encontrava a garrafa de champanhe, ainda quase cheia. Serviu-se de uma taça e provou a bebida; estava quente e adocicada.

Quando voltou para o quarto, Edith estava na cama com as cobertas puxadas até ao queixo, o rosto virado para o teto, os olhos fechados, uma ruga fina na testa. Silenciosamente, como se ela estivesse a dormir, Stoner despiu-se e enfiou-se na cama ao lado dela. Durante um tempo, ficou deitado com o seu desejo, que se tornara uma coisa impessoal, que lhe pertencia exclusivamente. Falou com Edith, como que para arranjar um porto de abrigo para o que sentia; ela não respondeu. Pousou a mão no corpo dela e, por baixo do tecido fino da camisa de noite, sentiu a carne por que tanto ansiara. Moveu a mão; ela não se mexeu e a sua ruga tornou-se mais funda. Ele falou novamente, dizendo o nome dela no silêncio. Depois, moveu o corpo para cima do dela, suavemente apesar da falta de jeito. Quando lhe tocou na macieza das coxas, Edith virou a cabeça abruptamente para o lado e levantou o braço para cobrir os olhos, reduzida a uma mudez total.

No fim, ele deitou-se ao lado dela e falou-lhe, imerso na serenidade do seu amor. Edith, de olhos abertos, fitou-o intensamente das sombras; o seu rosto estava destituído de toda e qualquer expressão. De repente, ela atirou as cobertas para trás e precipitou-se para a casa de banho. Ele viu a luz acender-se e ouviu-a vomitar ruidosa e dolorosamente. Chamou-a e atravessou o quarto; a porta da casa de banho estava trancada. Chamou-a novamente; ela não respondeu. Ele voltou para a cama e esperou por ela. Após vários minutos de silêncio, a luz da casa de banho apagou-se e a porta abriu-se.

Edith saiu e dirigiu-se para a cama, tensa.

– Foi do champanhe – disse ela. – Não devia ter bebido a segunda taça.

Puxou as cobertas para o corpo e virou as costas a William; daí a instantes, a sua respiração tornou-se regular e pesada. Adormecera.

Capítulo 5

Regressaram a Columbia dois dias antes do que tinham planeado; inquietos e tensos por causa do seu isolamento, foi como se estivessem juntos numa prisão. Edith disse que deviam voltar para Columbia, para que William se preparasse para as aulas e ela comesse a arrumar as coisas de ambos no novo apartamento. Stoner concordou de imediato e disse para si próprio que as coisas melhorariam assim que estivessem numa casa sua, entre pessoas conhecidas e num ambiente familiar. Arrumaram as malas nessa tarde e apanharam o comboio para Columbia nessa mesma noite.

Nos dias confusos e apressados que antecederam o casamento, Stoner arranjara um apartamento vazio num primeiro andar, numa velha casa tipo celeiro, a cinco quarteirões da universidade. Era escuro e austero, com um pequeno quarto, uma cozinha minúscula e uma sala de estar enorme com janelas altas. Fora em tempos ocupado por um artista, um professor da universidade, que era tudo menos arrumado; as tábuas do soalho, largas e escuras, estavam salpicadas de amarelos, azuis e vermelhos brilhantes, e as paredes manchadas de tinta e sujidade. Stoner achava a casa romântica e espaçosa e julgou que era um bom lugar para se começar uma vida nova.

Edith mudou-se para o apartamento como se este fosse um inimigo a conquistar. Embora não estivesse habituada a tarefas que exigissem esforço físico, raspou a maior parte da tinta do soalho e das paredes e esfregou a sujidade que achava que se escondia em todos os cantos; ficou com bolhas nas mãos e o rosto tenso, com olheiras escuras. Quando Stoner tentou ajudá-la, ela bateu o pé, de lábios cerrados, e abanou a cabeça: ele precisava de tempo para estudar, disse, aquele trabalho cabia-lhe a *ela*. Quando ele impôs a sua ajuda, ela quase amuou, sentindo-se humilhada. Desconcertado e impotente, ele retirou a sua ajuda e observou-a, soturno, enquanto Edith continuava a esfregar desajeitadamente os soalhos e as paredes reluzentes, a fazer cortinas e a pendurá-las atabalhoadamente nas janelas altas, a consertar e pintar e repintar os móveis usados que tinham começado a acumular.

Embora inepta, ela trabalhava com uma ferocidade silenciosa e intensa, de maneira que, quando William chegava a casa da universidade, à tarde, ela estava exausta. Edith arrastava-se para a cozinha, para preparar o jantar, comia umas quantas garfadas e depois, com um murmúrio, enfiava-se no quarto, onde dormia como uma pessoa sedada até ao dia seguinte, acordando depois de William ter saído para as aulas.

No espaço de um mês já ele tinha percebido que o seu casamento era um fracasso; no espaço de um ano, deixou de ter esperança de que as coisas melhorassem. Aprendeu o silêncio e não insistiu no seu amor. Se falava com ela ou lhe tocava com ternura, ela desviava-se e retraía-se, muda, abnegada e, nos dias que se seguiam, levava-se a novos limites de exaustão. Por uma casmurrice não assumida que os caracterizava a ambos, continuavam a partilhar a cama. Por vezes, à noite, enquanto dormia, ela aproximava-se dele, sem querer. E por vezes, nessas alturas, a determinação e a lucidez dele desmoronavam diante do amor que sentia e movia-se em cima dela. Quando estava suficientemente desperta, Edith retesava-se, ficava hirta, virando a cabeça de lado num gesto familiar e enterrando-a na almofada, suportando a violação; nessas alturas, Stoner fazia amor o mais depressa possível, odiando-se pela sua pressa e arrependendo-se do seu ardor. Com menos frequência, acontecia ela ficar meio entorpecida de sono; nesses momentos, era passiva e murmurava ensonadamente, se em sinal de protesto ou de surpresa, ele não sabia. Stoner deu por si desejoso desses momentos raros e imprevisíveis, porque, nessa aquiescência ensonada, ele podia fingir para si próprio que encontrava uma espécie de resposta.

Não podia falar com Edith sobre o que julgava ser a infelicidade dela. Sempre que o tentava fazer, ela encarava o que ele dizia como um reflexo de si própria e da sua insuficiência, e tornava-se tão apática e retraída como quando ele fazia amor. Stoner atribuía a frieza dela ao facto de ele próprio ser um trapalhão e assumia a responsabilidade pelos sentimentos da sua mulher.

Com uma silenciosa implacabilidade que advinha do seu desespero, experimentou várias maneiras de lhe agradar. Trazia-lhe prendas, que ela aceitava com indiferença, comentando por vezes ao de leve o dinheiro que ele gastara; levava-a a passear a pé ou a fazer piqueniques na floresta à volta de Columbia, mas ela cansava-se facilmente e por vezes adoecia; falava-lhe do seu trabalho, como fizera durante o namoro, mas o interesse dela tornara-se mecânico e complacente.

Por fim, apesar de saber que ela era tímida, insistiu para que comesçassem a receber pessoas em casa. Organizaram um lanche informal para o qual convidaram alguns leitores e assistentes mais novos do departamento e deram vários jantares. Edith nunca mostrava se estava contente ou descontente, mas os seus preparativos eram tão frenéticos e obsessivos que, quando os convidados chegavam, já ela estava meio histérica da pressão e do cansaço, embora ninguém, a não ser William, se apercebesse propriamente disso.

Edith era uma boa anfitriã. Conversava com os convidados com tal animação e à-vontade que a faziam parecer uma desconhecida aos olhos de William. Falava com ele na presença de terceiros com uma intimidade e um carinho que o surpreendiam sempre. Tratava-o por Willy, o que o comovia estranhamente e, por vezes, pousava uma mão suavemente no ombro dele.

Mas quando os convidados se iam embora, a fachada ruía e revelava a frustração dela. Edith falava amargamente dos convidados, imaginando obscuros insultos e ofensas; enumerava baixinho e desesperadamente o que considerava terem sido falhas imperdoáveis da sua parte; sentava-se muito quieta e pensativa no caos que os convidados tinham deixado para trás e recusava-se a sair do seu transe, dando respostas curtas e pesarosas a William, numa voz monocórdica e inexpressiva.

A fachada só tinha rachado uma vez na presença de convidados.

Meses depois do casamento de Stoner e Edith, Gordon Finch ficara noivo de uma rapariga que conhecera por acaso, quando estava em Nova Iorque, e cujos pais viviam em Columbia. Finch fora nomeado para o cargo permanente de subdiretor da faculdade e estava subentendido que, quando Josiah Claremont morresse, Finch seria um dos primeiros a ser considerado para o posto de diretor. Com um certo atraso, Stoner convidou-o, a ele e à noiva, para jantar, de modo a celebrarem o novo cargo de Finch e o anúncio do noivado.

Eles chegaram antes de cair a noite, num entardecer quente do final de maio, num automóvel preto novinho em folha que soltou uma série de explosões, quando Finch o estacionou destramente na rua empedrada em frente à casa de Stoner. Buzinou e acenou alegremente até William e Edith descerem as escadas. Uma rapariga franzina e morena, com um rosto redondo e sorridente, estava sentada ao lado dele.

Ele apresentou-a – Caroline Wingate – e os quatro conversaram um instante, enquanto Finch a ajudava a sair do carro.

– Então, gostam? – perguntou Finch, dando um murro no para-choques com o punho fechado. – É lindo, não é? É do pai da Caroline. Ando a pensar comprar um igualzinho, por isso... – a voz esmoreceu e ele estreitou os olhos; olhou para o automóvel com ar pensativo e frio, como se fosse o futuro.

Depois, retomou a jovialidade e a animação. Fingindo um grande secretismo, levou o dedo indicador aos lábios, a brincar, olhou furtivamente em redor e tirou um grande saco de papel pardo do banco da frente do carro.

– Cervejola clandestina – sussurrou. – Acabadinha de sair da calha. Protege-me a retaguarda, meu amigo; talvez consigamos chegar a casa.

O jantar correu bem. Finch mostrou-se afável como não fazia há anos. Stoner lembrou-se de Finch, Dave Masters e ele próprio sentados, numa daquelas tardes distantes de sexta-feira a seguir às aulas, a beber cerveja e a conversar. A noiva, Caroline, pouco disse; sorria, feliz, enquanto Finch brincava e piscava o olho. Stoner sentiu uma espécie de choque e inveja, quando percebeu que Finch gostava genuinamente daquela rapariga morena e bonita e que o silêncio dela se devia a um carinho e enlevo por ele.

Até Edith perdeu, em parte, o seu ar tenso e sob pressão; sorriu amiúde e o seu riso foi espontâneo. Finch tratou-a com modos familiares e jocosos, e Stoner apercebeu-se de que ele próprio, que era o marido dela, nunca a conseguiria tratar assim; e Edith pareceu-lhe mais feliz do que nunca nos últimos meses.

Depois do jantar, Finch foi buscar o saco de papel pardo à geladeira, onde o colocara antes para esfriar, e tirou dele uma série de garrafas castanho-escuras. Era um álcool caseiro que ele fizera com grande secretismo e cerimónia na despensa do seu apartamento de solteiro.

– Não há espaço para as minhas roupas – disse ele –, mas um homem tem de preservar os seus valores.

Cuidadosamente, de olhos semicerrados, com a luz a brilhar-lhe na pele clara e no cabelo louro cada vez mais ralo, como um químico a medir uma substância rara, Finch serviu a cerveja nos copos.

– É preciso cuidado com isto – disse ele. – Ganha muito depósito no fundo e, se a vertermos demasiado depressa, o sedimento passa para o copo.

Beberam um copo de cerveja, cada um, dando os parabéns a Finch pelo gosto da bebida. Era, de facto, surpreendentemente boa, fresca e leve, e com uma bela cor. Até Edith bebeu o copo todo e serviu-se de um segundo.

Ficaram ligeiramente embriagados; riam-se de tudo e de nada, e com

pieguice, vendo-se uns aos outros a uma nova luz.

Erguendo o copo para a luz, Stoner disse:

– Será que o Dave teria gostado desta cerveja?

– O Dave? – repetiu Finch.

– O Dave Masters. Lembras-te de como ele adorava cerveja?

– O Dave Masters – disse Finch. – Coitado do Dave. Que pena.

– Masters – disse Edith, sorrindo indefinidamente. – Não foi esse teu amigo que morreu na guerra?

– Foi – respondeu Stoner. – Foi esse mesmo. – A velha tristeza assolou-o, mas sorriu para Edith.

– Coitado do Dave – repetiu Finch. – Edith, o teu marido, o Dave e eu costumávamos beber à grande... muito antes de ele te ter conhecido, claro. Coitado do Dave...

Sorriram, recordando David Masters.

– Ele era um bom amigo vosso? – perguntou Edith.

Stoner fez que sim com a cabeça.

– Era um bom amigo.

– Château-Thierry. – Finch bebeu a cerveja de um trago. – A guerra é um inferno. – Abanou a cabeça. – Mas o coitado do Dave... Provavelmente está a rir-se de nós em algum lugar, neste preciso momento. Não estaria a sentir pena de si próprio. Será que ele chegou a visitar a França como deve ser?

– Não sei – disse Stoner. – Foi morto pouquíssimo tempo depois de lá chegar.

– É uma pena, se não visitou. Sempre achei que foi essa uma das razões que o fez alistar-se. Para visitar a Europa.

– A Europa – disse Edith claramente.

– É – respondeu Finch. – O velho Dave não queria muita coisa, mas, de facto, queria visitar a Europa antes de morrer.

– Eu estive para visitar a Europa, em tempos – comentou Edith. Sorria e os seus olhos brilhavam desamparadamente. – Lembras-te, Willy? Estava para ir com a minha tia Emma, pouco tempo antes de nos casarmos. Lembras-te?

– Lembro – respondeu Stoner.

Edith riu-se asperamente e abanou a cabeça como se estivesse desconcertada.

– Parece que foi há tanto tempo, mas não foi. Há quanto tempo foi, Willy?

– Edith... – disse Stoner.

– Vejamos, estávamos para ir em abril. E depois passou um ano. E agora estamos em maio. Eu teria... – de repente, os olhos encheram-se-lhe de lágrimas, apesar de continuar a sorrir com um brilho inalterável. – Acho que agora nunca lá hei de ir. Daqui a nada, a tia Emma morre e eu nunca vou ter a oportunidade de...

Depois, com o sorriso ainda a esticar-lhe os lábios e as lágrimas a escorrerem-lhe dos olhos, começou a soluçar. Stoner e Finch ergueram-se das cadeiras.

– Edith – disse Stoner, impotente.

– Oh, deixem-me em paz! – Com um estranho movimento de contorção, ela levantou-se diante deles, os olhos apertados, os punhos enfiados nas ancas. – Todos vocês! Deixem-me em paz! – E, virando-se, foi aos tropeções para o quarto, batendo com a porta atrás de si.

Por um instante, ninguém disse nada; ficaram a ouvir o som abafado dos soluços de Edith. Depois, Stoner falou:

– Peço que a desculpem. Ela tem andado cansada e em baixo. A pressão...

– Claro, eu sei o que isso é, Bill. – Finch soltou uma gargalhada fútil. – Mulheres! Acho que, em breve, terei *eu* de me habituar a isso. – Olhou para Caroline, riu-se novamente e baixou a voz. – Bom, vamos deixar a Edith sossegada, agora. Agradece-lhe em nosso nome, diz-lhe que foi uma bela refeição, e vocês têm de ir visitar-nos assim que nos instalarmos.

– Obrigado, Gordon – disse Stoner. – Eu dou-lhe o recado.

– E *não* te preocupes – serenou-o Finch, dando-lhe um soco no braço. – Estas coisas acontecem.

Quando Gordon e Caroline se foram embora, depois de ouvir o carro novo a afastar-se, rugindo e estrepitando na escuridão da noite, William Stoner postou-se a meio da sala de estar a ouvir os soluços secos e ininterruptos de Edith. Era um som estranhamente neutro e sem emoção, e prolongou-se como se fosse durar para sempre. Queria reconfortá-la, queria apaziguá-la, mas não sabia o que dizer. Por isso ficou parado, à escuta, e depois, percebeu que nunca antes tinha ouvido Edith a chorar.

Depois do serão desastroso com Gordon Finch e Caroline Wingate, Edith ficou mais calma do que nunca, desde o dia em que se casaram, e quase parecia satisfeita com a vida que levava, mas não queria receber ninguém em

casa e mostrava-se relutante em sair do apartamento. Stoner fazia a maior parte das compras, servindo-se das listas que Edith redigia numa escrita curiosamente diligente e infantil, em folhinhas de papel azul. Era quando estava sozinha que parecia mais feliz; sentava-se horas a fio a fazer ponto de cruz ou a bordar toalhas de mesa e guardanapos, com um sorrisinho introspectivo nos lábios. A tia Emma Darley começou a visitá-la com uma frequência crescente. Quando William voltava da universidade, à tarde, encontrava-as muitas vezes juntas, a beber chá e a conversar tão baixinho que mais parecia estarem a sussurrar. Cumprimentavam-no sempre educadamente, mas William sabia que o viam com pesar; a Sr.^a Darley raramente ficava mais do que uns minutos depois de ele chegar a casa. Ele aprendeu a encarar com um olhar delicado e não invasivo o mundo em que Edith começara a viver.

No verão de 1920, Stoner passou uma semana com os pais, que não via desde o casamento, enquanto Edith visitava a família em St. Louis.

Trabalhou nos campos um dia ou dois, a ajudar o pai e o empregado negro, mas a sensação dos torrões quentes e húmidos debaixo dos pés e o cheiro da terra acabada de revolver não evocaram nele qualquer sentimento de regresso ou familiaridade. Voltou para Columbia e entreteve-se o resto do verão a preparar uma nova cadeira que ia ensinar no ano letivo seguinte. Passava a maior parte do dia na biblioteca e às vezes regressava a casa, para junto de Edith, ao fim do dia, por entre o pesado cheiro doce a madressilva que pairava no ar quente e as folhas delicadas dos cornizos que restolhavam e se reviravam, fantasmagóricas, na escuridão. Os olhos ardiam-lhe da concentração com que lia os textos na penumbra, a sua mente estava sobrecarregada com tudo o que observava e os seus dedos eram percorridos por um formigueiro causado pelo toque prolongado do couro antigo e do papel. Mas estava aberto para o mundo que atravessava e sentia uma certa alegria nisso.

Umas quantas caras novas apareceram nas reuniões do departamento, enquanto alguns rostos familiares já lá não estavam; e Archer Sloane continuou o lento declínio de que Stoner começara a aperceber-se durante a guerra. As mãos tremiam-lhe, era incapaz de se concentrar no que dizia. O departamento avançava graças ao esforço contínuo que apostava na sua tradição e ao simples facto de existir.

Stoner dedicou-se às aulas febrilmente e com uma intensidade que

espantou alguns dos elementos mais novos do departamento e causaram uma certa preocupação nos colegas que o conheciam há mais tempo. O seu rosto tornou-se macilento, emagreceu e os ombros curvados tornaram-se mais acentuados. No segundo semestre desse ano, aceitou uma carga horária suplementar a troco de um aumento de salário e, pelos mesmos motivos, deu também aulas ao novo curso de verão. Tinha a vaga intenção de poupar dinheiro suficiente para viajar para o estrangeiro, de modo a poder mostrar a Edith a Europa de que ela desistira por sua causa.

No verão de 1921, procurando uma referência de um poema latino de que já não se lembrava, olhou pela primeira vez para a sua tese desde que a entregara, havia três anos; leu-a de fio a pavio e achou-a consistente. Um nadinha assustado com a sua presunção, pensou em reescrevê-la em forma de livro. Embora estivesse novamente a dar aulas ao curso de verão a tempo inteiro, releu a maior parte dos textos que tinha usado e começou a aprofundar a sua investigação. No final de janeiro, decidiu que era possível publicar a tese como um livro; no início da primavera, já estava suficientemente adiantado para conseguir escrever as primeiras páginas hesitantes.

Foi na primavera desse mesmo ano que Edith lhe anunciou, calmamente e quase indiferente, que tinha decidido ter um filho.

A decisão surgiu de repente e sem origem aparente, de maneira que, quando ela a anunciou numa manhã, ao pequeno-almoço, uns minutos antes de William sair de casa para ir dar a primeira aula, falou quase com surpresa na voz, como se tivesse acabado de fazer uma descoberta.

– O quê? – disse William. – O que é que disseste?

– Quero um bebé – respondeu Edith. – Acho que quero ter um bebé. – Estava a morder uma torrada. Limpou a boca com a ponta de um guardanapo e sorriu fixamente. – Achas que não devíamos ter um bebé? – perguntou. – Estamos casados há quase três anos.

– Claro que sim – respondeu William. Pousou a chávena com todo o cuidado no pires, sem olhar para Edith. – Tens a certeza? Nunca falámos sobre isso. Não quero que tu...

– Oh, sim – disse ela. – Tenho a certeza. Acho que devíamos ter um filho.

William olhou para o relógio.

– Estou atrasado. Quem me dera que tivéssemos mais tempo para conversar. Quero que tenhas a certeza.

Uma rugazinha surgiu entre os olhos dela.

– Eu disse-te que tenho a certeza. Será que *tu* é que não queres? Porque é que não paras de me perguntar a mim? Não me apetece falar mais sobre isso.

– Está bem – anuiu William. Ficou sentado a olhar para ela uns instantes. – Tenho de ir. – Mas não se mexeu. Depois, desajeitadamente, pousou a mão sobre os dedos compridos de Edith, que estavam assentes na toalha de mesa, e manteve-a assim até ela afastar a mão. William levantou-se, contornou Edith, quase timidamente, e pegou nos seus livros e papéis. Como fazia sempre, ela foi à sala esperar que ele saísse. Ele beijou-a na face... um gesto que não fazia há muito. À porta, virou-se e disse: – Fico... fico feliz por queres um filho, Edith. Eu sei que em certos aspetos o nosso casamento tem sido uma desilusão para ti. Espero que isto mude as coisas entre nós.

– Sim – disse Edith. – Vais chegar atrasado às aulas. É melhor despachares-te.

Depois de ele sair, Edith ficou uns minutos a meio da sala, de olhos postos na porta fechada, como que a tentar lembrar-se de alguma coisa. Depois, mexeu-se, irrequieta, andando de um lado para o outro, movendo-se dentro da roupa como se não suportasse o seu restolhar e o toque na pele. Desapertou o incómodo roupão de tafetá cinzento e deixou-o cair no chão. Cruzou os braços sobre o peito e abraçou-se, massajando a carne da parte de cima dos braços através da flanela fina da camisa de noite. Deteve-se novamente a meio das suas passadas e dirigiu-se, resoluto, para o quartinho, onde abriu a porta do armário que tinha um espelho de corpo inteiro. Ajeitou o espelho para que apanhasse a luz e afastou-se, examinando a longa figura magra, de camisa de noite azul, a direito, que via no reflexo. Sem tirar os olhos do espelho, desabotoou a parte de cima da camisa de noite e despiu-a pela cabeça, ficando nua à luz matinal. Amassou a camisa e atirou-a para dentro do armário. Depois, virou-se à frente do espelho, inspecionando o corpo como se pertencesse a outra pessoa qualquer. Deslizou as mãos pelos seios pequenos e descaídos e deixou-as roçar a cintura e a barriga lisa.

Afastou-se do espelho e aproximou-se da cama, que ainda estava por fazer. Tirou as cobertas, dobrou-as às três pancadas e enfiou-as no armário. Endireitou o lençol e deitou-se de barriga para cima, de pernas esticadas e os braços de cada lado do tronco. Sem pestanejar e sem se mexer, fixou os olhos

no teto e esperou pela manhã fora e a tarde dentro.

Quando William Stoner chegou a casa, ao fim do dia, já era quase noite, mas não havia luz nas janelas do primeiro andar. Ligeiramente apreensivo, subiu as escadas e acendeu a luz da sala. Estava vazia. Chamou:

– Edith?

Não houve resposta. Chamou novamente.

Espreitou para dentro da cozinha; a louça do pequeno-almoço ainda estava em cima da mesa. Atravessou a sala apressadamente e abriu a porta do quarto.

Edith estava deitada, nua, na cama sem cobertas. Quando a porta se abriu e a luz da sala incidiu nela, Edith virou a cabeça para ele, mas não se levantou. Tinha os olhos arregalados e fixos, e da boca entreaberta escapavam-se sons, muito baixinho.

– Edith! – exclamou ele, dirigindo-se para ela e ajoelhando-se ao lado da cama. – Estás bem? O que é que se passa?

Ela não respondeu, mas os sons que emitia tornaram-se mais fortes e o corpo mexeu-se. De repente, as mãos dela voaram para ele como garras e William afastou-se instintivamente com um sacão, mas as mãos fincaram-se-lhe na roupa, agarrando-a e arrepanhando-a, puxando-o para cima da cama. A boca dela aproximou-se dele, aberta e quente. As mãos percorreram-no, puxando-lhe a roupa, procurando-o e, durante todo esse tempo, os olhos dela mantiveram-se escancarados, fixos e inexpressivos, como se pertencessem a outra pessoa qualquer e nada vissem.

Ele descobriu uma nova Edith, uma Edith tomada por um desejo que se assemelhava a uma fome tão intensa que parecia não ter nada que ver com ela; e assim que era saciado, o desejo recomeçava a crescer, de tal maneira que ambos viviam na tensa expectativa da sua presença.

Embora os dois meses que se seguiram tenham sido o único período de paixão que William e Edith Stoner viveram juntos, a sua relação praticamente não mudou. Rapidamente, Stoner se apercebeu de que a força que atraía os seus corpos pouco tinha que ver com amor; copulavam com uma determinação feroz, mas desligada, afastavam-se e copulavam outra vez, quase sem forças para saciarem a sua necessidade.

Por vezes, durante o dia, enquanto William estava na universidade, o

desejo assolava Edith com tanta intensidade que ela não conseguia ficar quieta, saía de casa e calcorreava as ruas, a passo acelerado, caminhando sem rumo de um lugar para outro. E depois voltava para casa, fechava as cortinas das janelas, despia-se e esperava, agachada na penumbra, que William chegasse a casa. E quando ele abria a porta, ela atirava-se-lhe para cima, de mãos desenfreadas e exigentes, como se tivessem vida própria, puxando-o para o quarto, para a cama que ainda estava amarrotada de a terem usado na noite anterior ou nessa manhã.

Edith engravidou em junho e contraiu de imediato uma maleita da qual nunca recuperou inteiramente até ao final da gravidez. Praticamente no momento em que engravidou, antes mesmo de o facto ter sido confirmado pelo calendário e pelo médico, a fome que ela sentira por William, e que a devorara durante quase dois meses, desapareceu. Ela deixou bem claro ao marido que não suportava o toque da mão dele no seu corpo e William começou a ter a sensação de que o simples facto de olhar para esse corpo constituía uma espécie de violação. A fome da paixão que os unira tornou-se uma recordação e, por fim, Stoner acabou por encará-la como se tivesse sido um sonho que nada tinha que ver com eles os dois.

Portanto, a cama que fora a arena da sua paixão tornou-se o amparo da doença dela. Passava a maior parte do dia deitada, levantando-se apenas de manhã para aliviar a náusea e exercitar as pernas, trôpega, e durante uns minutos à tarde, na sala. Ao fim do dia, quando voltava para casa a correr da universidade, William limpava as assoalhadas, lavava a louça e cozinhava; levava o jantar a Edith num tabuleiro. Embora ela não quisesse que ele comesse na sua companhia, parecia gostar de tomar uma chávena de chá fraco com ele a seguir ao jantar. Durante uns momentos, conversavam, então, baixinho e descontraidamente, como se fossem velhos amigos ou inimigos exaustos. Edith adormecia pouco depois e William voltava para a cozinha, acabava de a arrumar e, depois, instalava uma mesa diante do sofá da sala, onde corrigia os trabalhos dos alunos ou preparava as aulas. Quando passava da meia-noite, tapava-se com um cobertor que guardava cuidadosamente dobrado atrás do sofá e, enroscado, dormia aos bochechos até de manhã.

O bebé, uma menina, nasceu ao fim de três dias de trabalho de parto, em meados de março do ano de 1923. Deram-lhe o nome Grace, como uma das

tias de Edith que morrera havia muitos anos.

Já à nascença, Grace era uma criança linda, com umas feições perfeitas e uma penugem dourada. No espaço de uns quantos dias, a vermelhidão inicial da pele transformou-se num reluzente rosa-dourado. Raramente chorava e quase parecia ter a percepção do espaço à sua volta. William apaixonou-se de imediato por ela; o carinho que não podia dar a Edith demonstrava-o à filha, e tomar conta dela foi um prazer inesperado.

Durante quase um ano depois de Grace nascer, Edith permaneceu em parte na cama; havia o receio de que se tivesse tornado permanentemente inválida, embora o médico não conseguisse apontar uma causa específica. William contratou uma mulher para cuidar de Edith todas as manhãs e organizou as suas aulas de maneira a estar em casa ao início da tarde.

Assim sendo, durante mais de um ano, William tomou conta da casa e cuidou de duas pessoas indefesas. Levantava-se antes de raiar o dia, para corrigir trabalhos e preparar aulas; antes de ir para a faculdade, dava de comer a Grace, fazia o pequeno-almoço para si e para Edith, e arranjava o almoço que levava dentro da pasta para a universidade. A seguir às aulas, voltava para o apartamento, que depois varria, limpava e arrumava.

E era mais uma mãe do que um pai para a sua filha. Mudava-lhe as fraldas e lavava-as; escolhia-lhe a roupa e remendava-a quando estava rasgada; dava-lhe de comer e lavava-a e embalava-a ao colo quando ela estava chorosa. De vez em quando, Edith chamava, lamurienta, pela sua bebé; William levava-lhe Grace e Edith, sentada na cama, pegava nela ao colo uns minutos, silenciosa e constrangidamente, como se a criança pertencesse a um desconhecido qualquer. Depois, cansava-se e, com um suspiro, entregava a bebé a William. Motivada por um qualquer sentimento obscuro, chorava um pouco, enxugava as lágrimas e virava-lhe as costas.

Portanto, durante o primeiro ano de vida, Grace Stoner conheceu apenas o toque do pai, e a voz dele, e o amor dele.

Capítulo 6

No início do verão de 1924, numa sexta-feira à tarde, vários alunos viram Archer Sloane entrar no seu gabinete. O seu corpo foi encontrado na segunda-feira seguinte, pouco depois de o dia raiar, por um contínuo que fazia a ronda pelos gabinetes de Jesse Hall, para esvaziar os cestos dos papéis. Sloane estava sentado, com o corpo rígido e curvado na cadeira da secretária, com a cabeça num ângulo estranho e os olhos abertos e fixos com uma expressão assustadora. O contínuo falou com ele e depois desatou a correr, aos gritos, pelos corredores vazios. As autoridades demoraram um pouco a retirar o corpo do local e uns quantos estudantes madrugadores já andavam pelos corredores, quando a figura estranhamente encurvada e coberta por um lençol foi transportada numa maca pelas escadas abaixo até à ambulância. Concluiu-se, mais tarde, que Sloane morrera na madrugada de sexta-feira ou no início de sábado, de causas que eram obviamente naturais, mas imprecisas, e permanecera todo o fim de semana sentado à secretária a olhar para o infinito. O médico-legista anunciou que a causa da morte fora um enfarte, mas William Stoner sempre achara que, num momento de raiva ou desespero, Sloane ordenara ao seu coração que parasse de bater, como que num derradeiro e mudo gesto de amor e desprezo por um mundo que o traíra tão profundamente que ele não o suportava.

Stoner foi um dos transportadores do caixão no funeral. Na cerimónia fúnebre, não conseguiu concentrar-se nas palavras do pastor, mas sabia que eram vazias. Lembrou-se de Sloane, como o conhecera na sala de aulas, lembrou-se das suas primeiras conversas e pensou no lento declínio daquele homem que fora seu amigo distante. Mais tarde, terminada a cerimónia, quando pegou na alça do caixão cinzento e ajudou a carregá-lo até ao carro funerário, o peso pareceu-lhe tão leve que nem queria acreditar que o caixão estreito tivesse alguém lá dentro.

Sloane não tinha família; apenas os colegas e umas quantas pessoas da terra se reuniram em redor da sepultura e escutaram com espanto,

constrangimento e respeito as palavras que o pastor proferiu. E como ele não tinha família nem entes queridos para chorarem a sua morte, foi Stoner quem chorou quando o caixão desceu para a terra, como se chorar pudesse atenuar a solidão dessa última descida. Não sabia era se chorava por si próprio, pela parte da sua história e juventude que ia a enterrar, ou se pela pobre figura magra que em tempos contivera o homem de quem ele gostara.

Gordon Finch deu-lhe boleia para a cidade e praticamente não falaram durante o trajeto. Depois, quando se aproximavam, Gordon quis saber como Edith estava; William disse qualquer coisa e perguntou por Caroline. Gordon respondeu e seguiu-se um longo silêncio. Antes de se dirigirem para casa de William, Gordon Finch falou novamente.

– Não sei, mas durante a cerimónia toda não parei de pensar no Dave Masters. No Dave a morrer em França e no velho Sloane sentado à secretária, morto há dois dias... como se fosse o mesmo tipo de morte. Nunca cheguei a conhecer bem o Sloane, mas acho que era um bom homem. Pelo menos, era o que as pessoas diziam. E, agora, vamos ter de contratar alguém e arranjar um novo diretor para o departamento. É como se a vida desse voltas e voltas sem parar. Dá que pensar.

– Pois dá – respondeu William, e não disse mais nada. Mas, por um instante, sentiu um carinho muito grande por Gordon Finch e, quando saiu do carro e viu Gordon ir embora, sentiu uma certeza forte de que mais uma parte de si, do seu passado, estava a afastar-se lentamente, quase impercetivelmente, na escuridão.

Além das suas tarefas de subdiretor da faculdade, Gordon Finch foi incumbido do cargo provisório de diretor do Departamento de Inglês e a sua missão imediata foi arranjar um substituto para Archer Sloane.

Só em julho é que a questão ficou resolvida. Finch convocou os membros do departamento que tinham ficado em Columbia, no verão, e anunciou o nome do substituto. Era, explicou Finch ao grupinho de docentes, um especialista do século XIX, Hollis N. Lomax, que acabara de fazer o doutoramento em Harvard, mas que já dava aulas há anos numa pequena faculdade em Nova Iorque. Trazia excelentes recomendações, já começara a publicar trabalhos e ia ser contratado como assistente. Para já, sublinhou Finch, não havia planos para o cargo de diretor do departamento; Finch

permaneceria nesse posto pelo menos mais um ano.

Durante o resto do verão, Lomax manteve-se uma figura misteriosa e objeto de especulação junto dos membros permanentes da faculdade. Foram desenterrar os artigos que ele tinha publicado em revistas, leram-nos e distribuíram-nos com acenos de cabeça judiciosos. Lomax não apareceu na semana dos caloiros, nem esteve presente na reunião geral da faculdade, na sexta-feira antes das inscrições dos estudantes. E durante as inscrições, os membros do departamento, sentados numa fila atrás de compridas secretárias, ajudando penosamente os alunos a escolher as aulas e a preencher a papelada entediante, olharam em volta sub-repticiamente em busca de um novo rosto, mas nem nesse dia Lomax apareceu.

Só foi visto na primeira reunião do departamento, no final da tarde de terça-feira, depois de terminadas as inscrições. Por essa altura, entorpecidos pela monotonia dos dois últimos dias e, ao mesmo tempo, tensos com a excitação que acompanha o começo de um novo ano letivo, já os docentes praticamente se tinham esquecido de Lomax. Esparramaram-se nas carteiras de uma grande sala de aulas da ala leste de Jesse Hall, de olhos postos, com uma expectativa desdenhosa e simultaneamente ávida, no estrado onde Gordon Finch se postara a observá-los com enorme benevolência. Um burburinho de vozes enchia a sala; ouviam-se cadeiras a raspar no chão e, de vez em quando, alguém soltava uma gargalhada propositada, sonora. Gordon Finch ergueu a mão direita de palma virada para a plateia; o burburinho abrandou ligeiramente.

Abrandou o suficiente para que todos na sala ouvissem a porta ao fundo abrir com um rangido e um arrastar distinto de passos lentos no soalho. Viraram-se e o zumbido das conversas esmoreceu. Alguém sussurrou: «É Lomax», e o som foi nítido e audível em toda a sala.

Ele transpusera a porta, fechara-a e avançara uns passos para lá da soleira, detendo-se então. Era um homem com pouco mais de metro e meio de altura e um corpo grotescamente deformado. Uma pequena bossa encostava-lhe o ombro esquerdo ao pescoço e o braço esquerdo pendia, lasso. O tronco era pesado e curvo, de modo que parecia estar sempre a tentar equilibrar-se; as pernas eram magras e arrastava a direita, hirta. Ficou parado vários minutos, com a cabeça loura inclinada para a frente, como se estivesse a inspecionar os sapatos pretos muito bem engraxados e o vinco das calças pretas. A seguir, levantou a cabeça e esticou o braço direito, expondo o punho da camisa

branca e engomada, com botões dourados; tinha um cigarro entre os dedos compridos e pálidos. Puxou uma longa fumaça e depois expirou uma fina baforada. Foi então que conseguiram ver-lhe o rosto.

Era o rosto de um ídolo das *matinéés* de cinema: comprido, magro e vivo, com feições fortes; a testa era alta e estreita, com veias salientes, e o cabelo grosso e ondulado, cor de trigo maduro, estava puxado para trás numa popa um tudo-nada teatral. Deixou cair o cigarro no chão, apagou-o com o sapato e falou.

– Sou o Lomax. – Fez uma pausa; a voz, agradável e profunda, articulava as palavras com exatidão e uma ressonância dramática. – Espero não estar a interromper a vossa reunião.

A reunião prosseguiu, mas ninguém prestou muita atenção ao que Gordon Finch dizia. Lomax sentou-se sozinho ao fundo da sala, a fumar e a olhar para o teto alto, aparentemente sem reparar nas cabeças que se viravam de vez em quando para o fitar. Quando a reunião acabou, permaneceu sentado e deixou que os colegas fossem ter com ele, se apresentassem e dissessem o que tinham a dizer. Cumprimentou brevemente cada um deles, com uma cortesia estranhamente trocista.

Ao longo das semanas que se seguiram, tornou-se evidente que Lomax não queria encaixar-se na rotina social, cultural e académica de Columbia, Missouri. Embora fosse ironicamente simpático para os colegas, não aceitava nem retribuía convites para ocasiões sociais; não foi à festa anual em casa do diretor Claremont, embora o acontecimento fizesse de tal maneira parte da tradição que a participação fosse obrigatória; ninguém o viu em nenhum dos concertos ou palestras da universidade; dizia-se que as aulas dele eram animadas e o seu comportamento excêntrico. Era um professor popular; os alunos congregavam-se em redor da secretária dele quando não estava a dar aulas e seguiam-no pelos corredores fora. Constava que, de vez em quando, convidava grupos de estudantes para os seus aposentos, onde os entretinha com conversa e gravações de quartetos de cordas.

William Stoner desejava conhecê-lo melhor, mas não sabia como. Falava com ele quando tinha alguma coisa para dizer e convidou-o uma vez para jantar. Como Lomax lhe respondeu como respondia a toda a gente – com uma simpatia irónica e impessoal – e recusou o convite para jantar, Stoner ficou sem saber o que mais inventar.

Stoner demorou algum tempo a perceber o porquê da sua atração por

Hollis Lomax. Na arrogância de Lomax, na sua fluência e alegre azedume, Stoner via, distorcida mas reconhecível, uma imagem do seu amigo David Masters. Desejava falar com ele como falara em tempos com Dave, mas não podia, mesmo depois de ter admitido este seu desejo perante si próprio. O constrangimento da juventude não o abandonara, mas a avidez e a coragem que poderiam ter tornado a amizade possível, sim. Sabia que o que desejava era impossível e essa certeza entristecia-o.

À noite, depois de limpar a casa, lavar a louça do jantar e deitar Grace num berço instalado a um canto da sala, trabalhava na revisão do seu livro. Terminou-o antes de acabar o ano e, embora não estivesse cem por cento satisfeito com o texto, enviou-o a uma editora. Para sua surpresa, o ensaio foi aceite e a sua publicação agendada para o outono de 1925. À conta desse livro ainda não publicado, foi promovido a assistente e entrou para o quadro.

A sua promoção foi-lhe garantida umas semanas depois de o livro ter sido aceite pela editora; com base nisso, Edith anunciou que ela e a bebé iam passar uma semana a St. Louis, para visitar os pais.

Edith regressou a Columbia ao fim de menos de uma semana, atormentada e cansada, mas mudamente triunfante. Encurtara a visita, porque o esforço de cuidar da bebé fora demasiado grande para a sua mãe e a viagem cansara-a tanto que ela própria ficara sem forças para tratar de Grace. Mas conseguira uma coisa. De um saco, tirou um maço de papéis e entregou um documento a William.

Era um cheque de seis mil dólares, passado em nome do Sr. e Sr.^a Stoner, com a assinatura arrojada e quase ininteligível de Horace Bostwick.

– O que é isto? – perguntou Stoner.

Ela entregou-lhe os outros papéis.

– É um empréstimo – respondeu. – Só tens de assinar esta papelada. Eu já o fiz.

– Seis mil dólares?! Mas para quê?

– Uma casa – disse Edith. – Uma casa *de verdade* e nossa.

William Stoner olhou novamente para os papéis, folheou-os rapidamente e disse:

– Não podemos, Edith. Desculpa, mas... ouve, no próximo ano eu só vou ganhar mil e seiscentos dólares. As prestações do empréstimo são mais de

sessenta dólares por mês, quase metade do meu salário. Além disso, há impostos e seguros a pagar e... não estou a ver como é que podemos assumir um compromisso destes. Devias ter falado comigo antes.

O rosto de Edith tornou-se pesaroso e ela virou-lhe as costas.

– Queria fazer-te uma surpresa. Eu faço tão pouco. Pelo menos *isto* achei que podia fazer.

Ele protestou, disse que se sentia grato, mas Edith ficou inconsolável.

– Estava a pensar em ti e na bebé – disse ela. – Podias ter um escritório e a Grace um quintal para brincar.

– Eu sei – respondeu William. – Talvez daqui a uns anos.

– Daqui a uns anos – repetiu Edith. Fez-se silêncio. Depois, numa voz inexpressiva, disse: – Eu não consigo viver assim. Não aguento mais viver num apartamento. Para onde quer que vá, consigo ouvir-te e ouvir a bebé e... o cheiro. Não... suporto... o... cheiro! Dia após dia, o cheiro a fraldas e... não aguento e não consigo fugir ao cheiro. Não entendes isso? Não *entendes*?

Acabaram por aceitar o dinheiro. Stoner decidiu que podia dar mais umas aulas nos verões que prometera a si próprio consagrar ao estudo e à escrita, pelo menos durante uns anos.

Edith encarregou-se de procurar a casa. Ao longo do final da primavera e início do verão foi incansável nas suas buscas, que pareceram curá-la de imediato da sua doença. Assim que William chegava das aulas, ela saía e muitas vezes só regressava ao cair da noite. Umas vezes, andava a pé e, outras, dava voltas de carro com Caroline Finch, de quem se tornara mais ou menos amiga. No fim de junho, encontrou a casa que desejava; assinou a promessa de compra e venda e aceitou tomar posse até meados de agosto.

Era uma velha casa de dois andares, a uns quarteirões da universidade. Os anteriores proprietários tinham deixado que se degradasse; a tinta verde-escura desprendia-se das tábuas de madeira e o relvado estava castanho e infestado de ervas daninhas. Mas o quintal era grande e a casa espaçosa; tinha um esplendor desmazelado que Edith conseguia imaginar restaurado.

Edith pediu mais quinhentos dólares emprestados ao pai para comprar móveis e, entre o curso de verão e o início do primeiro semestre, William pintou a casa; Edith queria-a branca e ele teve de aplicar três demãos para cobrir por completo o verde-escuro. De repente, na primeira semana de setembro, Edith decidiu que queria dar uma festa, uma festa de inauguração, como ela disse. Fez o anúncio com uma certa determinação, como se fosse

um novo começo.

Convidaram todos os membros do departamento que já tinham regressado das férias de verão, bem como uns quantos conhecidos de Edith. Hollis Lomax surpreendeu toda a gente, aceitando o convite, o primeiro que aceitava desde a sua chegada a Columbia, havia um ano. Stoner comprou a um contrabandista várias garrafas de *gin*; Gordon Finch prometeu levar cerveja e a tia Emma contribuiu com duas garrafas de xerez para aqueles que não fossem adeptos de bebidas fortes. Edith sentia-se relutante em servir álcool, uma vez que era ilegal fazê-lo, mas Caroline Finch deu a entender que ninguém da universidade acharia incorreto, por isso ela deixou-se convencer.

O outono chegou cedo nesse ano. Uma neve miudinha caiu no dia 10 de setembro, a véspera das inscrições, e, durante a noite, a terra ficou coberta por uma camada de gelo. Até ao final da semana, porém, o tempo amenizou e, aquando da festa, sentia-se apenas um friozinho, mas as árvores estavam sem folhas, a relva começava a ficar castanha e sentia-se uma esterilidade generalizada que pressagiava um inverno rigoroso. O tempo frio lá fora, os choupos e os ulmeiros que se erguiam, despidos e austeros, no quintal, o calor dentro de casa e os preparativos para a festa iminente lembraram a William Stoner outra ocasião. Durante uns momentos, não conseguiu perceber de que é que estava a tentar lembrar-se... até que percebeu que fora num dia exatamente assim, havia quase sete anos, que se deslocara a casa de Josiah Claremont e vira Edith pela primeira vez. Pareceu-lhe muito distante no espaço e no tempo; não conseguia imaginar sequer as mudanças que aqueles quantos anos tinham trazido.

Uma semana antes da festa, já Edith mergulhara num frenesim de preparativos. Contratou uma rapariga negra por uma semana para ajudar a organizar tudo e a servir, e as duas esfregaram os soalhos e as paredes, enceraram a madeira, limparam o pó, mudaram e voltaram a mudar a disposição dos móveis, de modo que, na noite da festa, Edith roçava a exaustão. Tinha olheiras profundas e a voz estava à beirinha da histeria. Às seis horas – os convidados deviam chegar às sete –, contou novamente os copos e descobriu que não havia os suficientes para os convidados previstos. Desatou a chorar e correu para o andar de cima, a soluçar que se estava nas tintas para a festa e que não tencionava descer. Stoner tentou serená-la, mas ela recusou-se a responder-lhe. Ele disse-lhe para não se preocupar, que ia arranjar os copos. Avisou a criada que não se demorava e saiu de casa a

correr. Durante quase uma hora, procurou uma loja que ainda estivesse aberta para comprar os copos; quando finalmente encontrou uma, escolheu os copos e voltou para casa, já passava das sete e os primeiros convidados tinham chegado. Edith encontrava-se entre eles na sala, sorrindo e conversando como se não tivesse cuidados ou apreensões; cumprimentou William descontraidamente e disse-lhe para levar o saco para a cozinha.

A festa foi como tantas outras. As conversas começaram com uma certa formalidade, ganharam uma energia repentina ainda que débil, e desembocaram irrelevantemente noutras conversas. O riso era rápido e nervoso e rebentava por toda a sala em pequenas explosões, numa cortina de fogo contínua mas desconexa; os participantes da festa circulavam ao acaso de um lugar para o outro, como que ocupando, discretamente, diferentes posições estratégicas. Uns quantos, como espiões, rondavam pela casa, conduzidos por Edith ou William, comentando a superioridade das casas antigas como aquela em relação às estruturas novas e mais frágeis que se erguiam, aqui e ali, nos arredores da cidade.

Às dez horas, já a maior parte dos convidados tinha enchido o prato com fatias de fiambre e peru frio, alperces de conserva e uma salada variada de tomate-cereja, aipo, azeitonas, *pickles*, rabanetes picantes e raminhos de couve-flor crua; uns quantos estavam embriagados e não quiseram comer. Às onze, já a maioria se fora embora. Entre os convidados que permaneciam contavam-se Gordon e Caroline Finch, uns quantos membros do departamento que Stoner conhecia há vários anos e Hollis Lomax. Lomax estava bastante bêbado, embora não de uma maneira ostensiva. Andava muito devagar, como se carregasse um fardo em terreno irregular, e o seu rosto pálido e magro brilhava, coberto por uma película de suor. O álcool soltou-lhe a língua e, embora falasse com precisão, a voz perdera o seu toque de ironia e ele parecia sem defesas.

Falou da solidão da sua infância no Ohio, onde o pai fora um homem de negócios modesto, mas relativamente bem-sucedido. Contou, como se se tratasse de outra pessoa qualquer, o isolamento a que a sua deformidade o votara e a vergonha que sentira muito cedo na vida, cuja origem não compreendia e da qual não era capaz de se defender. E quando descreveu os longos dias e noites que passara sozinho no quarto, a ler para fugir às limitações que o seu corpo disforme lhe impunha, e explicou que, aos poucos, descobrira uma sensação de liberdade que se fora tornando cada vez mais

intensa, à medida que tomava consciência da natureza dessa liberdade... quando Lomax contou isso, William Stoner sentiu uma afinidade como não imaginara. Sabia que Lomax sofrera uma espécie de conversão, a epifania de conhecer pelas palavras algo que não se podia traduzir em palavras, como acontecera ao próprio Stoner uma vez, na aula de Archer Sloane. Lomax passara por isso cedo na vida e sozinho, portanto o conhecimento fazia mais parte dele do que no caso de Stoner; mas, no sentido que no fundo era o que mais importava, os dois homens eram muito parecidos, embora provavelmente nenhum deles gostasse de o admitir perante o outro, ou sequer perante si próprio.

Conversaram até perto das quatro da manhã, e embora estivessem a beber, a conversa tornou-se cada vez mais sossegada, até que, por fim, já ninguém falava. Ficaram sentados muito perto uns dos outros, entre os detritos da festa, como se estivessem numa ilha, aconchegando-se para se aquecerem e reconfortarem. Passado um pouco, Gordon e Caroline Finch levantaram-se e ofereceram-se para dar boleia a Lomax até casa. Lomax despediu-se de Stoner com um aperto de mão, perguntou-lhe pelo livro e desejou-lhe sucesso. Aproximou-se de Edith, que estava sentada, muito direita, numa cadeira de costas altas, e pegou-lhe na mão, agradecendo-lhe pela festa. Depois, como que tomado por um silencioso impulso, curvou-se ligeiramente e encostou os lábios aos dela; a mão de Edith tocou-lhe ao de leve no cabelo e ficaram assim um longo momento, enquanto os outros os observavam. Foi o beijo mais casto que Stoner já vira na vida e pareceu-lhe perfeitamente natural.

Stoner acompanhou os convidados até à porta e deixou-se ficar uns instantes na soleira, vendo-os descer as escadas e sair do espaço iluminado do alpendre. O ar frio instalou-se à sua volta e agarrou-se-lhe ao corpo; inspirou fundo e o frio intenso revigorou-o. Fechou a porta com relutância e virou-se: a sala estava vazia, Edith já fora para o andar de cima. Desligou as luzes e atravessou a sala desarrumada até às escadas. A casa começava a tornar-se-lhe familiar. Segurou-se ao corrimão que não conseguia ver e deixou que ele o guiasse escada acima. Quando chegou ao patamar conseguiu ver o caminho, porque o corredor estava iluminado pela luz que saía da porta entreaberta do quarto. As tábuas do soalho rangeram quando atravessou o corredor e entrou no quarto.

As roupas de Edith encontravam-se espalhadas pelo chão ao lado da cama,

cujas cobertas tinham sido atiradas para trás às três pancadas. Ela estava deitada, nua e reluzente, sob a luz no lençol branco sem gelhas. O seu corpo parecia solto e impudico na sua nudez e brilhava como ouro. William aproximou-se da cama. Ela dormia profundamente, mas a luz fazia com que a boca ligeiramente aberta parecesse formar palavras silenciosas de paixão e amor. Ficou parado a contemplá-la durante muito tempo. Sentiu uma vaga pena, uma amizade relutante e um respeito familiar; sentiu também uma tristeza cansada, pois soube que nunca mais a imagem dela suscitaria nele a agonia do desejo que em tempos suscitara, e soube que nunca mais a presença dela o comoveria como antes. A tristeza atenuou-se e ele tapou Edith com cuidado, apagou a luz e enfiou-se na cama ao lado dela.

Na manhã seguinte, Edith estava doente e cansada, e passou o dia no quarto. William limpou a casa e tratou da filha. Na segunda-feira, viu Lomax e falou com ele com a afabilidade que perdurara desde a noite da festa. Lomax respondeu-lhe com uma ironia seca que sabia a raiva e não falou da festa, nem nesse dia nem depois. Era como se tivesse descoberto uma inimizade que o afastava de Stoner e contra a qual não fazia tenções de lutar.

Tal como William previra, rapidamente a casa deu mostras de ser um fardo financeiro quase destruidor. Embora tivesse cuidado com a maneira como gastava o salário, chegava sempre ao fim do mês sem fundos e, de mês para mês, via reduzirem-se cada vez mais as suas poupanças do curso de verão. No primeiro ano depois de terem comprado a casa, falhou dois pagamentos ao pai de Edith e recebeu uma carta gélida e moralista com conselhos sobre como gerir um orçamento familiar.

Começou, não obstante, a sentir alegria em ser proprietário e a descobrir um conforto que não antevira. O seu escritório ficava no rés-do-chão, ao lado da sala, com uma janela alta virada para norte. Durante o dia, o quarto tinha uma luz suave e os painéis de madeira antiga brilhavam nas paredes com uma cor intensa. Encontrou na cave uma série de tábuas que, por baixo dos estragos da sujidade e do bolor, eram iguais aos painéis do escritório. Restaurou-as e construiu estantes, para se poder rodear dos seus livros. Numa loja de móveis em segunda mão, arranjou umas cadeiras decrépitas, um sofá e uma secretária antiga, pelos quais pagou uns quantos dólares e que depois passou muitas semanas a restaurar.

Enquanto tratava do escritório, e quando este começou lentamente a ganhar forma, percebeu que, durante muitos anos, sem o saber, tivera uma imagem trancada algures dentro de si como um segredo que o envergonhava, uma imagem que era supostamente de um lugar, mas que na realidade era dele próprio. Portanto, era a si próprio que tentava definir enquanto tratava do seu escritório. Enquanto lixava as velhas tábuas para as estantes e via desaparecer a aspereza da superfície, via o cinza do tempo sair às lascas e a madeira regressar à sua essência e adquirir uma pureza rica de grão e textura... enquanto reparava os móveis e os arrumava no seu lugar, era a si próprio que estava lentamente a dar forma, era a si próprio que estava a arrumar, era a si próprio que estava a dar uma oportunidade.

Assim sendo, apesar das pressões recorrentes da dívida e da necessidade, os anos seguintes foram felizes e Stoner viveu em grande parte como sonhara viver, quando era estudante universitário e quando se casara. Edith não partilhava da sua vida, como ele em tempos ansiara; aliás, parecia que tinham entrado numa longa trégua que era como que um empate. Passavam a maior parte das suas vidas afastados um do outro. Edith tratava da casa, que raramente recebia visitas, e mantinha-a imaculada. Quando não estava a varrer ou a limpar o pó ou a lavar ou polir, fechava-se no quarto e parecia contentar-se com isso. Nunca entrava no escritório de William; era como se esse espaço não existisse para ela.

Continuava a ser William quem cuidava maioritariamente da filha. À tarde, quando chegava a casa da universidade, ia buscar Grace ao quarto do andar de cima que arranjava para ela e levava-a para o escritório, onde a deixava brincar enquanto ele trabalhava. Ela brincava, sossegada e satisfeita, no chão, de bem com a solidão. De vez em quando, William falava com ela e Grace detinha-se para o fitar com um prazer lânguido e solene.

Por vezes, ele convidava alguns alunos para passarem por sua casa para se reunirem e conversarem. Aquecia água para o chá numa pequena chapa elétrica que tinha ao lado da secretária e sentia uma estranha ternura por eles, quando se sentavam constrangidamente nas cadeiras, comentavam os livros da sua biblioteca e elogiavam a beleza da sua filha. Pedia desculpa pela ausência da mulher e explicava a doença dela, até que por fim percebeu que os seus repetidos pedidos de desculpa estavam a sublinhar a ausência dela em vez de a justificar; não voltou a falar no assunto e esperou que o seu silêncio fosse menos comprometedor do que as suas explicações.

Excetuando a ausência de Edith, a sua vida era quase o que ele queria que fosse. Estudava e escrevia quando não estava a preparar as aulas, ou a corrigir testes, ou a ler teses. Esperava, com o tempo, criar uma reputação quer como estudioso, quer como professor. As suas expectativas para o primeiro livro tinham sido simultaneamente cautelosas e modestas e, no fim, apropriadas; um crítico rotulara-o de «prosaico» e outro chamara-lhe «um estudo competente». Inicialmente sentira-se muito orgulhoso do livro; segurara nele e acariciara a sobrecapa simples e folheara-o. Parecera-lhe delicado e vivo, como uma criança. Relera-o depois de impresso, ligeiramente surpreendido por não ser nem melhor nem pior do que pensara que seria. Passado um tempo, cansou-se de olhar para ele, mas nunca pensava no livro e na sua autoria sem uma sensação de espanto e incredulidade pela sua ousadia e pela responsabilidade que assumira.

Capítulo 7

Uma noite, na primavera de 1927, William Stoner chegou a casa tarde. O perfume das flores a desabrochar permeava o ar húmido e quente, e nas sombras zumbiam grilos. Ao longe, um automóvel solitário levantou uma nuvem de poeira e quebrou o sossego com um estrépito de desafio. Stoner caminhou lentamente, apanhado pelo torpor de uma nova estação, perplexo com os minúsculos botões verdes que brilhavam na sombra das árvores e arbustos.

Quando entrou em casa, Edith estava ao fundo da sala, com o auscultador do telefone encostado ao ouvido e a olhar para ele.

– Vens atrasado – disse ela.

– Sim – respondeu, em tom afável. – Tivemos as orais dos doutorandos.

Ela passou-lhe o auscultador.

– É para ti. Chamada interurbana. Alguém passou a tarde toda a tentar apanhar-te. Eu disse que estavas na universidade, mas ainda não pararam de ligar para cá, de hora a hora.

William pegou no auscultador e falou para o bocal. Ninguém respondeu.

– Estou? – disse novamente.

Um estranho fio de voz masculina respondeu-lhe.

– É o Bill Stoner?

– Sim, quem fala?

– Não me conhece. Estou de passagem pela cidade e a sua mãe pediu-me para lhe telefonar. Passei a tarde a tentar apanhá-lo.

– Sim – disse Stoner. A mão que segurava o auscultador tremia. – O que é que se passa?

– É o seu pai – disse a voz. – Não sei muito bem por onde começar.

A voz seca, lacónica e assustada prosseguiu, e William Stoner escutou-a, entorpecido, como se ela não existisse para lá do auscultador que tinha encostado ao ouvido. O recado prendia-se com o pai. Há quase uma semana que ele se sentia debilitado, com uma febre alta (explicou a voz), mas como o

empregado não conseguia lavrar e semear os campos todos sozinho, o pai resolvera meter mãos à obra. O empregado encontrara-o a meio da manhã, de rosto para baixo no campo sulcado, inconsciente. Levava-o para casa, deitara-o e fora buscar um médico, mas ao meio-dia já ele tinha morrido.

– Obrigado por ter telefonado – disse Stoner mecanicamente. – Diga à minha mãe que amanhã eu estarei junto dela.

Pousou o auscultador no descanso e ficou muito tempo de olhos fixos no bocal em forma de sino ligado ao estreito cilindro preto. Virou-se e olhou para a sala. Edith fitava-o, expectante.

– E então? O que é que aconteceu? – perguntou.

– É o meu pai – disse Stoner. – Morreu.

– Oh, Willy! – exclamou Edith. Depois, fez um aceno de cabeça. – Nesse caso, provavelmente vais ter de lá ficar o resto da semana.

– Sim – respondeu Stoner.

– Então, vou pedir à tia Emma para me vir ajudar a tomar conta da Grace.

– Sim – disse Stoner mecanicamente. – Sim.

Pediu a um colega para o substituir nas aulas durante o resto da semana e, bem cedo na manhã seguinte, apanhou a camioneta para Booneville. A autoestrada de Columbia até Kansas City, que atravessava Booneville, era a mesma que ele percorrera havia dezassete anos, quando entrara para a universidade, mas entretanto tinha sido pavimentada e alargada, e cercas direitas e certinhas vedavam os campos de trigo e milho que ele vislumbrava pela janela da camioneta.

Booneville pouco mudara nos anos em que ele estivera afastado. Uns quantos edifícios novos tinham brotado aqui e ali, outros velhos tinham sido demolidos, mas a povoação mantinha o seu ar despojado e frágil, como se fosse uma solução temporária que podia ser eliminada a qualquer instante. Embora a maior parte das ruas tivesse sido pavimentada nos últimos anos, uma neblina de poeira fina pendia sobre a terra e ainda se viam umas quantas carroças puxadas por cavalos e com rodas com aros de ferro, que por vezes soltavam chispas quando arranhavam o cimento da estrada e da berma.

A casa também não tinha mudado por aí além. Talvez estivesse mais decrépita e pardacenta do que antes; não restava um pinga de tinta nas tábuas de madeira e as traves do alpendre estavam um pouco mais abauladas sobre a terra árida.

Estavam umas pessoas em casa – vizinhos – de que Stoner não se

lembrava. Um homem alto e esgalgado, de fato preto, camisa branca e gravata fininha atada num laço, encontrava-se debruçado sobre a mãe, sentada numa cadeira de costas retas ao lado da caixa estreita de madeira que continha o corpo do seu pai. Stoner atravessou a sala. O homem alto viu-o e foi ao seu encontro; os seus olhos eram cinzentos e baços, como dois cacos de louça vidrada. Uma voz grave e untuosa de barítono, abafada e grossa, proferiu umas palavras; tratou Stoner por «irmão» e falou de «sofrimento» e «Deus, que o levou» e perguntou se Stoner queria rezar com ele. Stoner passou pelo indivíduo e parou diante da mãe; o rosto dela ficou turvo. Por entre uma névoa, viu-a acenar-lhe com a cabeça e levantar-se da cadeira. Pegou no braço dele e disse:

– Anda ver o teu pai.

Com um toque tão frágil que ele mal o sentiu, ela levou-o para junto do caixão aberto. Stoner olhou para baixo. Olhou até os olhos se desanuviarem e, nesse instante, recuou, sobressaltado. O corpo que viu pareceu-lhe o de um estranho: era pequeno e mirrado, e o rosto como uma fina máscara de papel pardo, com uns sulcos fundos no sítio onde deviam estar os olhos. O fato azul-escuro que envolvia o corpo estava grotescamente largo e as mãos cruzadas sobre o peito pareciam as garras de um animal. Stoner virou-se para a mãe e percebeu que o horror que sentia estava estampado no seu rosto.

– O teu pai emagreceu muito nas últimas duas semanas – disse ela. – Pedi-lhe para não ir trabalhar para o campo, mas ele levantava-se antes de eu acordar e saía. Estava fora de si. Estava tão doente que andava desorientado e não sabia o que fazia. O médico disse que ele devia estar louco, senão não teria conseguido ir para o campo.

Enquanto ela falava, Stoner viu-a com toda a nitidez; era como se também ela tivesse morrido, como se uma parte de si tivesse ido inexoravelmente para o caixão com o marido, para nunca mais de lá sair. Viu-a nesse momento: o rosto magro e encovado; mesmo em repouso estava tão chupado que se lhe viam as pontas dos dentes por entre os lábios finos. Andava como se não tivesse peso nem força. Ele murmurou «com licença» e saiu da sala; foi até ao quarto onde crescera e deixou-se ficar naquele espaço vazio e austero. Tinha os olhos a arder e secos, e não conseguia chorar.

Tratou dos preparativos que havia a tratar para o funeral e assinou os documentos que tinham de ser assinados. Tal como todas as pessoas do campo, os pais tinham um seguro de vida que abrangia as despesas do

funeral, para o qual haviam poupado uns tostões todas as semanas durante quase toda a vida, mesmo nos momentos de necessidade mais extrema. Havia qualquer coisa de deplorável nas apólices que a mãe tirou de uma velha arca que estava no quarto; o dourado das letras intrincadas começava a lascar e o papel barato estava quebradiço da passagem do tempo. Falou com a mãe sobre o futuro; queria que ela fosse com ele para Columbia. Havia espaço de sobra, explicou, e (estremeceu perante a mentira) Edith apreciaria a companhia.

Mas a mãe rejeitava a ideia de regressar com ele.

– Não me sentiria bem – disse. – O teu pai e eu... vivi aqui quase a vida toda. Acho que não era capaz de me mudar para outro lugar e sentir-me bem. E além disso, o Tobe – Stoner lembrou-se de que Tobe era o trabalhador negro que o pai contratara há anos –, disse que fica aqui enquanto eu precisar dele. Tem um quarto todo jeitoso na cave. Nós ficamos bem aqui.

Stoner discutiu com ela, mas a mãe manteve-se inflexível. Por fim, percebeu que a única coisa que ela desejava era morrer e que desejava fazê-lo onde vivera; e soube que ela merecia o pouco de dignidade que lhe advinha de fazer respeitar a sua vontade.

Enterraram o pai num pequeno terreno nos arredores de Booneville e William regressou à quinta com a mãe. Nessa noite, não conseguiu dormir. Vestiu-se e foi ao campo que o pai lavrara ano após ano até acabar como acabara. Tentou recordar o pai, mas o rosto que conhecera na sua juventude não lhe vinha à mente. Ajoelhou-se no campo e pegou num torrão endurecido. Partiu-o e observou-o, à luz do luar, desfazer-se e escorrer-lhe por entre os dedos. Roçou a mão nas calças, levantou-se e voltou para casa. Não dormiu; ficou deitado na cama a olhar pela única janela do quarto até ao nascer do dia, até não haver sombras sobre a terra, até esta se estender, escura e árida e infinita diante dele.

Depois da morte do pai, sempre que podia Stoner ia passar o fim de semana à quinta; e sempre que via a mãe achava-a mais magra e pálida e apática, até que, por fim, parecia que só os olhos, encovados e brilhantes, estavam vivos. Nos seus derradeiros dias, ela não falou com ele uma única vez; os seus olhos tremeluziam levemente enquanto ela fitava o teto, deitada na cama, e de vez em quando soltava um pequeno suspiro.

Enterrou-a ao lado do pai. Terminada a cerimónia fúnebre, e depois de os poucos convidados terem partido, Stoner ficou sozinho, no vento frio de

novembro, a olhar para as duas campas, uma aberta, tendo acabado de receber o seu fardo, e a outra coberta de terra e ervas penugentas. Virou as costas ao pequeno cemitério árido e sem árvores, onde jaziam outras pessoas como os seus pais, e olhou para a extensão de terra plana, na direção da quinta onde nascera, onde os pais tinham passado a vida inteira. Pensou no preço que a terra, ano após ano, exigira; e continuava como sempre fora... um pouco mais árida, um pouco mais frugal. Nada mudara. As suas vidas tinham sido gastas numa labuta sem alegria, as suas vontades domadas, as suas inteligências embotadas. Agora, estavam na terra à qual haviam dado a vida e, lentamente, ano após ano, a terra tomá-los-ia. Lentamente, a humidade e a putrefação infestariam os caixões de pinho que continham os seus corpos e, lentamente, tocariam a pele deles e, por fim, consumiriam os últimos vestígios da sua essência. E eles tornar-se-iam uma parte insignificante dessa terra obstinada à qual se tinham entregado de corpo e alma, havia muito.

Deixou Tobe ficar na quinta durante o inverno; na primavera de 1928, pôs a propriedade à venda. O acordo era Tobe ficar na quinta até ser vendida e o que quer que ele cultivasse ficaria para ele. Tobe arranhou a quinta o melhor que pôde, reparando a casa e pintando o pequeno celeiro. Apesar disso, foi só no início da primavera de 1929 que Stoner arranhou um comprador adequado. Aceitou a primeira oferta que recebeu, um pouco mais de dois mil dólares; deu a Tobe umas quantas centenas e, no final de agosto, enviou o resto ao sogro, para reduzir a quantia que devia pela casa em Columbia.

Em outubro desse ano, o mercado bolsista entrou em queda e os jornais da região traziam histórias sobre Wall Street, sobre fortunas arruinadas e grandes vidas viradas do avesso. Em Columbia, poucas pessoas foram afetadas; era uma comunidade conservadora e quase ninguém tinha dinheiro investido em ações ou títulos. Mas começaram a chegar notícias da falência de bancos nos quatro cantos do país e os princípios da incerteza afetaram algumas pessoas da terra; alguns agricultores retiraram as suas poupanças do banco e uns quantos mais (instigados pelos bancos) aumentaram os seus depósitos. Ninguém, todavia, estava verdadeiramente apreensivo, até chegar a notícia da falência de um pequeno banco privado, o Merchant's Trust, em St. Louis.

Stoner estava a almoçar na cantina da universidade quando soube da

notícia e foi imediatamente para casa, para contar a Edith. O Merchant's Trust era o banco onde tinham feito o empréstimo da casa e o banco do qual o pai de Edith era presidente. Edith ligou para St. Louis nessa tarde e falou com a mãe; a mãe mostrou-se alegre e disse a Edith que o Sr. Bostwick lhe garantira que não havia motivos para preocupações e que tudo se resolveria daí a umas semanas.

Três dias depois, Horace Bostwick suicidou-se. Foi trabalhar, de manhã, com uma invulgar boa disposição. Cumprimentou vários funcionários que ainda trabalhavam por detrás das portas fechadas do banco, foi para o gabinete depois de dizer à secretária que não queria que ela lhe transferisse chamadas e trancou a porta. Por volta das dez horas da manhã, matou-se com um tiro na cabeça, disparado por um revólver que comprara na véspera e que levava consigo na pasta. Não deixou nenhum bilhete, mas os papéis cuidadosamente ordenados em cima da mesa diziam tudo o que ele tinha para dizer. E o que ele tinha para dizer era simplesmente a ruína financeira. Tal como o seu pai bostoniano, ele fizera investimentos de risco, não só com o seu próprio dinheiro mas também com o do banco, e a ruína era tão absoluta que ele não conseguira imaginar uma solução. Tempos depois, veio a saber-se que, afinal, a situação não era tão desesperada como ele julgara quando se suicidara. Depois de resolvida a questão do património, a casa de família permanecia intacta e umas quantas propriedades menores nos arredores de St. Louis foram suficientes para que a mãe de Edith usufruísse de um pequeno rendimento para o resto da vida.

Mas isto não veio de imediato a lume. William Stoner recebeu o telefonema a informá-lo da ruína e suicídio de Horace Bostwick, e deu a notícia a Edith com o máximo de carinho que o seu distanciamento dela lhe permitiu.

Edith aceitou a notícia calmamente, quase como se já estivesse à espera. Fitou Stoner vários minutos sem falar; depois, abanou a cabeça e disse, com um ar desinteressado:

– Coitada da mãe. O que irá ela fazer? Sempre teve alguém para cuidar dela. De que é que vai viver?

– Diz-lhe – Stoner fez uma pausa, constrangido – diz-lhe que, se quiser, pode vir viver connosco. Será bem-vinda.

Edith sorriu com um estranho misto de carinho e desprezo.

– Oh, Willy. Ela preferiria morrer. Não percebes isso?

Stoner fez um gesto de assentimento.

– Sim, acho que sei – respondeu.

Portanto, ao fim desse dia em que Stoner recebeu o telefonema, Edith partiu de Columbia rumo a St. Louis, para o funeral e para lá ficar enquanto a sua presença fosse necessária. Quando já estava ausente há uma semana, Stoner recebeu um bilhete curto a informá-lo de que ficaria com a mãe mais duas semanas, ou porventura mais ainda. A sua ausência durou quase dois meses e William ficou sozinho, no seu casarão, com a filha.

Nos primeiros dias, o vazio da casa foi estranho e inesperadamente inquietante, mas ele habitou-se ao vazio e começou a apreciá-lo. Ao fim de uma semana sentia-se mais feliz do que nunca nos últimos anos e, quando pensava no regresso inevitável de Edith, era com um silencioso pesar que já não precisava de esconder de si próprio.

Grace fez seis anos nessa primavera e entrou para a escola em setembro. Todas as manhãs, Stoner arranjava-a para ir para a escola e, à tarde, voltava para casa a tempo de a receber quando ela regressava das aulas.

Aos seis anos, Grace era uma menina alta e esguia, com uma cabeleira mais loura do que ruiva; tinha uma pele claríssima e os olhos de um azul-escuro, quase violeta. Era calada e alegre, e deleitava-se de tal maneira com as coisas, que deixava o pai com uma sensação de nostálgica reverência.

Às vezes, Grace brincava com as crianças da vizinhança, mas a maior parte do tempo sentava-se com o pai no grande escritório e observava-o enquanto ele corrigia os trabalhos dos alunos, lia ou escrevia. Falava com ele e conversavam tão baixinho e seriamente que William Stoner sentia uma ternura que nunca imaginara. Grace fazia uns desenhos estranhos e encantadores, em folhas de papel amarelo, e apresentava-os solenemente ao pai, ou lia-lhe em voz alta o seu livro da primeira classe. À noite, quando Stoner a deitava e voltava para o escritório, sentia a ausência dela no seu espaço mas ficava reconfortado com a ideia de ela estar a dormir a são e salvo no andar de cima. De uma maneira quase inconsciente, ele iniciou a educação de Grace e foi com espanto e amor que a viu crescer diante dos seus olhos e no rosto dela transparecer a inteligência que a animava na sua essência.

Edith só regressou a Columbia depois do dia 1 de janeiro, por isso, William Stoner e a filha passaram o Natal sozinhos. Na manhã do dia 25, trocaram prendas. Para o pai, que não fumava, Grace moldara, na escola

cautelosamente progressista ligada à universidade, um tosco cinzeiro. William ofereceu-lhe um vestido que ele próprio escolhera numa loja da baixa, vários livros e uma caixa de lápis de cor. Passaram a maior parte do dia sentados diante da pequena árvore de Natal, a conversar e a ver as luzes a brilhar sobre os ornamentos e as fitas cintilantes no pinheiro verde-escuro como se fossem fogo escondido.

Durante as férias de Natal, essa curiosa pausa suspensa no frenesim do semestre, William Stoner começou a tomar consciência de duas coisas: começou a perceber o quão importante e central Grace se tornara na sua vida; e começou a compreender que talvez fosse possível tornar-se um bom professor.

Estava pronto a admitir para si mesmo que não fora um bom professor. Desde o tempo em que se atrapalhara com as aulas de inglês do primeiro ano, sempre tivera a noção do abismo que existia entre o que sentia pelo tema e o que transmitia na sala de aula. Tivera esperança de que o tempo e a experiência colmassem esse abismo, mas tal não acontecera. As coisas que ele mais acarinhava eram profundamente traídas, quando falava delas às suas turmas; o que havia de mais viçoso murchava nas suas palavras; e o que mais o comovia tornava-se frio quando proferido pela sua boca. E a consciência desta sua falha afligia-o de tal maneira que a consciência dela se tornou parte da sua pessoa, como a curvatura dos seus ombros.

Mas nas semanas em que Edith esteve em St. Louis, quando dava aulas, Stoner sentia-se de vez em quando tão imerso no tema que lecionava que se esquecia da sua falha, de si próprio e, inclusive, dos alunos diante de si. Por vezes, era tão grande o seu entusiasmo que gaguejava, gesticulava e ignorava os apontamentos que geralmente o guiavam nas aulas. A princípio ficou perturbado com esses seus arroubos, como se discorresse com demasiada familiaridade sobre o assunto, e pedia desculpa aos alunos; mas quando eles começaram a ir ter com ele no fim das aulas, e quando os trabalhos começaram a dar mostras de imaginação e a revelar um exercício de amor, sentiu-se encorajado a fazer o que nunca tinha sido ensinado a fazer. Esse amor à literatura, à língua, aos mistérios da mente e do coração que se revelavam nas ínfimas, estranhas e inesperadas combinações de letras e palavras, na tinta mais negra e fria... esse amor que escondera como se fosse ilícito e perigoso começou ele então a mostrar, hesitantemente a princípio e depois com ousadia e, por fim, com orgulho.

Ficou simultaneamente entristecido e animado com a descoberta do que poderia fazer; sentia que, sem querer, tinha enganado tanto os alunos como a ele próprio. Os alunos que até aí tinham conseguido seguir as suas aulas, através da repetição de passos mecânicos, começaram a olhar para ele com desconcerto e ressentimento; os que ainda não tinham feito cadeiras com ele, começaram a assistir às aulas e a cumprimentá-lo nos corredores. Stoner falava com mais autoconfiança e sentiu uma inflexibilidade calorosa e firme a ganhar fôlego dentro de si. Teve a sensação de que começava, com dez anos de atraso, a descobrir quem era; e a figura que via era simultaneamente mais e menos do que imaginara em tempos. Sentia-se finalmente a começar a ser um professor, que é simplesmente um homem para quem o livro é verdadeiro, a quem é dada uma dignidade artística que pouco tem que ver com a sua tolice ou fraqueza ou insuficiência enquanto homem. Era um conhecimento sobre o qual ele não podia falar, mas que o transfigurara assim que o adquirira, uma transfiguração que saltava aos olhos de qualquer pessoa.

Portanto, quando Edith voltou de St. Louis achou-o diferente, de uma maneira que não conseguia compreender, mas da qual se apercebeu de imediato. Regressou sem avisar num comboio à tarde, atravessou a sala até ao escritório onde o marido e a filha estavam sentados em silêncio. Quisera surpreendê-los com o seu aparecimento súbito e a sua nova aparência. Mas quando William levantou o rosto e ela viu a surpresa nos olhos dele, percebeu de imediato que a verdadeira mudança ocorrera nele, e era tão profunda que o impacto da sua presença inesperada se desvanecera. Pensou para si própria, com um certo desapego e alguma surpresa: conheço-o melhor do que pensava.

William ficou surpreendido com a presença dela e a sua nova aparência, mas não se sentiu perturbado como teria acontecido em tempos. Fitou-a durante vários minutos, depois levantou-se da secretária, atravessou o escritório e cumprimentou-a com ar solene.

Edith cortara o cabelo e usava um daqueles chapéus tão justos que o cabelo curto ficava colado ao rosto como uma moldura irregular. Trazia os lábios pintados de vermelho-laranja forte e duas pequenas manchas de *rouge* acentuavam-lhe as maçãs do rosto. Envergava um daqueles vestidos curtos que se tornara da moda entre as mulheres mais jovens, nos últimos anos; caía a direito desde os ombros até um pouco acima dos joelhos. Sorriu, embaraçada, para o marido e aproximou-se da filha, que estava sentada no

chão, perscrutando-a silenciosamente. Ajoelhou-se com dificuldade por o vestido novo ser demasiado justo nas coxas.

– Gracie, querida – disse ela, num tom de voz que pareceu a William tensa e quebradiça –, tiveste saudades da tua mamã? Pensavas que ela nunca mais ia voltar?

Grace deu um beijo na face da mãe e fitou-a com solenidade.

– Está com um ar diferente – comentou.

Edith riu-se e levantou-se do chão; rodopiou, erguendo as mãos acima da cabeça.

– Tenho um vestido novo e sapatos novos e um novo penteado. Gostas?

Grace fez um aceno de cabeça, como se estivesse na dúvida.

– Está com um ar diferente – repetiu.

O sorriso de Edith tornou-se mais aberto; tinha uma mancha clarinha de batom num dos dentes. Virou-se para William e perguntou:

– Estou com um ar diferente?

– Sim – respondeu William. – Encantadora. Muito bonita.

Ela riu-se dele e abanou a cabeça.

– Pobre Willy – disse. Depois, virou-se novamente para a filha. – Acho que estou diferente – disse-lhe. – Acho que estou mesmo.

Mas William Stoner soube que era com ele que ela estava a falar. E nesse momento, de alguma maneira, percebeu também que, para lá das intenções ou conhecimento dela, sem ela própria o saber, Edith estava a tentar anunciar-lhe uma nova declaração de guerra.

Capítulo 8

A declaração fazia parte da mudança que Edith pusera em marcha nas semanas que passara em «casa», em St. Louis, após a morte do pai. E foi agravada, ao ponto de atingir níveis de selvajaria, por essa outra mudança que ocorrera e se desenvolvera lentamente em William Stoner, quando descobriu que talvez se tornasse um bom professor.

Edith sentira-se estranhamente indiferente no funeral do pai. Durante a cerimônia pomposa, sentou-se muito direita e de rosto duro, e a sua expressão não mudou quando teve de passar pelo corpo do pai, resplandecente e rechonchudo, no ornado caixão. Mas, no cemitério, quando o caixão foi a enterrar na cova estreita coberta de tapetes de relva artificial, ela baixou o rosto inexpressivo para as mãos e só o levantou quando alguém lhe tocou no ombro.

Depois do funeral, passou vários dias no seu antigo quarto, o quarto onde crescera; só via a mãe ao pequeno-almoço e ao jantar. As visitas pensavam que era o sofrimento que a fazia isolar-se daquela maneira. «Eles eram muito chegados», dizia a mãe de Edith, misteriosamente. «Muito mais chegados do que parecia.»

Mas, naquele quarto, Edith andava de um lado para o outro como se o fizesse pela primeira vez, em liberdade, tocando nas paredes e janelas, testando a sua robustez. Tinha uma arca cheia com os seus pertences de infância, resgatada ao sótão. Vasculhou as gavetas da escrivaninha, que tinham permanecido incólumes durante mais de uma década. Com um ar perplexo e como se tivesse todo o tempo do mundo, inspecionou as suas coisas, tocando-lhes, revirando-as nas mãos, examinando-as com um cuidado quase ritualista. Quando encontrou uma carta que recebera em criança, leu-a de fio a pavio como que pela primeira vez; quando encontrou uma boneca esquecida, sorriu e acariciou a face de porcelana pintada como se fosse novamente uma menina que recebera uma prenda.

Por fim, arrumou todos os seus pertences de infância cuidadosamente em

duas pilhas. Uma consistia em brinquedos e bugigangas que adquirira por si própria, fotografias e cartas secretas de amigos da escola, prendas que recebera de familiares distantes; a outra pilha consistia em coisas que o pai lhe dera e coisas que estavam direta ou indiretamente ligadas a ele. Foi nessa pilha que ela concentrou a sua atenção. Metodicamente, inexpressivamente, sem raiva nem alegria, pegou nesses objetos, um a um, e destruiu-os. Queimou as cartas na lareira e as roupas, o enchimento das bonecas, as almofadas dos alfinetes e as fotografias; reduziu a pó fino, na pedra da lareira, as cabeças de barro e porcelana, as mãos, braços e pés das bonecas; e varreu o que restou depois da queima e destruição, fazendo uma pequena pilha que despejou pela sanita abaixo, na casa de banho ao lado do seu quarto.

Cumprida a sua tarefa – o quarto arejado para deixar sair o fumo, a lareira varrida, os outros pertences arrumados na cómoda –, Edith Bostwick Stoner sentou-se ao seu toucador e observou-se ao espelho, cujo fundo de prata começava a estalar e a ficar muito fino, de tal modo que, aqui e ali, a sua imagem era refletida com falhas ou nem sequer era refletida, dando ao seu rosto um ar curiosamente incompleto. Tinha trinta anos. O brilho da juventude começava a abandonar-lhe o cabelo, ínfimas rugas despontavam-lhe nos cantos dos olhos e a pele do rosto começava a repuxar em redor das maçãs do rosto. Fez um aceno de cabeça para a imagem no espelho, levantou-se abruptamente e foi ao andar de baixo, onde, pela primeira vez desde há dias, falou alegremente e quase que intimamente com a mãe.

Queria (disse ela) mudar. Era o que era há demasiado tempo. Falou da sua infância, do seu casamento. E com base em modelos de que conseguia falar apenas de um modo vago e incerto, descreveu a imagem que queria conquistar. Durante a quase totalidade daqueles dois meses em que permaneceu em St. Louis, junto da mãe, dedicou-se a essa conquista.

Pediu dinheiro emprestado à mãe, que lho ofereceu impulsivamente. Comprou um novo guarda-roupa e queimou todas as peças que levara consigo de Columbia. Cortou o cabelo curto, segundo o último grito da moda; comprou cosméticos e perfumes, com os quais fazia experiências diariamente no seu quarto. Aprendeu a fumar e cultivou uma nova maneira de falar que era quebradiça, vagamente inglesa e ligeiramente estridente. Regressou a Columbia com esta mudança exterior devidamente dominada e com outra mudança, secreta e potencial, dentro de si.

Durante os primeiros meses após o seu regresso a Columbia, entregou-se a um frenesim de atividade; já não lhe parecia necessário fingir para si própria que estava doente ou debilitada. Inscreveu-se num pequeno grupo de teatro e dedicou-se ao trabalho que lhe era entregue: desenhou e pintou cenários, angariou dinheiro para o grupo e desempenhou inclusive pequenos papéis nas peças. Quando Stoner chegava a casa, à tarde, encontrava a sala cheia de amigos dela, desconhecidos que o fitavam como se fosse um intruso e que ele cumprimentava educadamente com um aceno de cabeça, retirando-se depois para o seu escritório, de onde ouvia as vozes deles, abafadas e declamatórias, do lado de lá das paredes.

Edith comprou um piano vertical e instalou-o na sala, paredes-meias com o escritório de William. Desistira de tocar pouco antes do casamento e recomeçava agora praticamente do zero, treinando escalas, entregando-se penosamente a exercícios demasiado difíceis para si, tocando por vezes duas ou três horas por dia, frequentemente ao serão, depois de Grace se deitar.

Os grupos de alunos que Stoner convidava para o seu escritório para conversar tornaram-se maiores e as reuniões mais frequentes, e Edith já não se comprazia em ficar no andar de cima, longe das reuniões. Insistia em servir-lhes chá ou café e, depois de o fazer, sentava-se no escritório. Falava alto e em tom alegre, conseguindo desviar a conversa para o seu trabalho no pequeno teatro ou para a sua música, ou para a sua pintura e escultura, às quais (anunciou) tencionava dedicar-se novamente, assim que arranjasse tempo. Os alunos, desconcertados e embaraçados, deixaram de comparecer, aos poucos, e Stoner começou a encontrar-se com eles para tomar café na cantina da universidade ou num dos cafezinhos espalhados pelo recinto universitário.

Não falou com Edith sobre o seu novo comportamento. As atividades dela eram um incómodo menor para ele e ela parecia feliz, embora porventura um nadinha desesperada. No fim, Stoner sentiu-se responsável pelo novo rumo que a vida dela tomara; fora incapaz de descobrir, em prol de Edith, um sentido para a sua vida juntos, para o seu casamento. Assim sendo, era normal que ela procurasse um sentido onde pudesse, em campos que nada tinham que ver com ele, e que enveredasse por caminhos que ele não podia seguir.

Encorajado pelo seu novo sucesso enquanto professor, e pela sua crescente popularidade junto dos melhores alunos de pós-graduação, Stoner começou a

escrever um novo livro no verão de 1930. Passava agora a maior parte do seu tempo livre no escritório. Ele e Edith mantinham a pretensão de partilharem o quarto de dormir, mas Stoner raramente lá entrava, muito menos à noite. Dormia no sofá do escritório e guardava inclusivamente as roupas num pequeno armário que construiu a um canto.

Podia desfrutar da companhia de Grace. Como se tornara hábito na primeira longa ausência da mãe, ela passava muito tempo com o pai no escritório. Stoner arranjou-lhe inclusive uma pequena secretária e cadeira para ela ler e fazer os trabalhos de casa. Tomavam as refeições as mais das vezes sozinhos. Edith passava muito tempo fora de casa e, quando não estava ausente, recebia frequentemente os seus amigos do teatro em festinhas que não se coadunavam com a presença de uma criança.

Depois, abruptamente, Edith começou a ficar em casa. Os três voltaram a tomar as refeições juntos e Edith deu inclusive alguns sinais no sentido de cuidar da casa. A casa estava silenciosa; até o piano se mantinha imobilizado, com o teclado a ganhar pó.

Tinham chegado àquele ponto na sua vida juntos em que raramente falavam de si próprios ou um do outro, para não quebrarem o delicado equilíbrio que tornava essa vida possível. Foi, portanto, somente após uma longa hesitação e ponderação acerca das consequências que Stoner finalmente lhe perguntou se se passava alguma coisa de errado.

Estavam sentados à mesa do jantar; Grace tinha recebido autorização para se levantar e ir ler para o escritório de Stoner.

– Porque é que perguntas? – quis saber Edith.

– Os teus amigos – disse William – já cá não vêm há uns tempos e tu já não pareces tão envolvida no trabalho do teatro. Fiquei a pensar se teria acontecido alguma coisa, foi só isso.

Com um gesto quase masculino, Edith sacudi o maço de tabaco ao lado do seu prato para tirar um cigarro, entalou-o nos lábios e acendeu-o com a ponta de outro que tinha deixado a meio. Inalou fundo sem tirar o cigarro da boca e inclinou a cabeça para trás, de maneira que, quando fitou William, fê-lo de olhos semicerrados, inquiridores e calculistas.

– Não aconteceu nada – disse ela. – Simplesmente cansei-me deles e do trabalho. Tem de haver sempre alguma coisa de errado?

– Não – retorquiu William. – Mas pensei que talvez não te andasses a sentir bem ou uma coisa desse género.

Não pensou mais na conversa e daí a nada levantou-se da mesa e foi para o escritório, onde Grace estava sentada à sua secretária, absorta num livro. A luz do candeeiro brilhava-lhe no cabelo e realçava-lhe o perfil do rosto pequeno e sério. Ela cresceu neste último ano, pensou William, e por um brevíssimo instante uma ligeira tristeza, mas não desagradável, deixou-lhe um nó na garganta. Sorriu e dirigiu-se silenciosamente para a sua secretária.

Daí a uns instantes, estava absorto no seu trabalho. Na noite anterior, pusera o trabalho da faculdade em dia, corrigira ensaios dos alunos e preparara todas as aulas da semana seguinte. Olhou para o serão diante de si, e os seguintes, em que poderia dedicar-se livremente ao seu livro. Ainda não sabia muito bem o que queria escrever nesse novo livro; em termos gerais, queria alargar o seu primeiro estudo, no que tocava a fronteiras temporais e abrangência do tema. Queria analisar o período da Renascença inglesa e mostrar as influências do latim clássico e medieval. Estava na fase de planear o seu estudo e era precisamente essa a fase que mais prazer lhe dava: a seleção entre as diferentes abordagens, a rejeição de determinadas estratégias, os mistérios e incertezas que jaziam em possibilidades inexploradas, as consequências de cada escolha... As possibilidades que conseguia vislumbrar empolgavam-no tanto que não conseguia estar quieto. Levantou-se da secretária, deu uns passos para trás e para a frente e, com uma espécie de alegria frustrada, falou com a filha, que ergueu os olhos do livro e lhe respondeu.

Grace captou o estado de espírito do pai e ele disse qualquer coisa que a fez soltar uma gargalhada. Desataram a rir que nem dois perdidos, como se fossem ambos crianças. De repente, a porta abriu-se e a luz agressiva da sala fluíu para os recessos sombrios do escritório. Edith ficou parada na soleira da porta, em contraluz.

– Grace – disse ela, pronunciando distinta e lentamente as palavras –, o teu pai está a tentar trabalhar, não o incomodes.

Durante vários instantes, William e a filha ficaram tão estupefactos com a súbita intrusão que nenhum deles se moveu nem falou. Depois, William conseguiu dizer:

– Não faz mal, Edith. Ela não me incomoda.

Como se ele não tivesse dito nada, Edith insistiu:

– Grace, ouviste o que eu disse? Sai já daí.

Atordoada, Grace levantou-se da cadeira e atravessou o escritório. A meio,

deteve-se, fitando primeiro o pai e depois a mãe. Edith recomeçou a falar, mas William interrompeu-a:

– Deixa estar, Grace – disse ele, com o máximo de brandura de que foi capaz. – Deixa estar. Vai com a tua mãe.

Enquanto Grace transpunha a porta do escritório em direção à sala, Edith disse ao marido:

– Esta criança tem tido liberdade a mais. Não é natural ela ser tão calada, tão reservada. Tem passado demasiado tempo sozinha. Devia ser mais ativa, brincar com as crianças da sua idade. Não vês como tem estado infeliz?

E fechou a porta antes que ele pudesse responder.

Stoner não se mexeu durante muito tempo. Olhou para a secretária, pejada de apontamentos e livros abertos. Atravessou o escritório lentamente e arrumou os papéis e os livros às três pancadas. Ficou parado, de sobrolho franzido, mais uns quantos minutos, como se estivesse a tentar lembrar-se de alguma coisa. Depois, virou-se outra vez e dirigiu-se para a pequena secretária de Grace; ficou aí postado uns instantes, exatamente como fizera junto da sua secretária. Apagou a luz do candeeiro, deixando o tampo da mesa cinzento e sem vida, e aproximou-se do sofá, onde se deitou de olhos abertos, fixando o teto.

A enormidade abateu-se sobre ele gradualmente, e foi só ao fim de várias semanas que conseguiu admitir o que Edith estava a planear. Quando finalmente admitiu o que se passava, fê-lo quase sem surpresa. Edith levava a cabo a sua campanha com tanta astúcia e mestria que ele não conseguia arranjar motivos racionais de queixa. Depois da sua entrada abrupta e quase brutal no escritório, naquela noite, uma entrada que, em retrospectiva, lhe parecia um ataque-surpresa, a estratégia de Edith tornou-se mais indireta, mais discreta e contida. Era uma estratégia que se disfarçava de amor e preocupação e contra a qual, por conseguinte, ele se sentia impotente.

Edith passava agora praticamente o tempo todo em casa. Durante a manhã e o início da tarde, enquanto Grace estava na escola, entretinha-se a redecorar o quarto da filha. Tirou a pequena secretária do escritório de Stoner, lixou-a e pintou-a de rosa-claro, atando em redor do tampo uma fita larga de cetim franzido a condizer, de modo que a secretária deixou de ser a mesma a que Grace se habituara. Numa tarde, com Grace parada e muda ao seu lado, passou em revista todas as roupas que William comprara para a filha, rejeitou a maior parte delas e prometeu a Grace que iriam à baixa, nesse fim de

semana, substituir as peças de roupa postas de lado por outras mais adequadas, mais «menineiras». E assim fizeram. Ao fim da tarde, cansada mas triunfante, Edith regressou com um monte de embrulhos e uma filha exausta, desesperadamente desconfortável no seu vestido novo, rígido de tanta goma e exibindo uma miríade de folhos, com as pernitas magras a saírem por baixo da bainha entufada como uns tristes gravetos.

Edith comprou bonecas e brinquedos para a filha e observava-a de perto, enquanto ela brincava com eles como se fosse um dever. Começou a dar-lhe aulas de piano e sentava-se ao lado dela no banco, enquanto a garota exercitava. À mínima oportunidade, organizava festinhas para ela, nas quais participavam as crianças da vizinhança, vingativas e amuadas nas suas roupas rígidas e formais, e supervisionava severamente as leituras e trabalhos de casa da filha, não a deixando estudar para lá das horas que destinava a essa tarefa.

Agora, as visitas de Edith eram as mães da vizinhança. Vinham de manhã e bebiam café e conversavam enquanto os filhos estavam na escola; à tarde, traziam as crianças com elas e viam-nas brincar na grande sala, enquanto falavam descontraidamente, com o barulho de jogos e corridas como pano de fundo.

Geralmente, nessas tardes, Stoner confinava-se ao escritório, mas ouvia o que as mães diziam, uma vez que falavam alto para se sobreporem às vozes dos filhos.

Um dia, num momento de acalmia, ouviu Edith dizer: «Coitada da Grace. Gosta tanto do pai, mas ele tem tão pouco tempo para ela, por causa do trabalho. Ainda por cima começou a escrever mais um livro...»

Curiosamente, quase involuntariamente, ele viu as suas mãos, que estavam a segurar um livro, começarem a tremer. Tremeram vários minutos até que as conseguiu controlar, enterrando-as nos bolsos, cerrando-as e mantendo-as assim.

Raramente via a filha, agora. Os três tomavam as refeições juntos, mas, nessas ocasiões, mal se atrevia a falar com ela, porque, quando o fazia, e quando Grace lhe respondia, Edith rapidamente encontrava alguma falha nos modos de Grace à mesa, ou na maneira como estava sentada, e falava com tanta rispidez que a filha ficava calada e abatida o resto da refeição.

O corpo de Grace, que já era esguio, começou a emagrecer. Edith troçava ligeiramente do facto de ela «crescer para cima e não para os lados». Os olhos da menina tornaram-se vigilantes, quase desconfiados; a expressão que

em tempos fora sossegadamente serena era agora ou levemente mal-humorada, ou, no extremo oposto, alegre e animada, a roçar a histeria; raramente sorria, embora se risse muito. E quando sorria, era como se um fantasma lhe perpassasse o rosto. Uma vez, estando Edith no andar de cima, William e a filha cruzaram-se na sala. Grace sorriu-lhe timidamente e, involuntariamente, ele ajoelhou-se no chão e abraçou-a. Sentiu o corpo dela ficar hirto e viu-lhe o rosto tornar-se confuso e receoso. Levantou-se devagar, afastando-se dela, disse qualquer coisa inconsequente e retirou-se para o seu escritório.

Na manhã seguinte, deixou-se ficar à mesa do pequeno-almoço até Grace sair para a escola, embora soubesse que, assim, chegaria atrasado à aula das nove. Depois de acompanhar Grace à porta, Edith não voltou para a sala de jantar e ele percebeu que ela estava a evitá-lo. Foi à sala de estar, onde a sua mulher se encontrava sentada numa ponta do sofá, com uma chávena de café e um cigarro.

Sem preliminares, disse:

– Edith, não gosto do que está a acontecer à Grace.

Prontamente, como se agarrasse a sua deixa, ela ripostou:

– O que é que queres dizer com isso?

Ele sentou-se na outra ponta do sofá, longe de Edith. Uma sensação de impotência assolou-o.

– Tu sabes o que eu quero dizer – respondeu, cansado. – Sê mais branda com ela. Não sejas tão exigente.

Edith apagou o cigarro no pires.

– A Grace nunca esteve tão feliz. Agora tem amigos, coisas com que se entreter. Sei que estás demasiado ocupado para reparar nessas coisas, mas... de certeza que já percebeste como ela está muito mais extrovertida. E ri-se. Antes, ela nunca se ria. Ou quase nunca.

William fitou-a, remetido ao silêncio pelo espanto.

– Acreditas mesmo nisso, não acreditas?

– Claro que acredito – disse Edith. – Sou a mãe dela.

E acreditava, percebeu Stoner, abanando a cabeça.

– Nunca quis admiti-lo para mim próprio – disse, com uma espécie de tranquilidade –, mas odeias-me mesmo, não odeias, Edith?

– O quê? – o espanto na voz dela era genuíno. – Oh, Willy! – soltou uma gargalhada límpida. – Não sejas tolo. É claro que não. És o meu marido.

– Não uses a nossa filha. – Ele não conseguiu impedir a sua voz de tremer.
– Já não é preciso, sabes disso. Usa outra coisa qualquer. Mas se continuares a usar a Grace, eu... – não terminou a frase.

Passado um instante, Edith disse:

– Tu o quê? – falou baixinho e sem o tom de desafio. – A única coisa que podias fazer era deixar-me, mas tu nunca o farias. Ambos o sabemos.

Ele fez um gesto de assentimento.

– Acho que tens razão. – Levantou-se, cego, e foi para o escritório. Tirou o casaco do armário e pegou na pasta que estava ao lado da secretária. Quando passou pela sala de estar, Edith interpelou-o.

– Willy, eu nunca faria mal à Grace. Devias saber isso. Adoro-a. É minha filha, carreguei-a dentro de mim.

E ele sabia que era verdade, Edith gostava mesmo da filha. Essa verdade quase o fez gritar. Abanou a cabeça e saiu para a rua.

Quando chegou a casa, nessa tarde, descobriu que, durante o dia, Edith tinha tirado, com a ajuda de um caroqueiro da zona, todos os pertences dele do escritório. Enfiados num canto da sala, estavam a sua secretária e o seu sofá e, à volta deles, ao monte, as suas roupas, os seus papéis e todos os seus livros.

Uma vez que ela passava agora mais tempo em casa, tinha (explicou ela) decidido retomar a pintura e a escultura, e o escritório dele, com a luz vinda de norte, era a única assoalhada da casa que tinha a luz como devia ser. Sabia que ele não se importaria com a mudança. Podia instalar-se na marquise ao fundo da casa; ficava mais longe da sala do que o escritório, portanto teria mais sossego para trabalhar.

Mas a marquise era tão pequena que ele não podia arrumar os livros com o mínimo de ordem, e também não havia espaço para a secretária e para o sofá que tinha tido no escritório, por isso guardou-os na cave. Era difícil aquecer a marquise no inverno e, no verão, ele sabia que o sol incidia com tanta intensidade nos painéis de vidro que seria impossível lá estar. No entanto, trabalhou ali durante vários meses. Arranjou uma mesa pequena e usou-a como secretária, e comprou um aquecedor para mitigar um pouco o frio que ao serão se infiltrava por entre as finas tábuas de madeira. À noite, dormia embrulhado num cobertor no sofá da sala.

Após uns meses de paz relativa, embora desconfortável, começou a encontrar, quando regressava à tarde da universidade, objetos domésticos que tinham posto de parte – candeeiros partidos, tapetes, pequenas arcas e caixas de bricabraque – espalhados pelo espaço que lhe servia agora de escritório.

– A cave é tão húmida – disse Edith – que iam acabar por se estragar. Não te importas que os guarde aqui durante uns tempos, pois não?

Numa tarde de primavera, Stoner regressou a casa durante uma tempestade e descobriu que uma das vidraças se tinha partido de alguma maneira e que a chuva tinha estragado vários livros e tornado muitos dos seus apontamentos ilegíveis. Umas semanas depois, chegou a casa e deparou com Grace e umas quantas amigas a brincarem na marquise, com a autorização de Edith, e que mais umas notas suas e as primeiras páginas do seu manuscrito tinham sido rasgadas.

– Só as deixei lá entrar uns minutos – disse Edith. – Precisam de um espaço para brincar. Mas não fazia ideia. Devias falar com a Grace. Eu já lhe expliquei que o teu trabalho é muito importante para ti.

Stoner desistiu, finalmente. Mudou todos os livros que pôde para o seu gabinete na universidade, que partilhava com três docentes mais novos; a partir daí, passava na faculdade muito do tempo que antes dispendia em casa, regressando cedo somente quando a solidão e as saudades de um vislumbre da filha, ou de uma palavrinha com ela, o impossibilitavam de ficar longe.

No seu gabinete, porém, só havia espaço para uns quantos livros e a escrita do manuscrito era constantemente interrompida por ele não dispor dos textos necessários. Além disso, um dos seus colegas de gabinete, um jovem zeloso, tinha o hábito de marcar reuniões com os alunos ao final do dia e as conversas sibilantes e custosas que lhe chegavam da outra ponta do gabinete distraíam-no, pelo que tinha dificuldade em concentrar-se. Perdeu o interesse pelo seu novo livro; abrandou o ritmo de trabalho até o suspender por completo. Percebeu, finalmente, que o trabalho se tornara um refúgio, um porto de abrigo, uma desculpa para se meter no gabinete à noite. Lia e estudava e, por fim, acabou por encontrar algum conforto, algum prazer e, inclusive, alguns resquícios da velha alegria no que fazia, o aprender por aprender, sem nenhum objetivo em especial.

E Edith abrandara também a sua perseguição e a preocupação obsessiva com Grace, de maneira que a menina começava pontualmente a sorrir e até a falar com o pai com algum à-vontade. Stoner sentiu, assim, que afinal era

possível viver, e inclusive ser feliz, de vez em quando.

Capítulo 9

A direção do Departamento de Inglês, que Gordon Finch assumira provisoriamente depois da morte de Arthur Sloane, foi renovada de ano para ano, até que todos os membros do departamento se habituaram a uma descontraída anarquia. De alguma maneira, as aulas eram marcadas e lecionadas, os novos docentes eram contratados, os pormenores administrativos triviais iam sendo resolvidos, de algum modo, e os anos iam-se sucedendo, de alguma forma, uns aos outros. Era do entendimento geral que um diretor permanente seria nomeado assim que fosse possível eleger Finch para diretor da Faculdade de Letras, um cargo que ele ocupava na prática, embora não na teoria. Josiah Claremont ameaçava nunca morrer, embora já raramente alguém o visse a passear pelos corredores.

Os membros do departamento faziam a sua vida, davam as cadeiras que tinham lecionado no ano anterior e visitavam os gabinetes uns dos outros nos intervalos das aulas. Reuniam-se a título oficial apenas no início de cada semestre, quando Gordon Finch convocava uma reunião rotineira do departamento, e nas ocasiões em que o diretor dos estudos de pós-graduação lhes enviava memorandos a pedir para fazerem exames orais ou avaliações de teses a alunos de pós-graduação que estavam prestes a terminar o seu trabalho.

Esses exames ocupavam cada vez mais o tempo de Stoner. Para sua surpresa, começou a gozar de uma certa popularidade, ainda que modesta, como professor. Tinha de rejeitar alunos que queriam entrar para o seu seminário de mestrado sobre Tradição Latina e Literatura da Renascença, e as suas cadeiras de licenciatura estavam sempre cheias. Vários alunos de pós-graduação pediram-lhe para ser o seu orientador de tese e vários outros pediram-lhe para fazer parte do júri de avaliação.

No outono de 1931, o seminário já estava praticamente cheio antes de começarem as inscrições, porque muitos alunos tinham falado com Stoner, no fim do ano letivo precedente ou durante o verão. Uma semana depois de ter

começado o semestre, e depois de a turma se ter reunido uma vez, um aluno foi ao gabinete de Stoner pedir para ele o deixar entrar para a turma.

Stoner estava sentado à secretária com a lista de alunos do seminário diante de si, tentando decidir que tarefas lhes dar, o que era particularmente difícil, uma vez que não conhecia muitos deles. Era uma tarde de setembro e tinha aberto a janela ao lado da sua secretária. A fachada da faculdade projetava a sua sombra no relvado verdejante, que exibia os contornos precisos do grande edifício, com a sua cúpula semicircular e o telhado irregular escurecendo o verde e estendendo-se impercetivelmente na direção do recinto universitário e mais além. Uma brisa fresca soprava pela janela, trazendo a fragrância tonificante do outono.

Bateram. Stoner virou-se para a porta que estava aberta e disse:

– Entre.

Uma figura saiu da escuridão do corredor para a luz do gabinete. Stoner piscou os olhos, entorpecido pela penumbra, reconhecendo um aluno que lhe chamara a atenção nos corredores, mas que não conhecia. O braço esquerdo do rapaz pendia, sem vida, e o pé esquerdo arrastava a cada passo. O rosto era pálido e redondo, os óculos de aros de tartaruga eram igualmente redondos e o cabelo preto e fino estava penteado de risca ao lado e acachapado ao crânio redondo.

– Professor Stoner? – perguntou, numa voz esganiçada e aristocrática, com uma dicção muito clara.

– Sim – disse Stoner. – Sente-se.

O rapaz instalou-se na cadeira de madeira ao lado da secretária. Tinha a perna esticada a formar uma linha reta e a mão esquerda, permanentemente deformada num punho semifechado, pousada em cima dela. Sorriu, inclinou a cabeça e disse, com um ar curioso de autocomiseração:

– Provavelmente não me conhece, professor. O meu nome é Charles Walker e sou aluno do segundo ano de doutoramento. Sou o assistente do professor Lomax.

– Sim, Sr. Walker – disse Stoner. – Em que posso ajudá-lo?

– Bom, vim pedir-lhe um favor, professor. – Walker sorriu novamente. – Sei que o seu seminário está cheio, mas queria muito fazer parte da sua turma. – Fez uma pausa e, depois, acrescentou com ênfase: – O professor Lomax sugeriu que eu falasse consigo.

– Entendo – respondeu Stoner. – Qual é a sua área de especialização, Sr.

Walker?

– Os poetas românticos – disse Walker. – O professor Lomax é o meu orientador.

Stoner fez um sinal de assentimento.

– Em que ponto vai o seu trabalho de doutoramento?

– Espero acabar a tese daqui a dois anos – respondeu Walker.

– Então, isso facilita as coisas – ripostou Stoner. – Dou este seminário todos os anos. Está tão cheio, neste momento, que já nem é propriamente um seminário, e mais uma pessoa ia dar cabo dele de vez. Porque é que não espera até ao próximo ano, se quer mesmo fazer o seminário?

Os olhos de Walker desviaram-se de Stoner.

– Bom, para ser sincero – começou ele, e sorriu outra vez –, fui vítima de um equívoco. Tudo culpa minha, claro. Não percebi que os alunos de doutoramento têm de fazer pelo menos quatro seminários para obter o grau académico, e eu não fiz absolutamente nenhum no ano passado. E, como sabe, não nos permitem fazer mais do que um por semestre. Por isso, para eu me poder doutorar daqui a dois anos, preciso de fazer um este semestre.

Stoner suspirou.

– Entendo. Então, na verdade não tem um interesse especial pela influência da tradição latina?

– Oh, tenho, claro que sim, professor. Claro que sim. Será extremamente útil para a minha tese.

– Sr. Walker, este seminário é particularmente especializado e só encorajo a fazê-lo quem tiver um interesse específico.

– Sim, professor – respondeu Walker. – Garanto-lhe que *tenho* um interesse específico.

Stoner fez um gesto de assentimento.

– Como é o seu latim?

Walker acenou com a cabeça.

– Oh, é bom, professor. Ainda não fiz nenhum exame de latim, mas leio à vontade.

– Sabe francês e alemão?

– Ah, sim, professor. Uma vez mais, ainda não fiz os exames, pensei em despachá-los todos ao mesmo tempo, no final deste ano letivo. Mas sou fluente na leitura de ambas as línguas. – Walker fez uma pausa e, depois, acrescentou: – O professor Lomax disse que achava que eu conseguiria

perfeitamente fazer o seminário.

Stoner suspirou.

– Muito bem – disse. – Grande parte das leituras será feita em latim e uma pequena parte em francês e em alemão, embora talvez consiga dar conta do recado sem essas duas línguas. Vou dar-lhe a lista da bibliografia e falaremos sobre o seu tema de seminário na próxima quarta-feira à tarde.

Walker agradeceu-lhe profusamente e levantou-se da cadeira com uma certa dificuldade.

– Vou começar já as leituras – disse. – Tenho a certeza de que não se vai arrepender de me aceitar na sua turma, professor.

Stoner fitou-o ligeiramente surpreendido.

– A questão nem me passou pela cabeça, Sr. Walker – respondeu secamente. – Até quarta-feira.

O seminário tinha lugar numa pequena sala, na cave da ala sul de Jesse Hall. Um cheiro a humidade, mas não desagradável, emanava das paredes de cimento e os pés arrastavam-se em sussurros ocos no chão de cimento despido. Uma única lâmpada pendurada a meio do teto iluminava a sala na vertical, de tal maneira que os alunos sentados nas carteiras ao centro da sala eram banhados por um jorro de luz, mas as paredes permaneciam de um cinza penumbroso e os cantos quase às escuras, como se o cimento liso e sem pintura sugasse a luz que caía a pique do teto.

Na segunda quarta-feira do seminário, William Stoner entrou na sala com uns minutos de atraso. Falou com os alunos e começou a ordenar os livros e os papéis na pequena secretária de carvalho encaixada sob um quadro preto que cobria a parede. Olhou para o grupinho espalhado pela sala. Conhecia alguns deles: dois eram alunos de doutoramento que ele estava a orientar, quatro eram alunos de mestrado que tinham feito cadeiras de licenciatura com ele; dos restantes, três eram alunos de línguas modernas, um era um aluno de filosofia que estava a escrever a tese sobre Escolástica, outro era uma mulher já com uma certa idade, uma professora de liceu a tentar o mestrado durante uma licença sabática, e o último era uma rapariga de cabelo escuro, uma leitora nova no departamento que aceitara o cargo por dois anos, enquanto terminava a tese que começara depois de acabar a licenciatura numa universidade do leste do país. Pergantara a Stoner se podia assistir ao seminário e ele concordara. Charles Walker não se encontrava no grupo. Stoner esperou mais uns instantes, remexendo nos seus papéis; depois,

pigarreou e começou a aula.

– No nosso primeiro encontro falámos sobre os objetivos deste seminário e decidimos que devíamos limitar o nosso estudo da tradição latina às primeiras três das sete artes liberais, isto é: à gramática, retórica e dialética.

Fez uma pausa e observou os rostos – hesitantes, curiosos, tipo máscara – concentrarem-se nele e no que dizia.

– Essa limitação pode parecer absurdamente rigorosa aos olhos de alguns de vós, mas eu não tenho dúvidas de que teremos matéria suficiente para nos mantermos ocupados, mesmo que sigamos apenas superficialmente o curso do trívio até ao século XVI. É importante percebermos que estas artes da retórica, gramática e dialética tinham um significado para o homem do final da Idade Média e início do Renascimento que nós, hoje, apenas conseguimos vagamente captar, se não fizermos um exercício de imaginação histórica. Para um estudioso dessa época, a arte da gramática, por exemplo, não era simplesmente a disposição mecânica das partes do discurso. Do final dos tempos helenísticos e até à Idade Média, o estudo e a prática da gramática incluíam não só a «arte das letras» mencionada por Platão e Aristóteles, mas também, e isto tornou-se muito importante, o estudo da poesia nas suas proezas técnicas, uma exegese da poesia quer na forma, quer na substância, e a beleza do estilo, no sentido em que se distingue da retórica.

Sentiu que começava a mergulhar no tema e teve consciência de que vários alunos se tinham inclinado para a frente e parado de tirar apontamentos. Prosseguiu:

– Além disso, se nos perguntarem, no século XX, qual destas três artes é a mais importante, talvez escolhêssemos a dialética ou a retórica, mas quase de certeza que não escolheríamos a gramática. No entanto, o estudioso, e poeta, romano e medieval consideraria, quase de certeza, a gramática como a mais importante. Não nos podemos esquecer de que...

Foi interrompido por um barulho forte. A porta abriu-se e Charles Walker entrou na sala; quando fechou a porta, os livros que levava debaixo do braço paralisado escorregaram e caíram com estrépito no chão. Ele baixou-se desajeitadamente, com a perna deficiente esticada para a frente, e apanhou lentamente os livros e papéis. Depois, endireitou-se e atravessou a sala, arrastando os pés no cimento tosco com um som sibilante que fez um eco sepulcral. Encontrou uma cadeira livre na primeira fila e sentou-se.

Depois de Walker se ter sentado e organizado os seus papéis e livros à

volta da cadeira, Stoner continuou:

– Não nos podemos esquecer de que o conceito medieval de gramática era ainda mais abrangente do que o do final do período helenístico ou romano. Não só incluía a ciência do discurso correto e a arte da exegese, como também incluía os conceitos modernos de analogia, etimologia, métodos de apresentação e construção, a condição da liberdade poética e as exceções a essa condição... e inclusive linguagem metafórica e figuras de estilo.

Enquanto prosseguia, discorrendo sobre as categorias de gramática que mencionara, Stoner passou os olhos pela turma. Percebeu que tinha perdido a atenção dos alunos durante a entrada de Walker e soube que ia demorar algum tempo a trazê-los de volta. Uma e outra vez o seu olhar recaiu, curioso, em Walker, que, depois de ter tirado apontamentos freneticamente durante uns momentos, foi deixando gradualmente o lápis repousar no caderno, enquanto fitava Stoner com o sobrolho franzido de desconcerto. Por fim, Walker espetou o braço no ar. Stoner acabou a frase que começara e fez-lhe um aceno de cabeça.

– Professor – disse Walker –, desculpe, mas não percebo. O que é que – fez uma pausa e deixou a língua enrolar-se na palavra – a *gramática* tem que ver com a poesia? Fundamentalmente, quero eu dizer. Com a *verdadeira* poesia.

Stoner respondeu suavemente:

– Como eu estava a explicar antes da sua chegada, Sr. Walker, o termo «gramática» era, para os retóricos romanos e medievais, muito mais abrangente do que é hoje. Para eles, significava... – fez uma pausa, percebendo que ia repetir o início da aula; sentiu os alunos mexerem-se nas cadeiras, inquietos. – Penso que essa relação se tornará clara para si à medida que avançarmos, à medida que formos vendo o quanto os poetas e dramaturgos do Renascimento, inclusive dos meados e finais do Renascimento, deviam aos retóricos latinos.

– Todos, professor? – Walker sorriu e recostou-se na cadeira. – Não foi Samuel Johnson que disse que Shakespeare sabia pouco de latim e ainda menos de grego? Shakespeare!

Quando a sala se agitou num burburinho de risos abafados, Stoner sentiu-se assolado por uma espécie de pena.

– Quer dizer Ben Jonson, certamente.

Walker tirou os óculos e limpou-os, pestanejando, impotente.

– Claro – disse. – Foi um deslize, enganei-me.

Embora Walker o tenha interrompido várias vezes, Stoner conseguiu dar a aula sem grandes dificuldades e distribuir trabalho pelos alunos. Acabou o seminário quase meia hora mais cedo e saiu da sala a correr, quando viu Walker a arrastar-se na sua direção com um sorriso fixo no rosto. Subiu com estrépito as escadas de madeira da cave para o rés-do-chão e galgou dois a dois os degraus de mármore liso que levavam ao primeiro andar. Tinha a estranha sensação de que Walker o seguia obstinadamente, arrastando os pés, tentando ultrapassá-lo na sua fuga. Foi de imediato assolado por uma onda de vergonha e culpa.

No segundo andar, foi direito ao gabinete de Lomax. Lomax estava numa reunião com um aluno. Stoner espetou a cabeça para dentro do gabinete e disse:

– Holly, posso dar-te uma palavrinha quando estiveres despachado?

Lomax fez-lhe um aceno bem-disposto.

– Entra. Estávamos mesmo a acabar.

Stoner entrou e fingiu que examinava as filas de livros nas estantes, enquanto Lomax e o aluno trocavam umas últimas palavras. Quando o aluno se foi embora, Stoner sentou-se na cadeira que ele acabara de vagar. Lomax fitou-o com ar inquiridor.

– É sobre um aluno – explicou Stoner. – Charles Walker. Ele disse que tu o mandaste ir ter comigo.

Lomax encostou as pontas dos dedos umas às outras e contemplou-as, fazendo que sim com a cabeça.

– Sim. Penso que de facto sugeri que ele poderia tirar proveito do teu seminário... sobre o quê? Ah, sobre a tradição latina.

– O que é que me podes dizer sobre ele?

Lomax levantou os olhos das mãos para o teto, espetando o lábio inferior judiciosamente.

– É um bom aluno. Um aluno muito acima da média, diria eu. Está a escrever a tese sobre Shelley e o ideal grego. A tese promete ser brilhante, verdadeiramente brilhante. Não será aquilo a que alguns chamariam – ele hesitou delicadamente na escolha da palavra – um trabalho *sólido*, mas é extremamente imaginativo. Há algum motivo em especial para a tua pergunta?

– Há – respondeu Stoner. – Ele portou-se de uma maneira particularmente

disparatada no seminário de hoje. Fiquei a pensar se devo dar uma importância especial a isso ou não.

A anterior boa disposição de Lomax desaparecera e a máscara mais familiar da ironia descera-lhe sobre o rosto.

– Ah, sim – disse, com um sorriso gelado. – O embaraço e a tolice dos jovens. O Walker é, por motivos que poderás compreender, particularmente tímido e, por conseguinte, às vezes mostra-se defensivo e demasiado assertivo. Tal como todos nós, ele tem os seus problemas, mas espero que as suas capacidades académicas e críticas não sejam avaliadas à luz das suas perturbações psíquicas absolutamente compreensíveis. – Olhou diretamente para Stoner e, com alegre malevolência, disse: – Como deves ter reparado, ele é aleijado.

– Pode ser isso – respondeu Stoner, pensativo. Suspirou e levantou-se. – Suponho que seja demasiado cedo para haver motivo de alarme. Quis só confirmar contigo.

De repente, a voz de Lomax tornou-se tensa e quase trémula de raiva reprimida.

– Vais ver que é um aluno muito acima da média. Garanto-te que o vais achar um *excelente* aluno.

Stoner fitou-o um instante, franzindo o sobrolho, perplexo. Depois, fez um aceno de assentimento e saiu do gabinete.

O seminário era semanal. Nas primeiras sessões, Walker interrompia a aula com perguntas e comentários que eram tão desconcertantemente descabidos que Stoner nem sabia como lhes responder. Em breve, as perguntas e afirmações de Walker começaram a ser acolhidas com risos ou desprezo assumido pelos próprios alunos e, passadas umas semanas, ele deixou de falar e ficava sentado com um ar de indignação pétrea e integridade ofendida, enquanto a turma se agitava à sua volta. Teria sido divertido, pensou Stoner, se não houvesse qualquer coisa de tão ostentoso no ultraje e ressentimento de Walker.

Mas, apesar de Walker, o seminário foi um êxito, uma das melhores cadeiras que Stoner lecionou desde sempre. Quase desde o início, as implicações do tema cativaram os alunos e eles tiveram aquela sensação de descoberta que surge quando uma pessoa sente que o tema em mãos está no

âmago de uma questão muito mais vasta e importante, quando uma pessoa sente que a exploração desse tema a conduzirá provavelmente... não se sabe aonde. A turma organizou-se naturalmente e os alunos envolveram-se tanto nas sessões que o próprio Stoner se tornou simplesmente um deles, explorando o caminho com tanto empenho como eles. Até a rapariga que estava só a assistir às aulas – a jovem leitora que estava de passagem por Columbia, enquanto terminava a tese – perguntou se podia fazer um trabalho sobre um dos tópicos do seminário; achava que tinha encontrado algo que podia ser interessante para os colegas. Chamava-se Katherine Driscoll e tinha vinte e muitos anos. Stoner nunca tinha reparado efetivamente nela, até a rapariga lhe ter falado no fim de uma sessão sobre o tal trabalho e perguntado se estaria disposto a ler-lhe a tese quando estivesse pronta. Stoner respondeu-lhe que agradecia o trabalho dela e que teria todo o gosto em ler a dissertação.

Os trabalhos do seminário deviam ser entregues na segunda metade do semestre, depois das férias de Natal. A entrega do ensaio de Walker sobre «Helenismo e Tradição Latina Medieval» estava marcada para o início do período, mas ele não parou de a adiar, explicando a Stoner que estava com dificuldade em arranjar a bibliografia, por não se encontrar disponível na biblioteca da universidade.

Tinha ficado assente que Miss Driscoll, estando apenas a assistir às sessões, entregaria o seu trabalho depois de os alunos do seminário terem entregado os deles, mas, no último dia do prazo que Stoner indicara, duas semanas antes de terminar o semestre, Walker suplicou novamente para ele lhe dar mais uma semana. Tinha estado doente, andava com problemas de vista e um livro crucial da bibliografia ainda não tinha chegado, vindo de outra biblioteca. Por isso, Miss Driscoll entregou o trabalho no dia que ficara livre à conta da defeção de Walker.

O trabalho dela intitulava-se «Donato e a Tragédia Renascentista» e concentrava-se na forma como Shakespeare recorria à tradição donatense, uma tradição que persistira nas gramáticas e manuais da Idade Média. Uns momentos depois de ela ter começado a ler, Stoner percebeu que o trabalho era promissor e escutou-a com um entusiasmo que não sentia havia muito. Depois de ela acabar a leitura e a turma discutir o trabalho, Stoner reteve-a uns instantes, enquanto os outros alunos saíam da sala.

– Miss Driscoll, eu queria só dizer... – fez uma pausa e, por um instante, uma onda de atrapalhão e constrangimento assolou-o. Ela fitava-o

inquiridoramente com os seus grandes olhos escuros; o seu rosto era muito pálido em contraste com a moldura severa de cabelo preto, puxado para trás e apanhado num pequeno totó. Ele continuou: – Queria só dizer que o seu trabalho é a melhor análise que conheço do tema e agradeço-lhe muito por o ter apresentado.

Ela não respondeu. A sua expressão não se alterou, mas, por um instante, Stoner pensou que ela estava irritada, porque houve qualquer coisa de feroz que lhe brilhou fugazmente no olhar. Depois, ela corou violentamente e baixou a cabeça, se de raiva ou agradecimento, Stoner não percebeu, e afastou-se apressadamente dele. Stoner saiu lentamente da sala, inquieto e desconcertado, receoso de, com a sua falta de jeito, a ter de alguma maneira ofendido.

Avisara Walker, com o máximo de brandura de que fora capaz, de que tinha de entregar o trabalho até quarta-feira, para poder receber os créditos do seminário. Como já estava meio à espera, Walker recebeu o aviso com frieza e com uma raiva dentro dos limites do respeito, repetiu as várias situações e dificuldades que o tinham atrasado e garantiu a Stoner que não havia motivo para preocupações, o trabalho estava quase pronto.

Na última quarta-feira, Stoner foi retido durante vários minutos no seu gabinete por um aluno de licenciatura desesperado, que queria que lhe desse a garantia de que ia ter um dez na cadeira do segundo ano para não ser expulso da república. Stoner correu escada abaixo e entrou na sala de seminário, na cave, ligeiramente ofegante. Deparou com Charles Walker sentado à sua secretária, a olhar com ar imperioso e sombrio para o grupinho de alunos. Era evidente que estava envolvido numa qualquer fantasia privada. Virou-se para Stoner e fitou-o com altivez, como se fosse um professor a pôr um caloiro desordeiro no seu devido lugar. Depois, a expressão de Walker desfez-se e ele disse:

– Íamos começar sem si – calou-se de repente, deixou um sorriso transparecer-lhe nos lábios, inclinou a cabeça e acrescentou, para que Stoner percebesse que era uma piada: – professor.

Stoner fitou-o um instante e, depois, virou-se para a turma.

– Desculpem o atraso. Como sabem, hoje, o Sr. Walker vai-nos apresentar o seu trabalho sobre o tema «Helenismo e a Tradição Latina Medieval». – E sentou-se na primeira fila, ao lado de Katherine Driscoll.

Charles Walker remexeu uns instantes as folhas de papel que estavam em

cima da secretária à sua frente e deixou que uma expressão de distanciamento e frieza se instalasse de novo no seu rosto. Bateu com o dedo indicador da mão direita no manuscrito e olhou para o canto oposto da sala onde Stoner e Katherine Driscoll estavam sentados, como se estivesse à espera de alguma coisa. Depois, olhando de vez em quando para o maço de papéis à sua frente, começou a apresentação.

– Confrontados com o mistério da literatura e o seu inenarrável poder, somos instados a descobrir a origem desse poder e mistério. E, no entanto, não estará essa missão condenada ao fracasso? A obra literária lança diante de nós um espesso véu que não conseguimos penetrar. E não passamos de adoradores diante dele, impotentes perante os seus sortilégios. Quem teria a temeridade de afastar o véu, de decifrar o indecifrável, de alcançar o inalcançável? Os mais fortes de entre nós não passam de ínfimos fracos, de címbalos tilintantes e sopros ressoantes, diante do eterno mistério.

A voz de Walker subia e descia, a mão direita esticava-se de dedos espetados suplicantemente para o ar e o corpo balouçava ao ritmo das palavras; os olhos reviravam ligeiramente para cima, como se estivesse a fazer uma invocação. Havia qualquer coisa de grotescamente familiar no que dizia e fazia. E, de repente, Stoner percebeu o que era. Aquilo era Hollis Lomax... ou melhor, era uma caricatura de Hollis Lomax em sentido lato, que provinha sem querer do caricaturista, num gesto não de desprezo ou antipatia, mas de respeito e amor.

A voz de Walker baixou para o tom de conversa e ele dirigiu-se à parede do fundo da sala, numa voz calma e sensata.

– Recentemente, ouvimos um trabalho que, para uma mente académica, só pode ser considerado excelente. Os comentários que se seguem não são pessoais. A minha intenção é exemplificar um ponto de vista. Ouvimos, nesse trabalho, argumentos que pretendem explicar o mistério e o lirismo sublime da arte de Shakespeare. Pois eu digo-vos – e espetou o dedo indicador na direção do seu público, como se o quisesse empalar –, que isso não é verdade.

– Recostou-se na cadeira e consultou os papéis que estavam em cima da secretária. – Querem que acreditemos que um tal Donato, um obscuro gramático latino do século IV d.C... querem que acreditemos que um homem destes, um pedante, teve o poder suficiente para influenciar a obra de um dos maiores génios de toda a história da arte. Não devemos nós desconfiar, perante isto, de tal teoria? Não *temos* nós a obrigação de desconfiar dela?

A raiva, pura e dura, subiu por Stoner acima, subjugando a complexidade de sentimentos que tivera no início da leitura. O seu impulso imediato foi levantar-se, interromper a farsa que se estava a desenrolar; sabia que se não parasse Walker de imediato, teria de o deixar falar o tempo que quisesse. Virou ligeiramente a cabeça para ver o rosto de Katherine Driscoll: estava sereno e sem expressão, a não ser a de interesse delicado e distante. Os olhos negros fitavam Walker com uma despreocupação que mais parecia tédio. Secretamente, Stoner observou-a uns instantes. Deu por si a perguntar-se o que estaria ela a sentir e o que desejaria que ele fizesse. Quando finalmente desviou os olhos dela, percebeu que tinha tomado uma decisão. Esperara demasiado tempo para interromper, e Walker estava a desfiar impetuosamente o que tinha para dizer.

— ... o edifício monumental que é a literatura renascentista, esse edifício que é o pilar da grande poesia do século XIX. A questão da prova, endémica para o curso lento do estudo, que se distingue da crítica, também está tristemente em falta. Que *provas* existem de que Shakespeare leu sequer este obscuro gramático latino? Não nos podemos esquecer de que foi *Ben Jonson* — hesitou um breve instante —, foi o próprio Ben Jonson, amigo e contemporâneo de Shakespeare, que disse que ele pouco sabia de latim e ainda menos de grego. E com certeza que Jonson, que idolatrava Shakespeare mais que tudo, não imputaria nenhuma falha ao seu grande amigo. Pelo contrário, ele queria sugerir, tal como eu, que o sublime lirismo de Shakespeare não se devia a longas madrugadas de trabalho árduo e, sim, a um génio natural e superior a regras e leis mundanas. Ao contrário de poetas menores, Shakespeare não nasceu para passar despercebido e desperdiçar os seus dons no ar do deserto. Partilhando dessa fonte misteriosa à qual todos os poetas vão beber, que necessidade tinha o bardo imortal de regras estupificadoras como as que se encontram numa mera gramática? Que importância teria Donato para ele, mesmo que o tivesse lido? O génio, único e constituindo em si próprio uma lei, não precisava do apoio de uma «tradição» como nos foi descrito, quer ela fosse latina em geral quer donatista, quer outra coisa qualquer. O génio, nobre e livre, deve...

Depois de se habituar à sua raiva, Stoner sentiu uma admiração relutante e perversa apoderar-se de si. Por mais rebuscado e impreciso que fosse, o homem tinha uma capacidade de retórica e invenção assustadoramente impressionante e, por mais grotesca que fosse, a sua presença era real. Havia

qualquer coisa de frio e calculista e vigilante nos olhos dele, algo de escusadamente irresponsável e, no entanto, desesperadamente cauteloso. Stoner teve consciência de estar na presença de um *bluff* tão colossal e arrojado que não tinha maneira imediata de lidar com ele.

Pois era evidente, inclusive para os alunos mais desatentos da turma, que Walker estava embrenhado numa *performance* completamente improvisada. Stoner achou que, provavelmente, ele não tinha uma ideia clara do que ia dizer até se sentar à secretária antes da aula e olhar para os alunos com o seu ar frio e imperioso. Tornou-se claro que o maço de papéis diante dele não passava disso mesmo: um maço de papéis. À medida que o seu discurso se foi inflamando, deixou de olhar para eles, nem sequer para fingir, e no fim da sua apresentação, com o entusiasmo e a pressa, afastou-os de si.

Falou durante quase uma hora e, por essa altura, já os outros alunos do seminário estavam a olhar, preocupados, uns para os outros, quase como se estivessem em perigo, como se ponderassem a hipótese de fugir; evitaram com todo o cuidado olhar quer para Stoner, quer para a rapariga sentada, impassível, ao lado dele. Abruptamente, como que pressentindo a agitação, Walker terminou a sua apresentação, recostou-se na cadeira atrás da secretária e sorriu, triunfante.

Assim que Walker parou de falar, Stoner pôs-se de pé e deu a sessão por terminada. Embora não se tivesse apercebido disso na altura, fê-lo por uma vaga consideração por Walker, para que ninguém tivesse a oportunidade de discutir o que ele dissera. Depois, Stoner dirigiu-se para a secretária onde Walker continuava sentado e pediu-lhe para ficar uns instantes. Como se estivesse distraído com outra coisa qualquer, Walker fez um aceno de cabeça com uma expressão distante. Stoner virou-se, então, e seguiu uns quantos alunos extraviados para fora da sala até ao corredor. Viu Katherine Driscoll a afastar-se, sozinha. Chamou-a e, quando ela se deteve, Stoner aproximou-se e postou-se diante dela. E enquanto falava, sentiu a mesma atrapalhão que o assolara quando, na semana anterior, elogiara o seu trabalho.

– Miss Driscoll, eu... as minhas desculpas. Isto foi de uma injustiça gritante. Sinto-me, de certo modo, responsável. Talvez devesse ter interrompido a apresentação. – Ela continuou sem responder e o rosto manteve-se inexpressivo; levantou os olhos para ele, da mesma maneira que olhara para Walker. – Seja como for – continuou ele, ainda mais atrapalhado –, peço desculpa por ele a ter atacado.

E, então, ela sorriu. Foi um sorriso lento que começou nos olhos e lhe repuxou os lábios até lhe ornar o rosto com um deleite radiante, secreto e íntimo. Stoner quase deu um passo atrás perante aquela afetuosidade súbita e involuntária.

– Oh, não foi contra mim – disse ela, com um ligeiro tremor de riso reprimido, dando um timbre diferente à voz grave. – Não foi contra mim, de maneira nenhuma. Aquele ataque foi contra *si*. Eu praticamente não tive nada que ver com aquilo.

Stoner sentiu que lhe tiravam de cima o peso do arrependimento e preocupação que nem sabia que carregava; o alívio foi quase físico e sentiu-se leve e um nadinha zonzó. Riu-se.

– Claro – disse. – Claro que é verdade.

O sorriso esmoreceu-lhe no rosto e ela fitou-o com ar sério, mais um instante. Depois, fez um aceno de cabeça, virou-se e afastou-se rapidamente pelo corredor fora. Tinha um corpo esguio e direito, e um porte discreto. Stoner ficou parado a olhar para o fundo do corredor durante vários minutos depois de ela desaparecer. A seguir, suspirou e voltou para a sala onde Walker o esperava.

Walker continuava sentado à secretária. Olhou para Stoner e sorriu, com um misto de obsequiosidade e arrogância no rosto. Stoner sentou-se na cadeira que vagara uns minutos antes e fitou Walker, curioso.

– Sim, professor? – disse Walker.

– Tem uma explicação? – perguntou Stoner baixinho.

Um olhar de surpresa magoada assolou o rosto redondo de Walker.

– O que é que quer dizer com isso, professor?

– Sr. Walker, por favor – disse Stoner, exausto. – Foi um dia longo e estamos ambos cansados. Tem uma explicação para a sua *performance* desta tarde?

– Não tive intenção de ofender ninguém, professor. – Tirou os óculos e limpou-os rapidamente; uma vez mais, Stoner ficou espantado com a vulnerabilidade exposta do rosto dele. – Eu disse que os meus comentários não eram pessoais. Se magoei alguém, terei todo o gosto em explicar à jovem...

– Sr. Walker – atalhou Stoner. – Sabe perfeitamente que não é essa a questão.

– A jovem queixou-se? – perguntou Walker. Os dedos tremiam-lhe quando

voltou a pôr os óculos na cara. Com eles postos, o rosto franziu-se de raiva. – A sério, professor, as queixas de uma aluna que se sentiu magoada não deviam...

– Sr. Walker! – Stoner ouviu a sua voz descontrolar-se ligeiramente. Inspirou fundo. – Isto não tem nada que ver com a jovem, nem comigo, nem com nada a não ser com a sua *performance*. E continuo à espera de uma explicação.

– Nesse caso, lamento, mas não estou a perceber nada, professor. A menos...

– A menos que o quê, Sr. Walker?

– A menos que seja simplesmente uma questão de discórdia – concluiu Walker. – Sei que as minhas ideias não coincidem com as suas, mas sempre pensei que a discórdia fosse saudável. Parti do princípio de que o professor estava suficientemente acima disso tudo para...

– Não vou permitir que fuja à questão – disse Stoner, numa voz fria e calma. – Muito bem. Qual era o tópico do seminário que lhe cabia desenvolver no trabalho?

– Está irritado – comentou Walker.

– Sim, estou irritado. Qual era o tópico do seminário que lhe cabia desenvolver no trabalho?

Walker assumiu uma postura rigidamente formal e educada.

– O meu tópico era «Helenismo e Tradição Latina Medieval».

– E quando é que terminou esse trabalho, Sr. Walker?

– Há dois dias. Como lhe disse, estava quase terminado há duas semanas, mas um livro que tive de pedir a outra biblioteca só chegou...

– Sr. Walker, se o seu trabalho estava *quase* terminado há duas semanas, como é que o pode ter baseado, na sua totalidade, no trabalho de Miss Driscoll, que ela só apresentou na semana passada?

– Fiz uma série de alterações de última hora, professor. – A voz dele tornou-se carregada de ironia. – Depreendi que isso era permitido, e afastei-me do texto de vez em quando. Reparei que os outros alunos fizeram o mesmo e pensei que o privilégio também me seria concedido.

Stoner conteve o impulso quase histérico de rir.

– Sr. Walker, importa-se de me explicar o que é que o seu ataque ao trabalho de Miss Driscoll tem que ver com a sobrevivência do helenismo na tradição latina medieval?

– Abordei o meu tema indiretamente, professor – disse Walker. – Pensei que tínhamos uma certa margem de manobra no desenvolvimento das nossas ideias.

Stoner ficou calado um instante. Depois, em tom cansado, disse:

– Sr. Walker, detesto ter de chumbar um aluno de pós-graduação. Detesto especialmente ter de chumbar um aluno que simplesmente não está à altura das suas pretensões.

– Professor! – exclamou Walker, indignado.

– Mas o senhor está a fazer com que seja muito difícil não o chumbar. Ora, parece-me que só temos umas quantas soluções. Posso suspender-lhe a nota, mediante a condição de o senhor me entregar um trabalho satisfatório, sobre o tema combinado, nas próximas três semanas.

– Mas, professor – protestou Walker. – Eu já fiz o meu trabalho. Se aceitar fazer outro, estarei a admitir que... a admitir que...

– Muito bem – disse Stoner. – Então, se me der o manuscrito a partir do qual... se desviou esta tarde, verei se se pode salvar alguma coisa.

– Professor – gritou Walker. – Custa-me muito abrir mão dele neste momento. O texto está *em bruto*.

Com uma sensação inquieta e intensa de ignomínia, Stoner continuou:

– Não tem mal. Eu conseguirei encontrar o que quero saber.

Walker olhou maliciosamente para ele.

– Diga-me uma coisa, professor, pediu a mais algum aluno para lhe entregar o manuscrito?

– Não – respondeu Stoner.

– Então – disse Walker, triunfante, quase feliz –, eu recuso-me a entregar-lhe o *meu* manuscrito, por uma questão de princípio. A menos que o senhor peça a todos os outros alunos para entregarem os manuscritos dos seus trabalhos.

Stoner fitou-o, um momento, sem vacilar.

– Muito bem, Sr. Walker. O senhor tomou a sua decisão. É tudo.

– Que conclusão é que eu devo tirar, então? O que posso esperar deste seminário?

Stoner soltou uma breve gargalhada.

– Sr. Walker, o senhor espanta-me. Vai chumbar, como é óbvio.

Walker tentou dar um ar encovado ao seu rosto redondo. Com a amargura resignada de um mártir, disse:

– Já percebi. Muito bem, professor. Uma pessoa tem de estar preparada para sofrer pelos seus ideais.

– E pela sua preguiça e desonestidade e ignorância – acrescentou Stoner. – Sr. Walker, parece-me quase supérfluo dizer isto, mas aconselho-o vivamente a reavaliar a sua posição aqui. Estou seriamente na dúvida se o senhor tem lugar num curso de pós-graduação.

Pela primeira vez, a emoção de Walker pareceu genuína; a raiva deu-lhe qualquer coisa próxima da dignidade.

– Professor Stoner, está a ir longe de mais! Não pode estar a falar a sério.

– Pode crer que estou – respondeu Stoner.

Por um instante, Walker ficou calado, fitando Stoner pensativamente. Depois, disse:

– Estava disposto a aceitar o chumbo. Mas, agora, tem de perceber que não posso aceitar isso. O senhor está a duvidar da minha competência!

– Pois estou, Sr. Walker – respondeu Stoner, cansado. Levantou-se da cadeira. – Agora, se me dá licença... – e dirigiu-se para a porta.

O seu nome proferido num grito fê-lo deter-se. Virou-se. O rosto de Walker estava vermelho-escuro e a pele tão inchada que os olhos, por detrás das lentes grossas, pareciam pintinhas.

– Professor Stoner! – gritou outra vez. – Isto não fica por aqui. Escreva o que eu lhe digo: isto não fica por aqui!

Stoner olhou para ele inexpressivamente, indiferente. Inclinou a cabeça, virou-se e saiu para o corredor. Tinha os pés pesados, a arrastarem no chão de cimento tosco. Estava emocionalmente vazio e sentia-se muito velho e cansado.

Capítulo 10

E, de facto, o caso não ficou por ali.

O semestre terminou numa sexta-feira e na segunda-feira seguinte Stoner entregou as notas. Era a parte da carreira de docente de que ele menos gostava e despachava-a sempre o mais depressa que podia. Chumbou Walker e não pensou mais no assunto. Passou a maior parte da semana entre os semestres a ler os esboços de duas teses que deviam ser entregues na primavera. Os textos eram muito atabalhoados e exigiram uma grande dose de atenção da sua parte. O incidente Walker foi afastado da sua mente por falta de espaço.

Mas, duas semanas depois de começar o segundo semestre, o assunto foi reavivado. Uma manhã encontrou na sua caixa do correio um bilhete de Gordon Finch a pedir-lhe para passar pelo seu gabinete, quando lhe desse jeito, para conversarem.

A amizade entre Gordon Finch e William Stoner chegara a um ponto a que chegam todas as relações dessa natureza, quando duram o tempo suficiente: era descontraída, profunda e tão discreta que era quase impessoal. Raramente se viam fora da universidade, embora de vez em quando Caroline Finch fizesse um telefonema rotineiro a Edith. Enquanto conversavam, recordavam a sua juventude e cada um pensava no outro como ele fora em tempos idos.

Quando entrou na meia-idade, Finch tinha o porte ereto, ainda que ligeiramente indolente, de uma pessoa que tenta vigorosamente manter o peso sob controlo. O seu rosto era pesado, mas ainda não tinha rugas, embora as bochechas comesçassem a descair e a pele a ondear na nuca. Tinha o cabelo muito fino e começara a penteá-lo de maneira a disfarçar a calvície.

Na tarde em que Stoner passou pelo gabinete dele, falaram descontraidamente durante uns minutos sobre as respetivas famílias. Finch fingia, por uma questão de convenção social ou facilitismo, que o casamento de Stoner era normal, e Stoner fingia-se convencionalmente incrédulo por Gordon e Caroline já serem pais de duas crianças e a mais nova já estar no

infantário.

Depois de cumprirem os rituais próprios da sua intimidade descontraída, Finch olhou pela janela distraidamente e disse:

– Ora, de que é que eu te queria falar? Ah, sim. O diretor dos estudos de pós-graduação... ele pensou que, como somos amigos, eu devia falar contigo. Nada de importante. – Olhou para um apontamento na agenda. – É só um aluno de pós-graduação furibundo que acha que tu o tramaste num seminário do semestre passado.

– O Walker – disse Stoner. – Charles Walker.

Finch fez um gesto de assentimento.

– É esse mesmo. O que é que aconteceu com ele?

Stoner encolheu os ombros.

– No que me toca, ele não fez nenhuma das leituras que mandei... era o meu seminário sobre Tradição Latina. Fez uma apresentação completamente dolosa do trabalho final e quando lhe dei a oportunidade ou de fazer um trabalho novo ou de me dar uma cópia do texto que supostamente escrevera recusou-se. Não tive alternativa a não ser chumbá-lo.

Finch acenou novamente com a cabeça.

– Imaginei que tivesse sido uma coisa desse género. Quem me dera que não me fizessem perder tempo com estas tretas, mas eu tinha de averiguar, inclusivamente para te proteger.

– Há alguma... dificuldade especial neste caso? – perguntou Stoner.

– Não, não – respondeu Finch. – Não, nenhuma. Foi só uma queixa. Sabes como estas coisas são. A verdade é que o Walker teve um dez na primeira cadeira que fez aqui como aluno de pós-graduação. Podíamos expulsá-lo do curso neste momento, se quiséssemos. Mas penso que já praticamente decidimos deixá-lo fazer as orais preliminares no próximo mês, e isso que seja o fator decisivo. Desculpa ter-te incomodado com este assunto.

Falaram mais uns instantes sobre outras coisas. Depois, quando Stoner se preparava para sair do gabinete, Finch deteve-o com ar casual.

– Ah, há mais uma coisa que eu te queria dizer. O reitor e o conselho de administração decidiram finalmente que se tem de fazer alguma coisa quanto ao Claremont. Portanto, parece que a partir do próximo ano letivo serei o diretor da Faculdade de Letras... a título oficial.

– Ainda bem, Gordon – disse Stoner. – Estava na hora.

– Portanto, isso significa que vamos precisar de um novo diretor de

departamento. Tens alguma coisa a dizer sobre isso?

– Não – disse Stoner –, nem pensei nisso.

– Podemos ir buscar alguém novo, fora do departamento, ou podemos eleger um dos docentes da casa. O que eu estou a querer saber é se *efetivamente* escolhermos alguém do departamento... enfim, se *tu* estás de olho no cargo?

Stoner refletiu uns instantes.

– Não tinha pensado nisso, mas... não. Não, penso que não o quereria.

O alívio de Finch foi tão óbvio que Stoner sorriu.

– Ótimo. Foi o que eu pensei. Implica muita treta. Receber pessoas e convívio social e... – desviou os olhos de Stoner. – Sei que não gostas desse tipo de coisas. Mas desde que o velho Sloane morreu e que o Huggins e o não sei das quantas, o Cooper, se reformaram no ano passado, és o membro mais antigo do departamento. Mas se andas a cobiçar o cargo, então...

– Não – respondeu Stoner em tom definitivo. – Provavelmente seria um péssimo diretor. Não espero, nem quero o cargo.

– Ótimo – disse Finch. – Ótimo. Isso torna tudo muito mais simples.

Despediram-se e Stoner não voltou a pensar na conversa durante algum tempo.

Os exames orais preliminares de Charles Walker estavam marcados para meados de março. Foi com uma certa surpresa que Stoner recebeu um bilhete de Finch a informá-lo de que faria parte do júri composto por três docentes. Lembrou a Finch que tinha chumbado Walker, que Walker levava o chumbo a peito e pediu para o dispensarem dessa missão.

– São regras – respondeu Finch com um suspiro. – Sabes como as coisas são. O júri é constituído pelo orientador do candidato, um docente que o tenha tido como aluno num seminário de pós-graduação e um docente fora da sua área de especialização. O Lomax é o orientador, tu és o único com quem ele fez um seminário e escolhi o tipo novo, o Jim Holland, como docente de outra especialidade. Eu e o Rutherford, o diretor dos estudos de pós-graduação, vamos assistir como manda o regulamento. Tentarei que seja o menos penoso possível.

Era, porém, uma provação que não podia ser outra coisa se não penosa. Embora Stoner quisesse fazer o mínimo de perguntas possível, as regras

vigentes nas orais preliminares eram inflexíveis: cada docente dispunha de quarenta e cinco minutos para fazer as perguntas que desejasse ao candidato, embora os outros docentes geralmente também participassem.

No dia do exame, Stoner chegou propositadamente tarde à sala de seminários, no segundo andar de Jesse Hall. Walker estava sentado ao fundo de uma mesa comprida e muito polida. Os quatro docentes já presentes – Finch, Lomax, o tipo novo, Holland, e Henry Rutherford – estavam instalados ao longo da mesa. Stoner entrou de mansinho e sentou-se no extremo oposto ao de Walker. Finch e Holland cumprimentaram-no com um aceno de cabeça; Lomax, afundado na cadeira, manteve os olhos postos em frente, tamborilando os compridos dedos brancos na superfície quase espelhada da mesa. Walker abarcou a mesa toda com o olhar fixo, de cabeça erguida bem alto com ar de frio desdém.

Rutherford pigarreou.

– Ah, professor... – consultou um papel diante de si – ... professor Stoner. – Rutherford era um homem franzino e grisalho, de ombros curvados; os olhos e as sobrancelhas descaíam nos cantos exteriores, de maneira que a sua expressão era sempre de suave impotência. Embora conhecesse Stoner há muitos anos, nunca se lembrava do nome dele. Pigarreou outra vez. – Íamos agora mesmo começar.

Stoner fez um sinal de assentimento, pousou os antebraços na mesa, entrelaçou os dedos e contemplou-os, enquanto a voz de Rutherford enunciava, como um zumbido, os preliminares formais do exame oral.

O Sr. Walker ia ser avaliado (a voz de Rutherford baixou para um sussurro constante e sem inflexões) para determinar a sua capacidade de continuar no curso de doutoramento do Departamento de Inglês da Universidade do Missouri. Tratava-se de um exame a que todos os candidatos a doutoramento eram submetidos e destinava-se não só a avaliar a aptidão geral do candidato, mas também a apontar os pontos fortes e os pontos fracos, de maneira a que o estudo para o doutoramento fosse orientado na direção certa. Eram possíveis três resultados: passar, passar condicionalmente e chumbar. Rutherford descreveu as condições de cada uma das eventualidades e, sem levantar os olhos, levou a cabo a apresentação formal dos docentes do júri e do candidato. Depois, afastou de si a folha de papel e olhou, com ar impotente, para os outros à sua volta.

– A norma é – disse baixinho – o orientador de tese do candidato começar

a arguição. O professor... – olhou para o papel – ... o professor Lomax é o orientador do Sr. Walker, se não me engano. Portanto...

A cabeça de Lomax deu um sacão para trás como se tivesse acordado de repente de uma sesta. Olhou em redor da mesa, pestanejando com um sorrisinho nos lábios, mas os seus olhos tinham uma expressão astuta e atenta.

– Sr. Walker, o senhor tenciona escrever a tese sobre Shelley e o ideal grego. É pouco provável que já tenha uma ideia muito definida sobre o tema, mas importa-se de começar por nos explicar uma parte do contexto, os seus motivos para o ter escolhido e por aí fora.

Walker fez um aceno de assentimento e começou rapidamente a falar.

– Tenciono analisar a maneira como Shelley rejeitou o determinismo godwiniano em prol de um ideal mais ou menos platónico, no «Hino à Beleza Intelectual», e mostrar como se serviu desse ideal em *Prometeu Libertado*, com uma enorme maturidade, para fazer uma síntese absoluta do que fora até aí o seu ateísmo, radicalismo, cristianismo e determinismo científico e, por fim, abordar o declínio desse ideal numa obra tardia como *Hellas*. É, a meu ver, um tema importante por três motivos: primeiro, porque mostra a pujança intelectual de Shelley e, por conseguinte, leva-nos a compreender melhor a sua poesia; segundo, porque expõe os principais conflitos filosóficos e literários do início do século XIX e, portanto, aprofunda o nosso conhecimento e apreciação da poesia romântica; e terceiro, porque é um tema que poderá ter especial relevância para a nossa época, uma época em que nos defrontamos com muitos dos conflitos com que Shelley e os seus contemporâneos se defrontaram.

Stoner escutou-o e, enquanto o escutava, o seu espanto foi crescendo. Não conseguia acreditar que aquele homem era o mesmo que fizera o seu seminário, o mesmo que ele julgava conhecer. A apresentação de Walker foi lúcida, direta e inteligente; por vezes, foi quase brilhante. Lomax tinha razão: se a tese cumprisse o que prometia, seria brilhante. A esperança, ardente e empolgante, assolou-o de jorro e Stoner inclinou-se para a frente atentamente.

Walker falou sobre o tema da sua tese durante cerca de dez minutos e, depois, abruptamente, deteve-se. Lomax apressou-se a fazer outra pergunta e Walker respondeu de imediato. Gordon Finch olhou para Stoner e lançou-lhe um olhar levemente inquiridor; Stoner esboçou um sorriso de autocensura e encolheu ligeiramente os ombros.

Quando Walker se calou de novo, Jim Holland tomou de imediato a palavra. Era um jovem magro, intenso e pálido, com uns olhos azuis ligeiramente protuberantes. Falava com uma lentidão propositada, numa voz que parecia sempre tremer antes de ele a controlar à força.

– Sr. Walker, há pouco mencionou o determinismo de Godwin. Será que consegue estabelecer a ligação entre isso e o fenomenalismo de John Locke?

– Stoner lembrou-se de que Holland era um especialista do século XVIII.

Seguiu-se um momento de silêncio. Walker virou-se para Holland, tirou os óculos redondos e limpou-os; piscou os olhos e ficou a olhar especado, ao acaso. Voltou a pô-los e pestanejou outra vez.

– Importa-se de repetir a pergunta, por favor?

Holland começou a falar, mas Lomax interrompeu-o.

– Jim – disse afavelmente –, importas-te que eu alargue um pouco a pergunta? – virou-se rapidamente para Walker antes que Holland pudesse responder. – Sr. Walker, tendo em conta as implicações da pergunta do professor Holland, nomeadamente que Godwin aceitou a teoria de Locke quanto à natureza sensacional do conhecimento, a *tabula rasa* e isso tudo, e que Godwin acreditava, como Locke, que o livre arbítrio e o conhecimento falseados pelos acidentes da paixão e a inevitabilidade da ignorância podiam ser corrigidos pela educação... tendo em conta estas implicações, importa-se de comentar o princípio do conhecimento segundo Shelley, especificamente o princípio da beleza, enunciado nas estrofes finais de «Adonais»?

Holland recostou-se na cadeira, com o sobrolho franzido de perplexidade. Walker fez um aceno de cabeça e apressou-se a responder:

– Embora as estrofes iniciais de «Adonais», a homenagem de Shelley ao amigo e colega, John Keats, sejam convencionalmente clássicas, com as suas alusões à Mãe, às Horas, a Urânia e por aí fora, e com as suas invocações repetitivas, o momento verdadeiramente clássico só aparece nas estrofes finais, que são, na realidade, um hino sublime ao eterno Príncipe da Beleza. Se, por um instante, nos pudéssemos debruçar sobre esses versos famosos:

«A vida, como uma cúpula de coloridos vitrais,
Tinge o esplendor branco da eternidade,
Até que a Morte a pisa e reduz a cacos.»

«O simbolismo implícito nestes versos só é claro quando os analisamos no contexto. “O Único permanece”, escreve Shelley umas linhas antes, enquanto o “Múltiplo muda e passa”. E vêm-nos à mente os versos igualmente famosos de Keats:

«A Beleza é verdade, a verdade Beleza»... eis tudo
O que sabeis sobre a terra e tudo o que precisais de saber.»

O princípio é, então, a Beleza. Mas a beleza também é conhecimento. E trata-se de um conceito que tem as suas raízes...»

A voz de Walker prosseguiu, fluente e autoconfiante, as palavras emergindo da sua boca em movimento rápido, quase como se... Stoner sobressaltou-se e a esperança que despontara dentro de si morreu tão abruptamente como nascera. Por um instante, sentiu-se quase fisicamente doente. Baixou os olhos para a mesa e viu entre os seus braços a imagem do seu rosto refletido no tampo de nogueira polido. A imagem era escura e não conseguiu distinguir as suas feições; era como se visse um fantasma a brilhar inconsistentemente, destacando-se da matéria dura, vindo ao seu encontro.

Lomax terminou a sua parte da arguição e Holland começou a dele. Foi, Stoner tinha de admitir, uma *performance* de génio. Discretamente, com grande charme e bom humor, Lomax orientou-a do princípio ao fim. Por vezes, quando Holland fazia uma pergunta, Lomax fingia um desconcerto bem-disposto e pedia um esclarecimento. Outras vezes, pedindo desculpa pelo seu próprio entusiasmo, seguia uma das perguntas de Holland de uma especulação sua, puxando Walker para a discussão, de maneira que parecia que este era efetivamente um participante na conversa. Reformulava as perguntas (sempre pedindo desculpa), mudando-as de tal modo que a intenção original se perdia na elucidação. Envolvia Walker no que pareciam ser argumentos elaboradamente teóricos, embora praticamente só ele falasse. E por fim, sempre pedindo desculpa, interrompeu as perguntas de Holland com perguntas suas que conduziram Walker aonde ele queria que o rapaz fosse.

Durante todo esse tempo, Stoner não abriu a boca. Escutou a conversa que rodopiava à sua volta. Observou o rosto de Finch, que se tornara uma máscara enigmática; olhou para Rutherford, que estava sentado de olhos

fechados, fazendo que sim com a cabeça; e olhou para o desconcerto de Holland, para o desdém cortês de Walker e para a animação febril de Lomax. Estava à espera de fazer o que sabia que tinha de fazer e esperava o momento com um pavor, uma raiva e uma mágoa que se agravavam a cada minuto que passava. Ficou contente por nenhum deles olhar para si enquanto os observava.

Por fim, terminou o período de perguntas de Holland. Como se de alguma maneira partilhasse o pavor que Stoner sentia, Finch consultou o relógio e fez um aceno de cabeça. Não falou.

Stoner inspirou fundo. Continuando a olhar para o fantasma do seu rosto no tampo quase espelhado da mesa, disse inexpressivamente:

– Sr. Walker, vou fazer-lhe umas quantas perguntas sobre Literatura Inglesa. Serão perguntas simples e não exigirão respostas complexas. Começarei nos primórdios e avançarei cronologicamente até onde o tempo mo permitir. Importa-se de começar por me explicar os princípios da versificação anglo-saxónica?

– Sim, professor – disse Walker, de rosto petrificado. – Para começar, os poetas anglo-saxónicos, existindo como existiam na Idade das Trevas, não tinham a mais-valia da sensibilidade como os poetas que lhes sucederam na tradição inglesa. Aliás, devo dizer que a poesia deles era caracterizada por um certo primitivismo. Não obstante, dentro desse primitivismo há potencial, embora porventura escondido dos olhos de alguns, há potencial para a subtilidade de sentimentos que virá a caracterizar...

– Sr. Walker – interrompeu Stoner –, eu perguntei quais são os princípios da versificação. Importa-se de os enumerar?

– Bem, professor – começou Walker – é muito tosca e irregular. A versificação, quero eu dizer.

– É a única coisa que me sabe dizer sobre isso?

– Sr. Walker – apressou-se Lomax a dizer (com um ar ligeiramente tresloucado, pensou Stoner) –, esse aspeto tosco a que se refere... podia explicar-nos em que consiste, dizer-nos...

– Não – atalhou Stoner com firmeza, sem olhar para ninguém. – Quero que responda à minha pergunta. É só isso que me sabe dizer sobre a versificação anglo-saxónica?

– Bem, professor – disse Walker; sorriu e o sorriso transformou-se numa gargalhada nervosa. – Sinceramente, ainda não fiz a cadeira sobre literatura

anglo-saxónica e hesito em discutir esse tema sem ter tido essas aulas.

– Muito bem – disse Stoner. – Deixemos a literatura anglo-saxónica de parte. Sabe indicar-me o título de alguma peça teatral medieval que tenha tido influência no desenvolvimento do teatro renascentista?

Walker fez que sim com a cabeça.

– Claro, todas as peças medievais, à sua maneira, levaram à grande mestria que se alcançou no Renascimento. É difícil perceber que do terreno árido da Idade Média viesse a despontar, uns poucos de anos mais tarde, a dramaturgia de Shakespeare e...

– Sr. Walker, estou a fazer-lhe perguntas simples e insisto em que me dê respostas simples. Tornarei a pergunta ainda mais simples. Indique-me o título de três peças medievais.

– Do início ou do fim da Idade Média? – tirara os óculos e estava a limpá-los freneticamente.

– Umas *quaisquer*, Sr. Walker.

– São tantas – retorquiu Walker. – É difícil... O *Everyman*...

– Sabe dizer-me outras?

– Não, professor – respondeu Walker. – Admito algumas falhas nas áreas que o senhor...

– Pode dizer-me os títulos, só os títulos, de quaisquer obras literárias da Idade Média?

As mãos de Walker tremiam.

– Como já disse, professor, admito que tenho algumas falhas nas...

– Nesse caso, passemos para o Renascimento. Em que género se sente mais à vontade nesse período, Sr. Walker?

– Na... – Walker hesitou e, sem querer, olhou para Lomax com ar de súplica – ... poesia, professor. Ou... na dramaturgia. Talvez na dramaturgia.

– Vamos à dramaturgia, então. Qual foi a primeira tragédia escrita em verso branco em inglês, Sr. Walker?

– A primeira? – Walker lambeu os lábios. – Os estudiosos dividem-se em relação a essa questão, professor. Hesito em...

– Sabe dizer-me o título de qualquer peça importante antes de Shakespeare?

– Com certeza, professor – respondeu Walker. – Temos Marlowe... o verso poderoso...

– Diga-me os títulos de algumas peças de Marlowe.

Com algum esforço, Walker recompôs-se.

– Temos, claro está, o devidamente famoso *Dr. Fausto*. E... e o... *O Judeu de Malfi*.

– O *Fausto* e *O Judeu de Malta*. Sabe dizer-me mais algum?

– Sinceramente, professor, estas são as duas únicas peças que tive oportunidade de reler no ano passado. Por isso, preferia não...

– Deixe estar. Fale-me sobre *O Judeu de Malta*.

– Professor Stoner – gritou Lomax. – Se me permitir, eu gostava de alargar o âmbito da pergunta, se não se importa...

– Não! – respondeu Stoner, carrancudo, sem olhar para Lomax. – Quero que o Sr. Walker responda às minhas perguntas. Sr. Walker?

Desesperadamente, Walker disse:

– O verso poderoso de Marlowe...

– Esqueçamos o «verso poderoso» – interrompeu Stoner, cansado. – O que é que acontece na peça?

– Bem – começou Walker, febril –, Marlowe ataca o problema do antissemitismo, como ele se manifestou no início do século XVI. A compaixão, podemos mesmo dizer, a compaixão profunda...

– Esqueça, Sr. Walker. Avancemos para...

– Deixe o candidato responder à pergunta! – gritou Lomax. – Pelo menos, dê-lhe tempo para responder.

– Muito bem – disse Stoner, em tom brando. – Deseja continuar a sua resposta, Sr. Walker?

Walker hesitou um instante.

– Não, professor – respondeu.

Impiedosamente, Stoner continuou o seu interrogatório. O que antes fora um sentimento de raiva e ultraje, que abrangia Walker e Lomax, transformou-se numa espécie de pena e pesar repugnado, que também os abarcava. Passado um pouco, Stoner teve a sensação de ter saído de dentro de si próprio, era como se ouvisse uma voz a falar sem parar, impessoal e mortífera.

Por fim, ouviu a voz dizer:

– Muito bem, Sr. Walker. O seu período de especialização é o século XIX. Parece saber pouco sobre a literatura dos séculos anteriores. Talvez se sinta mais à vontade entre os poetas românticos.

Tentou não olhar para o rosto de Walker, mas não conseguiu evitar que os

seus olhos se levantassem de vez em quando e pousassem na máscara redonda que o fixava com uma maldade fria e lívida. Walker fez um curto aceno de cabeça.

– Conhece os poemas mais importantes de Lorde Byron, não conhece?

– Claro – disse Walker.

– Nesse caso, quer comentar o «Bardos Ingleses e Críticos Escoceses»?

Walker fitou-o, desconfiado, um instante. Depois, sorriu, triunfante.

– Ah, professor – disse, e fez um vigoroso aceno de cabeça. – Entendo. *Agora*, entendo. Está a tentar pregar-me uma rasteira. Claro. «Bardos Ingleses e Críticos Escoceses» não é de Byron. É a famosa resposta de John Keats aos jornalistas que tentaram manchar a sua reputação de poeta, depois de ter publicado os primeiros poemas. Muito bem, professor. Muito...

– Deixe estar, Sr. Walker² – disse Stoner, cansado. – Não tenho mais nada para lhe perguntar.

Durante vários minutos, o silêncio pesou sobre o grupo. Depois, Rutherford pigarreou, mexeu nos papéis que estavam em cima da mesa e disse:

– Obrigado, Sr. Walker. Pode sair uns instantes e esperar. O júri vai analisar a sua prova oral e depois informá-lo-á da decisão.

Enquanto Rutherford proferia estas palavras, Walker recompôs-se. Ergueu-se e pousou a mão deficiente em cima do tampo da mesa. Sorriu para o grupo com uma expressão quase de condescendência.

– Obrigado, professores – disse. – Foi uma experiência gratificante. – Saiu da sala a coxear e fechou a porta atrás de si.

Rutherford suspirou.

– Bem, meus senhores, há alguma coisa a discutir?

O silêncio abateu-se novamente sobre a sala.

– Achei que ele se saiu *muito* bem na minha parte da arguição – disse Lomax. – E bastante bem na parte do Holland. Devo confessar que fiquei um nadinha desiludido com a maneira como correu a última parte do exame, mas imagino que por essa altura já ele estivesse cansado. Ele é um bom aluno, mas, sob pressão, não se sai tão bem como em circunstâncias normais. – Lançou um sorriso frívolo e pesaroso a Stoner. – E tu pressionaste-o um pouco, Bill. Tens de admitir que sim. Voto para que passe.

– Professor... Holland? – disse Rutherford.

Holland olhou para Lomax e depois para Stoner; tinha o sobrolho franzido de desconcerto e pestanejou.

– Mas... enfim, ele pareceu-me terrivelmente fraco. Não sei muito bem o que pensar. – Engoliu em seco, constrangido. – Esta foi a primeira oral a que assisti, aqui na faculdade. Não sei muito bem quais são os vossos padrões, mas... bem, ele pareceu-me terrivelmente fraco. Deixem-me pensar um instante.

Rutherford fez um sinal de assentimento.

– Professor... Stoner?

– Chumbo – respondeu Stoner. – É claramente um chumbo.

– Oh, vá lá, Bill – gritou Lomax. – Estás a ser um bocado duro para o rapaz, não estás?

– Não – respondeu Stoner em tom firme, mantendo o olhar em frente. – Sabes perfeitamente que não, Holly.

– O que é que queres dizer com isso? – perguntou Lomax. Era como se estivesse a tentar criar sentimentos na voz, subindo de tom. – O que é que queres dizer?

– Deixa-te de coisas, Holly – disse Stoner, cansado. – O rapaz é um incompetente. Não há dúvidas quanto a isso. As perguntas que lhe fiz foram as mesmas que teria feito a um aluno de licenciatura e ele não foi capaz de responder a uma única de maneira satisfatória. E é preguiçoso e desonesto. No meu seminário, no semestre passado...

– No teu seminário! – Lomax riu-se secamente. – Bem, já me contaram o que se passou. Além do mais, isso é outro assunto. O assunto que nos interessa agora é como é que ele se saiu hoje. E é claro – semicerrou os olhos – que se saiu bastante bem, até tu começares a atacá-lo.

– Limitei-me a fazer-lhe umas perguntas – contrapôs Stoner. – As perguntas mais simples que me passaram pela cabeça. Estava disposto a dar-lhe todas as hipóteses. – Fez uma pausa, e depois disse, com cuidado: – Tu és o orientador dele e é natural que vocês os dois tenham conversado sobre o tema da tese dele. Por isso, quando o interrogaste sobre a tese, ele saiu-se muito bem. Mas quando fomos mais além...

– O que é que estás a dizer?! – gritou Lomax. – Estás a insinuar que eu... que houve algum...

– Não estou a insinuar nada, a não ser que, na minha opinião, o candidato não fez uma oral adequada. Não posso permitir que ele passe.

– Ouve – disse Lomax. A sua voz acalmara e ele tentou sorrir. – É normal eu ter uma opinião melhor do trabalho dele do que tu. Ele já foi meu aluno a várias cadeiras e... não interessa. Estou disposto a arranjar uma solução de compromisso. Embora me pareça demasiado severo, estou disposto a aceitar uma passagem condicionada. Isso significa que ele teria de rever a matéria durante dois semestres e depois...

– Bem – disse Holland, com um certo alívio –, isso parece-me melhor do que deixá-lo passar imerecidamente. Não conheço o rapaz, mas é óbvio que não está preparado para...

– Ótimo – atalhou Lomax, sorrindo vigorosamente para Holland. – Então, está decidido. Vamos...

– Não – interrompeu Stoner. – Eu tenho de votar pelo chumbo.

– *Caramba* – gritou Lomax. – Não vês o que estás a fazer, Stoner? Não vês o que estás a fazer ao rapaz?

– Sim – respondeu Stoner baixinho – e tenho pena dele. Estou a impedi-lo de obter o grau de doutorado e a impedi-lo de lecionar num instituto ou numa universidade. O que é precisamente o que eu quero. Ele tornar-se professor seria... um desastre.

Lomax ficou muito quieto.

– É a tua última palavra? – perguntou, perplexo.

– É – respondeu Stoner.

Lomax fez um aceno de cabeça.

– Pois deixa-me avisar-te, William Stoner, de que não tenciono deixar o assunto ficar por aqui. Fizeste... determinadas insinuações aqui, hoje... denotaste uma falta de imparcialidade que... que...

– Meus senhores, por favor – disse Rutherford, com uma cara como se fosse chorar. – Vamos manter a calma. Como sabem, para o candidato passar, a decisão tem de ser unânime. Não há nenhuma maneira de resolvermos esta divergência?

Ninguém falou.

Rutherford suspirou.

– Muito bem, então não tenho alternativa a não ser declarar que...

– Espera. – Era Gordon Finch. Durante todo o exame estivera tão quieto que os outros quase se esqueceram da presença dele. Soergueu-se na cadeira e dirigiu-se à cabeceira da mesa numa voz cansada, mas determinada. – Enquanto diretor do departamento, vou fazer uma recomendação e espero que

a sigam. Recomendo que adiemos a decisão até depois de amanhã. Isso dar-nos-á tempo para acalmar os ânimos e conversar melhor.

– Não há nada para conversar – retorquiu Lomax, acalorado. – Se o Stoner quer...

– Eu fiz a minha recomendação – disse Finch suavemente – e será acatada. Diretor Rutherford, sugiro que informemos o candidato desta nossa resolução.

Encontraram Walker sentado com todo o à-vontade no corredor, à porta da sala de reuniões. Segurava um cigarro negligentemente na mão direita e fitava o teto, entediado.

– Sr. Walker – chamou Lomax, e coxeou até junto dele. – Walker levantou-se; era vários centímetros mais alto do que Lomax, por isso teve de baixar os olhos para ele. – Sr. Walker, fui incumbido de o informar de que o júri não chegou a um consenso relativamente à sua prova oral. O senhor será informado da decisão depois de amanhã. Mas garanto-lhe – levantou a voz –, garanto-lhe que não tem motivos para preocupações. Nenhuns.

Walker ficou parado um instante a olhar friamente de uns para os outros.

– Agradeço, uma vez mais, a vossa atenção, meus senhores. – Olhou para Stoner nos olhos e um vislumbre de um sorriso perpassou-lhe os lábios.

Gordon Finch foi-se embora apressadamente sem falar com nenhum deles. Stoner, Rutherford e Holland atravessaram o corredor juntos. Lomax deixou-se ficar para trás, a falar empenhadamente com Walker.

– Bem – disse Rutherford, caminhando entre Stoner e Holland –, é um assunto desagradável. Seja qual for a perspetiva, é sempre um assunto desagradável.

– Pois é – concordou Stoner, e virou as costas. Desceu os degraus de mármore, os seus passos tornando-se mais rápidos à medida que se aproximava do rés-do-chão, e saiu para a rua. Inspirou a fragrância da tarde e depois voltou a inspirar fundo, como se fosse um nadador a emergir da água. A seguir, dirigiu-se lentamente para casa a pé.

No início da tarde seguinte, antes de ir almoçar, recebeu um telefonema da secretária de Gordon Finch, a pedir-lhe para ir imediatamente ao gabinete.

Finch esperava-o com impaciência, quando Stoner entrou no gabinete. Levantou-se e fez sinal a Stoner para se sentar na cadeira que ele puxara para

o lado da mesa.

– Tem que ver com a oral do Walker? – perguntou Stoner.

– De certo modo, sim – respondeu Finch. – O Lomax pediu-me para fazer uma reunião para tentar resolver este assunto. O mais provável é a conversa ser desagradável. Queria falar contigo a sós, uns minutos, antes de o Lomax chegar. – Sentou-se outra vez e, durante vários minutos, balouçou para a frente e para trás na cadeira giratória, contemplando Stoner. Abruptamente, disse: – O Lomax é um tipo bom.

– Eu sei que é – disse Stoner. – Em algumas coisas, provavelmente é o melhor indivíduo do departamento.

Como se Stoner não tivesse dito nada, Finch prosseguiu:

– Ele tem os seus problemas, mas eles não vêm à baila com muita frequência e, quando vêm, geralmente consegue lidar com eles. É uma pena este assunto ter surgido neste momento, que não podia ser pior. Uma divisão no departamento neste instante... – Finch abanou a cabeça.

– Gordon – disse Stoner, incomodado. – Espero que não estejas...

Finch levantou a mão.

– Espera – disse. – Quem me dera ter-te contado isto antes. Mas, na altura, não era para ser divulgado e ainda não era oficial. Continua a ser confidencial, mas... lembras-te de termos falado, há umas semanas, sobre o cargo de diretor do departamento?

Stoner fez um gesto de assentimento.

– Pois bem, é o Lomax. É ele o novo diretor. Está decidido, está assente. A sugestão veio de cima, mas achei que devia contar-te que aceitei. – Soltou uma gargalhada breve. – Não que eu tivesse alternativa, mas, mesmo que tivesse, teria aceitado... na altura. Agora, já não tenho tanta certeza.

– Compreendo – disse Stoner, pensativo. Passados uns instantes, continuou: – Ainda bem que não me contaste. Acho que não teria feito diferença, mas, pelo menos, isso não pesou na discussão.

– Caramba, Bill – reagiu Finch. – Vê se entendes. Estou-me nas tintas para o Walker e o Lomax e... mas tu és um velho amigo. Ouve, eu acho que tens razão nisto. Bolas, eu sei que tens razão nisto. Mas sejamos práticos. O Lomax está a levar isto muito a sério e não vai desistir. E se isto se tornar uma disputa, será confrangedor como o diabo. O Lomax é um tipo vingativo; sabes isso tão bem como eu. Não te pode despedir, mas pode fazer tudo o mais que quiser. E até certo ponto, eu terei de alinhar com ele. – Riu-se outra

vez, com azedume. – Deixemo-nos de tretas, não é até *certo* ponto, é em *grande* parte. Se um diretor de faculdade começar a impugnar as decisões de um diretor de departamento, tem de o despedir do cargo. Ora, se o Lomax saísse dos eixos, eu podia retirá-lo do cargo ou, pelo menos, podia tentar. Até talvez conseguisse, ou não. Mas, mesmo que conseguisse, haveria uma disputa que dividiria o departamento, talvez até a faculdade, de uma maneira gravíssima. E, caramba... – Finch ficou subitamente embaraçado; murmurou: – Caramba, tenho de pensar na faculdade. – Olhou fixamente para Stoner. – Entendes o que estou a tentar dizer?

Stoner foi assolado por uma onda de carinho, de amor e respeito pelo seu velho amigo.

– Claro que entendo, Gordon – respondeu. – Achaste que eu não ia entender?

– Está bem – disse Finch. – E mais uma coisa. Não sei como, mas o Lomax tem o reitor pela trela e faz dele o que bem quer, como se fosse um cão. Portanto, as coisas podem ser ainda mais difíceis do que pensas. Olha, basta dizeres que pensaste melhor. Até podes atirar-me as culpas para cima... dizer que te obriguei.

– Não é uma questão de eu salvar a cara, Gordon.

– Eu sei que não – retorquiu Finch. – Expressi-me mal. Vê as coisas desta maneira: que importância tem o Walker? Sim, eu sei que é uma questão de princípio, mas há outro princípio em que devias pensar.

– Não é por uma questão de princípio – disse Stoner. – É o Walker. Seria um desastre deixá-lo dar aulas.

– Caramba – disse Finch, cansado. – Se ele não se safar aqui, pode obter o grau noutra universidade. E, apesar de tudo, até pode conseguir fazer o doutoramento aqui. Podes perder esta luta, sabes, por mais que faças. Não podemos manter os Walkers na rua.

– Talvez não – disse Stoner. – Mas podemos tentar.

Finch ficou calado uns minutos. Suspirou.

– Muito bem. Não vale a pena deixar o Lomax mais tempo à espera. Mais vale despacharmos isto. – Levantou-se da secretária e dirigiu-se para a porta que dava para a pequena antecâmara. Mas ao passar por Stoner, este pousou-lhe a mão no braço, detendo-o por um instante.

– Gordon, lembras-te de uma coisa que o Dave Masters disse uma vez?

Finch arqueou as sobrancelhas, desconcertado.

– Porque é que te lembraste do Dave Masters neste momento?

Stoner olhou pela janela, ao fundo do gabinete, tentando recordar-se.

– Estávamos os três juntos e ele disse... qualquer coisa sobre a universidade ser um abrigo, um refúgio do mundo, para os desalojados, os enfermos. Mas ele não se referia a pessoas como o Walker. O Dave teria visto o Walker como... como o mundo. E não o podemos deixar entrar. Porque, se deixarmos, tornamo-nos como o mundo, tão irreais, tão... A nossa única esperança é mantê-lo de fora.

Finch olhou para ele durante vários minutos. Depois, sorriu.

– Seu filho da mãe – disse alegremente. – É melhor mandarmos entrar o Lomax. – Abriu a boca e chamou Lomax, e este entrou no gabinete.

Entrou no gabinete tão hirto e formal que o ligeiro coxear da perna direita mal se percebeu. O seu rosto magro e atraente estava firme e inexpressivo, e levava a cabeça erguida bem alto, de tal maneira que o cabelo comprido e ondulado quase tocava na corcunda que lhe desfigurava as costas abaixo do ombro esquerdo. Não olhou para nenhum dos dois homens presentes no gabinete. Instalou-se na cadeira em frente da secretária de Finch e sentou-se o mais direito que conseguiu, de olhos cravados no espaço entre Finch e Stoner. Virou a cabeça ligeiramente para Finch.

– Pedi para nos reunirmos os três por um motivo simples. Queria saber se o professor Stoner reconsiderou o seu voto irrefletido de ontem.

– O professor Stoner e eu estivemos a discutir o assunto – disse Finch. – Infelizmente, não conseguimos resolvê-lo.

Lomax virou-se para Stoner e ficou especado a olhar para ele; os seus olhos azul-claros estavam baços, como se recobertos por uma película translúcida.

– Nesse caso, infelizmente terei de trazer a lume umas acusações graves.

– Acusações? – a voz de Finch foi de surpresa e uma pontinha de raiva. – Nunca falaste em acusações...

– Desculpa – interrompeu Lomax. – Mas é necessário. – Dirigindo-se a Stoner, disse: – A primeira vez que falaste com o Charles Walker foi quando ele te pediu para entrar para o teu seminário de pós-graduação, não foi?

– Foi – confirmou Stoner.

– Mostraste-te relutante em aceitá-lo na turma, não mostraste?

– Sim – disse Stoner. – A turma já tinha doze alunos.

Lomax consultou uns apontamentos que segurava na mão direita.

– E quando o aluno te disse que *tinha* de entrar para o teu seminário, tu aceitaste-o com relutância, dizendo que a entrada dele na turma daria cabo das aulas, não foi?

– Não foi bem assim – emendou Stoner. – Se bem me lembro, eu disse que *mais um* aluno na turma faria...

Lomax abanou a mão.

– Não importa. Estou só a tentar esclarecer o contexto. Ora, durante essa primeira conversa questionaste a competência dele para acompanhar o seminário?

Cansado, Gordon Finch disse:

– Holly, aonde é que esta conversa toda nos leva? Que bem nos traz...

– Por favor – atalhou Lomax. – Eu disse que tinha acusações para fazer. Tens de me deixar apresentá-las. Então, é ou não verdade que questionaste a competência dele?

Stoner respondeu calmamente.

– Fiz-lhe algumas perguntas, sim, para ver se ele estaria apto para acompanhar as sessões.

– E achaste que sim?

– Julgo que fiquei na dúvida – disse Stoner. – Já não me lembro ao certo.

Lomax virou-se para Finch.

– Determinámos primeiro, portanto, que o professor Stoner hesitou em aceitar o Charles Walker no seu seminário. Segundo, que a sua relutância foi tão grande que disse a Walker que a entrada dele na turma ia dar cabo das sessões. Terceiro, que ficou na dúvida se Walker teria competência para acompanhar o seminário. E quarto, que apesar das dúvidas e destes sentimentos fortes de ressentimento, deixou-o, não obstante, entrar para o seminário.

Finch abanou a cabeça, frustrado.

– Holly, isto é tudo desnecessário.

– Espera – disse Lomax. Olhou rapidamente para as suas notas e depois fitou Finch astuciosamente. – Tenho uma série de outras questões a levantar. Podia desenvolvê-las num «contrainterrogatório» – deu às palavras uma inflexão irónica –, mas não sou advogado. Mas garanto que estou disposto a especificar essas acusações, se for necessário. – Fez uma pausa, como se reunisse forças. – Estou disposto a demonstrar, que o professor Stoner deixou o Sr. Walker entrar para o seminário, embora nutrisse sentimentos

incipientemente preconceituosos por ele. Estou disposto a demonstrar que esses preconceitos foram agravados pelo facto de terem surgido alguns conflitos de personalidade nas sessões do dito seminário, que os conflitos foram intensificados pelo próprio professor Stoner, que permitiu, e inclusive encorajou em algumas ocasiões, que outros alunos da turma ridicularizassem e troçassem do Sr. Walker. Estou disposto a demonstrar que em mais do que uma ocasião este preconceito se manifestou em declarações feitas pelo professor Stoner a alunos e terceiros; que ele acusou o Sr. Walker de «atacar» um elemento da turma, quando o Sr. Walker estava apenas a exprimir uma opinião divergente; que ele admitiu ter sentido raiva perante esse dito «ataque» e que, além disso, fez comentários irrefletidos sobre o alegado «comportamento disparatado» do Sr. Walker. Estou disposto a demonstrar também que, sem qualquer provocação, o professor Stoner, movido por esse seu preconceito, acusou o Sr. Walker de preguiça, ignorância e desonestidade. E, por fim, que dos treze alunos da turma, o Sr. Walker foi o único – o *único* – que o professor Stoner tratou com desconfiança, pedindo-lhe *exclusivamente* a ele para entregar o texto manuscrito do trabalho do semestre. Agora, desafio o professor Stoner a negar estas acusações, uma a uma ou categoricamente.

Stoner abanou a cabeça, quase com admiração.

– Meu Deus – exclamou. – O tom com que dizes essas coisas! Sim, tudo o que dizes é um facto, mas nada é verdade. Não da maneira como falas.

Lomax fez um aceno de cabeça, como se já estivesse à espera da resposta.

– Estou disposto a demonstrar a verdade de tudo o que disse. Seria muito simples, se fosse necessário, chamar os alunos do seminário, individualmente, e interrogá-los.

– Não! – opôs-se Stoner rispidamente. – Acho que isso foi a coisa mais ultrajante que disseste em toda a tarde. Não vou permitir que os alunos sejam arrastados para esta confusão.

– Poderás não ter voto na matéria, Stoner – disse Lomax calmamente. – Poderás não ter voto nenhum.

Gordon Finch olhou para Lomax e disse baixinho:

– Aonde é que estás a querer chegar?

Lomax ignorou-o e disse a Stoner:

– O Sr. Walker disse-me que, embora se oponha a fazê-lo, por uma questão de princípio, está agora disposto a entregar-te o trabalho do seminário sobre o

qual lançaste dúvidas tão feias. Está disposto a acatar qualquer decisão que tu e outros dois membros qualificados do departamento tomarem. Se o trabalho tiver nota para passar, por maioria, ele passará no seminário e poderá prosseguir os estudos de doutoramento.

Stoner abanou a cabeça; tinha vergonha de olhar para Lomax.

– Sabes que eu não posso fazer isso.

– Muito bem. Não me agrada fazer uma coisa dessas, mas... se não mudares o teu voto de ontem, serei obrigado a apresentar uma queixa formal contra ti.

A voz de Gordon Finch subiu de tom:

– Serás obrigado a fazer o *quê*?!

Lomax respondeu friamente:

– Os estatutos da Universidade do Missouri permitem a qualquer membro da faculdade que pertença ao quadro apresentar queixa contra outro membro do quadro, se houver motivos fortes que indiquem que o dito docente é incompetente, pouco ético ou que não desempenha as suas funções de acordo com os padrões éticos estipulados pelo artigo seis, secção três dos estatutos. Essas acusações, e as provas que as corroborem, serão ouvidas pela totalidade do corpo docente da faculdade e, no fim do processo, a faculdade confirmará as queixas com dois terços dos votos ou rejeitá-las-á no caso de haver menos votos.

Gordon Finch recostou-se na cadeira, boquiaberto; abanou a cabeça, incrédulo.

– Ouve – disse. – Isto está a descontrolar-se. Não podes estar a falar a sério, Holly.

– Garanto que estou – retorquiu Lomax. – Este assunto é grave. É uma questão de princípio. E... e a minha integridade foi posta em causa. Tenho o direito de apresentar queixa, se achar conveniente.

– Nunca irias conseguir que essa queixa pegasse – comentou Finch.

– Não obstante, tenho o direito de apresentar queixa.

Por um instante, Finch olhou para Lomax. Depois, disse baixinho, quase num tom afável:

– Não haverá queixa nenhuma. Não sei como é que este assunto se vai resolver e não estou particularmente importado com isso. Mas não haverá queixa nenhuma. Vamos todos sair daqui dentro de uns minutos e vamos tentar esquecer a maior parte do que aqui se disse esta tarde. Ou, pelo menos,

vamos fingir. Não vou permitir que o departamento nem a faculdade sejam arrastados para uma trapalhada destas. Não haverá queixas. Porque – acrescentou em tom agradável –, se houver, garanto-te que vou fazer tudo o que estiver ao meu alcance para te dar cabo da carreira. Nada me deterá. Puxarei todos os cordelinhos que puder. Mentirei, se for preciso. Armo-te uma ratoeira, se for necessário. Agora, vou comunicar ao diretor Rutherford que o voto contra o Sr. Walker se mantém. Se quiseres levar a tua avante, trata do assunto com ele, com o reitor ou com Deus. Mas, para mim, este assunto está encerrado. Não quero ouvir falar mais nele.

Durante o discurso de Finch, a expressão de Lomax passara de pensativa a fria. Quando Finch terminou, Lomax fez que sim com a cabeça, quase como se nada fosse, e levantou-se da cadeira. Olhou para Stoner e, depois, atravessou o gabinete a coxear e saiu. Durante vários minutos, Finch e Stoner ficaram sentados sem dizer nada. Por fim, Finch disse:

– Pergunto-me o que será que se passa entre ele e o Walker...

Stoner abanou a cabeça.

– Não é o que estás a pensar – disse. – Não sei o que é. E acho que não quero saber.

Dez dias depois, foi anunciada a nomeação de Hollis Lomax para o cargo de diretor do Departamento de Inglês, e passadas duas semanas o serviço foi distribuído pelos membros do departamento. Sem qualquer surpresa, Stoner descobriu que, nos dois semestres que compunham o ano letivo, lhe tinham dado três turmas de Estudos Literários do primeiro ano e uma cadeira de Literatura do segundo. A sua cadeira de Leituras de Literatura Medieval e o seminário de pós-graduação tinham sido retirados do programa. Stoner percebeu que era o tipo de horário que seria dado a um leitor em início de carreira. E, de certo modo, era pior ainda: o horário tinha sido feito de tal maneira que ele lecionava a horas estranhas e muito espaçadas, seis dias por semana. Não protestou por causa do horário e resolveu lecionar no ano seguinte como se nada se passasse.

Mas, pela primeira vez desde que começara a dar aulas, ponderou a hipótese de sair um dia da universidade e ir trabalhar noutra instituição qualquer. Falou nessa possibilidade a Edith, que o fitou como se lhe tivesse dado uma bofetada.

– Oh, eu não posso sair daqui – disse ela. – Não posso. – E depois, ciente de que se traíra a si própria demonstrando o seu medo, ficou irritada. – Mas que ideia te passou pela cabeça? – perguntou. – A nossa casa... a nossa linda casa. E os nossos amigos. E a escola da Grace. Não é bom para uma criança andar a saltar de escola em escola.

– Poderá ser necessário – disse. Não lhe contara o incidente com Charles Walker nem o envolvimento de Lomax, mas rapidamente se tornou óbvio que ela sabia de tudo.

– Irresponsável – disse ela. – Absolutamente irresponsável.

Mas a sua raiva pareceu estranhamente ambígua, quase forçada. Os seus olhos azul-claros desviaram-se de Stoner e pousaram casualmente noutros objetos na sala, como se estivesse a tentar reconfortar-se, verificando que estava tudo no sítio. Os seus dedos magros e ligeiramente sardentos moviam-se, inquietos.

– Oh, eu sei tudo sobre os teus problemas. Nunca interfeiri com o teu trabalho, mas... sinceramente, és muito teimoso. A *Grace* e eu estamos envolvidas nisto. E não podes estar à espera que façamos as malas e mudemos de casa só porque tu te meteste numa alhada.

– Mas é em ti e na Grace, pelo menos em parte, que estou a pensar. É pouco provável eu... avançar muito mais na carreira, se ficar cá.

– Oh – disse Edith, em tom distante, tentando incutir amargura na voz. – Isso não importa. Fomos pobres até aqui, não há razão para não continuarmos a ser. Devias ter pensado nisso antes, nas consequências dos teus atos. Um deficiente! – de repente, a voz dela mudou e riu-se com indulgência, quase com carinho. – Sinceramente, para ti é tudo tão importante. Que *diferença* é que podia fazer?

E recusou-se a pôr a hipótese de sair de Columbia. Se as coisas chegassem a esse ponto, ela e Grace podiam sempre mudar-se para a casa da tia Emma; a senhora estava a ficar debilitada e agradeceria a companhia.

Assim sendo, Stoner desistiu da hipótese quase de imediato. Ia dar aulas nesse verão e duas das cadeiras interessavam-lhe particularmente; tinham sido programadas antes de Lomax se tornar diretor do departamento. Decidiu dedicar-lhes toda a sua atenção, porque sabia que talvez não voltasse a lecioná-las tão cedo.

Capítulo 11

Umas semanas depois de o semestre do outono de 1932 ter começado, tornou-se claro para William Stoner que não vencera a batalha para manter Charles Walker fora do programa de pós-graduação do departamento. A seguir às férias do verão, Walker regressou à universidade como se entrasse, triunfante, numa arena e, quando se cruzava com Stoner nos corredores de Jesse Hall, inclinava a cabeça num cumprimento irónico, sorrindo-lhe maliciosamente. Stoner soube, por Jim Holland, que Rutherford tinha adiado a decisão de tornar oficial o voto do ano anterior e que, por fim, tinha ficado decidido que Walker poderia repetir a prova oral preliminar e que o júri seria escolhido pelo diretor do departamento.

A batalha tinha terminado, portanto, e Stoner estava disposto a aceitar a derrota; mas a luta não acabara. Quando Stoner se cruzava com Lomax nos corredores ou numa reunião do departamento, ou numa cerimónia da faculdade, falava com ele como sempre, como se nada tivesse acontecido entre eles, mas Lomax não respondia ao seu cumprimento; fitava-o friamente e desviava os olhos, como que para dizer que nada o apaziguaria.

Um dia, no final do outono, Stoner entrou descontraidamente no gabinete de Lomax e postou-se ao lado da secretária dele durante vários minutos, até que, relutante, Lomax levantou os olhos, de lábios cerrados numa expressão dura.

Quando percebeu que Lomax não tencionava falar-lhe, Stoner disse, atrapalhado:

– Ouve, Holly, o assunto está encerrado e mais do que encerrado. Não podemos deitá-lo para trás das costas?

Lomax fitou-o com firmeza.

Stoner prosseguiu:

– Tivemos uma divergência, mas isso não é nada de especial. Já fomos amigos e não vejo motivo para...

– Nunca fomos amigos – disse Lomax com toda a clareza.

– Está bem – cedeu Stoner. – Mas, pelo menos, dávamo-nos bem. Podemos manter as nossas diferenças, mas, pelo amor de Deus, é escusado experi-las. Até os alunos já começaram a reparar.

– E bem podem reparar – retorquiu Lomax, com azedume –, já que um deles quase ficou com a carreira universitária arruinada. Um aluno brilhante, cujo único crime foi ter imaginação, entusiasmo e uma integridade que o obrigaram a entrar em conflito contigo... e sim, já agora, mais vale dizermos tudo, o facto de ter uma infeliz maleita física que teria suscitado a compaixão em qualquer ser humano normal. – Na mão direita saudável, Lomax segurava um lápis, que tremia diante dele. Com uma sensação quase de horror, Stoner percebeu que Lomax estava a ser assustadora e irrevogavelmente sincero. – Não – continuou Lomax, exaltado –, isso eu não te posso perdoar.

Stoner tentou evitar que a sua voz se tornasse inflexível.

– Não é uma questão de perdoar. É simplesmente uma questão de nos relacionarmos um com o outro, de maneira a não causar demasiado constrangimento entre os alunos e os outros membros do departamento.

– Vou ser muito franco contigo, Stoner – disse Lomax. A sua raiva amainara e a voz estava calma, mais terra a terra. – Acho que não tens perfil para ser professor. Nenhum homem cujos preconceitos falam mais alto do que o talento e a sabedoria tem perfil para ensinar. Devia despedir-te, se tivesse poderes para isso, mas não tenho, como ambos sabemos. Estamos... estás protegido pelo teu vínculo ao quadro. Tenho de aceitar esse facto, mas não sou obrigado a ser hipócrita. Não quero ter nada que ver contigo. Absolutamente nada. E não farei de conta que quero.

Stoner fitou-o com firmeza durante uns instantes. Depois, abanou a cabeça.

– Está bem, Holly – disse, cansado. E fez menção de sair do gabinete.

– Espera um minuto – chamou Lomax.

Stoner virou-se. Lomax estava a olhar, concentrado, para uns papéis que tinha em cima da secretária. De rosto vermelho, parecia estar a debater-se consigo próprio. Stoner percebeu que o que via não era raiva e, sim, vergonha.

– Daqui em diante – disse Lomax –, se me quiseres falar, e apenas sobre questões do departamento, marca uma hora com a minha secretária. – Muito embora Stoner tivesse ficado a olhar para Lomax durante mais uns minutos, ele não levantou a cabeça. O seu rosto crispou-se por uns segundos e, depois, serenou. Stoner saiu do gabinete.

Durante mais de vinte anos, nenhum dos dois voltou a falar diretamente um com o outro.

Era inevitável, percebeu Stoner mais tarde, que os alunos fossem afetados. Mesmo que tivesse convencido Lomax a salvaguardar as aparências, não poderia, a longo prazo, tê-los protegido de se aperceberem da batalha.

Antigos alunos seus, inclusive alunos que conhecera bastante bem, começaram a cumprimentá-lo com um aceno de cabeça e a falar-lhe constrangidamente, até furtivamente. Alguns mostravam-se ostensivamente simpáticos, fazendo de tudo para lhe falarem ou serem vistos a conversar com ele nos corredores. Mas deixou de ter com eles a relação que tivera em tempos; era uma figura especial e as pessoas procuravam-no, ou evitavam-no, por motivos especiais.

Começou a sentir que a sua presença era um constrangimento quer para os seus amigos, quer para os inimigos e, por conseguinte, tornou-se cada vez mais solitário.

Uma espécie de letargia abateu-se sobre ele. Lecionava o melhor possível, embora a rotina das aulas do primeiro e segundo anos o deixasse sem um pinga de entusiasmo e exausto e entorpecido, ao fim do dia. Preenchia, também o melhor que podia, as horas de espera entre as aulas demasiado espaçadas com reuniões com os alunos, analisando ao pormenor o trabalho deles, retendo-os até ficarem inquietos e impacientes.

O tempo arrastava-se lentamente à sua volta. Tentou passar mais do seu tempo em casa com a mulher e a filha, mas, por causa do seu estranho horário, as horas vagas de que dispunha eram tão invulgares que não encaixavam na rotina rígida do dia a dia de Edith. Descobriu (sem surpresa) que a sua presença regular incomodava tanto a sua mulher que ela ficava nervosa e calada e, por vezes, fisicamente maldisposta. E em todo esse tempo que passava em casa, só conseguia ver Grace de vez em quando. Edith organizara os dias da filha cuidadosamente; os seus únicos «momentos livres» eram ao fim da tarde, mas Stoner tinha uma aula a essa hora quatro vezes por semana. Quando a aula acabava, já Grace estava na cama.

Portanto, continuou a ver Grace apenas de passagem, de manhã, ao pequeno-almoço, e só estava sozinho com ela nos poucos minutos que Edith demorava a levantar a mesa do pequeno-almoço e a pôr a louça de molho na

pia. Viu o corpo dela alongar-se, uma graciosidade desajeitada apoderar-se-lhe dos braços e das pernas, e uma inteligência crescer-lhe nos olhos silenciosos e no rosto atento. Por vezes, sentia que perdurava entre eles uma proximidade, uma proximidade que nenhum dos dois se podia dar ao luxo de admitir.

Acabou por voltar ao seu velho hábito de passar a maior parte do tempo no seu gabinete em Jesse Hall. Disse a si próprio que devia sentir-se grato pela oportunidade de ler a sós, livre da pressão de se preparar para uma determinada cadeira, livre da direção predeterminada da sua aprendizagem. Tentava ler aleatoriamente, para seu próprio prazer e indulgência, muitos dos livros que esperara anos para poder ler. Mas a sua mente não se deixava levar até aonde ele queria. A sua atenção desviava-se das páginas que tinha diante de si e, com frequência cada vez maior, dava por si a olhar fixamente em frente, para o vazio. Era como se, aos poucos, a sua mente se esvaziasse de tudo o que sabia e a força se lhe esvaísse da vontade. Por vezes, sentia-se como uma espécie de vegetal e ansiava por qualquer coisa – nem que fosse a dor – que o trespassasse, que o insuflasse de vida.

Chegara àquela idade em que lhe ocorria, com crescente intensidade, uma pergunta de uma simplicidade tão avassaladora que não tinha como a enfrentar. Dava por si a perguntar-se se a sua vida valeria a pena, se alguma vez valera a pena. Era uma pergunta, desconfiava ele, que assolava todos os homens a dada altura; perguntou-se se os assolaria com uma força tão impessoal como o assolava a ele. A pergunta acarretava uma tristeza, mas era uma tristeza geral que (pensava ele) pouco tinha que ver consigo ou com o seu destino em particular. Nem sequer tinha a certeza se a pergunta surgia das causas mais imediatas e óbvias, daquilo que a sua própria vida se tornara. Provinha, julgava ele, do acumular dos anos, da densidade de acidentes e circunstâncias, e do que aprendera sobre eles. Tirava um prazer cruel e irónico da possibilidade de o pouco que aprendera o ter levado a essa certeza: que, a longo prazo, todas as coisas, incluindo a aprendizagem que lhe permitia chegar aquela conclusão, eram fúteis e vazias e, por fim, reduziam-se a um nada que não conseguiam alterar.

Uma vez, já tarde, depois da aula do final do dia, voltou para o seu gabinete e sentou-se à secretária, a tentar ler. Era inverno e nevara durante o dia, por isso o exterior estava coberto por uma camada branca e macia. O gabinete estava demasiado aquecido. Stoner abriu a janela ao lado da

secretária, para que o ar fresco entrasse na sala abafada. Inspirou fundo e deixou os olhos vagar pelo solo branco do recinto universitário. Num impulso, apagou a luz do candeeiro de mesa e sentou-se na escuridão quente do gabinete. O ar frio encheu-lhe os pulmões e ele inclinou-se na direção da janela aberta. Ouviu o silêncio da noite de inverno e teve a impressão de que sentia, de alguma maneira, os sons que eram absorvidos pelo «ser» delicado e intrincadamente celular da neve. Nada se movia sobre a brancura. Era uma paisagem morta, que parecia puxá-lo, sugar-lhe a consciência ao mesmo tempo que aspirava o som do ar e o enterrava sob um manto macio, branco e frio. Sentiu-se atraído para essa brancura, que se estendia até onde a vista alcançava, e que fazia parte da escuridão no seio da qual brilhava, do céu límpido e desanuviado, sem altura nem profundidade. Por um instante, sentiu-se a sair do seu corpo, sentado, imóvel, diante da janela e, enquanto se sentia a afastar-se, tudo – a planura branca, as árvores, as colunas altas, a noite, as estrelas longínquas – lhe pareceu incrivelmente pequenino e distante, como se estivesse a reduzir-se a nada. Depois, atrás de si, um radiador estalou. Stoner mexeu-se e regressou à realidade. Com um alívio curiosamente relutante, acendeu o candeeiro de mesa. Pegou num livro e nuns quantos papéis, saiu do gabinete, atravessou os corredores às escuras e saiu de Jesse Hall pelas portas duplas das traseiras. Dirigiu-se lentamente para casa, ciente de cada passo que pisava a neve seca com um ruído abafado.

Capítulo 12

Durante esse ano, e em especial nos meses de inverno, deu por si a regressar, com frequência cada vez maior, a esse estado de irrealidade: parecia conseguir, a seu bel-prazer, separar a consciência do corpo que a continha e observava-se a si próprio como se fosse um desconhecido estranhamente familiar, a fazer as coisas estranhamente familiares que tinha de fazer. Era uma dissociação que nunca tinha sentido antes. Sabia que devia ficar inquieto, mas estava entorpecido e não se conseguia convencer de que aquilo tinha importância. Tinha quarenta e dois anos e não conseguia ver nada diante de si de que lhe apetecesse desfrutar e para trás também pouco havia que lhe interessasse recordar.

No seu quadragésimo terceiro ano, o corpo de William Stoner estava quase tão enxuto como quando era jovem, quando atravessara o recinto universitário pela primeira vez, com uma sensação de espanto aturdido que nunca o abandonara por completo. De ano para ano, a curvatura dos seus ombros agravara-se e aprendera a abrandar os movimentos para que o seu porte grosseiro de agricultor parecesse deliberado e não uma falta de jeito inata. O seu rosto comprido suavizara-se com o tempo mas a pele, embora ainda se assemelhasse a couro curtido, já não estava tão esticada e tensa sobre as maçãs do rosto anguloso; tornara-se mais flácida em redor dos olhos e da boca, marcada por rugas finas. Ainda argutos e límpidos, os seus olhos cinzentos estavam mais encovados, a sua expressão vigilante e perspicaz meio escondida. O cabelo, outrora castanho-claro, escurecera, embora comesçassem a surgir uns toques de grisalho nas têmporas. Não pensava com frequência nos anos nem lamentava a sua passagem, mas quando via o rosto num espelho ou quando se aproximava do seu reflexo numa das portas de vidro que davam para Jesse Hall reconhecia, com um ligeiro choque, as mudanças que lhe tinham ocorrido.

Um dia, ao fim da tarde, no início da primavera, estava sentado, sozinho, no gabinete, com uma pilha de trabalhos do primeiro ano em cima da

secretária; tinha um na mão, mas não estava a olhar para ele. Como lhe acontecia com frequência, ultimamente, contemplava a parte do recinto universitário que conseguia ver pela janela. Estava um dia luminoso e a sombra lançada por Jesse Hall avançara, enquanto ele observava, quase até à base das cinco colunas que se erguiam, isoladas, com uma graciosidade poderosa a meio do pátio retangular. A parte do pátio que se encontrava na sombra era de um tom cinza-acastanhado; para lá da orla da sombra, a relva de inverno era bege-clara, coberta por uma película reluzente de um verde-claríssimo. Em contraste com as marcas pretas em forma de aranha das hastes das videiras que se enroscavam em redor delas, as colunas de mármore eram de um branco ofuscante. Daí a nada, a sombra treparia por elas acima, pensou Stoner, e as bases escureceriam e a escuridão rastejaria até ao topo, lentamente, e depois mais depressa, até... Apercebeu-se de que estava alguém parado atrás de si.

Virou-se na cadeira e levantou os olhos. Era Katherine Driscoll, a jovem leitora que no ano anterior assistira ao seu seminário. Desde essa altura, embora por vezes se cruzassem nos corredores e se cumprimentassem com um aceno de cabeça, nunca mais tinham falado um com o outro. Stoner teve a noção de que ficou ligeiramente aborrecido com aquele encontro; não lhe apetecia recordar o seminário nem o que acontecera a seguir. Empurrou a cadeira para trás e levantou-se desajeitadamente.

– Miss Driscoll – disse sobriamente, e apontou para a cadeira ao lado da secretária. Ela fitou-o um instante; os seus olhos eram grandes e escuros, e ele achou-lhe o rosto extraordinariamente pálido. Baixando ligeiramente a cabeça, ela afastou-se dele e ocupou a cadeira para a qual ele apontara discretamente.

Stoner sentou-se de novo e fixou-a um instante sem, na realidade, a ver. Depois, ciente de que o seu olhar podia ser considerado indelicado, tentou sorrir e murmurou uma pergunta inane e automática sobre as aulas dela.

Ela falou abruptamente.

– O senhor... o senhor disse uma vez que estava disposto a dar uma vista de olhos à minha tese, quando já estivesse avançada.

– Sim – confirmou Stoner, assentindo com a cabeça. – Pois disse. Claro. – Depois, pela primeira vez, reparou que ela tinha um dossiê no colo.

– Claro que se estiver ocupado... – disse, hesitante.

– Não, não estou – retorquiu Stoner, tentando infundir algum entusiasmo

na voz. – Desculpe. Não queria parecer distraído.

Hesitante, ela estendeu-lhe o dossiê. Stoner pegou nele, sopesou-o e sorriu.

– Pensei que estivesse mais avançada do que isto – comentou.

– E estava – respondeu ela. – Mas recomecei tudo do zero. Decidi mudar a minha abordagem e... agradecia muito que me desse a sua opinião.

Ele sorriu novamente e fez que sim com a cabeça; não sabia o que dizer. Ficaram sentados, num silêncio constrangido, durante uns minutos.

Por fim, ele disse:

– Quando é que precisa que eu lhe devolva a tese?

Ela abanou a cabeça.

– Quando quiser. Quando puder.

– Não quero atrasá-la – disse ele. – E se for esta sexta-feira? Parece-me o tempo suficiente para eu ler tudo. Que tal às três horas?

Ela levantou-se abruptamente tal como se sentara.

– Obrigada. Não quero incomodá-lo. Obrigada. – E, virando as costas, saiu, esguia e muito direita, do gabinete.

Durante uns momentos, Stoner ficou a olhar fixamente para o dossiê que tinha nas mãos. Depois, pousou-o na secretária e retomou a correção dos trabalhos do primeiro ano.

Isto passou-se numa terça-feira e, nos dois dias que se seguiram, o manuscrito permaneceu em cima da secretária sem ele lhe tocar. Por motivos que não compreendia totalmente, não conseguia abrir o dossiê e começar a leitura que, uns meses antes, teria sido um prazer. Observou-o, desconfiado, como se fosse um inimigo que estivesse a atirá-lo de novo para uma guerra a que renunciara.

E quando chegou a sexta-feira, ainda não o lera. Viu-o pousado, acusador, em cima da mesa, de manhã, quando recolheu os livros e os papéis para a aula das oito. Quando regressou, pouco depois das nove, quase decidiu deixar um bilhete na caixa do correio de Miss Driscoll, na secretaria, a pedir mais uma semana, mas decidiu dar uma vista de olhos à tese, antes da aula das onze, e dizer umas palavras rotineiras à rapariga, quando passasse pelo seu gabinete à tarde. Não conseguiu fazê-lo, porém, e antes de sair para a sua última aula do dia pegou no dossiê, enfiou-o entre o resto da papelada e atravessou o recinto universitário a passo acelerado em direção à sala.

Quando a aula acabou, ao meio-dia, foi retido por uns alunos que precisavam de falar com ele, de modo que passava da uma da tarde quando

conseguiu despachar-se. Dirigiu-se, com uma espécie de determinação carrancuda, para a biblioteca. Tencionava arranjar uma sala vazia e fazer uma leitura apressada do manuscrito, durante uma hora, antes da reunião com Miss Driscoll, às três.

Mas até no sossego penumbroso e familiar da biblioteca, num recanto vazio que encontrou, escondido nas profundezas das estantes, teve dificuldade em obrigar-se a olhar para o dossiê que levava consigo. Abriu outros livros e leu alguns parágrafos ao acaso; sentou-se, imóvel, inspirando o cheiro a bafio que se desprendia dos livros antigos. Por fim, suspirou. Incapaz de protelar mais, abriu o dossiê e olhou rapidamente para as primeiras páginas.

A princípio, a sua mente agitada só captou uma parte do que lia, mas, aos poucos, as palavras assaltaram-no. Franziu o sobrolho e leu com mais atenção. E, de repente, ficou cativo; voltou atrás, ao ponto de onde começara, e a sua atenção concentrou-se de jorro na página. Sim, disse para si próprio, claro. Muito do material que ela usara no trabalho do seminário estava ali, mas reordenado, reorganizado, apontando para direções que ele próprio só vislumbrara. Meu Deus, disse para si próprio, com uma espécie de espanto, e os seus dedos tremeram de excitação enquanto virava as páginas.

Quando chegou à última página, recostou-se na cadeira, numa exaustão feliz, de olhos postos na parede de cimento à sua frente. Embora tivesse a sensação de que só tinham passado uns minutos desde que começara a ler, olhou para o relógio. Eram quase quatro e meia. Pôs-se de pé à pressa, recolheu o manuscrito e saiu rapidamente da biblioteca. Embora soubesse que era demasiado tarde para que fizesse alguma diferença, atravessou o recinto em direção a Jesse Hall quase a correr.

Ao passar pela porta aberta do gabinete principal, a caminho do seu, ouviu alguém chamá-lo. Deteve-se e enfiou a cabeça na entrada. A secretária, uma rapariga nova que Lomax contratara recentemente, disse-lhe em tom acusador, quase insolente:

– Miss Driscoll veio cá para falar consigo, às três horas. Esperou quase uma hora.

Ele fez um aceno de cabeça, agradeceu-lhe e avançou mais devagar para o gabinete. Disse para si próprio que não tinha importância, que podia devolver-lhe o manuscrito na segunda-feira e pedir desculpa nessa altura. Mas o entusiasmo que sentira, quando acabara de ler o manuscrito, não

esmorecia e pôs-se a andar de um lado para o outro no gabinete, irrequieto; de vez em quando parava e fazia que sim para si próprio. Por fim, aproximou-se da estante, procurou uns instantes e tirou um folheto com letras pretas manchadas na capa: *Anuário do Pessoal Administrativo e Docente da Universidade do Missouri*. Encontrou o nome de Katherine Driscoll; ela não tinha telefone. Anotou a morada dela, pegou no manuscrito e saiu do gabinete.

A cerca de três quarteirões da universidade, na direção da cidade, um grupo de casarões antigos fora, havia uns anos, transformado em apartamentos; estes eram ocupados por alunos mais velhos, docentes mais novos, funcionários da universidade e um punhado de pessoas da terra. A casa em que Katherine Driscoll vivia erguia-se no meio deles. Era um edifício enorme de três andares, de pedra cinzenta, com uma desconcertante série de entradas e saídas, torreões e janelas de sacada e varandas projetadas para fora e para cima em todos os lados. Stoner encontrou finalmente o nome de Katherine Driscoll numa caixa do correio, na parte lateral do edifício, onde um pequeno lanço de degraus de cimento conduzia a uma porta na cave. Hesitou um instante e, em seguida, bateu.

Quando Katherine Driscoll abriu a porta, William Stoner quase não a reconheceu. Ela tinha apanhado o cabelo à pressa num rabo-de-cavalo no cocuruto da cabeça, deixando à mostra as orelhas pequeninas e rosadas; usava uns óculos de aros escuros, por detrás dos quais os olhos escuros estavam muito abertos e espantados; vestia uma camisa masculina, aberta no pescoço, e umas calças pretas e largas que a faziam parecer ainda mais esguia e graciosa do que ele se lembrava.

– Eu... desculpe ter faltado à nossa reunião – disse Stoner, atrapalhado. Espetou o dossiê na direção dela. – Achei que podia precisar dele no fim de semana.

Durante vários minutos, ela não disse nada. Fitou-o, inexpressiva, e mordeu o lábio inferior. Afastou-se da porta.

– Entre.

Ele atravessou, atrás dela, um corredor muito curto e estreito que dava para uma salinha minúscula e escura, de teto baixo, com uma cama que servia de sofá, uma mesa comprida e baixa, uma poltrona, uma pequena secretária e cadeira, e uma estante cheia de livros encostada a uma parede. Havia vários livros abertos no chão e no sofá, e papéis espalhados em cima da secretária.

– É muito pequeno – disse Katherine Driscoll, baixando-se para apanhar um dos livros do chão –, mas não preciso de muito espaço.

Stoner sentou-se na poltrona à frente do sofá. Ela perguntou-lhe se queria tomar um café e ele disse que sim. Ela foi à diminuta cozinha contígua à sala e ele descontraíu-se e olhou em redor, escutando os sons abafados dos gestos dela.

Katherine trouxe o café em delicadas chávenas de porcelana branca, num tabuleiro preto lacado que pousou na mesa diante do sofá. Bebericaram o café e fizeram conversa, tensos, durante uns minutos. Depois, Stoner falou da parte do manuscrito que lera, e o entusiasmo que sentira havia pouco, na biblioteca, assolou-o de novo; inclinou-se para a frente, falando com intensidade.

Durante muito tempo, os dois conseguiram conversar sem constrangimentos, escondendo-se por detrás do discurso. Katherine Driscoll estava sentada na beira do sofá, com os olhos a cintilar, os dedos esguios entrelaçando-se e soltando-se por cima da mesinha. William Stoner puxou a cadeira para a frente e debruçou-se para ela, concentrado; estavam tão perto que ele podia ter esticado a mão e tocado nela.

Falaram sobre os problemas levantados pelos primeiros capítulos da tese, aonde a investigação os poderia levar, a importância do tema...

– Não desista – disse ele, e a sua voz assumiu um tom de insistência que ele próprio não conseguia compreender. – Por mais difícil que lhe pareça por vezes, não pode desistir. É um trabalho demasiado bom para que desista. Oh, sim, está muito bom, não há dúvidas em relação a isso.

Ela ficou calada e, por um instante, o seu rosto manteve-se inexpressivo. Recostou-se no sofá, desviou os olhos dele e, como que distraída, disse:

– O seminário... algumas das coisas que disse... ajudou-me muito.

Ele sorriu e abanou a cabeça.

– A Katherine não precisava do seminário. Mas ainda bem que pôde assistir às sessões. Acho que foi um bom seminário.

– Oh, é uma vergonha! – rebentou ela. – Uma vergonha. O seminário... o senhor foi... eu *tive* de recomeçar a minha tese depois do seminário. É uma vergonha eles... – calou-se, num misto confuso de amargura e raiva; levantou-se do sofá e aproximou-se, irrequieta, da secretária.

Stoner, surpreendido com o acesso de raiva dela, ficou calado um instante. Depois, disse:

– Não se preocupe. Estas coisas acontecem. Com o tempo, tudo se resolverá. Não é importante, a sério.

E, de repente, depois de proferir essas palavras, de facto não era importante. Por uns momentos, sentiu a verdade do que dissera e, pela primeira vez em meses, saiu-lhe de cima o fardo de um desespero que só agora ele percebia como era pesado. Quase zozzo de alegria, à beira do riso, repetiu:

– A sério que não é importante.

Mas um constrangimento instalara-se entre eles e já não conseguiram falar com o mesmo à-vontade de há instantes. Daí a nada, Stoner levantou-se, agradeceu-lhe o café e anunciou que se ia embora. Ela acompanhou-o à porta e despediu-se numa voz quase seca.

Estava escuro lá fora e corria uma brisa primaveril. Stoner inspirou fundo e sentiu um formigueiro no corpo por causa do frio. Para lá do recorte irregular dos edifícios de apartamentos, as luzes da cidade reluziam sobre uma ténue neblina que pairava no ar. À esquina, um candeeiro de rua iluminava debilmente a escuridão que o envolvia. Vindo dessa escuridão, o som de uma gargalhada quebrou abruptamente o silêncio, perdurou uns segundos e esmoreceu. A névoa retinha um cheiro a fumo, de lixo a arder nos quintais das casas, e enquanto ele caminhava lentamente por entre a noite, inspirando esse odor e saboreando na língua o trazo do ar noturno, teve a sensação de que o momento que atravessava era suficiente e de que talvez não precisasse de muito mais na vida.

E assim teve a sua aventura amorosa.

Demorou um certo tempo a tomar consciência da natureza dos seus sentimentos por Katherine Driscoll. Deu por si a inventar pretextos para ir a casa dela à tarde; lembrava-se do título de um livro ou artigo, anotava-o e evitava propositadamente cruzar-se com ela nos corredores da faculdade, para depois poder passar lá por casa à tarde e dizer-lhe o título, tomar um café e conversar. Uma vez, passou metade do dia na biblioteca a procurar uma referência que talvez reforçasse uma questão que achava dúbia no segundo capítulo da tese dela; uma outra vez, transcreveu penosamente uma parte de um manuscrito latino pouco conhecido, do qual a biblioteca possuía um exemplar fotocopiado, e pôde, assim, passar várias tardes a ajudá-la com a

tradução.

Katherine mostrava-se sempre cortês, afável e reservada; sentia-se intimamente grata pelo tempo e interesse que ele dedicava à sua tese e esperava não estar a impedi-lo de fazer coisas mais importantes. Stoner nunca pensou que ela pudesse vê-lo de uma maneira diferente do mero professor zeloso que ela admirava e cuja ajuda, embora muito simpática, pouco ia além do dever. Via-se como uma figura ligeiramente ridícula, uma figura por quem, objetivamente, ninguém se interessaria e, depois de admitir para si próprio os seus sentimentos por Katherine Driscoll, passou a ter um cuidado desmesurado para não os demonstrar de nenhuma forma facilmente perceptível.

Durante mais de um mês, foi a casa dela duas ou três vezes por semana, ficando no máximo duas horas de cada vez. Receava que ela se aborrecesse com as suas aparições frequentes, por isso tinha o cuidado de só a visitar quando se sentia seguro de que podia genuinamente ajudá-la com a tese. Com uma espécie de perplexidade divertida, apercebeu-se de que se preparava para as visitas a casa de Katherine com o mesmo zelo com que se preparava para as aulas e disse a si próprio que isso seria suficiente, que ficaria satisfeito só de a ver e falar com ela o tempo que ela aguentasse a sua presença.

Mas, apesar do seu cuidado e esforço, as tardes que passavam juntos tornaram-se cada vez mais tensas. Durante longos instantes, davam por si sem nada que dizer. Bebericavam o café e desviavam os olhos um do outro, diziam «Bom...» em vozes hesitantes e defensivas, e arranjavam motivos para se mexerem, irrequietos, pela sala, afastando-se. Com uma tristeza cuja intensidade não esperara, Stoner concluiu que as suas visitas se estavam a tornar um peso para Katherine e que era a boa educação que a fazia esconder isso dele. Tal como soubera o que teria de fazer, tomou uma decisão: afastar-se-ia aos poucos, para que ela não percebesse que ele captara a sua irrequietude – como se já não a pudesse ajudar mais.

Na semana seguinte, passou por casa de Katherine apenas uma vez, e na semana a seguir, pura e simplesmente não a visitou. Não previra a luta que iria travar consigo próprio: à tarde, sentado no seu gabinete, obrigava-se a não se levantar da secretária e a sair da faculdade a correr até à casa dela. Uma ou duas vezes viu-a à distância, nos corredores, quando ela saía ou entrava de uma aula; virou as costas e afastou-se na direção oposta, para não se cruzarem.

Passados uns tempos, uma espécie de apatia apoderou-se dele e disse para si próprio que iria correr tudo bem, que daí a uns dias conseguiria vê-la nos corredores, cumprimentá-la com um aceno de cabeça e sorrir, talvez até detê-la por um instante e perguntar-lhe como ia o trabalho.

Depois, uma tarde, quando estava na secretaria a tirar a correspondência da sua caixa do correio, ouviu um jovem leitor comentar com outro que Katherine Driscoll estava doente, que não dava aulas há dois dias. Então, a apatia abandonou-o; sentiu uma dor intensa no peito e a sua determinação e força de vontade deixaram-no. Dirigiu-se aos sacões para o seu gabinete e olhou com uma espécie de desespero para a estante, escolheu um livro e saiu. Quando chegou a casa de Katherine Driscoll, estava ofegante, por isso teve de descansar uns minutos nos degraus. Colou um sorriso no rosto, com a esperança de que parecesse natural, e bateu à porta.

Ela estava ainda mais pálida do que era habitual e tinha umas olheiras enormes. Vestia um roupão simples, azul-escuro, e tinha o cabelo severamente puxado para trás.

Stoner teve a noção de que falou de uma maneira nervosa e disparatada, mas não conseguiu estancar a torrente de palavras.

– Olá – disse alegremente –, ouvi dizer que estava doente e decidi passar por cá para ver como se sente, trago-lhe um livro que talvez lhe sirva para a tese, está tudo bem consigo? Não quero... – Ouviu o som das suas palavras jorrar em catadupa do seu sorriso fixo e não conseguiu evitar que os seus olhos perscrutassem o rosto dela.

Quando, por fim, se calou, Katherine afastou-se da porta e disse baixinho:

– Entre.

Assim que entrou para a salinha-quarto, o seu nervosismo desapareceu. Sentou-se na poltrona diante do sofá-cama e sentiu despontar dentro de si um à-vontade familiar, quando Katherine Driscoll se sentou à sua frente. Durante uns minutos, nenhum dos dois falou.

Por fim, ela perguntou:

– Quer um café?

– Não se incomode comigo – disse Stoner.

– Não é incómodo nenhum. – A voz dela foi brusca e tinha aquele tom muito próximo da raiva que ele já detetara antes. – É só aquecer.

Ela foi à cozinha. Stoner, sozinho na sala, fixou os olhos sorumbáticos na mesa de apoio e disse para si próprio que não devia ter ido. Interrogou-se

sobre o que levava os homens a fazerem aquelas tolices.

Katherine Driscoll voltou com a cafeteira e duas chávenas; serviu o café e sentaram-se a ver o fumo desprender-se do líquido preto. Ela tirou um cigarro de um maço amassado, acendeu-o e fumou-o nervosamente por uns instantes. Stoner lembrou-se do livro que levava consigo e que ainda tinha nas mãos. Pousou-o na mesa entre eles.

– Talvez não esteja com disposição para ler – disse ele –, mas deparei com uma passagem que talvez a ajude e pensei...

– Não o vejo há quase duas semanas – disse ela, apagando o cigarro e esborrachando-o com veemência no cinzeiro.

Ele ficou surpreendido; distraidamente, disse:

– Estive muito ocupado... tanta coisa...

– Não tem importância – disse ela. – A sério. Eu não devia... – Esfregou a testa com a palma da mão.

Ele fitou-a, preocupado, achando-a com ar febril.

– Lamento muito que esteja doente. Se eu puder fazer alguma coisa para...

– Não estou doente – disse ela. E numa voz calma, circunspecta e quase desinteressada, acrescentou: – Estou desesperadamente, desesperadamente infeliz.

E mesmo assim, ele continuou sem perceber. A afirmação acutilante e direta trespassou-o como uma lâmina. Virou-se ligeiramente para o lado oposto a ela e, confuso, disse:

– Desculpe. Pode dizer-me o que se passa? Se eu puder fazer alguma coisa...

Ela ergueu a cabeça. Tinha as feições empedernidas, mas os olhos brilhavam, rasos de lágrimas.

– Não queria constrangê-lo. Desculpe. Deve achar-me uma tola.

– Não – respondeu ele. Fitou-a mais uns minutos, aquele rosto pálido que parecia manter-se inexpressivo à custa de uma grande força de vontade. Depois, contemplou as suas grandes mãos ossudas, entrelaçadas em cima de um joelho; os dedos grossos e pesados; os nós das mãos pareciam botões brancos em contraste com a pele morena.

Por fim, pesada e lentamente, ele disse:

– Em muitas coisas, sou um homem ignorante. Eu é que sou tolo e não a Katherine. Não a vim ver, porque pensei que... pensei que estava a tornar-me um incómodo. Talvez isso não fosse verdade.

– Não – disse ela. – Não, não era verdade.

Continuando sem olhar para ela, Stoner prosseguiu:

– E não queria causar-lhe o embaraço de ter de lidar com... com os meus sentimentos por si, que eu sabia que, mais cedo ou mais tarde, se tornariam óbvios, se eu continuasse a vê-la.

Ela não se mexeu. Duas lágrimas brotaram-lhe dos olhos e escorreram-lhe pelo rosto; ela não as enxugou.

– Talvez eu tenha sido egoísta. Achei que nada poderia sair daqui, a não ser constrangimento para si e infelicidade para mim. Conhece as minhas... circunstâncias. Pareceu-me impossível a Katherine poder... poder sentir por mim alguma coisa, a não ser...

– Cala-te – disse ela baixinho, vigorosamente. – Oh, meu querido, cala-te e vem cá.

Ele deu por si a tremer. Atrapalhado como um rapazola, deu a volta à mesa e sentou-se ao lado dela. Tímidos, desajeitados, as suas mãos uniram-se. Abraçaram-se num gesto embaraçado, tenso, e durante muito tempo ficaram sentados sem se mexer, como se o mínimo movimento pudesse deixar escapar o sentimento estranho e terrível que os unia naquele abraço.

Os olhos dela, que ele julgara serem castanho-escuros ou pretos, eram violeta-escuros. Às vezes, captavam a luz fraca do candeeiro da sala e reluziam, húmidos. Como mudavam de cor se ele virasse a cabeça para um lado ou para o outro, dependendo do ângulo de onde os contemplava, parecia que, mesmo fixos, nunca estavam quietos. A pele dela, que ao longe parecera tão fria e pálida, tinha um tom rosado e quente como o fluir de uma luz diáfana. E tal como a pele translúcida, a calma, a contenção e a reserva que ele pensara serem o feitio dela escondiam uma afetuosidade, uma alegria e um sentido de humor cuja intensidade era acentuada precisamente por serem secretos.

No seu quadragésimo terceiro ano de vida, William Stoner aprendeu o que outros, muito mais jovens do que ele, tinham aprendido antes de si: que a pessoa que amamos no início não é a mesma que amamos no fim, e que o amor não é uma meta e sim um processo através do qual uma pessoa tenta conhecer outra.

Eram ambos muito tímidos e descobriram-se lentamente, hesitantemente;

aproximavam-se e afastavam-se, tocavam-se e retraíam-se, não querendo impor um ao outro mais do que eles gostariam. De dia para dia, as defesas que os protegia foram caindo uma a uma. Por fim, tornaram-se como muitas das pessoas que são extraordinariamente tímidas: abertos um para o outro, sem barreiras, perfeita e despudoradamente à vontade um com o outro.

Quase todas as tardes, quando acabava as aulas, ele ia a casa dela. Faziam amor e conversavam e faziam amor outra vez, como crianças a quem nem passava pela cabeça cansarem-se da brincadeira. Os dias de primavera tornaram-se mais longos e ansiavam ambos pelo verão.

Capítulo 13

Na sua mocidade, Stoner imaginara o amor como um estado absoluto do ser ao qual uma pessoa, se tivesse sorte, podia aceder um dia; na idade adulta, decidira que era o paraíso de uma falsa religião, que uma pessoa devia encarar com uma divertida incredulidade, um suave desprezo familiar e uma nostalgia embaraçada. Agora, na meia-idade, começava a perceber que não era nem um estado de graça, nem uma ilusão; via-o como um ato humano de transformação, uma condição que era inventada e alterada de momento para momento e de dia para dia, através da vontade, da inteligência e do coração.

As horas que outrora passava no gabinete, a contemplar pela janela uma paisagem que tremeluzia e se tornava deserta diante do seu olhar vazio, passava-as agora com Katherine. Todas as manhãs, bem cedo, ia para o gabinete e sentava-se, irrequieto, durante dez ou quinze minutos. Depois, incapaz de descansar, saía de Jesse Hall e atravessava o recinto universitário até à biblioteca, onde dava uma vista de olhos às estantes durante mais uns dez ou quinze minutos. E, por fim, como se fosse um jogo que fazia consigo próprio, libertava-se do seu *suspense* autoimposto, saía da biblioteca por uma porta lateral e encaminhava-se para casa de Katherine.

Ela trabalhava frequentemente pela madrugada dentro e, alguns dias de manhã, quando Stoner chegava ao apartamento, encontrava-a acabadinha de acordar, quente e sensual de sono, nua por baixo do roupão azul-escuro que vestira só para abrir a porta. Nessas manhãs, muitas vezes faziam amor antes mesmo de falarem, dirigindo-se para a cama estreita, ainda amarrotada e quente do sono de Katherine.

O corpo dela era comprido e delicado e de um ardor voluptuoso. E, quando ele lhe tocava, a sua mão desajeitada parecia ganhar vida ao contacto com a sua pele. Às vezes, olhava para o corpo dela como se fosse um tesouro de monta confiado à sua guarda. Deixava os dedos quadrados brincar com a pele húmida e ligeiramente rosada das coxas e do ventre e maravilhava-se com a delicadeza intrincadamente simples dos seios pequenos e firmes. Ocorreu-lhe

que nunca antes conhecera o corpo de outra pessoa; e ocorreu-lhe ainda que era por essa razão que sempre separara de alguma maneira o eu de uma pessoa do corpo que carregava esse eu no mundo. E, por fim, ocorreu-lhe, com uma certeza absoluta, que nunca conhecera outro ser humano com intimidade ou confiança ou com o calor humano do compromisso.

Tal como todos os amantes, falavam muito de si próprios, como se pudessem assim compreender o mundo que os tornara possíveis.

– Meu Deus, como eu te desejava – disse Katherine, uma ocasião. – Via-te de pé à frente da turma, tão grande e querido e desajeitado, e desejava-te que nem uma louca. Nunca te apercebeste disso, pois não?

– Não – respondeu William. – Achava que eras uma menina muito bem-comportada.

Ela riu-se, deliciada.

– Ah, sim, muito bem-comportada! – O riso abrandou e ela sorriu com a ideia. – Acho que eu própria também estava convencida disso. Oh, achamos sempre tão bem-comportados quando não temos motivos para não o sermos! É preciso apaixonarmo-nos para descobrirmos determinadas coisas sobre nós próprios. Às vezes, contigo, sinto-me a maior galdéria do mundo, uma galdéria ansiosa e fiel. Isso parece-te ser bem-comportado?

– Não – disse William, sorrindo, e esticou os braços para ela. – Vem cá.

Ela contou a William que tinha tido um namorado. Fora no último ano da faculdade e acabara mal, com lágrimas, recriminações e traições.

– A maior parte das histórias acaba mal – disse ela e, por um instante, ficaram ambos soturnos.

William ficou chocado ao perceber a sua surpresa quando soube que ela tinha tido um amante antes de si. Tomou consciência de que começara a encará-los a ambos como se não tivessem existido antes de se conhecerem.

– Ele era um rapaz muito tímido – disse ela. – Como tu, creio eu, de certo modo, só que ele era amargo e receoso, e eu nunca soube porquê. Costumava esperar por mim ao fundo do caminho que levava aos dormitórios, debaixo de uma grande árvore, porque era demasiado tímido para se aproximar de um lugar onde havia tanta gente. Costumávamos andar quilómetros, no campo, onde não havia o risco de nos cruzarmos com ninguém. Mas nunca estávamos verdadeiramente... juntos. Nem mesmo quando fazíamos amor.

Stoner quase conseguia ver aquela figura sombria, sem rosto nem nome. O seu choque transformou-se em tristeza e sentiu uma generosa compaixão por

aquele rapaz desconhecido que, movido por uma obscura amargura, afastara de si o que Stoner agora possuía.

Por vezes, na preguiça ensonada que os assolava depois de fazerem amor, ele ficava deitado num fluxo lento e suave de sensações e pensamentos; e nesse fluxo, nem sabia se falava em voz alta ou se reconhecia simplesmente na sua mente as palavras que traduziam essas sensações e pensamentos.

Sonhava com perfeições, com um mundo onde pudessem estar sempre juntos, e quase acreditava na possibilidade de os seus sonhos se realizarem. «Como é que seria se», começava ele, e descrevia uma hipótese pouco mais atraente do que aquela em que viviam. Era um conhecimento tácito que partilhavam: que as hipóteses que imaginavam e construía eram gestos de amor e uma celebração da vida que tinham juntos naquele momento.

A vida que tinham juntos era uma vida que nenhum deles imaginara verdadeiramente. Passaram da paixão a um desejo intenso e do desejo a uma sensualidade profunda que se renovava a cada instante.

– Desejo e saber – disse Katherine, uma vez. – No fundo, é só isso que importa na vida, não é?

E Stoner teve a sensação de que era exatamente verdade, que era uma das coisas que aprendera.

Porque a sua vida juntos, naquele verão, não foi só fazer amor e conversa. Aprenderam a estar juntos sem falar e habituaram-se a descansar. Stoner levava livros para casa de Katherine e deixava-os lá, até que por fim tiveram de comprar uma estante para eles. Nos dias que passavam juntos, Stoner deu por si a voltar aos estudos que praticamente abandonara, e Katherine continuou a trabalhar no livro que seria a sua tese. Durante horas, ela sentava-se à minúscula secretária encostada à parede, de cabeça baixa, profundamente concentrada em livros e papéis, o seu pescoço esguio e pálido emergindo do roupão azul-escuro que normalmente envergava; Stoner estendia-se na poltrona ou deitava-se no sofá-cama, igualmente concentrado.

Por vezes, levantavam os olhos dos respetivos estudos, sorriam e retomavam a leitura; por vezes, Stoner erguia os olhos do livro e deixava-os pousar na curva graciosa das costas de Katherine e no pescoço esguio sobre o qual caía sempre uma madeixa de cabelo. Depois, um desejo lento e espontâneo assolava-o como uma calma e ele levantava-se e postava-se atrás dela e deixava os braços pousar-lhe ao de leve nos ombros. Ela endireitava as costas e deixava a cabeça repousar no peito dele, e as mãos de

William deslizavam por dentro do roupão solto e tocavam-lhe suavemente nos seios. A seguir, faziam amor e, depois, ficavam deitados uns minutos, em sossego, e então regressavam ao estudo, como se o amor e o saber fossem um só processo.

Essa foi mais uma das estranhas curiosidades daquilo a que chamavam «a opinião geral» que aprenderam nesse verão. Tinham sido educados numa tradição que lhes dizia, de uma maneira ou de outra, que a vida da mente e a vida dos sentidos eram distintas uma da outra e, inclusive, antagônicas. Tinham-se convencido, sem sequer terem pensado verdadeiramente no assunto, que teriam de escolher uma em detrimento da outra. Que uma pudesse intensificar a outra era algo que nunca lhes passara pela cabeça. E uma vez que a realidade de uma verdade surge sempre antes da sua conceptualização, pareceu-lhes que essa descoberta lhes pertencia só a eles. Começaram a colecionar essas curiosidades da «opinião geral» e acumulavam-nas como se fossem tesouros; isso ajudava-os a permanecer isolados do mundo que lhes dava precisamente essas opiniões e unia-os de uma forma modesta, mas comovente.

Mas para Stoner havia mais um mistério do qual não falou a Katherine. E que tinha que ver com a sua relação com a mulher e a filha.

Era uma relação que, segundo a «opinião geral», devia ter piorado à medida que se desenrolava aquilo que a dita «opinião geral» rotularia de «aventura extraconjugal». Mas não foi isso que aconteceu. Pelo contrário, a relação pareceu melhorar aos poucos. As suas ausências, cada vez mais longas, da casa a que ainda tinha de chamar «sua» pareceram aproximá-lo de Edith e de Grace como não acontecia há anos. Começou a sentir por Edith um curioso sentimento que raiava o carinho e até conversavam, de vez em quando, sobre tudo e sobre nada. Nesse verão, ela limpou a marquise, mandou consertar os estragos causados pela intempérie e colocou uma cama lá, para que ele não tivesse de continuar a dormir no sofá da sala.

E às vezes, ao fim de semana, ia visitar as vizinhas e deixava Grace sozinha com o pai. Ocasionalmente, Edith ausentava-se o tempo suficiente para que ele fosse dar um passeio no campo com a filha. Fora de casa, a contenção dura e vigilante de Grace desaparecia e, por vezes, ela sorria com uma doçura e um encanto que Stoner já quase tinha esquecido. Crescera rapidamente nesse último ano e estava muito magra.

Era preciso fazer um esforço para se lembrar de que estava a enganar

Edith. As duas partes da sua vida eram tão distintas uma da outra como o podem ser as duas partes de uma só vida, e embora soubesse que as suas capacidades de introspeção eram fracas e que era capaz de se autoiludir, não conseguia acreditar que estivesse a fazer mal a alguém por quem sentisse que tinha responsabilidades.

Não tinha jeito para a dissimulação e também não lhe ocorreu pôr fim ao seu caso com Katherine Driscoll; da mesma maneira que também não lhe passou pela cabeça exibi-lo ao mundo. Não lhe parecia possível que alguém de fora pudesse estar a par do seu caso ou sequer interessado nele.

Foi por isso um choque profundo quando descobriu, no final do verão, que Edith estava ciente do caso e, ainda por cima, praticamente desde o início.

Ela fez alusão ao assunto um dia de manhã, enquanto ele tomava calmamente o seu café ao pequeno-almoço, conversando com Grace. Edith falou com uma ligeira rispidez, mandando Grace parar de engonhar com o pequeno-almoço, porque tinha a aula de piano uma hora e só depois poderia desperdiçar o tempo. William observou a figura da filha, magra e de costas muito direitas, a sair da sala de jantar e esperou distraidamente que as primeiras notas ressonantes se soltassem do velho piano.

– Bom – disse Edith, ainda com uma certa rispidez na voz –, estás um bocadinho atrasado hoje, não estás? – William virou-se para ela, inquiridor; o seu rosto manteve-se impassível. – A tua coleguinha não vai ficar irritada, se a deixares à espera?

Ele sentiu um tremor apoderar-se-lhe dos lábios.

– O quê? – perguntou. – O que é que disseste?

– Oh, Willy – disse Edith, e riu-se com indulgência. – Achavas mesmo que eu não sabia do teu... namorisco? Ora, eu sempre soube. Como é que ela se chama? Já o soube, mas esqueci-me.

Por entre o choque e a confusão, a mente dele só captou uma palavra e, quando falou, a sua voz soou-lhe petulantemente aborrecida:

– Não estás a perceber – disse ele. – Não há nenhum... namorisco, como lhe chamas. É...

– Oh, Willy – disse ela, e riu-se outra vez. – Ficaste todo nervoso. Oh, eu conheço muito bem essas coisas. Um homem da tua idade... é natural, parece-me. Pelo menos, dizem que é.

Por um instante, ele ficou calado. Depois, relutante, disse:

– Edith, se queres falar sobre isso...

– Não! – exclamou ela, com um toque de medo na voz. – Não há nada para falar. Absolutamente nada.

E não falaram sobre o assunto nem nesse dia, nem depois. A maior parte do tempo, Edith mantinha a fachada de que era o trabalho dele que o retinha fora de casa, mas, de vez em quando, e quase distraidamente, falava do caso que estava sempre presente dentro de si. Umas vezes, falava em tom de brincadeira, com uma espécie de carinho jocosos; outras, falava sem sentimento nenhum, como se fosse o tema de conversa mais banal do mundo; e outras ainda, falava em tom petulante, como se uma trivialidade qualquer a tivesse irritado.

– Oh, eu entendo – disse ela. – Quando um homem chega aos quarenta... Mas sinceramente, Willy, tens idade para ser pai dela, não tens?

Não passara pela cabeça de Stoner como é que a sua relação poderia parecer a alguém de fora, aos olhos do mundo. Por um instante, viu-se a si próprio do exterior e o que Edith disse foi uma parte do que ele viu. Teve um vislumbre de uma figura que alimentava as piadas das salas de fumo e enchia as páginas dos romances de cordel: um tipo deplorável, a entrar na meia-idade, incompreendido pela mulher, tentando recuperar a juventude juntando-se a uma rapariga uns anos mais jovem do que ele, buscando desajeitadamente, como um macaquinho de imitação, a juventude que já não podia ter, um palhaço ridículo e espalhafatoso de quem o mundo troçava de constrangimento, pena e desprezo. Olhou para essa figura com o máximo de atenção que conseguiu, mas, quanto mais a observava, menos familiar se lhe tornava. Não era a si próprio que via e, de repente, percebeu que não era ninguém.

Mas soube que o mundo começava a cercá-lo, a cercar Katherine e aquele nichozinho que eles tinham pensado que era só deles. E observou esse cerco com uma tristeza sobre a qual não conseguia falar, nem sequer com Katherine.

O primeiro semestre começou em setembro, com um verão de São Martinho intensamente colorido após uma geada precoce. Stoner regressou às aulas com uma avidez que não sentia há muito. Nem a ideia de encarar uma centena de caloiros lhe atenuou a energia renovada.

A sua vida com Katherine continuou como era antes, mas, com o regresso

dos estudantes e do pessoal da faculdade, Stoner começou a sentir necessidade de serem mais discretos. Durante o verão, a velha casa onde Katherine vivia estivera quase deserta; puderam, assim, estar juntos num isolamento quase absoluto, sem medo de que alguém os visse. Agora, William precisava de ter cuidado quando ia a casa dela, à tarde. Deu por si a inspecionar a rua de uma ponta à outra, antes de se aproximar da casa, e a descer as escadas furtivamente para o pequeno patamar que dava para o apartamento.

Pensaram em medidas a tomar e falaram de rebelião. Confessaram que se sentiam tentados a fazer um gesto escandaloso, a exhibir a sua relação. Mas não o fizeram e não tinham verdadeiramente vontade de o fazer. Queriam apenas que os deixassem em paz, ser eles próprios, mas ao desejarem isso, sabiam que não os deixariam em paz e desconfiavam de que não poderiam ser eles próprios. Pensavam que eram discretos e não lhes passou pela cabeça que alguém desconfiasse da sua relação. Faziam questão de não se encontrarem na universidade, mas quando era inevitável cruzarem-se publicamente, cumprimentavam-se com uma formalidade cuja ironia não pensavam que fosse evidente.

Mas as pessoas sabiam da relação deles, e souberam logo a seguir ao início do primeiro semestre. Provavelmente a descoberta adveio da clarividência peculiar que as pessoas têm sobre essas coisas, porque nenhum dos dois dera sinais exteriores das suas vidas privadas. Ou talvez alguém tivesse feito uma especulação ociosa que soara a verdade aos ouvidos de outra pessoa qualquer, o que fez com que os observassem mais de perto, o que por sua vez... Tinham a noção de que as suas especulações eram fúteis, mas continuaram a fazê-las.

Houve sinais que mostraram a ambos que tinham sido apanhados. Uma ocasião, quando caminhava atrás de dois alunos de pós-graduação, Stoner ouviu um deles dizer, meio admirado, meio desdenhoso: «O velho Stoner. Meu Deus, quem é que poderia acreditar numa coisa daquelas?» e viu-os a abanar a cabeça de troça e desconcerto perante a condição humana. Conhecidos de Katherine faziam referências arrevesadas a Stoner e brindavam-na com confidências sobre as suas próprias vidas amorosas, confidências que ela não pedira.

O que os surpreendeu a ambos foi o facto de o caso não parecer importar a ninguém. Ninguém deixou de lhes falar, ninguém lhes lançou olhares

maldosos. O mundo que temiam não os fez sofrer. Começaram a acreditar que podiam viver no lugar que tinham pensado ser inimigo do seu amor e viver nele com alguma dignidade e facilidade.

Nas férias do Natal, Edith decidiu levar Grace a visitar a mãe a St. Louis, e foi a única vez, na sua vida juntos, que William e Katherine puderam estar um com o outro durante um período alargado.

Em separado e em tom casual, anunciaram ambos que se ausentariam da universidade durante as férias do Natal. Katherine disse que ia visitar a família no leste do país e William que ia trabalhar para o centro bibliográfico de Kansas City. A horas diferentes, apanharam uma camioneta e encontraram-se em Lake Ozark, uma estância nas montanhas da grande cordilheira Ozark.

Eram os únicos hóspedes da única estalagem da estância, que permanecia aberta o ano todo, e dispunham de dez dias juntos.

Tinha havido um nevão três dias antes da sua chegada e durante a estada nevou novamente, de maneira que as colinas ondulantes se mantiveram brancas durante todo o tempo que eles lá estiveram.

Deram-lhes uma cabana com um quarto, uma sala e uma pequena cozinha. Ficava um nadinha isolada das outras cabanas e tinha vista sobre um lago que permanecia gelado nos meses de inverno. De manhã, acordavam entrelaçados um no outro, os seus corpos quentes e voluptuosos debaixo dos pesados cobertores. Espetavam a cabeça de fora e viam a sua respiração condensar em grandes nuvens, no ar frio; riam-se como crianças e puxavam as cobertas para cima da cabeça e encostavam-se ainda mais um ao outro. Às vezes, faziam amor e ficavam na cama a manhã toda e conversavam até o sol se mostrar por uma janela virada a leste; outras vezes, Stoner saltava da cama assim que acordavam e arrancava as cobertas do corpo nu de Katherine e ria-se dos gritos dela, enquanto acendia a grande lareira. Depois, enroscavam-se diante das chamas, só com um cobertor à volta deles, e esperavam que o fogo reluzente e o calor natural dos seus próprios corpos os aquecessem.

Apesar do frio, passeavam quase todos os dias na floresta. Os grandes pinheiros, pretos-esverdeados em contraste com a neve, erguiam-se, maciços, para o céu limpo azul-claro. O ocasional deslizar e estalar de uma massa de neve de um dos ramos intensificava o silêncio em redor deles, enquanto o canto pontual de um pássaro solitário intensificava o isolamento em que caminhavam. Uma vez, viram um cervo que descera das montanhas mais

altas em busca de comida. Era uma corça, de um castanho-amarelado brilhante em contraste com o negro austero dos pinheiros e o branco da neve. A cinquenta metros deles, fitou-os, com uma das patas dianteiras delicadamente erguida acima da neve, as orelhinhas espetadas para a frente, os olhos castanhos absolutamente redondos e incrivelmente meigos. Ninguém se mexeu. O focinho delicado da corça inclinou-se para o lado, como se os inquirisse educadamente; depois, sem pressas, virou-se e afastou-se deles, levantando as patas elegantemente da neve e pousando-as com precisão, com um barulhinho de neve a ranger.

À tarde, iam ao edifício principal da estalagem, que também servia de loja da aldeia e restaurante. Tomavam café e conversavam com quem aparecesse e, de vez em quando, compravam umas coisas para o jantar, que comiam sempre na cabana.

À noite, por vezes acendiam o candeeiro a óleo e liam, mas, as mais das vezes, sentavam-se em cobertores dobrados à frente da lareira e conversavam e desfrutavam do silêncio, enquanto viam as chamas a brincar intrincadamente por entre os toros e contemplavam os efeitos da luz do fogo nos seus rostos.

Uma noite, quando se aproximava o fim dos seus dias juntos, Katherine disse baixinho, quase distraidamente:

– Bill, se não tivermos mais nada, pelo menos tivemos esta semana. Parece-te uma coisa de menina dizer isto?

– Não interessa o que é que parece – respondeu Stoner, fazendo que sim com a cabeça. – É verdade.

– Então, repito – disse Katherine. – Pelo menos tivemos esta semana.

Na última manhã, Katherine endireitou os móveis e limpou a cabana com esmero e lentidão. Tirou a aliança que usara durante as férias e entalou-a numa brecha entre a parede e a lareira. Sorriu, embaraçada.

– Queria – explicou – deixar qualquer coisa nossa aqui. Uma coisa que eu soubesse que aqui ficava, enquanto existir este espaço. Talvez seja uma tolice.

Stoner não foi capaz de responder. Deu-lhe o braço, saíram da cabana e atravessaram a neve até ao edifício principal, onde a camioneta os apanharia para os levar de volta para Columbia.

Numa tarde, no final de fevereiro, uns dias depois de ter começado o segundo semestre, Stoner recebeu um telefonema da secretária de Gordon Finch. Ela disse-lhe que o senhor diretor gostaria de falar com ele e perguntou se podia passar pelo gabinete nessa tarde ou na manhã seguinte. Stoner respondeu que sim... e ficou sentado durante vários minutos, com uma mão no telefone, depois de ter desligado. A seguir, suspirou, fez que sim com a cabeça e desceu as escadas até ao gabinete de Finch.

Gordon Finch estava em mangas de camisa, com a gravata meio solta, e recostado na cadeira giratória com as mãos cruzadas na nuca. Quando Stoner entrou no gabinete, ele fez um alegre aceno de cabeça e apontou para a poltrona de couro que estava ao lado da secretária.

– Senta-te, Bill. Como é que tens andado?

Stoner fez que sim com a cabeça

– Bem.

– Muito ocupado com as aulas?

– Bastante – respondeu Stoner secamente. – Tenho um horário completo.

– Eu sei – disse Finch, abanando a cabeça. – Não posso interferir nisso, como sabes. Mas é uma pena.

– Não tem mal – disse Stoner, um nadinha impaciente.

– Bom – Finch endireitou-se na cadeira e entrelaçou as mãos à sua frente, em cima da secretária. – Esta visita não tem nada de oficial, Bill. Queria só conversar um pouco contigo.

Seguiu-se um longo silêncio. Stoner disse brandamente:

– O que é que se passa, Gordon?

Finch suspirou e, depois, abruptamente, disse:

– Muito bem. Neste momento, estou a conversar contigo como amigo. Tem havido falatório. Não é nada a que eu tenha, enquanto diretor, de ligar para já, mas... a dada altura, talvez tenha de o fazer e achei melhor falar contigo... enquanto amigo, como eu disse, antes que a coisa se torne séria.

Stoner fez um aceno de cabeça.

– Falatório sobre o quê?

– Ora bolas, Bill. Sobre ti e a rapariga Driscoll. Tu sabes.

– Sim – disse Stoner. – Eu sei. Só queria saber até onde é que a conversa já chegou.

– Não muito longe, para já. Insinuações, comentários, coisas desse género.

– Entendo – respondeu Stoner. – Não sei o que posso fazer quanto a isso.

Finch dobrou uma folha de papel cuidadosamente.

– É sério, Bill?

Stoner fez que sim e olhou pela janela.

– Infelizmente, é.

– O que é que vais fazer?

– Não sei.

Com uma violência súbita, Finch amassou o papel que dobrara com tanto cuidado e atirou-o para o cesto dos papéis.

– Teoricamente – disse – a tua vida só a ti diz respeito. Teoricamente, devias poder ir para a cama com quem quisesses e não deveria ter importância nenhuma, desde que não interfira com as tuas aulas. Mas, caramba, não, a tua vida *não* diz respeito só a ti. É... oh, bolas. Tu entendes o que eu quero dizer.

Stoner sorriu.

– Infelizmente, entendo.

– É mau. Então e a Edith?

– Aparentemente – disse Stoner – ela leva a coisa muito menos a sério do que toda a gente. E é engraçado, Gordon, mas acho que nunca nos demos tão bem como neste último ano.

Finch soltou uma curta gargalhada.

– Uma pessoa nunca pode adivinhar, não é? Mas o que eu queria dizer era: vai haver divórcio? Alguma coisa desse género?

– Não sei. Talvez. Mas a Edith seria contra. Armaria um escarcéu.

– Então e a Grace?

Stoner sentiu uma pontada súbita de dor que lhe embargou a voz na garganta e teve a percepção de que ela se lhe espelhou no rosto.

– Isso é outra história... Não sei, Gordon.

Num tom impessoal, como se estivessem a falar de outra pessoa qualquer, Finch disse:

– Talvez conseguisses sobreviver a um divórcio... se não fosse demasiado sujo. Seria difícil, mas provavelmente sobreviverias. E se esta... coisa com a rapariga Driscoll não fosse séria, se andasses só a dar umas voltinhas, bem, isso também se podia gerir facilmente. Mas estás a pôr-te a jeito para que deem cabo de ti, Bill, estás a pedi-las.

– Suponho que sim – disse Stoner.

Seguiu-se uma pausa.

– Que raio de emprego eu arranjei – disse Finch, em tom pesado. – Às vezes, acho que não tenho jeito nenhum para isto.

Stoner sorriu.

– O Dave Masters disse uma vez que não eras suficientemente filho da mãe para teres uma carreira de sucesso.

– Talvez ele tivesse razão – respondeu Finch. – Mas muitas vezes é assim que me sinto, um filho da mãe.

– Não te preocupes com este assunto, Gordon – disse Stoner. – Compreendo a tua posição. E se eu pudesse facilitar-te a vida, fazia-o... – fez uma pausa e abanou a cabeça vigorosamente. – Mas não posso fazer nada neste momento. Vai ter de esperar. Não sei como...

Finch fez um gesto de assentimento, sem olhar para Stoner, e fitou o tampo da secretária como se fosse uma condenação que se aproximava dele com lenta inevitabilidade. Stoner esperou uns instantes e, como Finch continuou calado, levantou-se silenciosamente e saiu do gabinete.

Por causa da sua conversa com Gordon Finch, Stoner atrasou-se nessa tarde a chegar a casa de Katherine. Sem se dar ao trabalho de inspecionar a rua, desceu as escadas e abriu a porta do apartamento. Katherine estava à sua espera; não mudara de roupa e esperava-o quase formalmente, sentada, muito direita e alerta, no sofá.

– Vens atrasado – disse ela, monocórdica.

– Desculpa. Demorei-me.

Katherine acendeu um cigarro; a mão tremia-lhe ligeiramente. Observou o fósforo um instante e apagou-o com uma baforada.

– Uma das minhas colegas leitoras – disse ela – fez questão de me dizer que o reitor Finch te chamou esta tarde.

– Sim – confirmou Stoner. – Foi por isso que me demorei.

– Foi sobre nós?

Stoner fez um sinal de assentimento.

– Ele ouviu comentários.

– Foi o que eu imaginei – disse Katherine. – A minha colega parecia saber alguma coisa que não me quis dizer. Oh, meu Deus, Bill!

– Não foi nada disso – sossegou-a Stoner. – O Gordon é um velho amigo. Por acaso até acho que ele nos quer proteger. E acredito que o fará, se puder.

Katherine não falou durante uns instantes. Descalçou os sapatos com os pés e recostou-se no sofá, de olhos fixos no teto. Calmamente, disse:

– Vai começar agora. Pelos vistos, era de mais, pensar que nos deixariam em paz. Suponho que sempre soubemos que isto ia acabar por acontecer.

– Se a situação se tornar demasiado desagradável – disse Stoner –, podemos ir embora. Podemos fazer qualquer coisa.

– Oh, Bill! – Katherine riu-se, um riso rouco e suave. Endireitou-se no sofá. – És um querido, o amor mais querido que se possa imaginar. Mas eu não vou deixar que nos incomodem, não vou!

E nas semanas que se seguiram, viveram praticamente como antes. Com uma estratégia que não teriam conseguido gerir, um ano antes, com uma força que nem imaginavam que tinham, puseram em prática evasões e retiradas, utilizando os seus recursos como destros generais que têm de sobreviver com escassos meios. Tornaram-se genuinamente circunspectos e cautelosos, e tiravam um prazer soturno das suas manobras. Stoner ia a casa dela só depois de escurecer, quando ninguém o conseguia ver entrar. Durante o dia, nos intervalos das aulas, Katherine deixava-se ver em cafés com leitores mais novos do sexo masculino. E as horas que passavam juntos eram intensificadas pela sua determinação comum. Disseram para si próprios, e um ao outro, que estavam mais próximos do que nunca e, para espanto seu, perceberam que era verdade, que as palavras que diziam para se reconfortarem eram mais do que consolatórias. Tornavam uma proximidade possível e um compromisso inevitável.

Era um mundo de meia-luz, aquele em que viviam e no qual empenhavam o melhor de si próprios, de maneira que, passado um tempo, já o mundo exterior onde as pessoas andavam e falavam, onde havia mudança e movimento contínuo, lhes parecia falso e irreal. As suas vidas estavam severamente divididas entre os dois mundos e parecia-lhes natural viverem tão divididos.

Nos meses do final do inverno e início da primavera, descobriram, juntos, o sossego que nunca tinham sentido antes. À medida que o mundo exterior apertava o cerco, tornaram-se menos cientes da presença dele e a sua felicidade era tão grande que não sentiam necessidade de falar dela ou sequer pensar nela. No pequeno apartamento penumbroso de Katherine, escondido como uma gruta debaixo do casarão antigo, tinham a sensação de existirem fora do tempo, num universo intemporal que só eles conheciam.

Depois, um dia no final de abril, Gordon Finch chamou novamente Stoner ao gabinete e Stoner desceu as escadas com um torpor que advinha de uma

certeza que não queria admitir.

O que acontecera era de uma simplicidade clássica, uma coisa que Stoner devia ter previsto e, no entanto, não o fizera.

– É o Lomax – anunciou Finch. – De alguma maneira, o filho da mãe descobriu e não tenciona largar o osso.

Stoner fez um aceno de cabeça.

– Eu devia ter pensado nisso. Devia ter adivinhado. Achas que servia de alguma coisa eu falar com ele?

Finch abanou a cabeça, atravessou o gabinete e postou-se diante da janela. O sol do início da tarde jorrou-lhe sobre o rosto, que reluziu de suor. Num tom cansado, disse:

– Não estás a perceber, Bill. O Lomax não está a usar essa tática. O teu nome ainda nem sequer veio à baila. Ele está a usar a rapariga, a Katherine Driscoll.

– Ele está o quê? – perguntou Stoner, inexpressivo.

– Uma pessoa quase tem de lhe tirar o chapéu – disse Finch. – Não sei como, mas ele sabia perfeitamente que eu estava a par de tudo. Por isso, veio cá ontem, como quem não quer a coisa, estás a ver?, e disse-me que ia ter de despedir a Driscoll e avisou-me que o caldo talvez entornasse.

– Não – disse Stoner. Doíam-lhe as mãos de as fincar com tanta força nos braços de couro da poltrona.

Finch prosseguiu:

– Segundo o Lomax, tem havido queixas, a maior parte delas de alunos, mas também de algumas pessoas da terra. Parece que têm visto homens a entrar e a sair de casa dela, a qualquer hora do dia e da noite, um flagrante comportamento desregrado, esse tipo de coisa. Oh, ele fê-lo na perfeição, disse que pessoalmente não tem nada contra a rapariga, aliás, que até a admira, mas tem de zelar pela reputação do departamento e da universidade. Condoemo-nos os dois da necessidade de cedermos aos ditames da moralidade da classe média, concordámos que a comunidade de académicos devia ser um refúgio para os rebeldes contra a ética protestante e concluímos que, na prática, não podíamos fazer nada. Ele disse que esperava aguentar as pontas até ao final do semestre, mas duvidava. E durante o tempo todo, o filho da mãe sabia que estávamos ambos perfeitamente cientes do que ele queria dizer.

Um nó na garganta impediu Stoner de falar. Engoliu duas vezes em seco e

testou a voz; estava firme e neutra.

– O que ele quer é absolutamente claro.

– Infelizmente é – concordou Finch.

– Eu sabia que ele me odiava – disse Stoner, distante. – Mas nunca pensei... nunca imaginei que ele...

– Eu também não – disse Finch. Voltou para a secretária e sentou-se pesadamente. – E não posso fazer nada, Bill. Estou de pés e mãos atados. Se o Lomax quiser arranjar quem se queixe, arranjará; se quiser arranjar testemunhas, arranjará. Ele tem um séquito bastante grande, como sabes. E se isto chegar aos ouvidos do reitor... – Abanou a cabeça.

– O que é que achas que vai acontecer, se eu me recusar a demitir-me? Se nos recusarmos a ceder ao medo?

– Ele crucifica a rapariga – respondeu Finch secamente. – E como que por acidente, tu serás arrastado para a lama. É trigo limpo.

– Nesse caso – disse Stoner –, parece que não há nada a fazer.

– Bill – disse Finch, e depois calou-se. Apoiou a cabeça nos punhos fechados. Num tom inexpressivo, disse: – Há uma hipótese. Uma só. Acho que o consigo conter, se tu... se a Katherine Driscoll pura e simplesmente...

– Não – atalhou Stoner. – Não consigo. Literalmente, acho que não consigo.

– Caramba! – a voz de Finch era de angústia. – Ele está a contar precisamente com isso! Pensa um instante. O que seria da tua vida? Estamos em abril, quase maio. Que tipo de emprego é que arranjarias nesta altura do ano? Se conseguisses arranjar emprego sequer...

– Não sei – respondeu Stoner. – Qualquer coisa...

– E a Edith? Achas que ela vai ceder, dar-te o divórcio sem estrebuchar? E a Grace? O que é que seria dela, nesta terra, se tu te pusesses a andar? E a Katherine? Que tipo de vida é que vocês teriam? Que fim levariam vocês os dois?

Stoner não falou. Um vazio despontava algures dentro dele; sentiu qualquer coisa murchar, esmorecer. Por fim, disse:

– Dá-me uma semana? Preciso de pensar... Uma semana?

Finch fez um gesto de assentimento.

– Consigo contê-lo durante esse tempo, mas não muito mais do que isso. Lamento muito, Bill. Tu sabes.

– Sim. – Levantou-se da cadeira e ficou parado um instante, testando a

dormência pesada das pernas. – Depois aviso-te. Aviso-te assim que puder.

Saiu do gabinete para a escuridão do comprido corredor e entrou pesadamente na luz do sol, no mundo ao ar livre que lhe parecia uma prisão para onde quer que se virasse.

Anos depois, em momentos distintos, ele olhava para trás, para os dias que se seguiram à conversa com Gordon Finch, e era incapaz de os recordar com o mínimo de clareza. Era como se fosse um homem morto, animado apenas por um hábito de teimosia. Estava, no entanto, estranhamente ciente de si próprio e dos lugares, pessoas e acontecimentos que passaram por si nesses quantos dias, e sabia que apresentava ao olhar exterior uma aparência que desmentia a sua condição. Dava as suas aulas, cumprimentava os colegas, assistia às reuniões a que tinha de assistir... e nenhuma das pessoas que ele via no seu dia a dia sabia que se passava alguma coisa de errado.

Mas, a partir do momento em que saiu do gabinete de Gordon Finch, soube, algures entre o torpor que crescia de um pontinho no âmago do seu ser, que uma parte da sua vida tinha acabado, que uma parte de si estava tão perto da morte, que conseguia vê-la aproximar-se quase com calma. Tinha uma vaga ideia de ter atravessado o recinto universitário sob o calor luminoso e intenso de uma tarde de início de primavera. Os cornizos ao longo dos passeios e nos jardins das casas estavam em flor e tremiam, como nuvens macias, translúcidos e delicados, diante dos seus olhos; a doce fragrância dos lilases murchos encharcava o ar.

Quando chegou a casa de Katherine, estava febril e desumanamente alegre. Descartou as perguntas dela sobre o seu encontro com Finch, fê-la rir e observou, com uma tristeza incomensurável, o último esforço conjunto para se divertirem, que era como uma dança que a vida executava sobre o corpo da morte.

Mas, por fim, tiveram de falar, como ele já sabia. E, no entanto, as palavras que disseram foram como uma *performance* que parecia que tinham ensaiado vezes sem conta na privacidade do seu conhecimento. Revelaram esse conhecimento através do uso gramatical: avançaram do perfeito – «Temos sido felizes, não temos?» – para o passado – «*Fomos* felizes, mais felizes do que ninguém, parece-me» – e, por fim, chegaram aos imperativos do discurso.

Vários dias depois da conversa com Finch, num momento de sossego que interrompeu a alegria meio histérica que tinham escolhido como a maneira mais adequada para viverem os últimos dias da sua relação, Katherine disse:

– Não nos resta muito tempo, pois não?

– Não – respondeu Stoner baixinho.

– Quanto? – perguntou Katherine.

– Uns dois ou três dias.

Katherine fez um aceno de cabeça.

– Eu costumava pensar que não seria capaz de aguentar. Mas estou simplesmente dormente. Não sinto nada.

– Eu sei – disse Stoner. Ficaram calados um instante. – Sabes que se houvesse alguma coisa, *fosse o que fosse*, que eu pudesse fazer, eu...

– Não digas nada – pediu ela. – É claro que sei.

Ele recostou-se no sofá e olhou para o teto baixo e escuro que fora o céu do mundo de ambos. Calmamente, disse:

– Se eu mandasse tudo para as urtigas... se eu abdicasse de tudo e me fosse embora... tu ias comigo, não ias?

– Sim – disse ela.

– Mas sabes que não farei isso, não sabes?

– Sim, eu sei.

– Porque nessa altura – explicou Stoner a si próprio – nada teria sentido... nada do que fizemos, nada do que fomos. Eu de certeza que não podia voltar a dar aulas e tu... tu tornar-te-ias outra coisa qualquer. Tornar-nos-íamos ambos outra coisa qualquer, outra coisa que não nós. Seríamos... nada.

– Nada – repetiu ela.

– Pelo menos, saímos disto sendo nós próprios. Sabemos que somos... o que somos.

– Sim – disse Katherine.

– Porque, a longo prazo – continuou Stoner –, não é a Edith nem sequer a Grace, ou a certeza de perder a Grace, o que me retém aqui. Não é o escândalo ou o mal que te fariam a ti ou a mim. Não é a provação que teríamos de viver, nem sequer a perda do amor que poderíamos ter de enfrentar. É simplesmente a destruição de nós próprios, do que fazemos.

– Eu sei – disse Katherine.

– Portanto, pertencemos ao mundo, no fim de contas. Devíamos ter adivinhado isso. No fundo, creio que sabíamos, mas tivemos de nos retirar

um pouco, fingir um pouco, para podermos...

– Eu sei – disse Katherine. – Julgo que sempre o soube. Mesmo com as ilusões, sempre soube que um dia, um dia, teríamos de... sempre o soube. – Calou-se e fitou-o com um olhar firme. Os seus olhos tornaram-se subitamente brilhantes de lágrimas. – Mas, pró diabo com isto tudo, Bill! Não há direito!

Não disseram mais nada. Abraçaram-se para não verem o rosto um do outro e fizeram amor para não terem de falar. Uniram-se com a velha sensualidade meiga de se conhecerem intimamente e com a nova e intensa paixão da perda. No fim, na noite negra do quartinho, ficaram deitados, sem falar, os seus corpos tocando-se ao de leve. Passado um longo momento, a respiração de Katherine tornou-se serena e regular, como se tivesse adormecido. Stoner levantou-se silenciosamente, vestiu-se no escuro e saiu da sala sem a acordar. Percorreu as ruas sossegadas e vazias de Columbia até a primeira luz cinzenta do dia despontar a leste; depois, dirigiu-se para a universidade. Sentou-se nos degraus de pedra à frente de Jesse Hall, a ver a luz trepar pelas grandes colunas de pedra a meio do pátio. Pensou no incêndio que, antes de ele nascer, tinha esventrado e destruído o antigo edifício, e a vista do que restava entristeceu-o remotamente. Quando rompeu o dia, entrou na faculdade e foi para o gabinete, onde esperou pela hora da sua primeira aula.

Não voltou a ver Katherine Driscoll.

Depois de ele a ter deixado, durante a noite, ela levantou-se, empacotou todos os seus pertences, encaixotou os livros e deixou um recado ao administrador da casa a dizer para onde os enviar. Enviou uma carta ao Departamento de Inglês com as notas dos alunos, uma ordem para dispensarem as suas turmas na semana e meia que restava do semestre e a sua carta de demissão. Às duas da tarde, já ela estava no comboio a sair de Columbia.

Stoner percebeu que Katherine já devia andar a planear a sua partida há uns tempos e sentiu-se grato por não ter sabido de nada e por ela não lhe ter deixado um derradeiro bilhete a dizer o que era impossível dizer.

Capítulo 14

Nesse verão, ele não deu aulas e teve a primeira doença da sua vida. Foi uma febre de grande intensidade e origem obscura, que durou apenas uma semana; mas deixou-o sem forças; ficou escanzelado e sofreu, como consequência, a perda parcial da audição. Durante todo o verão, esteve tão fraco e apático que não conseguia dar uns passos sem ficar exausto. Passou esse tempo quase todo na pequena marquise nas traseiras da casa, deitado na cama ou sentado na velha poltrona que trouxera da cave. Olhava pelas janelas ou para o teto de ripas e mexia-se de vez em quando só para ir à cozinha comer qualquer coisa.

Mal tinha energia para conversar com Edith ou sequer com Grace, embora por vezes Edith fosse à marquise, falasse com ele distraidamente, uns minutos, e depois o deixasse sozinho com a mesma brusquidão com que invadira o espaço dele.

Certo dia, a meio do verão, ela falou de Katherine.

– Acabei de saber, há um dia ou dois – anunciou ela. – Quer dizer que a tua coleguinha se foi embora, foi?

Com esforço, ele afastou os olhos da janela e virou-se para Edith.

– Foi – disse, sem forças.

– Como é que ela se chamava? – perguntou Edith. – Nunca consigo lembrar-me do nome.

– Katherine – respondeu. – Katherine Driscoll.

– Ah, sim – disse Edith. – Katherine Driscoll. Vês? Eu disse-te, não disse? Eu disse-te que estas coisas não tinham importância.

Ele fez um gesto distraído de assentimento. Lá fora, empoleirado no velho ulmeiro que transbordava para cima da vedação do quintal, um grande pássaro preto e branco – uma pega – começara a tagarelar. Ele ouviu o som do seu chamamento e observou, com um vago fascínio, o bico aberto a soltar o seu grito solitário.

Envelheceu rapidamente nesse verão, de maneira que, quando voltou para as aulas, no outono, foram poucas as pessoas que não ficaram espantadas ao

verem que mal o reconheciam. O seu rosto, encovado e ossudo, tinha rugas profundas; grandes manchas grisalhas atravessavam-lhe o cabelo e estava extremamente curvado, como se carregasse um fardo invisível. A voz tornara-se ligeiramente rouca e abrupta, e tinha a tendência para olhar fixamente para as pessoas, baixando a cabeça, revelando os olhos cinza-claros, penetrantes e quezilentos, por baixo das sobrancelhas hirsutas. Raramente falava com alguém que não os seus alunos e respondia sempre a perguntas e cumprimentos com impaciência e, por vezes, com rispidez.

Fazia o seu trabalho com uma teimosia e uma determinação que divertia os colegas mais velhos e enfurecia os leitores mais novos, que, tal como ele, só davam inglês aos caloiros. Passava horas a corrigir trabalhos do primeiro ano, tinha reuniões com os alunos todos os dias e ia religiosamente a todas as reuniões do departamento. Era raro falar nessas reuniões, mas, quando o fazia, falava sem tato nem diplomacia e por isso criou entre os colegas a fama de dureza e mau feitio. Mas com os alunos era brando e paciente, embora exigisse deles mais do que estavam dispostos a dar, com uma firmeza impessoal que muitos tinham dificuldade em compreender.

Era um lugar-comum entre os colegas – especialmente os mais jovens – que ele era um professor «dedicado», um termo que usavam meio com inveja, meio com desprezo, alguém cuja dedicação o deixava cego a tudo o que acontecia fora da sala de aula ou, na melhor das hipóteses, fora dos corredores da universidade. Havia umas piadinhas aqui e ali: depois de uma reunião do departamento em que Stoner falara sem rodeios sobre umas experiências recentes no ensino da gramática, um jovem leitor comentara que «para o Stoner, a cópula restringe-se aos verbos», e ficou espantado com a quantidade de risos e olhares cúmplices trocados entre alguns dos homens mais velhos. Outra pessoa qualquer disse: «O velho Stoner pensa que AP (Administração do Pessoal) significa Antecedente de Pronome» e ficou contente ao saber que a sua piada acertou na *mouche*.

Mas William Stoner sabia do mundo de uma forma que poucos dos seus colegas mais jovens podiam compreender. No fundo do seu ser, no seio da sua memória, jazia o conhecimento de dificuldades, fome, resiliência e dor. Embora raramente pensasse nos seus primeiros anos na quinta em Booneville, estava sempre presente na sua consciência a noção do sangue da sua herança, que lhe fora transmitida pelos seus antepassados, cujas vidas tinham sido obscuras e duras e estoicas, e cuja ética corrente apresentava a

um mundo opressivo rostos inexpressivos e duros e sombrios.

E embora os encarasse com aparente impassibilidade, estava ciente dos tempos em que vivia. Durante essa década, em que os rostos de muitos homens tinham adquirido uma dureza e soturnidade permanentes, como se contemplassem um abismo, William Stoner, para quem essa expressão era tão familiar como o ar que respirava, viu sinais de um desalento generalizado que conhecia desde menino. Viu homens bons a afundar-se num lento declínio de desespero, destroçados como a sua visão de uma vida decente era destroçada; viu-os percorrer as ruas sem rumo, de olhos vazios como cacos de vidro estilhaçado; viu-os aproximarem-se das portas dos fundos, com o orgulho amargurado dos homens a caminho da sua execução, e pedir o pão que lhes permitiria continuar a pedir; e viu homens, que outrora caminhavam eretos nas suas próprias identidades, olhar para ele com inveja e ódio pela pobre segurança de que ele desfrutava enquanto funcionário do quadro de uma instituição que, de certa forma, não podia fracassar. Não deu voz a essa consciência, mas o conhecimento da miséria geral comoveu-o e mudou-o de maneiras que estavam profundamente escondidas do olhar público, e havia uma tristeza silenciosa pela provação comum que nunca se afastava muito de cada instante da sua existência.

Estava ciente, também, dos tumultos na Europa como um pesadelo distante e, em julho de 1936, quando Franco se revoltou contra o governo espanhol e Hitler ateou essa rebelião, transformando-a numa guerra, Stoner, como muitos outros, ficou doente ao ver o pesadelo irromper do plano onírico e tornar-se realidade no mundo. Quando o primeiro semestre começou, nesse ano, os leitores mais jovens não conseguiam falar de praticamente mais nada; vários deles anunciaram a sua intenção de se juntar a uma brigada de voluntários e lutar pelos lealistas ou conduzir ambulâncias. No final do primeiro semestre, já uns quantos tinham efetivamente dado esse passo e apresentado as suas demissões à pressa. Stoner lembrou-se de Dave Masters e a velha sensação de perda assolou-o novamente com renovada intensidade. Pensou também em Archer Sloane e lembrou-se da lenta angústia, havia quase vinte anos, que se espalhara por aquele rosto irónico e o desespero erosivo que corroera aquele ser duro... e pensou que, agora, à sua modesta maneira, tinha uma pequena ideia da sensação de desperdício que Sloane apreendera. Adivinhou o que os esperava e soube que o pior ainda estava por vir.

Tal como Archer Sloane fizera, também Stoner percebeu a futilidade e o desperdício de uma pessoa se empenhar de corpo e alma nas forças irracionais e negras que impeliam o mundo para o seu fim desconhecido; ao contrário de Archer Sloane, Stoner retraiu-se um pouco da paixão e do amor, para não ser apanhado pelo frenesim que observava à sua volta. E tal como noutros momentos de crise e desespero, virou-se mais uma vez para a fé cautelosa que a universidade encarnava enquanto instituição. Disse a si próprio que não era muito, mas sabia que era tudo o que tinha.

No verão de 1937, sentiu renovar-se a velha paixão pelo estudo e pelo saber, e com o curioso e incorpóreo vigor do estudioso, que não é condição nem da juventude nem da velhice, regressou à única vida que não o traía. Descobriu que não se afastara muito dela, nem sequer no seu desespero.

Nesse outono, o seu horário era particularmente mau. As quatro turmas de Estudos Literários do primeiro ano estavam distribuídas por seis dias da semana, a horas extremamente espaçadas. Desde que era diretor do departamento, havia anos, que Lomax dava a Stoner, sem falha, um horário que nem o leitor mais recente na faculdade teria aceitado de bom grado.

No primeiro dia de aulas desse ano letivo, de manhã cedo, Stoner sentou-se no seu gabinete e olhou de novo para o horário cuidadosamente datilografado. Tinha-se deitado tarde na véspera, por ter estado a ler um novo estudo sobre as influências da tradição latina no Renascimento, e o entusiasmo que sentira perdurara até de manhã. Olhou para o horário e uma raiva surda despontou dentro de si. Fixou a parede à sua frente durante uns minutos, contemplou novamente o horário e fez um aceno de cabeça. Deitou o horário e o programa anexo num cesto dos papéis e dirigiu-se ao seu arquivador, a um canto do gabinete. Abriu a gaveta de cima, olhou distraidamente para as pastas castanhas e tirou uma delas. Folheou os papéis que estavam dentro da pasta, assobiando baixinho enquanto o fazia. Depois, fechou a gaveta e, com a pasta debaixo do braço, saiu do gabinete e atravessou o recinto universitário para ir dar a sua primeira aula.

O edifício era antigo, com soalho de madeira, e usado como espaço de aulas apenas em emergências. A sala que lhe tinha sido atribuída era demasiado pequena para o número de alunos inscritos, por isso vários rapazes tiveram de se sentar no parapeito das janelas ou ficar de pé. Quando Stoner entrou, fitaram-no com o desconforto da incerteza: podia ser amigo ou inimigo e eles não sabiam qual das duas hipóteses seria pior.

Pediu desculpa aos alunos pela falta de condições da sala, fez uma piada à custa do funcionário da secretaria e garantiu aos que estavam de pé que, no dia seguinte, teriam cadeiras. Depois, pousou a pasta no atril desconjuntado que estava em cima da mesa e perscrutou os rostos diante de si.

Hesitou um instante. Depois, disse:

– Quem comprou a bibliografia para esta cadeira pode devolver os livros à livraria e pedir o reembolso. Não vamos usar a bibliografia indicada no programa, que eu depreendo que receberam quando se inscreveram. Também não vamos seguir o programa indicado. Tenciono fazer nesta cadeira uma abordagem diferente ao tema, uma abordagem que requer que comprem dois livros novos.

Virou as costas aos alunos e pegou num pedaço de giz que estava no quadro arranhado; empunhou o giz um instante e ouviu o suspiro abafado e o restolhar dos alunos a instalarem-se nas carteiras, submetendo-se à rotina que, de repente, se lhes tornou familiar.

– Os textos que vamos estudar – disse Stoner – vão ser – e proferiu as palavras lentamente enquanto as escrevia – *Poesia e Prosa Inglesas da Idade Média*, editado por Loomis e Willard; e *Crítica da Literatura Inglesa: O Período Medieval* de J. W. H. Atkins. – Virou-se para a turma. – A livraria ainda não recebeu estes livros e eles podem demorar duas semanas a chegar. Até lá, dar-lhes-ei algumas informações de fundo sobre a matéria e o objetivo desta cadeira e mandá-los-ei fazer uns quantos trabalhos de pesquisa na biblioteca para estarem ocupados.

Fez uma pausa. Muitos dos alunos estavam debruçados sobre as carteiras, a anotar diligentemente o que ele dizia; uns quantos fitavam-no com um olhar firme e um pequeno sorriso que pretendia ser inteligente e entendedor; e outros tantos fixavam-no, especados, com assumido espanto.

– A matéria principal desta cadeira – explicou Stoner – assenta na antologia da Loomis e Willard. Estudaremos alguns exemplos de verso e prosa medievais com três objetivos: primeiro, como textos literários importantes por si só; segundo, como ilustração dos primórdios do estilo e métodos literários na literatura inglesa; e terceiro, como soluções retóricas e gramaticais para problemas de discurso que, ainda hoje, podem ter uma importância e uma aplicação práticas.

Por esta altura já quase todos os alunos tinham parado de tirar apontamentos e levantado a cabeça; até os sorrisos inteligentes se haviam

tornado um nadinha tensos e umas quantas mãos adejavam no ar. Stoner apontou para uma mão que se mantinha esticada e firme, que pertencia a um rapaz alto, de cabelo escuro e óculos.

– Professor, esta é a cadeira de Inglês I?

Stoner sorriu para o rapaz.

– Como é que se chama, se faz favor?

O rapaz engoliu em seco.

– Jessup, professor. Frank Jessup.

Stoner fez que sim com a cabeça.

– Sim, Sr. Jessup, esta é a cadeira de Inglês I e o meu nome é Stoner... factos que eu devia, sem dúvida, ter mencionado no início da aula. Tem mais alguma pergunta?

O rapaz engoliu novamente em seco.

– Não, professor.

Stoner fez um aceno de cabeça e olhou com benevolência de uma ponta à outra da sala.

– Mais alguém quer perguntar alguma coisa?

Os rostos fitaram-no, especados; não havia sorrisos e uns quantos estavam boquiabertos.

– Muito bem – disse Stoner. – Nesse caso, continuarei o que estava a dizer. Como expliquei no início da aula, um dos objetivos desta cadeira é estudar determinadas obras do período compreendido sensivelmente entre os séculos XIII e XVI. Alguns incidentes da História constituirão obstáculos ao nosso trabalho. Haverá dificuldades linguísticas e filosóficas, sociais e religiosas, teóricas e práticas. Aliás, toda a nossa educação passada nos estorvará, de certa maneira, pois os nossos hábitos de pensamento sobre a natureza da experiência determinaram as nossas próprias expectativas de uma maneira tão radical como os hábitos do homem medieval determinaram as dele. Para começar, vamos examinar alguns desses hábitos mentais sob a influência dos quais o homem medieval viveu, pensou e escreveu...

Nessa primeira aula, não reteve os alunos na sala durante o período inteiro. Ao fim de menos de meia hora, encerrou a sua introdução à cadeira e deu-lhes um trabalho de casa para o fim de semana.

– Queria que escrevessem um pequeno texto, com o máximo de três páginas, sobre o conceito aristotélico de *topoi* ou, na nossa tradução grosseira, tópico. Encontram uma análise extensa sobre o «tópico» no Livro

Segundo da *Retórica* de Aristóteles, e a edição de Lane Cooper traz um artigo introdutório que lhes será extremamente útil. O trabalho é para... segunda-feira. E parece-me que por hoje é tudo.

Posto isto, observou os alunos – que não se mexeram – durante um instante, com alguma preocupação. Depois, fez-lhes um breve aceno de cabeça e saiu da sala, com a pasta castanha debaixo do braço.

Na segunda-feira, menos de metade dos alunos tinha acabado o trabalho. Stoner dispensou os que entregaram os textos e passou o resto da hora com os outros alunos, a tratar o tema que lhes dera, a analisá-lo vezes sem conta até ter a certeza de que tinham percebido e seriam capazes de terminar o trabalho até quarta-feira.

Na terça, reparou num grupo de alunos reunido no corredor de Jesse Hall, à porta do gabinete de Lomax; reconheceu-os da sua turma do primeiro ano. Ao passar, os alunos desviaram o rosto e olharam para o chão ou para o teto ou para a porta do gabinete de Lomax. Stoner sorriu para si próprio, foi para o gabinete e esperou pelo telefonema que sabia que ia receber.

Recebeu-o à tarde, às duas horas. Pegou no auscultador, atendeu e ouviu a voz da secretária de Lomax, gélida e educada.

– Professor Stoner? O professor Lomax gostaria que o professor falasse com o professor Ehrhardt esta tarde, assim que puder. O professor Ehrhardt está à sua espera.

– O Lomax também lá estará? – perguntou Stoner.

Seguiu-se uma pausa chocada. A voz respondeu, hesitante:

– Eu... penso que não... uma reunião. Mas o professor Ehrhardt tem plenos poderes para...

– Diga ao Lomax que ele devia estar presente. Diga-lhe que estarei no gabinete do Ehrhardt daqui a dez minutos.

Joel Ehrhardt era um jovem de trinta e poucos anos, a caminho da calvície. Lomax trouxera-o para o departamento havia três anos e, quando perceberam que era um rapaz simpático e sério, sem nenhum talento especial e sem jeito para lecionar, puseram-no à frente do programa de Inglês do primeiro ano. O gabinete dele ficava num pequeno espaço fechado, ao fundo da grande sala comum onde cerca de vinte leitores tinham as suas mesas, e Stoner teve de atravessar todo o comprimento da sala para lá chegar. Enquanto trilhava o caminho por entre as secretárias, alguns dos leitores levantaram os olhos para ele, sorriram abertamente e ficaram a vê-lo avançar. Stoner abriu a porta sem

bater, entrou no gabinete e sentou-se na cadeira à frente da mesa de Ehrhardt. Lomax não estava.

– Querias falar comigo? – perguntou Stoner.

Ehrhardt, que tinha uma pele muito clara, corou ligeiramente. Colou um sorriso na cara e disse entusiasticamente:

– Obrigado por teres vindo, Bill – e abanou uns instantes um fósforo, tentando acender o cachimbo, em vão. – Maldita humidade – disse, aborrecido. – O tabaco fica demasiado húmido.

– Depreendo que o Lomax não vem – disse Stoner.

– Não – respondeu Ehrhardt, pousando o cachimbo na secretária. – Mas foi o professor Lomax que me pediu para falar contigo, por isso, de certo modo – riu-se, nervoso –, sou uma espécie de mensageiro.

– Que mensagem é que te pediram para me dar? – perguntou Stoner secamente.

– Bom, se bem percebi, houve algumas queixas. De alunos... sabes como é. – Abanou a cabeça, solidário. – Parece que alguns acham que... bom, parece que não percebem o que se passa na tua aula das oito horas. O professor Lomax pensou... bom, creio que ele tem dúvidas quanto à pertinência de abordar os problemas de Estudos Literários do primeiro ano através de... do estudo de...

– Linguagem e literatura medievais – concluiu Stoner.

– Sim – confirmou Ehrhardt. – Na verdade, acho que percebo o que estás a tentar fazer... chocá-los um pouco, abaná-los, experimentar uma abordagem nova, pô-los a pensar. Certo?

Stoner fez um aceno de cabeça, muito sério.

– Ultimamente, temos conversado muito nas reuniões de Estudos Literários do primeiro ano sobre novos métodos, experimentação.

– Exatamente – disse Ehrhardt. – Ninguém tem mais empatia do que eu pela experimentação, pela... mas, às vezes, movidos pelas melhores das intenções, eventualmente vamos demasiado longe. – Riu-se e abanou a cabeça. – Eu sei que vou; seria o primeiro a confessá-lo. Mas eu... ou o professor Lomax... bom, talvez uma espécie de solução de compromisso, um regresso parcial ao programa, o uso dos textos oficiais... estás a perceber?

Stoner crispou os lábios e olhou para o teto; apoiando os cotovelos nos braços da cadeira, uniu as pontas dos dedos e deixou o queixo assentar na ponta dos polegares. Por fim, mas em tom decisivo, disse:

– Não, penso que a... experiência... merece uma oportunidade justa. Diz ao Lomax que tenciono levá-la a cabo até ao final do semestre. Fazes isso por mim?

O rosto de Ehrhardt ficou vermelho. Tenso, disse:

– Está bem. Mas imagino... tenho a certeza de que o professor Lomax vai ficar extremamente... desiludido. Extremamente.

– Oh, a princípio talvez fique – disse Stoner –, mas isso depois passa. Tenho a certeza de que o professor Lomax não haveria de querer interferir com a maneira como um dos professores mais antigos decide dar uma das cadeiras. Poderá discordar da opinião desse professor, mas seria muito pouco ético ele tentar impor a sua própria opinião... e, já agora, um nadinha perigoso. Não concordas?

Ehrhardt pegou no cachimbo, segurou na ponta com força e observou-o intensamente.

– Eu... eu comunico ao professor Lomax a tua decisão.

– E eu agradeço muito – retorquiu Stoner. Levantou-se da cadeira, dirigiu-se para a porta, deteve-se como se se tivesse lembrado de qualquer coisa e virou-se para Ehrhardt. Casualmente, disse:

– Ah, mais uma coisa. Andei a pensar sobre o próximo semestre. Se a minha experiência resultar, no próximo semestre sou capaz de tentar outra coisa. Estava a pensar na hipótese de abordar alguns problemas dos estudos literários analisando a influência da tradição do latim clássico e medieval em algumas peças de Shakespeare. Pode parecer uma abordagem um nadinha especializada de mais, mas creio que consigo simplificá-la de maneira a conseguirmos trabalhar nas aulas. Comunica esta minha ideiazinha ao Lomax... pede-lhe para pensar nela. Talvez daqui a umas semanas, tu e eu pudéssemos...

Ehrhardt afundou-se na cadeira. Deixou cair o cachimbo em cima da mesa e, cansado, disse:

– Está bem, Bill. Eu digo-lhe. Eu... obrigado por teres vindo falar comigo.

Stoner fez um gesto de assentimento com a cabeça. Abriu a porta, saiu, fechou-a cuidadosamente atrás de si e atravessou a comprida sala. Quando um dos jovens leitores levantou os olhos para ele inquiridoramente, Stoner piscou-lhe o olho descaradamente, fez que sim com a cabeça e, por fim, deixou o sorriso espalhar-se-lhe pelo rosto.

Foi para o seu gabinete, sentou-se à secretária e esperou, olhando pela

porta aberta. Passados uns minutos, ouviu uma porta bater ao fundo do corredor, ouviu passos irregulares e viu Lomax passar pelo seu gabinete o mais depressa que o seu coxear lhe permitiu.

Stoner não se mexeu da sua posição de vigia. Meia hora depois, ouviu os passos lentos e arrastados de Lomax subirem as escadas e viu-o passar uma vez mais à frente do seu gabinete. Esperou até ouvir a porta ao fundo do corredor fechar-se; depois, fez que sim com a cabeça, levantou-se e regressou a casa.

Foi só umas semanas depois que Stoner soube, da boca do próprio Finch, o que aconteceu nessa tarde em que Lomax entrou intempestivamente no gabinete dele. Lomax queixou-se amargamente do comportamento de Stoner, disse que ele andava a ensinar a cadeira de pós-graduação de Inglês Medieval à turma do primeiro ano de licenciatura e exigiu que Finch tomasse medidas disciplinares. Seguiu-se um momento de silêncio. Finch começou a dizer qualquer coisa, mas depois desatou a rir. Riu durante muito tempo, tentando dizer qualquer coisa de vez em quando, mas o riso não o deixava falar. Por fim, sossegou, pediu desculpas a Lomax pelo seu ataque de hilaridade e disse:

– Ele apanhou-te, Holly, não entendes? Ele não tenciona desistir e tu não podes fazer absolutamente nada. Queres que *eu* resolva o assunto por ti? O que é que achas que as pessoas diriam? Um diretor de faculdade a interferir na maneira como um dos professores mais antigos do departamento dá as suas aulas e *ainda por cima* a interferir a pedido do diretor do departamento? Não. Resolve tu o assunto da melhor maneira que puderes. Mas não tens grande alternativa, pois não?

Duas semanas depois dessa conversa, Stoner recebeu um memorando do gabinete de Lomax a informá-lo de que o seu horário para o semestre seguinte tinha mudado e que ele ia lecionar o seu antigo seminário de pós-graduação sobre Tradição Latina e Literatura Renascentista, uma cadeira de Língua e Literatura Inglesas Medieval do quarto ano e do curso de pós-graduação, uma cadeira de Literatura do segundo ano e uma cadeira de Estudos Literários do primeiro ano.

De certo modo, foi um triunfo, mas um triunfo pelo qual ele sentiu sempre um certo desdém, como se tivesse sido uma vitória ganha através do tédio e da indiferença.

Capítulo 15

E essa foi uma das lendas que começaram a ser associadas ao nome dele, lendas que se tornaram mais pormenorizadas e complexas de ano para ano, progredindo como um mito do facto pessoal para a verdade ritual.

Com quarenta e muitos anos, Stoner parecia consideravelmente mais velho. O cabelo, grosso e desgrenhado como fora na juventude, estava quase todo branco; o rosto tinha rugas profundas e os olhos estavam encovados; e a surdez que o assolara no verão, depois do fim da sua relação com Katherine Driscoll, piorara ligeiramente de ano para ano, de modo que, quando escutava alguém, com a cabeça inclinada para o lado e os olhos concentrados, parecia estar a contemplar vagamente um espécime desconcertante que não era capaz de identificar.

Essa surdez era de uma estranha natureza. Embora por vezes tivesse dificuldade em compreender uma pessoa que falasse com ele diretamente, noutras vezes conseguia ouvir com perfeita clareza uma conversa murmurada na outra ponta de uma sala barulhenta. Foi através deste truque de surdez intermitente que começou, aos poucos, a saber que era considerado, na expressão corrente na sua juventude, uma «personagem».

Assim, ouviu sem querer, vezes sem conta, a história romanceada das suas aulas de Inglês Medieval a um grupo de caloiros e da capitulação de Hollis Lomax. «E quando as turmas de caloiros fizeram os exames de Inglês I, sabem qual foi a que teve as notas mais altas?», perguntou um relutante jovem leitor de inglês do primeiro ano. «Claro. A de Inglês Medieval do Stoner. E nós continuamos a usar os exercícios e os manuais!»

Stoner tinha de admitir que se tornara, aos olhos dos leitores mais jovens e dos alunos mais velhos, que pareciam ir e vir antes de ele conseguir associar os nomes às caras, uma figura quase mítica, por mais instável e variada que fosse a função dessa figura.

Às vezes era o vilão. Numa versão que tentava explicar a longa contenda entre ele e Lomax, ele seduzira e depois rejeitara uma jovem aluna de pós-

graduação por quem Lomax tinha uma paixão pura e honrada. Outras vezes era o tolo: noutra versão da mesma contenda, ele recusava-se a falar com Lomax, porque uma vez ele não quisera escrever uma carta de recomendação para um dos alunos de pós-graduação de Stoner. E outras ainda era o herói: numa versão final e nem sempre aceite, Lomax odiava-o e impedia-o de progredir na carreira, porque, uma vez, ele apanhara Lomax a dar a um aluno seu preferido uma cópia de um exame final de uma das cadeiras de Stoner.

A lenda foi definida, porém, pela sua postura nas aulas. Ao longo dos anos, essa postura tornara-se cada vez mais ausente mas em contrapartida cada vez mais intensa. Quando começava as aulas e reuniões, era de um modo nervoso e desajeitado, mas rapidamente mergulhava de tal maneira no assunto que parecia perder a noção de tudo e de todos à sua volta. Uma ocasião, foi marcada uma reunião entre os vários membros do conselho de administração e o reitor da universidade para a sala de reuniões onde Stoner dava o seminário de Tradição Latina. Ele fora informado da reunião, mas esquecera-se e deu o seminário à hora e no local de sempre. A meio da sessão bateram timidamente à porta. Stoner, concentrado em traduzir extemporaneamente um trecho pertinente em latim, não se apercebeu. Passados uns instantes, a porta abriu-se e um homenzinho rechonchudo de meia-idade, com uns óculos sem aros, entrou em bicos dos pés e deu um toque ao de leve no ombro de Stoner. Sem levantar os olhos, Stoner fez-lhe sinal para se ir embora. O homem retirou-se; seguiu-se uma troca de sussurros com várias outras pessoas do lado de fora da porta aberta. Stoner continuou a traduzir. Depois, quatro homens, encabeçados pelo reitor da universidade, um homem alto e pesado, com um peito imponente e um rosto rubicundo, entraram a passos largos e detiveram-se como um esquadrão ao lado da secretária de Stoner. O reitor franziu o sobrolho e pigarreou ruidosamente. Sem uma falha nem uma pausa na sua tradução de improviso, Stoner levantou os olhos e disse, brandamente, o verso seguinte do poema para o reitor e o seu séquito: «Parti, parti, malditos gauleses abomináveis!» E sempre sem interromper a sessão, pousou os olhos novamente no livro e continuou a declamar, enquanto o grupo soltava exclamações de horror e recuava aos tropeções, dava meia volta e fugia da sala.

Alimentada por acontecimentos como este, a lenda cresceu até haver piadas para substanciar praticamente todas as atividades mais típicas de Stoner, e cresceu até alcançar a vida dele fora da universidade. Por fim,

abrangeu inclusive Edith, que era tão raro ser vista com ele nas cerimônias da universidade que se tornou uma figura levemente misteriosa, que pairava na imaginação coletiva como um fantasma: bebia em segredo, por causa de uma qualquer mágoa obscura e distante; estava a morrer lentamente de uma doença rara e sempre fatal; era uma artista com um talento de gênio que abdicara da carreira para se dedicar a Stoner. Em eventos públicos, o sorriso dela surgia-lhe no rosto estreito de uma maneira tão rápida e nervosa, os olhos brilhavam com tanta intensidade e falava numa voz tão estridente e desconexa que toda a gente estava convencida de que a aparência dela mascarava uma realidade dissonante, que um eu se escondia por detrás da fachada em que ninguém conseguia acreditar.

Na sequência da sua doença e de uma indiferença que se tornara um modo de vida, William Stoner começou a passar cada vez mais tempo na casa que ele e Edith tinham comprado há muitos anos. A princípio, Edith ficara tão desconcertada com a presença dele que se mostrou calada, como se algo a intrigasse. Depois, quando se convenceu de que a presença dele, tarde após tarde, noite após noite, fim de semana após fim de semana, ia ser uma condição permanente, travou uma velha batalha com renovada intensidade. À mais pequena provocação, chorava desesperadamente e vagueava pelas assoalhadas. Stoner fitava-a, impassível, e murmurava umas quantas palavras distraídas de compaixão. Ela trancava-se no quarto e não saía de lá durante horas a fio. Stoner preparava as refeições que, de outro modo, ela teria preparado, e parecia não ter reparado na ausência dela quando Edith finalmente saía do quarto, pálida e de olhos e faces encovados. Ela escarnecia dele por todo e qualquer pretexto, mas ele mal parecia ouvi-la; ela gritava-lhe imprecções e ele escutava com interesse educado. Quando ele estava absorto num livro, ela escolhia esse momento para entrar na sala e martelar o piano freneticamente, piano esse que raramente tocava, a não ser nessas ocasiões; e quando ele falava baixinho com a filha, Edith tinha um ataque de raiva com um deles ou com ambos. Mas Stoner encarava tudo isto – a raiva, a angústia, os gritos e os silêncios de ódio – como se estivesse a acontecer a outras duas pessoas, que lhe suscitavam um interesse extremamente superficial, e só à custa de muito esforço.

E, por fim, cansada e quase com gratidão, Edith aceitava a derrota. Os acessos de raiva diminuíram de intensidade até se tornarem tão superficiais como o interesse de Stoner por eles, e os longos silêncios tornaram-se a fuga

para dentro de si própria e da sua intimidade (sobre a qual, Stoner já não se interrogava) em vez de ofensivas contra um adversário indiferente.

No seu quadragésimo ano de vida, Edith Stoner continuava magra como fora em menina, mas com uma dureza e uma fragilidade que advinham de um porte inflexível, que fazia com que cada movimento parecesse relutante e contrariado. Os ossos do rosto tinham-se tornado mais angulosos e a pele fina e pálida esticava-se sobre eles como uma tela sobre uma armação, de maneira que as rugas pareciam tensas e muito pronunciadas. Estava muito pálida e usava uma grande quantidade de pó de arroz e *rouge*, de tal modo que parecia que todos os dias compunha as suas próprias feições sobre uma máscara branca. Por baixo da pele seca, as mãos eram só ossos e moviam-se sem parar, retorcendo-se e repuxando e agarrando, mesmo nos seus momentos mais sossegados.

Sempre retraída, ela tornou-se, na meia-idade, cada vez mais distante e ausente. Após o breve período da sua última ofensiva contra Stoner, que refulgiu com uma intensidade final e desesperada, ela recolheu-se, como um fantasma, na sua própria intimidade, um espaço de onde praticamente nunca mais voltou a sair. Começou a falar sozinha, no tom sensato e suave que se usa com uma criança; fazia-o abertamente e sem constrangimento, como se fosse a coisa mais natural do mundo. Das atividades artísticas dispersas com que se ocupara intermitentemente durante o casamento, decidiu-se finalmente pela escultura por ser a mais «gratificante». Moldava sobretudo o barro, embora ocasionalmente trabalhasse com as pedras mais macias; havia bustos e figuras e composições de todos os tipos espalhados pela casa. Ela era muito moderna: os bustos que modelava eram esferas com feições mínimas, as figuras eram bocados de barro com apêndices alongados, e as composições, conjuntos geométricos aleatórios de cubos, esferas e cilindros. Às vezes, ao passar pelo estúdio dela – o quarto que em tempos fora o seu escritório –, Stoner detinha-se e ficava à escuta. Ela dava indicações a si própria, como se falasse com uma criança: «Agora, tens de pôr isso aqui... não muito... aqui mesmo, ao lado desta estriazinha. Oh, olha, está a cair. Não estava suficientemente molhado, pois não? Bom, podemos consertar, não podemos? É só acrescentar um bocadinho de água e... pronto. Vês?»

Ela apanhou a mania de falar com o marido e a filha na terceira pessoa, como se fossem outras pessoas que não aquelas com quem estava a falar. Dizia a Stoner: «É melhor o Willy acabar de beber o café; são quase nove

horas e ele não vai querer chegar atrasado às aulas.» Ou dizia à filha: «A Grace não anda a ensaiar piano tanto quanto devia. Uma hora por dia, no mínimo, mas o ideal eram duas. Senão, o que é que vai acontecer a tanto talento? Um desperdício, um desperdício.»

O que esse retraimento significou para Grace era algo que Stoner não sabia, pois, à sua maneira, também ela se tornara distante e retraída como a mãe. Tinha adquirido o hábito do silêncio e, embora reservasse um sorriso suave e tímido para o pai, não falava com ele. Durante o verão em que estivera doente, ela esgueirara-se várias vezes, quando o podia fazer sem que a vissem, para o quarto dele e sentava-se ao seu lado a olhar, como ele, pela janela, aparentemente contente só por estar com o pai; mas até nessas ocasiões ela se mostrava calada e ficava irrequieta quando ele tentava puxá-la para fora de si própria.

Nesse verão da doença de Stoner, Grace tinha doze anos e era uma rapariga alta e magra, com um rosto delicado e um cabelo mais louro que ruivo. No outono, durante a última investida violenta de Edith contra o marido, o casamento, ela própria e o que pensava ter-se tornado, Grace adquirira uma quase imobilidade, como se achasse que o menor movimento podia atirá-la para um abismo do qual não conseguiria sair. No rescaldo da violência, Edith decidiu, com o tipo de irresponsabilidade que a caracterizava, que Grace andava muito calada porque estava infeliz e que se estava infeliz era por não ser popular junto das colegas. Transferiu a violência morredoura da sua investida contra Stoner para uma ofensiva contra aquilo a que chamava «a vida social» de Grace. Uma vez mais, «interessou-se»: vestiu a filha com roupas coloridas e ao estilo da moda, com folhos que lhe acentuavam a magreza, organizou festas e tocou piano e insistiu alegremente para que todos dançassem, chagou Grace para que sorrisse para toda a gente, para que falasse e fizesse piadas.

Esta ofensiva durou menos de um mês; depois, Edith desistiu da sua campanha e começou a longa e lenta viagem para onde se dirigia obscuramente. Mas os efeitos da investida em Grace foram desproporcionais à sua duração.

Depois da investida, Grace passava quase todas as suas horas vagas sozinha no quarto, a ouvir o radiozinho que o pai lhe dera no seu décimo segundo aniversário. Deitava-se, imóvel, na cama por fazer, ou sentava-se, imóvel, à secretária a ouvir os sons que estrepitavam dos arabescos do

aparelho atarracado e feio, pousado em cima da mesinha de cabeceira, como se as vozes, música e riso que ela ouvia fossem tudo o que restava da sua identidade e como se até isso estivesse a reduzir-se ao silêncio, ao longe, para lá da sua memória.

E tornou-se gorda. Entre esse inverno e o décimo terceiro aniversário, engordou quase vinte e cinco quilos. O rosto ficou inchado e seco como massa com levedura e os braços e as pernas tornaram-se flácidos, lentos e desajeitados. Comia pouco mais do que antes, mas afeiçoou-se aos doces e tinha sempre uma caixa de guloseimas no quarto. Era como se algo dentro dela se tivesse desregrado e ficado frouxo e impotente, como se finalmente uma deformidade interna se tivesse debatido e libertado violentamente e agora convencesse a carne a refletir essa sua existência negra e secreta.

Stoner encarou essa transformação com uma tristeza que o rosto indiferente que apresentava ao mundo não deixava adivinhar. Não se permitia o luxo fácil da culpa. Dada a sua própria natureza e as circunstâncias da sua vida com Edith, não havia nada que pudesse ter feito. E essa certeza agravava-lhe a tristeza como nenhuma culpa teria feito e tornava o seu amor pela filha mais atento e profundo.

Stoner sabia – e soubera-o muito cedo – que ela era um daqueles seres humanos raros e sempre encantadores, cuja natureza moral era tão delicada que, para se poder realizar, tinha de ser alimentada e cuidada. Alheia ao mundo, via-se obrigada a viver onde não se sentia em casa; ávida de ternura e sossego, via-se obrigada a alimentar-se de indiferença, frieza e ruído. Era uma natureza que, até no estranho e hostil lugar onde tinha de viver, não possuía a ferocidade necessária para lutar contra as forças brutais que se lhe opunham e só lhe restava retirar-se para um sossego onde ficava desamparada, pequenina e mansa.

Quando tinha dezassete anos, durante a primeira parte do último ano de liceu, passou por outra transformação. Foi como se a sua natureza tivesse encontrado o seu esconderijo e ela conseguisse finalmente apresentar uma fachada ao mundo. Assim que a adquiriu, perdeu os quilos que engordara havia três anos; e aos olhos de quem a conhecera antes, a sua transformação parecia ser fruto de magia, como se ela tivesse emergido de uma crisálida para o ar para o qual fora concebida. Era quase bonita. O corpo, que fora muito magro e depois, subitamente, muito gordo, era macio e com uns braços e umas pernas delicados, e caminhava com graciosidade e leveza. Era uma

beleza passiva, a dela, quase plácida; o rosto era praticamente inexpressivo, como uma máscara; os olhos azul-claros olhavam diretamente para as pessoas, sem curiosidade e sem qualquer apreensão que se pudesse detetar por detrás deles; a voz era muito suave, ligeiramente monocórdica, e ela raramente falava.

De uma maneira muito repentina, Grace tornou-se, nas palavras de Edith, «popular». O telefone tocava com frequência para ela e ela sentava-se na sala, fazendo que sim de vez em quando, respondendo baixinho e sumariamente à voz do outro lado do fio. Carros vinham buscá-la nas tardes sombrias e levavam-na por entre gritos e risos anónimos. Às vezes, Stoner postava-se à janela da frente, a ver os automóveis afastarem-se por entre uma chiadeira de pneus e nuvens de pó, e sentia uma ligeira preocupação e um pequeno espanto; nunca tivera carro e nunca aprendera a conduzir.

Mas Edith estava contente. «Vês?», dizia ela, num tom distraído de triunfo, como se não se tivessem passado mais de três anos desde a sua frenética ofensiva contra o problema da «popularidade» de Grace. «Vês? Eu tinha razão. Ela só precisava de um empurrãozinho. Mas o Willy não estava de acordo. Oh, eu percebi que não. O Willy nunca está de acordo.»

Durante uma série de anos, Stoner tinha todos os meses amealhado uns quantos dólares para que Grace pudesse, chegada a hora, ir estudar para uma universidade fora de Columbia, talvez no leste do país, a uma certa distância de casa. Edith sabia desses planos e parecera estar de acordo com eles, mas quando chegou a hora, recusou-se a ouvir sequer falar nisso.

– Ah, não! – exclamou. – Eu não ia suportar tal coisa! A minha bebé! E ela deu-se tão bem aqui neste último ano. Foi tão popular, tão feliz. Teria de se adaptar e... bebé, Gracie, bebé – virou-se para a filha – a Grace *não* quer afastar-se da mamã, pois não? Deixar a mamã completamente sozinha?

Grace fitou silenciosamente a mãe durante uns momentos. Virou-se por um brevíssimo instante para o pai e abanou a cabeça. Dirigindo-se à mãe, disse:

– Se quiser que eu fique, é claro que fico.

– Grace – disse Stoner. – Ouve-me. Se quiseres ir... por favor, se quiseres muito ir...

Ela não conseguiu olhar para ele novamente.

– Não tem importância – disse ela.

Antes que Stoner pudesse dizer mais alguma coisa, Edith começou a falar de como podiam gastar o dinheiro que o pai poupava: um novo guarda-roupa,

um guarda-roupa bom, talvez até um carrinho para que ela e os amigos pudessem... E Grace sorriu o seu sorrisinho lento e fez que sim com a cabeça e de vez em quando dizia uma palavra, como se fosse isso que esperavam dela.

A questão ficou decidida e Stoner nunca chegou a saber o que Grace sentia: se ficara porque queria, por ser a vontade da mãe ou simplesmente por o seu próprio destino lhe ser completamente indiferente. Entraria na Universidade do Missouri nesse outono, estudaria lá durante pelo menos dois anos, depois dos quais, se quisesse, poderia ir-se embora e terminar os estudos superiores noutro estado. Stoner disse para si próprio que era melhor assim, era melhor para Grace suportar durante mais dois anos a prisão em que mal se dava conta que vivia, do que ser novamente desfeita pela loucura de Edith.

Portanto, nada mudou. Grace ganhou um guarda-roupa novo, recusou a oferta da mãe de um carro pequeno e entrou para a Universidade do Missouri. O telefone continuou a tocar, as mesmas caras (ou outras muito parecidas) continuaram a aparecer, rindo e gritando à porta de casa, e os mesmos automóveis partiam, rugindo, ao crepúsculo. Grace ausentava-se de casa com mais frequência ainda do que no liceu e Edith estava contente com aquilo que considerava ser a popularidade crescente da filha.

– É como a mãe – comentou. – Antes de se casar, ela era *muito* popular. Todos os rapazes... O pai costumava ficar furioso com eles, mas lá no íntimo sentia orgulho, eu percebia que sim.

– Sim, Edith – respondeu Stoner delicadamente, e sentia o coração contrair-se.

Foi um semestre difícil para Stoner. Era a sua vez de organizar os exames de Inglês I de todas as turmas da universidade e, ao mesmo tempo, estava ocupado a orientar duas teses de doutoramento particularmente difíceis, que exigiam que fizesse uma série de leituras suplementares. Ausentava-se, portanto, de casa com mais frequência do que fora seu hábito nos últimos anos.

Uma noite, no final de novembro, chegou a casa ainda mais tarde do que era normal. As luzes estavam apagadas na sala, e a casa silenciosa; depreendeu que Grace e Edith estivessem deitadas. Levou uns papéis que tinha trazido da faculdade para o quatinho dos fundos, com a intenção de ler alguns deles antes de se deitar. Foi à cozinha buscar uma sanduíche e um

copo de leite. Já tinha cortado o pão e aberto a porta do frigorífico quando, de repente, ouviu, acutilante e límpido como uma faca, um longo grito vindo de algures da casa. Correu para a sala de estar. Ouviu outro grito, desta feita breve e irado, vindo do escritório de Edith. Atravessou a sala a passos largos e abriu a porta.

Edith estava sentada no chão, de pernas esparramadas, como se tivesse caído; tinha os olhos tresloucados e a boca aberta, pronta para soltar mais um grito. Grace estava sentada na outra ponta da assoalhada, numa poltrona, de pernas cruzadas, a olhar com um ar quase calmo para a mãe. Só havia um candeeiro aceso, em cima da mesa de trabalho de Edith, de modo que o escritório estava imerso numa luz dura e sombras profundas.

– O que foi? – perguntou Stoner. – O que é que se passa?

A cabeça de Edith rodou para o ver, como se estivesse solta; os olhos estavam vazios. Com uma curiosa petulância, disse:

– Oh, Willy. Oh, Willy. – Continuou a olhar para ele, abanando a cabeça sem forças.

Ele virou-se para Grace, cuja expressão de calma se mantinha.

Em tom de conversa, a filha anunciou:

– Estou grávida, pai.

E ouviu-se novamente um grito, estridente e inenarravelmente irado. Viraram-se ambos para Edith, que olhou para um e para o outro, de olhar distante e frio acima da boca que gritava. Stoner atravessou a sala, baixou-se atrás dela e, levantando-a, pô-la de pé; sentiu-a inerte nos seus braços e teve de lhe amparar o peso.

– Edith! – disse rispidamente. – Está quieta.

Ela endireitou-se e afastou-se dele. Com as pernas bambas, atravessou a sala e postou-se junto de Grace, que não se mexera.

– Tu! – cuspiu. – Oh, meu Deus! Oh, Gracie. Como é que pudeste... oh, meu Deus. Como o teu pai. Quem sai aos seus não degenera. Oh, sim. Lixo. Lixo...

– Edith! – interrompeu Stoner, mais rispidamente, e dirigiu-se para ela. Pousou as mãos com firmeza na parte de cima dos braços dela e virou-a de costas para Grace.

– Vai à casa de banho molhar a cara com água fria. Depois, vai para o teu quarto e deita-te.

– Oh, Willy – disse Edith, em tom de súplica. – A minha bebezinha.

Minha. Como é que isto pôde acontecer? Como é que ela pôde...

– Vai – urgiu Stoner. – Eu já lá vou ter contigo.

Ela saiu do quarto, cambaleando. Stoner ficou virado para a porta, sem se mexer, até ouvir a água correr na torneira da casa de banho. Depois, virou-se para Grace, que continuava a olhar para ele da cadeira. Ele sorriu-lhe brevemente, aproximou-se da mesa de trabalho de Edith, puxou uma cadeira, levou-a para junto de Grace e pousou-a à frente dela, para poder falar com a filha sem ter de baixar os olhos, nem ela levantar o rosto.

– Bom – disse ele –, e que tal contares-me a história toda?

Ela brindou-o com o seu sorrisinho suave.

– Não há muito para contar – disse. – Estou grávida.

– Tens a certeza?

Ela fez que sim com a cabeça.

– Fui ao médico. Recebi os resultados esta tarde.

– Bom – disse ele, e tocou-lhe na mão, atrapalhado. – Não é preciso preocupares-te. Vai correr tudo bem.

– Sim – respondeu ela.

– Queres-me dizer – pediu ele suavemente – quem é o pai?

– Um estudante – disse ela. – Da universidade.

– Preferes não me dizer?

– Não, não é isso – respondeu ela. – Não faz diferença nenhuma. Chama-se Ed. Ed Frye. Anda no segundo ano. Acho que fez Estudos Literários consigo, no ano passado.

– Não me lembro dele – disse Stoner. – Não me lembro nada dele.

– Desculpe, pai – disse Grace. – Foi uma estupidez. Ele estava um nadinha bêbado e não tomámos... precauções.

Stoner desviou os olhos dela e pousou-os no chão.

– Desculpe, pai. Choquei-o, não choquei?

– Não – respondeu Stoner. – Surpreendeste-me, talvez seja mais essa a palavra. Não fomos propriamente muito próximos um do outro nestes últimos anos, pois não?

Ela desviou os olhos e, constrangida, disse:

– Bem... acho que não.

– Tu... amas esse rapaz, Grace?

– Não – disse ela. – A verdade é que não o conheço muito bem.

Ele fez um aceno de cabeça.

– O que é que queres fazer?

– Não sei – respondeu ela. – Mas não tem importância. Não quero ser uma maçada.

Sentaram-se em silêncio durante muito tempo. Por fim, Stoner disse:

– Bom, não te preocupes. Vai correr tudo bem. Seja qual for a tua decisão... seja o que for que quiseses fazer, vai correr tudo bem.

– Sim – disse Grace. Levantou-se da cadeira e, baixando os olhos para o pai, disse: – Eu e o pai... agora conseguimos conversar.

– Sim. Agora conseguimos conversar.

Ela saiu do escritório e Stoner esperou até ouvir a porta do quarto dela fechar no andar de cima. Depois, antes de se dirigir para o seu próprio quarto, foi de mansinho lá acima e abriu a porta do quarto de Edith. Edith dormia profundamente, deitada na cama, toda vestida, com a luz de cabeceira incidindo-lhe, inclemente, no rosto. Stoner desligou a luz e desceu as escadas.

No dia seguinte, ao pequeno-almoço, Edith quase parecia alegre; não deu sinais da histeria da véspera e falou como se o futuro fosse um problema hipotético a resolver. Quando soube o nome do rapaz, disse, animada:

– Bom, achas que devemos falar com os pais ou seria melhor conversarmos com o rapaz primeiro? Vejamos... estamos na última semana de novembro. Digamos duas semanas. É tempo suficiente para tratarmos de todos os preparativos, talvez um casamento numa igrejazinha qualquer. Gracie, o que é que o teu amigo... como é que ele se chama?

– Edith – interrompeu Stoner. – Espera. Estás a tirar uma série de conclusões precipitadas. Talvez a Grace e o rapaz não se queiram casar. Temos de conversar sobre isso com a Grace.

– Conversar sobre o quê? É claro que vão querer casar. No fim de contas, eles... eles... Gracie, diz ao teu pai. Explica-lhe.

– Não tem importância, pai – disse Grace. – Não tem importância nenhuma.

E Stoner percebeu que, de facto, não tinha importância. Os olhos de Grace estavam fixos para lá dele, em algo que ela não conseguia ver e que contemplava sem curiosidade. Ele permaneceu em silêncio e deixou que a mulher e a filha fizessem os seus planos.

Ficou decidido que «o jovem da Grace», como Edith lhe chamava, como se o nome dele fosse de algum modo proibido, seria convidado para ir lá a casa e que ele e Edith «conversariam». Ela organizou a tarde como se fosse

uma cena numa peça de teatro, com entradas e saídas e inclusive uma deixa ou duas de diálogo. Stoner deveria ausentar-se da sala, Grace deveria ficar uns instantes mais e depois sair, deixando Edith e o rapaz a sós para conversarem. Stoner deveria regressar passado meia hora, seguido de Grace e, por essa altura, já tudo estaria tratado.

E correu tudo exatamente como Edith planeou. Mais tarde, Stoner perguntou-se, curioso, o que teria o jovem Edward Frye pensado, quando bateu timidamente à porta e entrou para uma sala que parecia cheia de inimigos mortais. Era um rapaz alto e bastante corpulento, com umas feições pouco definidas e ligeiramente mal-humoradas. Estava tomado por um constrangimento e um medo entorpecedores, e não conseguia olhar para ninguém. Quando Stoner saiu da sala, viu o rapaz afundado numa cadeira, com os antebraços nos joelhos, de olhos postos no chão. Quando, meia hora depois, voltou a entrar na sala, o rapaz estava na mesma posição, como se não se tivesse mexido perante a torrente de alegria chilreante de Edith.

Mas ficou tudo decidido. Numa voz estridente, artificial, mas genuinamente alegre, Edith informou-o de que «o jovem da Grace» vinha de uma ótima família de St. Louis, o pai era corretor da bolsa e possivelmente a dada altura teria feito negócios com o pai *dela*, ou pelo menos com o banco do pai, e que «os jovens» tinham optado por um casamento «o mais rápido possível e muito informal» e que iam ambos desistir de estudar, pelo menos durante um ano ou dois, iam viver em St. Louis, «uma mudança de ares, um novo começo», que embora não pudessem terminar o semestre, frequentariam as aulas até à pausa entre os semestres, e que se casariam nesse dia à tarde, que era uma sexta-feira. E não era tudo tão querido... apesar de tudo?

O casamento realizou-se no gabinete desarrumado de um juiz de paz. Apenas William e Edith assistiram à cerimónia. A esposa do juiz de paz, uma mulher grisalha e desleixada com o sobrolho permanentemente franzido, esteve atarefada na cozinha enquanto decorria a cerimónia e apareceu no fim, só para assinar os papéis como testemunha. Estava uma tarde fria e sombria. A data: 12 de dezembro de 1941.

Cinco dias antes de se realizar o casamento, os japoneses tinham bombardeado Pearl Harbor e William Stoner assistiu à cerimónia com um misto de sentimentos que nunca tinha sentido antes. Tal como muitos outros

que viveram naquela época, foi assolado por uma espécie de apatia, embora soubesse que era um sentimento composto por emoções tão profundas e intensas que não podiam ser reconhecidas, sob pena de não se poder viver com elas. Era a força de uma tragédia pública, aquilo que ele sentia, um horror e uma angústia tão invasivos e abrangentes que as tragédias privadas e os infortúnios pessoais passavam para outro patamar, outro estado de ser e, no entanto, eram intensificados pela própria vastidão em que ocorriam, da mesma maneira que a tristeza de uma campa solitária era intensificada pela presença de um enorme deserto a rodeá-la. Com uma pena que era impessoal, assistiu ao ritualzinho triste do casamento e ficou estranhamente comovido com a beleza passiva e indiferente do rosto da filha e com o desespero carrancudo espelhado no rosto do rapaz.

Depois da cerimónia, os dois jovens meteram-se no pequeno descapotável de Frye e rumaram a St. Louis, onde se instalariam e teriam de enfrentar mais um par de progenitores. Stoner viu o carro arrancar e afastar-se da casa, e só conseguia pensar na filha como uma menina pequena que, em tempos, se sentava ao seu lado num quarto distante e o fitava com solene deleite, como uma criança encantadora que morrera há muito.

Dois meses depois do casamento, Edward Frye alistou-se no exército. Grace decidiu ficar em St. Louis até nascer o bebé. Volvidos seis meses, Frye morreu na praia de uma pequena ilha do Pacífico, entre uma série de recrutas inexperientes que foram enviados numa tentativa desesperada para deter o avanço dos japoneses. Em junho de 1942, o bebé de Grace nasceu. Era um rapaz e ela deu-lhe o nome do pai que a criança nunca vira e que nunca iria amar.

Embora Edith, que foi a St. Louis nesse junho para «dar uma ajuda», tivesse tentado convencer a filha a regressar a Columbia, Grace recusou-se a fazê-lo. Tinha um pequeno apartamento, um pequeno rendimento do seguro de vida de Frye e a companhia dos sogros, e parecia feliz.

– Diferente – disse Edith distraidamente a Stoner. – Já não tem nada da nossa Graciezinha. Passou por muito sofrimento e acho que não quer recordar esses tempos... Mandou-te beijinhos.

Capítulo 16

Os anos da guerra sucederam-se uns aos outros num borrão e Stoner atravessou-os como poderia ter atravessado uma tempestade fustigante e quase insuportável, de cabeça baixa, maxilares cerrados, a mente concentrada no passo seguinte e no outro e no outro. No entanto, apesar de toda a sua resistência estoica e do seu movimento imperturbável através dos dias e das semanas, era um homem profundamente dividido. Uma parte de si retraía-se de horror instintivo perante o desperdício diário, a vaga de destruição e morte que atacava inexoravelmente a mente e o coração. Uma vez mais, viu a faculdade esvaziar-se, viu as salas de aulas despojadas dos seus jovens, viu os olhares acossados naqueles que ficaram, e viu nesses olhares a morte lenta do coração, o desgasto amargo dos sentimentos e da boa vontade.

Outra parte de si sentia-se intensamente atraída para esse mesmo holocausto do qual se retraía. Encontrou dentro de si uma capacidade para a violência que desconhecia ter: ansiava por se envolver, desejava o gosto da morte, a alegria amarga da destruição, o travo a sangue. Sentia simultaneamente vergonha e orgulho e, por cima de tudo isso, uma amarga desilusão, em relação a si próprio e ao tempo e às circunstâncias que o tornaram possível.

Semana após semana, mês após mês, os nomes dos mortos desfiaram-se diante dele. Por vezes, eram apenas nomes de que ele se lembrava como se pertencessem a um passado distante; outras vezes, conseguia associar um rosto ao nome; outras ainda conseguia recordar uma voz, uma palavra.

Durante todo esse período, continuou a lecionar e a estudar, embora por vezes sentisse que era em vão que vergava as costas contra a tempestade fustigante e punha as mãos futilmente em concha para proteger o tremeluzir ténue do seu derradeiro fósforo.

Pontualmente, Grace regressava a Columbia para visitar os pais. Da primeira vez trouxe o filho, que ainda mal tinha um ano, mas a presença dele pareceu incomodar Edith, por obscuros motivos, por isso, a partir daí, passou

a deixá-lo em St. Louis com os avós paternos. Stoner teria gostado de ver o neto mais vezes, mas não exprimiu esse seu desejo em voz alta. Tinha acabado por perceber que o afastamento de Grace de Columbia – porventura até a própria gravidez – fora, na realidade, a fuga de uma prisão à qual ela regressava apenas por uma inextinguível generosidade e uma doce boa vontade.

Stoner sabia, embora Edith não desconfiasse ou não o admitisse, que Grace tinha começado a beber com silenciosa gravidade. Soube-o pela primeira vez no verão do ano a seguir ao final da guerra. Grace fora visitá-los uns dias. Parecia particularmente exaurida: tinha o rosto tenso e pálido, com umas olheiras profundas. Numa noite, a seguir ao jantar, Edith foi-se deitar cedo e Grace e Stoner sentaram-se na cozinha, a beber café. Stoner tentou conversar com ela, mas ela estava irrequieta e perturbada. Ficaram em silêncio durante longos minutos; por fim, Grace fitou-o com insistência, encolheu os ombros e suspirou abruptamente.

– Ouça – disse ela –, tem álcool em casa?

– Não, lamento, mas não – retorquiu ele. – Talvez haja uma garrafa de xerez no armário, mas...

– Estou desesperada para tomar um copo. Importa-se que eu telefone para a loja e lhes peça para virem cá a casa entregar uma garrafa?

– Claro que não – respondeu Stoner –, mas a tua mãe e eu não costumamos...

Mas já ela se tinha levantado e ido à sala. Folheou a lista telefónica e marcou o número com gestos frenéticos. Quando voltou para a cozinha, passou pela mesa, foi ao armário e tirou a garrafa meio cheia de xerez. Pegou num copo que estava no corredor e encheu-o quase até cima com o líquido castanho-claro. Ainda de pé, bebeu o copo de um trago e limpou a boca, estremecendo ligeiramente.

– Azedou – disse. – E odeio xerez.

Levou a garrafa e o copo para a mesa, sentou-se e pousou-os com precisão à sua frente. Encheu o copo até meio e fitou o pai com um estranho sorrisinho.

– Bebo um nadinha mais do que devia – disse. – Pobre pai. Não sabia isso, pois não?

– Não.

– Todas as semanas digo a mim própria que para a semana tenho de beber

menos, mas acabo sempre por beber um bocado mais. Não sei porquê.

– És infeliz? – perguntou Stoner.

– Não – disse ela. – Acho que sou feliz. Ou, enfim, quase feliz. Não é isso. É... – não terminou a frase.

Já ela tinha bebido o resto do xerez quando o estafeta da loja lhe trouxe o uísque. Ela levou a garrafa para a cozinha, abriu-a com um gesto experiente e serviu-se de uma dose generosa no copo de xerez.

Ficaram acordados até muito tarde, até o primeiro cinza surgir nas janelas. Grace bebeu sem parar, em pequenos goles e, à medida que a noite se foi aproximando do fim, as rugas do seu rosto tornaram-se mais suaves, ficou mais calma e com um ar mais jovem, e os dois conversaram como não tinham conseguido fazer durante anos.

– Acho – disse ela –, acho que engravidei de propósito, embora não tivesse consciência disso, na altura. Acho que nem sequer sabia até que ponto queria, até que ponto *tinha* de sair daqui. Meu Deus, sabia o suficiente para não engravidar, a menos que quisesse. Aqueles rapazes todos no liceu... – sorriu de esguelha para o pai. – O pai e a mãe nunca desconfiaram de nada, pois não?

– Acho que não – disse ele.

– A mãe queria que eu fosse popular e... bom, eu era popular, lá isso era. Não significava nada, absolutamente nada.

– Eu sabia que eras infeliz – disse Stoner, a custo. – Mas nunca percebi... nunca soube...

– Acho que eu também não – atalhou ela. – Não podia. Coitado do Ed. Foi ele que levou a pior nisto tudo. Usei-o. Oh, era ele o pai do bebé, disso não tenho dúvida... mas usei-o. Era um bom rapaz e sempre tão envergonhado... não aguentou. Alistou-se seis meses antes de ter de o fazer, só para fugir a esta situação toda. Portanto, acho que o matei. Ele era um rapaz tão bom e nem sequer conseguimos gostar um do outro por aí além.

Conversaram pela noite dentro, como se fossem velhos amigos. E Stoner percebeu que ela era, como ela própria dissera, quase feliz com o seu desespero; viveria os seus dias sossegadamente, a beber um nadinha mais de ano para ano, anestesiando-se contra o nada em que a vida se tornara. Ele ficou contente por ela ter, pelo menos, a bebida a que se agarrar; ficou grato por ela ter isso.

Os anos que se seguiram ao fim da Segunda Guerra Mundial foram os melhores da carreira de Stoner e, de certo modo, foram também os mais felizes da sua vida. Veteranos dessa guerra invadiram a universidade e transformaram-na, trazendo para ela uma qualidade de vida que não tinha antes, uma intensidade e uma turbulência que equivaliam a uma transformação. Stoner trabalhou mais arduamente do que nunca. Os alunos, com a sua estranha maturidade, eram seriíssimos e desdenhosos de tudo o que fosse trivial. Inocentes no que tocava a modas e costumes, encaravam os estudos como Stoner sonhara: como se esses estudos fossem a própria vida e não um meio para atingir os seus fins. Sabia que, depois desses quantos anos, ensinar nunca mais seria a mesma coisa e dedicou-se a um estado feliz de exaustão que esperava que durasse para sempre. Raramente pensava no passado ou no futuro, nem nas decepções e alegrias de cada um; concentrava todas as suas energias no momento presente do seu trabalho e esperava ser finalmente definido pelo que fazia.

Durante esses anos, raramente se desviou da sua dedicação ao trabalho. Por vezes, quando a filha voltava de Columbia para uma visita, como se vagueasse sem rumo de um quarto para outro, ele tinha uma sensação de perda que mal conseguia suportar. Aos vinte e cinco anos, ela parecia ter mais dez em cima; bebia com a insegurança constante de uma pessoa completamente desesperada e tornou-se claro que estava a entregar cada vez mais a educação do filho aos avós de St. Louis.

Só uma vez teve notícias de Katherine Driscoll. No início da primavera de 1949, recebeu uma circular da editora de uma grande universidade do leste do país, que anunciava a publicação do livro de Katherine e trazia umas palavrinhas sobre a autora. Lecionava numa boa faculdade de letras em Massachusetts; era solteira. Comprou um exemplar do livro assim que pôde. Quando o teve nas mãos, os seus dedos pareceram ganhar vida; tremiam de tal maneira que teve dificuldade em abri-lo. Folheou as primeiras páginas e viu a dedicatória: «Para W.S.»

Os olhos turvaram-se-lhe e durante muito tempo ficou sentado sem se mexer. Depois, abanou a cabeça, regressou ao livro e só o pousou depois de o ter lido de fio a pavio.

Era tão bom como imaginara. A prosa era elegante, e a paixão, disfarçada por uma frieza e uma inteligência límpida. Percebeu que, no que lia, a via a ela e espantou-se por conseguir vê-la de uma forma tão verdadeira, inclusive

passado tanto tempo. De repente, foi como se ela estivesse na sala ao lado e ele tivesse acabado de sair de junto dela. Sentiu um formigueiro nas mãos, como se lhe tivesse tocado. E a sensação de perda, que durante tanto tempo contivera dentro de si, jorrou em torrente, engoliu-o e ele deixou-se arrastar, sem se debater; não se queria salvar. Depois, sorriu com ternura, como que perante uma recordação. Pensou que tinha quase sessenta anos e que devia estar para lá da força de uma tal paixão, de um tal amor.

Mas não estava, sabia que não estava e que nunca estaria. Debaixo da dormência, da indiferença, do distanciamento, ali estava a paixão, intensa e firme; sempre ali estivera. Na juventude, dera-a livremente, sem pensar; dera-a ao conhecimento que lhe fora revelado – há quantos anos? – por Archer Sloane; dera-a a Edith, naqueles primeiros dias tolos e cegos do seu namoro e casamento; e dera-a a Katherine, como se nunca a tivesse dado antes. De estranhas maneiras, dera-a a cada instante da sua vida e talvez a tenha dado mais plenamente quando não estava ciente de o fazer. Não era uma paixão nem da mente nem da carne; era, isso sim, uma força que as abrangia a ambas, como se fossem a matéria do amor, a sua substância específica. Dedicada a uma mulher ou a um poema, dizia simplesmente: Olha! Estou vivo.

Não conseguia conceber-se velho. Às vezes, de manhã, enquanto fazia a barba, olhava para a sua imagem no espelho e não se identificava minimamente com o rosto que o fitava, surpreendido, os olhos límpidos numa máscara grotesca. Era como se envergasse, por um qualquer obscuro motivo, um ultrajante disfarce, como se pudesse, se o desejasse, arrancar as sobrancelhas brancas e hirsutas, o cabelo branco desgrenhado, a carne que descaía sobre os ossos proeminentes, as rugas fundas que simulavam a idade.

Sabia, no entanto, que a sua idade não era um fingimento. Viu a enfermidade do mundo e do seu próprio país nos anos que se seguiram à Grande Guerra; viu o ódio e a desconfiança tornarem-se uma espécie de loucura que se propagou, célere, pela terra como uma praga; viu jovens partir de novo para a guerra, marchando de boa vontade para um destino fatídico e sem sentido, como se fosse o eco de um pesadelo. E a pena e a tristeza que sentiu eram tão velhas, faziam tão parte da sua idade que, aos seus olhos, ele próprio parecia praticamente intocado.

Os anos sucederam-se rapidamente e ele mal se apercebeu da sua passagem. Na primavera de 1954, tinha sessenta e três anos e, de repente,

percebeu que lhe restavam, no máximo, quatro anos de carreira. Tentou ver para lá desse limiar. Não conseguiu, nem tinha vontade de o fazer.

Nesse outono, recebeu um recado da secretária de Gordon Finch, a pedir-lhe para passar pelo gabinete do diretor quando lhe desse jeito. Como andava muito ocupado, demorou vários dias a arranjar uma tarde livre.

Sempre que via Gordon Finch, Stoner apercebia-se de que ficava ligeiramente surpreendido por ele envelhecer tão pouco. Gordon era um ano mais novo do que Stoner, mas não aparentava mais de cinquenta anos. Estava totalmente careca, tinha o rosto cheio e sem rugas e reluzia de saúde com um ar quase angelical; tinha uma passada vigorosa e, nesses últimos anos, começara a vestir-se de forma mais descontraída, com camisas coloridas e *blazers*.

Parecia embaraçado, na tarde em que Stoner foi ao gabinete dele. Fizeram conversa de sala durante uns minutos. Finch perguntou-lhe pela saúde de Edith e disse que ainda no outro dia a sua mulher, Caroline, tinha dito que deviam marcar um encontro, em breve. Depois, acrescentou:

– Meu Deus, como o tempo voa!

Stoner fez um gesto de assentimento.

Finch suspirou abruptamente.

– Bom – disse –, acho que temos de falar sobre isto. Vais fazer... sessenta e cinco anos no ano que vem. Devíamos começar a fazer alguns planos.

Stoner abanou a cabeça.

– Ainda não. Tenciono aproveitar a opção dos dois anos extra, como é óbvio.

– Foi o que eu pensei – retorquiu Finch, e recostou-se na cadeira. – Pois eu, não. Só me faltam três anos para a reforma e tenciono ir-me embora nessa altura. Às vezes, penso em tudo o que não fiz, os lugares aonde não fui e... bolas, Bill, a vida é demasiado curta. Porque é que não te reformas também? Pensa no tempo todo que...

– Não saberia o que fazer com ele – respondeu Stoner. – Nunca soube.

– Ora bolas – disse Finch. – Nos tempos que correm, aos sessenta e cinco ainda se é bastante jovem. Dá para aprender coisas que...

– É o Lomax, não é? Está a pressionar-te.

Finch sorriu.

– Claro. O que é que tu esperavas?

Stoner ficou calado um instante. Depois, disse:

– Diz ao Lomax que me recusei a falar sobre isso. Diz-lhe que me tornei tão embirrento e intratável, com a minha vetusta idade, que não consigo lidar consigo. Que vai ter de ser ele a tratar do assunto.

Finch riu-se e abanou a cabeça.

– Por Deus, assim farei. Depois de tantos anos, talvez vocês os dois se tornem um nadinha menos inflexíveis.

Mas o confronto não teve lugar de imediato e, quando teve – a meio do segundo semestre, em março –, não assumiu a forma que Stoner esperava. Uma vez mais, pediram-lhe para comparecer no gabinete do diretor da faculdade, num dia específico e com uma certa urgência.

Stoner chegou uns minutos atrasado. Lomax já estava no gabinete, sentado, hirtos, à frente da mesa de Finch; ao seu lado, havia uma cadeira vazia. Stoner entrou calmamente na sala e sentou-se. Virou a cabeça e olhou para Lomax; Lomax manteve os olhos fixos em frente, imperturbável, com uma sobrelance ligeiramente arqueada numa expressão de desdém generalizado.

Finch observou-os a ambos fixamente durante vários minutos, com um sorrisinho divertido no rosto.

– Bom – disse –, todos sabemos o que aqui nos traz hoje: a reforma do professor Stoner. – Citou o regulamento em traços gerais: a reforma voluntária era possível aos sessenta e cinco anos; ao abrigo dessa opção, Stoner podia, se assim o desejasse, reformar-se ou no final do corrente ano letivo, ou no final de qualquer um dos semestres do ano seguinte. Ou podia, desde que tivesse o aval do diretor do departamento e do diretor da faculdade, adiar a reforma para os sessenta e sete anos, idade em que a reforma se tornava obrigatória. A menos, claro está, que a pessoa em causa fosse nomeada professor emérito e se tornasse titular de uma cátedra e, nesse caso...

– Uma hipótese extremamente improvável, penso que estamos todos de acordo quanto a isso – disse Lomax secamente.

Stoner fez um aceno de cabeça para Finch.

– Extremamente improvável.

– Penso sinceramente – disse Lomax a Finch – que seria do interesse do departamento e da faculdade que o professor Stoner aproveitasse esta oportunidade para se reformar. Há determinadas mudanças a nível curricular e da distribuição de serviço que eu desejo há muito fazer e que esta reforma tornaria possíveis.

– Não tenho a mínima vontade – disse Stoner a Finch – de me reformar antes de ser obrigado a isso só para satisfazer um capricho do professor Lomax.

Finch virou-se para Lomax. Lomax redarguiu:

– Há muita coisa certamente que o professor Stoner não teve em conta. Disporia de tempo e vagar para se entregar à escrita, algo que a sua – fez uma pausa delicada – a sua dedicação ao ensino o impediu de fazer. A comunidade académica sairia certamente a ganhar, se o fruto da sua longa experiência fosse...

Stoner interrompeu-o:

– Não tenho qualquer ensejo de começar uma carreira literária nesta altura da vida.

Lomax, sem se mexer na cadeira, pareceu fazer uma vénia a Finch.

– Estou certo de que o nosso colega está só a ser modesto. Daqui a dois anos, eu próprio serei obrigado pelo regulamento a deixar o cargo de diretor do departamento e tenciono aproveitar da melhor maneira os anos que me restam de vida. Aliás, anseio pelos prazeres da reforma.

– Espero continuar como membro do departamento – disse Stoner – pelo menos até essa ocasião auspiciosa.

Lomax ficou calado um instante. Depois, disse contemplativamente a Finch:

– Já me ocorreu várias vezes ao longo dos últimos anos que os esforços do professor Stoner em prol da Universidade talvez não tenham sido plenamente apreciados. Ocorreu-me que a promoção a professor catedrático poderia ser o clímax adequado para o seu ano de reforma. Um jantar em honra da ocasião... uma cerimónia adequada. Seria gratificante. Embora o ano já vá avançado e embora a maior parte das promoções já tenham sido anunciadas, tenho a certeza de que, se eu insistisse, se poderia arranjar uma promoção para o ano que vem, em comemoração de uma auspiciosa reforma.

De repente, o jogo que ele andara a jogar com Lomax – e, curiosamente, a apreciar – pareceu-lhe trivial e mesquinho. Foi assolado por uma sensação de cansaço. Fitou Lomax nos olhos e, exausto, disse:

– Holly, passados tantos anos, pensei que me conhecesses melhor do que isso. Sempre me estive nas tintas para o que tu achavas que me poderias «dar» ou o que achavas que me podias «fazer», ou fosse o que fosse. – Fez uma pausa; estava, de facto, mais cansado do que percebera. Com esforço,

prosseguiu: – A questão não é essa. Nunca foi. És um bom homem, suponho. És certamente um bom professor. Mas, em algumas coisas, és um filho da mãe ignorante. – Fez novamente uma pausa. – Não sei o que esperavas alcançar, mas não me vou reformar... não no final deste ano letivo nem do próximo. – Levantou-se devagar e ficou parado um instante, a reunir forças. – Se os senhores me dão licença, estou um nadinha cansado. Vou deixá-los a discutir o que quer que tenham para discutir.

Sabia que o assunto não ia ficar por ali, mas estava-se nas tintas. Quando, na última reunião geral do ano, Lomax, no seu relatório departamental, anunciou a reforma, no final do ano seguinte, do professor William Stoner, Stoner pôs-se de pé e informou os membros da faculdade de que o professor Lomax estava enganado, que a reforma só seria efetiva dois anos depois da data que Lomax anunciara. No início do primeiro semestre, o novo reitor da universidade convidou Stoner para ir tomar chá a sua casa e falou expansivamente sobre os anos de serviço de Stoner, do seu descanso bem merecido, da gratidão que todos sentiam para com ele. Stoner pôs o seu ar mais caturrento, tratou o reitor por «jovem» e fingiu não ouvir, de maneira que o jovem acabou a conversa no tom mais apaziguador que conseguia.

Mas os seus esforços, por mais pequenos que fossem, cansavam-no mais do que esperava e, quando chegaram as férias do Natal, estava praticamente de rastos. Disse para si próprio que estava, de facto, a ficar velho e que teria de abrandar, se queria fazer um bom trabalho até ao final do ano letivo. Durante os dez dias das férias natalícias, descansou, como se quisesse poupar as suas forças e, quando regressou para as últimas semanas do semestre, trabalhou com um vigor e uma energia que o surpreenderam. A questão da sua reforma parecia assente e não se deu ao trabalho de pensar nela outra vez.

No final de fevereiro, o cansaço assolou-o de novo e Stoner parecia incapaz de se livrar dele. Passou grande parte do tempo em casa e despachou muita da papelada instalado no sofá-cama, no seu quartinho dos fundos. Em março, apercebeu-se de uma dor generalizada e constante nos braços e pernas. Disse para si próprio que estava cansado, que se sentiria melhor quando chegassem os dias quentes de primavera, que precisava de descansar. Em abril, a dor confinara-se à parte inferior do corpo. De vez em quando faltava a uma aula e percebia que precisava de todas as suas forças só para ir de uma sala para outra. No início de maio, a dor tornou-se intensa e já não podia considerá-la um pequeno incómodo. Marcou consulta para o médico da

enfermaria da universidade.

Seguiram-se análises e exames e perguntas, cujo significado Stoner só percebeu em termos vagos. Mandaram-no fazer uma dieta especial, tomar uns comprimidos para as dores e voltar no início da semana seguinte para uma consulta, quando já teriam os resultados de todas as análises. Sentiu-se melhor, embora o cansaço perdurasse.

O médico era um rapaz chamado Jamison, que explicara a Stoner que estava a trabalhar para a universidade durante uns anos, até poder montar um consultório. Tinha um rosto rosado e redondo, usava uns óculos sem aros e tinha uns modos um tanto atrapalhados e nervosos que suscitavam confiança em Stoner.

Stoner chegou uns minutos adiantado à consulta, mas a rececionista mandou-o entrar logo. Percorreu o longo e estreito corredor da enfermaria até ao cubículo que servia de gabinete a Jamison.

Jamison estava à sua espera e Stoner percebeu que já estava à espera há algum tempo. Tinha pastas, radiografias e apontamentos cuidadosamente dispostos em cima da secretária. Jamison levantou-se, sorriu abrupta e nervosamente, e apontou para uma cadeira à frente da sua mesa.

– Professor Stoner – disse. – Sente-se, sente-se.

Stoner sentou-se.

Jamison franziu o sobrolho para a papelada em cima da mesa, alisou uma folha de papel e deixou-se cair na cadeira.

– Bom – começou –, há uma obstrução qualquer no intestino grosso, isso é claro. As radiografias não são muito esclarecedoras, o que não é invulgar. Mostram uma mancha, mas isso não significa necessariamente alguma coisa. – Virou a cadeira, colocou a radiografia num quadro, acendeu uma luz e apontou vagamente. Stoner olhou, mas não conseguiu ver nada. Jamison apagou a luz e virou-se para a mesa. Assumiu um tom muito profissional. – As suas análises sanguíneas apresentam valores muito baixos, mas não parece haver qualquer infeção. A sua velocidade de sedimentação está abaixo do normal e a tensão arterial também está baixa. Tem um edema interno que não parece normal, perdeu bastante peso e... bom, com os sintomas que apresenta e pelo que eu vejo aqui – apontou para a mesa – diria que só há uma coisa a fazer. – Colou um sorriso na cara e disse, num tom de bonomia forçada: – Temos de abrir para ver o que encontramos.

Stoner fez um aceno de cabeça.

– É um cancro, portanto.

– Bom – disse Jamison –, essa é uma palavra muito pesada. Pode querer dizer muita coisa. Estou certo de que tem um tumor, mas... bom, só podemos ter a certeza depois de abrirmos e vermos o que se passa.

– Há quanto tempo é que eu tenho isto?

– Oh, não dá para saber. Mas parece... bom, é bastante grande. Já o tem há algum tempo.

Stoner ficou calado uns instantes. Depois, disse:

– Quanto tempo acha que me resta?

Jamison respondeu em tom vago:

– Oh, ouça, professor Stoner. – Tentou soltar uma gargalhada. – Não nos devemos precipitar. Há sempre a hipótese... há a hipótese de ser apenas um tumor, um tumor benigno, entende? Ou... ou pode ser muitas coisas. Só saberemos ao certo quando...

– Sim – disse Stoner. – Quando é que quer operar?

– O mais depressa possível – respondeu Jamison, aliviado. – Nos próximos dois ou três dias.

– Tão depressa? – disse Stoner, quase distraidamente. Depois, pousou os olhos em Jamison. – Deixe-me fazer-lhe umas perguntas, senhor doutor. E gostava que me respondesse com franqueza.

Jamison assentiu.

– Se for só um tumor... benigno, como disse... duas semanas fariam diferença?

– Bom – disse Jamison, relutante –, continuaria com dores e... não, suponho que não faria uma diferença por aí além.

– Ótimo – disse Stoner. – Mas se for tão grave como pensa... duas semanas fariam diferença nesse caso?

Após uma longa pausa, Jamison respondeu, quase com amargura:

– Não, penso que não.

– Então – disse Stoner calmamente –, esperarei duas semanas. Preciso de resolver umas coisas... coisas de trabalho.

– Não o aconselho a esperar, entende? – disse Jamison. – Não o aconselho mesmo nada.

– Claro – disse Stoner. – E, senhor doutor... não comente isto com ninguém, está bem?

– Está certo – respondeu Jamison, e acrescentou, num tom mais caloroso. –

Claro que não comento. – Sugeriu umas alterações à dieta que lhe prescrevera antes, receitou mais uns comprimidos e marcou uma data para ele dar entrada no hospital.

Stoner não sentiu nada. Foi como se o que o médico lhe disse fosse um incómodo menor, um obstáculo que de algum modo teria de contornar para fazer o que tinha a fazer. Ocorreu-lhe que era demasiado tarde no ano letivo para uma coisa daquelas acontecer. Provavelmente, Lomax teria dificuldade em arranjar um substituto.

O comprimido que tomara no consultório do médico deixou-o ligeiramente zozinho e achou a sensação estranhamente agradável. Perdeu a noção do tempo. Deu por si parado no comprido corredor de parqué do rés-do-chão de Jesse Hall. Tinha um zumbido grave nos ouvidos, como o adejar distante de asas de pássaros. No corredor sombrio, uma luz sem origem definida parecia brilhar e esmorecer como o bater do seu coração. A sua pele, intimamente ciente de cada movimento que ele fazia, era percorrida por um formigueiro a cada passo que ele dava, com deliberado cuidado, no corredor imerso em luz e escuridão.

Deteve-se nas escadas que levavam ao primeiro andar; os degraus eram de mármore e, precisamente a meio, tinham suaves sulcos deixados por um vaivém de passos ao longo de décadas. Eram quase novos quando ele os pisara pela primeira vez – há quantos anos? – e olhara para cima, como fez nesse momento, perguntando-se aonde o levariam. Pensou no tempo e no seu doce fluir. Pousou um pé cuidadosamente na primeira depressão suave e subiu o degrau.

Deu por si na entrada do gabinete de Gordon Finch. A secretária disse:

– O professor Finch ia agora mesmo sair...

Ele fez que sim distraidamente com a cabeça, sorriu-lhe e entrou no gabinete de Finch.

– Gordon – disse cordialmente, ainda com um sorriso no rosto. – É rápido.

Finch retribuiu o sorriso instintivamente; tinha os olhos cansados.

– Tudo bem, Bill, senta-te.

– É rápido – repetiu, sentindo uma força curiosa assolar-lhe a voz. – A questão é que mudei de ideias... sobre a reforma, isto é. Sei que é estranho. Desculpa avisar-te tão tarde, mas... bom, julgo que é melhor assim. Vou-me embora no final deste semestre.

O rosto de Finch pairava diante de Stoner, redondo de espanto.

– Que diabo! – exclamou. – Alguém te andou a pressionar?

– Não, nada disso – respondeu Stoner. – Foi uma decisão minha. É só que... descobri que há *efetivamente* algumas coisas que eu gostaria de fazer.

– E em tom lúcido, acrescentou: – E, de facto, preciso de descansar um pouco.

Finch ficou aborrecido e Stoner sabia que ele tinha motivos para isso. Teve a sensação de ouvir a sua própria voz murmurar mais uma desculpa; sentiu que o sorriso lhe continuava tolamente colado no rosto.

– Bom – disse Finch. – Ainda deve ir a tempo. Posso dar início à papelada amanhã. Suponho que saibas tudo o que é preciso saber sobre a tua pensão de reforma, seguro e coisas afins?

– Ah, sim – disse Stoner. – Pensei nisso tudo. Está tudo bem.

Finch olhou para o relógio.

– Estou um bocado atrasado, Bill. Passa por cá daqui a um dia ou dois, para acertarmos agulhas. Até lá... bom, penso que o Lomax terá de ser avisado. Eu ligo-lhe hoje à noite. – Sorriu. – Temo que, assim, vás agradar ao homem.

– Pois vou – concordou Stoner. – Infelizmente vou.

Tinha muito que fazer nas duas semanas que restavam antes de dar entrada no hospital, mas decidiu que seria capaz de dar conta do recado. Cancelou as aulas dos dois dias seguintes e convocou para uma reunião todos os seus orientandos cujos projetos de investigação e teses estivessem sob a sua responsabilidade. Escreveu instruções pormenorizadas para os ajudar a terminar o trabalho que tinham começado e deixou as cópias dessas instruções, feitas a papel químico, na caixa do correio de Lomax. Sossegou os alunos que entraram em pânico por ele os estar «a desertar» e reconfortou os que tinham receio de confiar os seus projetos a um novo orientador. Sentiu que os comprimidos que estava a tomar lhe atenuavam as dores mas reduziam a clareza de raciocínio, por isso, de dia, quando falava com os alunos, e à noite, quando lia a torrente de artigos, teses e dissertações por acabar, só os tomava quando a dor se tornava tão forte que o distraía do seu trabalho.

Dois dias depois de ter anunciado a sua intenção de se reformar, a meio de uma tarde atarefada, recebeu um telefonema de Gordon Finch.

– Bill? Fala o Gordon. Ouve... surgiu um problemazito que eu achei que devia trazer à tua atenção.

- Sim? – disse ele, impaciente.
 - É o Lomax. Não lhe entra na cabeça que não foi por causa dele que decidiste reformar-te.
 - Não tem mal – retorquiu Stoner. – Ele que pense o que quiser.
 - Espera... há mais. Ele quer organizar o tal jantar. Diz que deu a sua palavra.
 - Ouve, Gordon, estou muito ocupado neste momento. Não consegues demovê-lo de alguma maneira?
 - Tentei, mas ele está a tratar de tudo através do departamento. Se quiseres que eu o chame ao meu gabinete, eu chamo, mas terás de estar presente, também. Quando ele mete uma coisa na cabeça, não consigo que me ouça.
 - Está bem. Para quando é que esse disparate está marcado?
- Seguiu-se uma pausa.
- De sexta a oito. No último dia de aulas, antes da semana dos exames.
 - Está bem – disse Stoner, cansado. – Já devo ter tudo despachado por essa altura e será mais fácil aguentar o jantar do que discutir sobre ele agora. Deixa a coisa andar.
 - Há mais uma coisa que devias saber. Ele quer que eu anuncie a tua reforma como professor emérito, embora só possa ser oficializado no próximo ano.

Stoner sentiu uma gargalhada subir-lhe pela garganta acima.

- Que se lixe! – disse. – Não, também não me importo com isso.

Durante toda essa semana, ele trabalhou sem ter consciência do tempo. Trabalhou sem parar na sexta-feira, das oito da manhã às dez da noite. Leu uma última página e escreveu um último apontamento e, no fim, recostou-se na cadeira. A luz da secretária encheu-lhe os olhos e, por um instante, perdeu a noção de onde estava. Olhou em redor e viu que estava no seu gabinete. As estantes rebentavam pelas costuras de livros guardados ao acaso; havia pilhas de papéis nos cantos; e os seus arquivadores estavam abertos e desarrumados. «Eu devia arrumar as coisas, pensou; devia pôr as minhas coisas em ordem; na próxima semana, disse para si próprio. Na próxima semana.»

Perguntou-se se conseguiria chegar a casa. Parecia-lhe um esforço enorme respirar. Concentrou a mente, obrigou-a a centrar-se nos braços e nas pernas, a fazê-los responder. Pôs-se de pé e forçou-se a não vacilar. Apagou a luz da secretária e ficou parado até os olhos conseguirem ver ao luar que entrava pelas janelas. Depois, pôs um pé à frente do outro e atravessou os corredores

escuros até à porta e percorreu as ruas silenciosas até casa.

As luzes estavam acesas; Edith ainda estava acordada. Reuniu o que lhe restava das suas forças e subiu os degraus da entrada e entrou na sala. Percebeu, então, que não era capaz de avançar mais; conseguiu chegar ao sofá e sentar-se. Passado um instante, encontrou forças para levar a mão ao bolso do colete e tirar o frasco de comprimidos. Pôs um na boca e engoliu-o sem água; depois, tomou mais um. Eram amargos, mas a amargura quase lhe pareceu agradável.

Tomou consciência de que Edith andava pelo quarto há já uns momentos, de um lado para o outro; esperava que ela não o tivesse interpelado. À medida que a dor abrandava e que ele recuperava uma parte das suas forças, percebeu que ela não tinha falado com ele. Edith tinha o rosto crispado, as narinas e a boca cerradas, e os seus passos eram hirtos, irados. Fez menção de falar com ela, mas percebeu que não podia confiar na sua própria voz. Perguntou-se porque estaria ela irritada; não a via assim há muito.

Por fim, ela parou de andar de um lado para o outro e fitou-o; tinha as mãos cerradas e caídas de cada lado do tronco.

– Então, não dizes nada?

Ele pigarreou e focou os olhos.

– Desculpa, Edith. – Ouviu a sua voz débil, mas firme. – Deve ser só cansaço.

– Não me ias dizer nada, pois não? Egoísta. Não achas que eu tenho o direito de saber?

Por um instante, ele ficou desconcertado. Depois, fez que sim com a cabeça. Se tivesse mais forças, ter-se-ia irritado.

– Como é que descobriste?

– Isso não importa. Pelos vistos, toda a gente sabe menos eu. Oh, Willy, francamente.

– Desculpa, Edith, a sério. Não te quis preocupar. Ia dizer-te na semana que vem, antes de ser internado. Não é nada, não te incomodes.

– Nada! – ela soltou uma gargalhada com azedume. – Dizem que pode ser cancro. Não sabes o que isso significa?

De repente, ele sentiu-se a levitar e teve de fazer um esforço para não se agarrar a qualquer coisa.

– Edith – disse, numa voz distante –, falamos amanhã. Por favor. Agora estou cansado.

Ela fitou-o um instante.

– Queres que te ajude a ir para o quarto? – perguntou, irritada. – Estás com cara de quem não consegue lá chegar sozinho.

– Eu estou bem – respondeu ele.

Mas antes de chegar ao quarto, desejou ter deixado que ela o ajudasse, por se sentir mais fraco do que pensava e não só...

Descansou no sábado e no domingo e, na segunda-feira, conseguiu ir dar aulas. Voltou para casa cedo e estava deitado no sofá da sala, a olhar, interessado, para o teto, quando a campainha tocou. Sentou-se direito e começou a levantar-se, mas a porta abriu-se. Era Gordon Finch. Tinha o rosto pálido e as mãos trémulas.

– Entra, Gordon – disse Stoner.

– Meu Deus, Bill – exclamou Finch. – Porque é que não me disseste?

Stoner soltou uma gargalhada.

– Mais valia ter anunciado nos jornais – retorquiu. – Pensei que podia lidar com isto discretamente, sem incomodar ninguém.

– Eu sei, mas... meu Deus, se eu soubesse.

– Não há motivos para inquietações. Não há nada de definitivo, ainda... é só uma operação. Exploratória, penso que foi assim que o médico lhe chamou. Como é que soubeste?

– Pelo Jamison – disse Finch. – Também é meu médico. Disse que sabia que não era ético, mas que eu devia ser informado. E tinha razão, Bill.

– Eu sei – concordou Stoner. – Não tem importância. A notícia já se espalhou?

Finch abanou a cabeça.

– Ainda não.

– Então, boca fechada. Por favor.

– Claro, Bill. Agora, quanto ao jantar festivo de sexta-feira... sabes que não precisas de ir para a frente com isso.

– Mas vou – disse Stoner. Sorriu. – Acho que estou a dever qualquer coisa ao Lomax.

O espectro de um sorriso perpassou o rosto de Finch.

– Transformaste-te mesmo num velho filho da mãe rabugento, não transformaste?

– Pelos vistos, sim – respondeu Stoner.

O jantar realizou-se num pequeno salão de festas da Associação de Estudantes. À última hora, Edith decidiu que não conseguiria aguentar a festa, por isso ele foi sozinho. Chegou cedo e atravessou lentamente o recinto universitário, como se passeasse descontraidamente numa tarde de primavera. Tal como previra, não estava ninguém no salão. Pediu a um empregado para tirar o cartão com o nome da mulher e para reorganizar a mesa principal, de maneira a não haver um lugar vazio. Depois, sentou-se e esperou que os convidados chegassem.

Sentaram-no entre Gordon Finch e o reitor da universidade. Lomax, que devia fazer de mestre-de-cerimónias, estava sentado a três cadeiras de distância. Lomax sorria e conversava com as pessoas à sua volta, sem olhar para Stoner.

O salão encheu rapidamente. Membros do departamento que não falavam com ele há anos acenaram-lhe da outra ponta da sala; Stoner respondeu com um cumprimento de cabeça. Finch pouco falou, embora observasse Stoner atentamente. O novo reitor, a puxar para o jovem e de cujo nome Stoner nunca se conseguia lembrar, interpelou-o com uma deferência descontraída.

A refeição foi servida por alunos muito jovens de casaco branco. Stoner reconheceu vários deles; fez-lhes um aceno de cabeça e falou com eles. Os convidados olharam, pesarosos, para a comida e começaram a comer. O zumbido descontraído da conversa, interrompido apenas pelo alegre tilintar dos talheres nos pratos, latejou na sala. Stoner sabia que a sua própria presença já quase fora esquecida, por isso pôde brincar com a comida, comer umas quantas garfadas obrigatórias e olhar à sua volta. Se estreitasse os olhos, deixava de ver os rostos; via cores e formas vagas a moverem-se diante de si, como numa moldura, construindo momento a momento novos padrões de fluxos retidos. Era uma visão agradável e, se se concentrasse nela de determinada maneira, era capaz de ignorar a dor.

De repente, fez-se silêncio. Ele abanou a cabeça, como que saindo de um sonho. Numa das pontas da mesa estreita, Lomax encontrava-se de pé, fazendo tilintar um copo de água com uma faca. Um rosto atraente, pensou Stoner distraidamente; ainda atraente. Os anos tinham tornado o rosto comprido e magro ainda mais magro e as rugas pareciam marcas de uma sensibilidade mais profunda e não da idade. O sorriso continuava intimamente sardónico e a voz tão ressonante e firme como sempre.

Lomax estava a falar; as palavras chegavam a Stoner intermitentes, como

se a voz que as proferia ressoasse do âmago do silêncio e depois regressasse à origem.

– ... os longos anos de serviço dedicado... descanso muito merecido das pressões... estimado pelos colegas... – Ouviu a ironia e soube que, à sua maneira, passados tantos anos, Lomax estava a falar com ele.

Um surto breve e resoluto de aplausos acordou-o do seu devaneio. Ao seu lado, Gordon Finch estava de pé, a falar. Embora levantasse os olhos e espetasse as orelhas, não conseguia ouvir o que Finch dizia; os lábios de Gordon moveram-se, ele olhou fixamente em frente, houve aplausos e ele sentou-se. Do outro lado, o reitor pôs-se de pé e falou numa voz que passou rapidamente de persuasão a ameaça, de humor a tristeza, de pesar a alegria. Disse que esperava que a reforma de Stoner fosse um começo e não um fim; sabia que a Universidade ficaria mais pobre por causa da ausência dele; relembrou a importância da tradição, a necessidade de mudança; e a gratidão, durante anos vindouros, no coração de todos os alunos. Stoner não conseguia dar sentido ao que o reitor dizia, mas, quando ele terminou, a sala irrompeu em ruidosos aplausos e os rostos sorriam. Quando os aplausos começaram a esmorecer, alguém na sala gritou numa voz estridente: «Discurso!» Outra pessoa qualquer pegou na deixa e a palavra foi murmurada aqui e ali.

Finch sussurrou-lhe ao ouvido:

– Queres que te safe disto?

– Não – disse Stoner. – Deixa estar.

Pôs-se de pé e percebeu que não tinha nada para dizer. Ficou calado durante muito tempo, olhando de rosto para rosto. Ouviu a sua voz proferir, monocórdica:

– Lecionei... – disse. Recomeçou. – Lecionei nesta universidade durante quase quarenta anos. Não sei o que teria feito, se não tivesse sido professor. Se não tivesse dado aulas, talvez tivesse... – Fez uma pausa, como que distraído. Depois, disse, com determinação: – Queria agradecer-lhes a todos por me terem deixado lecionar.

Sentou-se. Houve aplausos, risos amáveis. O jantar terminou e as pessoas começaram a circular. Stoner sentiu que lhe davam apertos de mão; apercebeu-se de que sorria e fazia que sim com a cabeça perante fosse o que fosse que lhe estavam a dizer. O reitor apertou-lhe a mão, sorriu de orelha a orelha, disse-lhe que devia passar pelo seu gabinete num dia à tarde, olhou para o relógio de pulso e foi-se embora, apressado. O salão começou a

esvaziar-se e Stoner ficou sozinho no lugar onde se pusera de pé e reuniu forças para atravessar a sala. Esperou até sentir qualquer coisa endurecer dentro de si e, em seguida, deu a volta à mesa e saiu do salão, passando por grupinhos que olhavam para ele com curiosidade, como se já se tivesse transformado num desconhecido. Lomax estava num dos grupos, mas não se virou quando Stoner passou e Stoner sentiu-se grato por não terem de falar um com o outro, depois de tanto tempo.

No dia seguinte, deu entrada no hospital e descansou até segunda-feira de manhã, dia em que ia ser submetido à operação. Dormiu a maior parte do tempo e não estava particularmente interessado no que lhe ia acontecer. Na segunda de manhã, alguém lhe espetou uma agulha no braço. Sentiu, já meio inconsciente, que o empurravam pelos corredores fora até um quarto estranho que parecia, todo ele, teto e luz. Viu algo descer-lhe sobre o rosto e fechou os olhos.

Acordou nauseado, com a cabeça a doer; tinha uma nova dor intensa, não muito desagradável, na parte inferior do corpo. Vomitou e sentiu-se melhor. Deixou a mão passear por cima das grossas ligaduras que lhe cobriam o ventre. Dormiu, acordou a meio da noite e bebeu um copo de água, e dormiu de novo até de manhã.

Quando acordou, Jamison estava parado ao lado da cama, com os dedos no seu pulso esquerdo.

– Então – disse Jamison –, como é que se sente, hoje?

– Bem, parece-me. – Tinha a garganta seca. Esticou o braço e Jamison deu-lhe o copo de água. Bebeu e olhou para o médico, expectante.

– Bom – disse Jamison, por fim, constrangido –, retirámos o tumor. Era grande. Daqui a um ou dois dias, sentir-se-á muito melhor.

– Vou poder ter alta? – perguntou Stoner.

– Daqui a dois ou três dias vai poder levantar-se e andar – explicou Jamison. – A única questão é que talvez fosse mais conveniente ficar cá durante uns tempos. Não conseguimos extrair... tudo. Vamos iniciar o tratamento de radioterapia. Claro que pode ir e vir, mas...

– Não – disse Stoner, e deixou a cabeça cair na almofada. Estava cansado, outra vez. – O mais depressa possível – disse. – Quero ir para casa.

Capítulo 17

– Oh, Willy – disse ela. – Estás todo carcomido por dentro.

Ele estava deitado no sofá-cama, no quartinho dos fundos, olhando contemplativamente pela janela aberta. Era o final da tarde e o sol, mergulhando por detrás do horizonte, lançava uma luz vermelha sobre a parte de baixo de uma comprida nuvem ondulante que pairava a oeste, por cima das copas das árvores e das casas. Uma mosca zumbia encostada à rede da janela e o cheiro pungente a lixo a queimar no quintal dos vizinhos pendia no ar parado.

– O quê? – perguntou Stoner, distraído, virando-se para a mulher.

– Por dentro – disse Edith. – O médico disse que se espalhou pelo corpo todo. Oh, Willy, pobre Willy.

– Sim – respondeu Stoner, sem conseguir interessar-se pela conversa. – Bom, não te preocupes. É melhor não pensar nisso.

Ela não retorquiu e ele virou-se novamente para a janela aberta e viu o céu escurecer, até restar apenas uma faixa arroxeadada na nuvem ao longe.

Estava em casa havia pouco mais de uma semana e tinha, nessa mesma tarde, voltado de uma visita ao hospital onde se submetera àquilo a que Jamison, com o seu sorriso tenso, chamara «um tratamento». Jamison admirara a rapidez com que a incisão sarara, dissera qualquer coisa sobre ele ter a constituição de um homem de quarenta anos e, depois, calara-se abruptamente. Stoner deixara que o palpassem, examinassem, picassem, deixara que o amarrassem a uma mesa, na qual ficara imóvel enquanto uma máquina enorme pairava silenciosamente sobre ele. Sabia que era uma perda de tempo, mas não protestara; teria sido ingrato fazê-lo. Não custava nada ceder, se isso os distraía a todos da certeza inevitável.

Sabia que, aos poucos, aquele quartinho onde se encontrava deitado a olhar pela janela se tornaria o seu mundo. Sentia já os primeiros indícios vagos da dor, que regressava como o chamamento distante de um velho amigo. Duvidava de que lhe pedissem para voltar ao hospital. Ouvira na voz de

Jamison, nessa tarde, um tom definitivo e Jamison dera-lhe uns comprimidos para tomar na eventualidade de sentir «desconforto».

– Talvez devesse escrever à Grace – ouviu a sua própria voz dizer a Edith.
– Há muito que ela não nos vem visitar.

E quando se virou, viu Edith fazer que sim distraidamente com a cabeça; os olhos dela estavam, tais como os dele, a contemplar tranquilamente a escuridão crescente do lado de fora da janela.

Nas duas semanas que se seguiram, sentiu-se enfraquecer, primeiro aos poucos e depois rapidamente. A dor regressou e com uma intensidade que ele não esperava; tomava os comprimidos e sentia a dor a recolher-se para um antro escuro, como se fosse um animal cauteloso.

Grace veio visitá-lo e ele percebeu que, afinal, pouco tinha para lhe dizer. Ela ausentara-se de St. Louis e quando regressara, na véspera, deparara com a carta de Edith. Estava cansada e tensa e tinha olheiras. Ele gostaria de poder fazer alguma coisa para aliviar a dor dela, mas sabia que não era possível.

– Está com ótimo aspeto, pai – disse ela. – Ótimo. Vai correr tudo bem.

– Claro – disse ele, e sorriu. – Como está o jovem Ed? E como é que tu tens andado?

Ela disse que andava bem e que o jovem Ed estava ótimo, que ia entrar para o liceu nesse outono. Ele fitou-a, espantado.

– Para o liceu? – perguntou. Depois, percebeu que, sim, devia ser verdade.
– Claro – disse. – Esqueci-me de como ele já deve estar crescido.

– Ele fica com os... com os meus sogros, muitas vezes – explicou. – É melhor para ele, assim. – Acrescentou qualquer coisa, mas já o pai estava distraído. Stoner tinha dificuldade, com frequência crescente, em manter-se concentrado, a sua atenção desviava-se em direções que ele não era capaz de prever e, por vezes, dava por si a proferir palavras cuja origem não compreendia.

– Coitado do papá – ouviu Grace dizer, e concentrou-se novamente no lugar onde estava. – Coitado do papá, as coisas não têm sido fáceis para si, pois não?

Ele pensou uns instantes e disse:

– Não. Mas acho que não queria que o fossem. A mãe e eu... – acrescentou – fomos ambos uma desilusão para ti, não fomos? – ergueu a mão, como que para lhe tocar. – Ah, não – disse, com o que lhe restava de paixão. – Não deves... – Queria dizer mais coisas, explicar-se, mas não conseguiu

continuar. Fechou os olhos e sentiu a mente soltar-se. Vieram-lhe à cabeça imagens em catadupa, que se sucediam como num ecrã. Viu Edith como a vira naquela primeira noite em que se conheceram, em casa do velho Claremont: o vestido azul e os dedos esguios e o rosto bonito e delicado que sorria suavemente, os olhos claros que ansiavam por cada instante como se cada instante fosse uma doce surpresa. – A tua mãe... – disse. – Ela não foi sempre... Ela não foi sempre assim, e ele pensou que conseguia ver agora, por debaixo da mulher que ela se tornara, a menina que fora; teve a sensação de que sempre a vislumbrara.

– Eras uma criança linda – ouviu-se a dizer e, por um instante, não percebeu a quem se dirigia. A luz bailou-lhe diante dos olhos, ganhou forma e tornou-se o rosto da filha, enrugado e sombrio e gasto de preocupação. Fechou novamente os olhos. – No escritório. Lembras-te? Costumavas fazer-me companhia enquanto eu trabalhava. Ficavas tão quietinha e a luz... a luz... – A luz do candeeiro de mesa (conseguia vê-lo nesse instante) era absorvida pelo rostinho estudioso dela, debruçado, com aquela concentração tipicamente infantil, sobre um livro ou uma imagem, de maneira que a pele macia brilhava em contraste com as sombras do quarto. Ouviu o riso de menina ecoar ao longe. – Claro está – disse, e fitou o rosto atual dessa criança. – Claro está – repetiu – que tu estavas lá sempre.

– Chiu... – disse ela suavemente –, veja se descansa.

E foi esta a despedida de pai e filha. No dia seguinte, ela falou com ele e disse que tinha de voltar para St. Louis uns dias e acrescentou qualquer coisa que ele não ouviu, numa voz monocórdica e controlada; tinha o rosto encovado e os olhos vermelhos e húmidos. Entreolharam-se. Ela fitou-o durante muito tempo, dir-se-ia que incrédula e, depois, virou as costas. Ele soube que nunca mais a veria.

Não tinha a mínima vontade de morrer, mas houve momentos, depois de Grace se ter ido embora, em que olhou para esse horizonte com impaciência, como uma pessoa que olha para uma viagem que não tem especial vontade de fazer. E como qualquer viajante, sentiu que tinha muito que fazer antes de partir, mas não se conseguia lembrar do quê.

Estava tão fraco que já não conseguia andar. Passava os dias e as noites no quatinho minúsculo dos fundos. Edith levava-lhe os livros que ele pedia e colocava-os numa mesa ao lado da cama estreita, para ele não ter de fazer esforço para lhes chegar.

Mas lia pouco, embora a presença dos seus livros o reconfortasse. Pedia a Edith para abrir as cortinas de todas as janelas e não a deixava fechá-las, mesmo quando o sol da tarde, extremamente quente, entrava na diagonal no quarto.

Às vezes, Edith entrava no quarto e sentava-se na cama ao lado dele e conversavam. Conversavam sobre coisas triviais: de pessoas que conheciam pela rama, de um novo edifício que estava a ser construído na universidade, de outro antigo que fora demolido; mas o que diziam parecia não ter importância. Uma nova tranquilidade instalara-se entre eles. Era uma serenidade como o começo do amor e, quase sem pensar, Stoner soube porque é que tinha surgido. Tinham-se perdoado um ao outro pelo mal que se haviam infligido e estavam absorvidos na contemplação do que a sua vida juntos poderia ter sido.

Ele encarava-a agora quase sem pesar. À luz suave do entardecer, o rosto dela parecia jovem e macio. Se eu tivesse sido mais forte, pensou; se tivesse sido mais experiente; se tivesse conseguido compreender. E por fim, impiedosamente, pensou: se a tivesse amado mais. Como se fosse longa a distância que tinha de percorrer, a sua mão deslocou-se sobre o lençol que o cobria e tocou a dela. Edith não se mexeu e, passado um pouco, ele deslizou para uma espécie de sono.

Apesar dos sedativos que tomava, tinha a sensação de que a sua mente permanecia lúcida e sentia-se grato por isso. Mas era como se uma vontade que não a sua se tivesse apoderado dessa mesma mente, levando-a para direções que ele não conseguia compreender; o tempo passava e ele não o via passar.

Gordon Finch visitava-o quase todos os dias, mas Stoner já não conseguia reter na memória a sequência dessas visitas. Às vezes, falava com Gordon quando ele não estava e ficava surpreendido ao ouvir a voz dele no quarto vazio; outras vezes, a meio de uma conversa com ele, pausava e piscava os olhos, como se se tivesse apercebido de repente da presença de Gordon. Uma vez, quando Gordon entrou no quarto em bicos dos pés, virou-se para ele, surpreendido, e perguntou: «Onde está o Dave?» E quando viu o medo estampar-se no rosto chocado de Gordon, abanou a cabeça debilmente e disse:

– Desculpa, Gordon. Estava quase a dormir. Estava a pensar no Dave Masters e... às vezes, digo em voz alta o que estou a pensar sem me

aperceber de que o faço. É dos comprimidos.

Gordon sorriu e fez que sim com a cabeça, e disse uma piada, mas Stoner percebeu que, nesse instante, Gordon Finch se retraiu de uma maneira irreversível. Arrependeu-se profundamente de ter falado assim de Dave Masters, do rapaz ousado que ambos tinham adorado e cujo fantasma os mantivera unidos, durante aqueles anos todos, numa amizade que era muito mais profunda do que eles tinham percebido.

Gordon disse-lhe que os colegas mandavam cumprimentos e falou desconexamente sobre alguns assuntos da universidade que lhe poderiam interessar, mas os seus olhos estavam inquietos e o seu rosto exibía um sorriso trémulo e nervoso.

Edith entrou no quarto e Gordon Finch pôs-se penosamente de pé, efusivo e cordial, aliviado por ela o ter interrompido.

– Edith – disse –, senta-te aqui.

Edith abanou a cabeça e fitou Stoner, piscando os olhos.

– O Bill está com melhor cara – disse Finch. – Meu Deus, acho que está com muito melhor ar do que na semana passada.

Edith virou-se para ele, como se reparasse na sua presença pela primeira vez.

– Oh, Gordon – disse. – Ele está com péssima cara. Coitado do Willy. Não dura muito mais tempo.

Gordon empalideceu e deu um passo atrás, como se tivesse levado um murro.

– Meu Deus, Edith!

– Não dura muito mais tempo – repetiu Edith, olhando introspectivamente para o marido, que sorria ligeiramente. – O que é que eu faço da minha vida, Gordon? O que vai ser de mim sem ele?

Stoner fechou os olhos e eles desapareceram. Ouviu Gordon murmurar qualquer coisa e ouviu os passos deles a afastarem-se.

O que era extraordinário era o facto de ser tão fácil. Gostava de ter dito a Gordon como era fácil, gostava de lhe ter dito que não o incomodava falar sobre isso ou pensar nisso, mas não conseguira. Agora, já não parecia importante. Ouviu as vozes deles na cozinha, a de Gordon grave e consternada, a de Edith contrariada e incisiva. De que estariam eles a falar?

... A dor assolou-o com uma brusquidão e uma violência que o apanharam desprevenido, de modo que quase gritou. Descontraiu as mãos sobre a roupa

da cama e forçou-as a avançarem devagar até à mesinha de cabeceira. Pegou em vários comprimidos e levou-os à boca, engolindo-os com um pouco de água. Um suor frio despontou-lhe na testa e ele ficou muito quieto até a dor abrandar.

Ouviu novamente as vozes, mas não abriu os olhos. Seria Gordon? A sua capacidade de audição parecia ter-lhe abandonado o corpo e pairar como uma nuvem por cima de si, transmitindo-lhe todas as *nuances* de som. Mas a sua mente não conseguia discernir as palavras.

A voz – seria a de Gordon? – estava a dizer qualquer coisa sobre a sua vida. E embora Stoner não conseguisse perceber as palavras e nem sequer tivesse a certeza de estarem a ser proferidas, a sua própria mente, com a ferocidade de um animal ferido, atirou-se sobre essa questão. Impiedosamente, viu a sua vida como ela devia parecer aos olhos de terceiros.

Desapaixonadamente, lucidamente, contemplou o fracasso que devia parecer a sua vida. Desejara a amizade e a proximidade da amizade que talvez o agarrasse à raça dos seres humanos; tivera dois amigos, um dos quais morreria estupidamente antes de ser conhecido, e o outro retirara-se para tão longe das fileiras dos vivos que... Desejara a individualidade e a paixão todavia conectora do casamento; tivera isso também e não soubera o que fazer com ela e o sentimento acabara por morrer. Desejara amor e tivera amor e abdicara dele, deixando-o fugir para o caos. Katherine, pensou. «Katherine.»

E desejara ser professor e assim fora e, no entanto, sabia, sempre soubera, que durante a maior parte da sua vida fora um professor indiferente. Sonhara com um tipo de integridade, um tipo de pureza total, mas encontrara o meio-termo e a distração assoladora da banalidade. Ansiara pela sabedoria e, ao fim de tantos anos, deparara com a ignorância. E que mais?, pensou. Que mais?

O que é que esperavas?, perguntou-se.

Abriu os olhos. Estava escuro. Depois, viu o céu lá fora, o preto-azulado do espaço e o brilho ténue do luar por entre uma nuvem. Deve ser muito tarde, pensou. Parecia-lhe que fora ainda há pouco que Gordon e Edith tinham estado ao seu lado, na tarde luminosa. Ou teria sido há muito tempo? Não fazia ideia.

Sabia que a sua mente enfraqueceria à medida que o corpo se deteriorasse, mas não estava preparado para a rapidez do processo. A carne é forte,

pensou, mais forte do que pensamos. Quer sempre perdurar.

Ouviu vozes e viu luzes e sentiu a dor ir e vir. O rosto de Edith assomou perto de si. Stoner sentiu o seu próprio rosto abrir-se num sorriso. Às vezes, ouvia a sua própria voz e pensava que falava racionalmente, embora não tivesse a certeza. Sentiu as mãos de Edith sobre o seu corpo, movendo-o, lavando-o. Ela tem o seu filho de volta, pensou; finalmente, tem o seu menino de quem pode tratar. Desejou poder falar com ela; sentiu que tinha qualquer coisa para dizer.

Estavas à espera de quê?, pensou.

Tinha um peso a pressionar-lhe as pálpebras. Sentiu-as tremer e, depois, conseguiu abri-las. Era luz o que estava a sentir, a luz intensa do sol vespertino. Pestanejou e considerou impassivelmente o céu azul e a orla brilhante do sol que conseguia ver pela janela. Decidiu que eram reais. Mexeu uma mão e, com o movimento, sentiu uma estranha força correr dentro de si, como que vinda do ar. Inspirou fundo; não tinha dores.

A cada inspiração parecia-lhe que as suas forças aumentavam; a pele era percorrida por um formigueiro e sentia o peso delicado da luz e da sombra no rosto. Ergueu-se na cama, de modo a ficar meio sentado, com as costas apoiadas na parede à qual a cama estava encostada. Agora, conseguia ver o exterior.

Sentiu que tinha acordado de um longo sono e estava revigorado. Era o final da primavera ou o início do verão... provavelmente o início do verão, pelo ar das coisas. As folhas do enorme ulmeiro do quintal luziam com um brilho e uma cor intensa e a copa lançava uma sombra fresquíssima que ele conhecia bem. O ar estava espesso, pesado com as fragrâncias doces da relva, folhas e flores, fundindo-as e mantendo-as suspensas. Inspirou fundo, uma vez mais; ouviu a sua respiração rouca e sentiu a doçura do verão recolher-se nos seus pulmões.

E sentiu também, ao inspirar, que qualquer coisa se desligava dentro de si, bem fundo, algo que fez parar o processo e fez com que a sua cabeça se fixasse, imóvel. Depois, passou e Stoner pensou: Então, é isto, é assim.

Ocorreu-lhe que devia chamar Edith, mas depois percebeu que não o faria. Os moribundos são egoístas, pensou, querem guardar para si os seus momentos, como as crianças.

Estava a respirar novamente, mas algo mudara dentro de si e não saberia dizer o que fora. Sentiu que estava à espera de qualquer coisa, de um

conhecimento, uma certeza, mas teve a sensação de que dispunha de todo o tempo do mundo.

Ouviu o som distante de risos e virou a cabeça nessa direção. Um grupo de alunos decidira fazer um atalho pelo seu quintal das traseiras, dirigindo-se apressados para qualquer lugar. Viu-os claramente: eram três casais. As raparigas eram finas e graciosas, com os seus vestidinhos leves de verão, e os rapazes fitavam-nas com espanto alegre e desconcertado. Caminhavam com passos ligeiros por cima da relva, mal lhe tocando, não deixando vestígios da sua passagem. Observou-os até saírem do seu campo de visão, até já não os conseguir ver e, durante muito tempo depois de terem desaparecido, chegou-lhe o som do riso deles, distante e despreocupado no sossego da tarde estival.

Estavas à espera de quê?, pensou outra vez.

Uma espécie de alegria assolou-o, como que trazida por uma brisa de verão. Lembrou-se vagamente de que tinha estado a pensar em fracasso... como se isso tivesse alguma importância. Parecia-lhe agora que esse tipo de pensamentos era mesquinho, indigno do que tinha sido a sua vida. Presenças vagas reuniram-se na orla da sua consciência; não as conseguia ver, mas sabia que estavam lá, a reunirem forças para uma espécie de palpabilidade que ele não conseguia ver nem ouvir. Sabia que se estava a aproximar dessas presenças, mas não havia motivo para pressas. Podia ignorá-las, se quisesse; tinha todo o tempo do mundo.

Havia uma doçura à sua volta e uma languidez apoderou-se do seu corpo. A sensação da sua própria identidade inundou-o com uma força inesperada e sentiu o poder dela. Era ele próprio e soube o que tinha sido na vida.

Virou a cabeça. A mesinha de cabeceira tinha uma pilha de livros em que ele não tocava há muito. Deixou a mão deslizar sobre eles um instante; espantou-se com a magreza dos dedos, a complexidade das articulações quando os fletia. Sentiu a força neles e deixou-os tirar um livro do caos que ia em cima da mesa. Era o seu próprio livro o que ele buscava, e quando a mão o agarrou, Stoner sorriu ao ver a familiar capa vermelha, há muito desbotada e coçada.

Pouco lhe importava que o livro tivesse caído no esquecimento e não servisse para nada; e a questão sobre se alguma vez tivera valor pareceu-lhe quase trivial. Não tinha a ilusão de que se encontraria a si próprio naquelas páginas, nas palavras esbatidas, e no entanto sabia que uma pequena parte de si, que ele não podia negar, estava *efetivamente* ali, e ali ficaria para sempre.

Abriu o livro e, ao fazê-lo, ele deixou de ser seu. Deixou os dedos folhearem-no e sentiu um formigueiro na pele, como se aquelas páginas estivessem vivas. O formigueiro começou nas pontas dos dedos e percorreu-lhe a carne e os ossos; estava minuciosamente ciente dele e esperou até se espalhar pelo corpo todo, até o conter, até o antigo entusiasmo, que era uma espécie de pavor, o fixar no lugar onde jazia. O sol, entrando pela janela, incidiu na página e ele não conseguiu ver o que estava escrito.

Os dedos perderam as forças e o livro que eles seguravam deslizou devagar, e depois mais depressa, sobre o corpo imóvel, e caiu no silêncio do quarto.

Posfácio

Na primeira página deste clássico romance sobre a vida universitária, e sobre a vida do coração e da mente, John Williams afirma sem rodeios qual foi a marca que Stoner deixou para trás: «Os colegas de Stoner, que não lhe tinham uma estima por aí além, quando era vivo, raramente falam dele agora; para os mais velhos, o nome é um lembrete do fim que os espera a todos e, para os mais jovens, é um mero som que não evoca qualquer noção do passado nem qualquer identidade com a qual se possam relacionar, a eles próprios ou às suas carreiras.» Numa prosa simples, que parece capaz de refletir sem esforço todas as gradações de pensamento e sentimento, Williams subverte esse juízo de valor familiar e mundano, e faz um retrato vívido de Stoner, e de tudo o que está relacionado com ele – o tempo, o espaço, as pessoas –, numa escrita cuja paixão se esconde por detrás de uma frieza e acuidade intelectual.

As origens de Stoner são tão humildes como a terra que a família dele lavrava. No início, os pais são retratados com tão pouca vida como o barro da quinta, mas em cenas vívidas, como a do casamento de Stoner com a filha de um banqueiro, a sua dignidade e brandura inatas contradizem esse juízo de valor precipitado e, mais para o fim do romance, o próprio Stoner parece adquirir a força deles, muda e paciente.

Stoner era filho único e, embora fosse bom aluno, não tinha expectativas, a não ser um dia tomar posse dos campos que ajudava a lavar. Uma vez, no final de um dia de labuta, o pai disse-lhe: «O conselheiro rural passou por cá, na semana passada... Diz que a Universidade de Columbia abriu uma escola nova. Chama-se Escola Agrária. Ele acha que te devias candidatar.»

Na universidade, ele paga o seu alojamento e a comida trabalhando numa quinta vizinha, propriedade de um primo direito da mãe. Estamos a falar de alojamento sumário e trabalho árduo e brutal, mas ele aguenta estoicamente, da mesma maneira que aguenta as aulas de ciências na universidade. «A cadeira de Química do Solo interessou-o de uma maneira geral [...]. Mas as

aulas obrigatórias de Literatura Inglesa perturbaram-no e inquietaram-no como nunca.»

O professor, Archer Sloane, muda a vida dele. Stoner desiste de Ciências para estudar Literatura. Instado pelo seu mentor, continua na universidade e a trabalhar na quinta do primo até obter o mestrado. Quando termina o curso, tenta dizer aos pais que não tenciona voltar para a quinta, quando eles se deslocam à universidade para assistir à cerimónia de entrega dos diplomas. «S'achas que deves cá ficar e estudar os teus livros, então é isso que deves de fazer», conclui o pai, no fim dessa comovente cena.

O romance descreve, então, a carreira aparentemente banal de um assistente do Departamento de Inglês da universidade: as aulas, as leituras e a escrita, as amizades, o seu enamoramento por uma mulher idealizada, a sua lenta e amarga descoberta de quem é essa mulher depois de se casarem, e de como a sua meiga e influenciável filha se torna o campo de batalha predileto da mãe. A aventura extraconjugal de Stoner com uma jovem leitora acaba por se ver enredada em políticas universitárias amargas e vingativas.

Esta relação amorosa entre duas pessoas inteligentes é narrada com uma rara sensibilidade. Uma sensualidade salutar põe em destaque a vulnerabilidade de ambos, quando descobrem a glória do primeiro dia do mundo. «A vida que tinham juntos era uma vida que nenhum deles imaginara verdadeiramente. Passaram da paixão a um desejo intenso e do desejo a uma sensualidade profunda que se renovava a cada instante.»

Estudam, conversam, brincam. «Aprenderam a estar juntos sem falar e habituaram-se a descansar.» Não só encontraram o prazer um no outro, mas também o sentido, que é extraído com ironia divertida e afetuosa. «Tal como todos os amantes, falavam muito sobre si próprios, como se pudessem assim compreender o mundo que os tornava possíveis.»

Embora seja fundamental para o enredo, o caso amoroso cumpre uma função mais importante, em sentido lato, enquanto fonte de luz na escuridão que é o casamento de Stoner, uma poderosa sugestão da felicidade que podia ter sido.

A mulher de Stoner é o tipo de mulher que pode ser vislumbrado em muita da literatura americana, através de sensibilidades tão diferentes como as de O'Neill, Tennessee Williams, Faulkner, Scott Fitzgerald: linda, instável, educada para respeitar as fachadas de uma sociedade privilegiada e protegida, mas nunca esse tipo de mulher foi revelado de uma maneira tão impiedosa

como aqui:

Foi educada sob a premissa de que seria protegida dos acontecimentos grosseiros que a vida lhe pudesse pôr pela frente, e sob a premissa de que o seu único dever era ser uma cúmplice graciosa dessa proteção, uma vez que pertencia a uma classe social e económica para a qual a proteção era uma obrigação quase sagrada. [...]

A sua formação moral, quer nos colégios que frequentou, quer em casa, foi negativa por natureza, de intenção proibitiva e quase inteiramente sexual. A sexualidade, porém, era indireta e não reconhecida e, por conseguinte, impregnou-se em todas as outras partes da sua educação, que recebeu a maior parte da sua energia dessa força moral implícita e recessiva. Aprendeu que teria deveres para com o marido e família e que teria de os cumprir.

[...] Fazia um ponto de cruz refinado e inútil, pintava aguarelas demasiado aguadas de paisagens brumosas e tocava piano sem vigor mas com precisão. Era, porém, ignorante no que tocava ao funcionamento do seu próprio corpo, nunca tratara de si própria sozinha um único dia da sua vida e nunca lhe teria passado pela cabeça que poderia ser responsável pelo bem-estar de outra pessoa. [...]

William Stoner invadiu essa privacidade interior.

Casam-se sem se conhecerem um ao outro e sem nada em comum, a não ser o desejo. A sua incompatibilidade sexual é descrita com a mesma castidade que a sensualidade profunda dos amantes:

Quando voltou para o quarto, Edith estava na cama com as cobertas puxadas até ao queixo, o rosto virado para o teto, os olhos fechados, uma ruga fina na testa. Silenciosamente, como se ela estivesse a dormir, Stoner despiu-se e enfiou-se na cama ao lado dela. Durante vários momentos, ficou deitado com o seu desejo, que se tornara uma coisa impessoal, que lhe pertencia exclusivamente. Falou com Edith, como que para arranjar um porto de abrigo para o que sentia; ela não respondeu. Pousou a mão no corpo dela e, por baixo do tecido fino da camisa de noite, sentiu a carne por que tanto ansiara. Moveu a mão; ela não se mexeu e a sua ruga tornou-se mais funda. Ele falou novamente, dizendo o nome dela no silêncio. Depois, moveu o corpo para cima do dela, suavemente apesar da falta de jeito. Quando lhe tocou na macieza das coxas, Edith virou a cabeça abruptamente para o lado e levantou o braço para cobrir os olhos, reduzida a uma mudez total.

A sexualidade dela altera-se, depois, violentamente, quando ela decide que quer ter um filho, e estanca por completo assim que engravida. Pouco depois de a filha nascer, a criança torna-se o centro do tumulto interior da mãe, do seu ódio não resolvido por Stoner. Se o retrato tem falhas é na sua implacabilidade, mas a sua perspicácia é tão forte que acabamos por aceitá-lo

simplesmente enquanto reflexo de como as coisas são, da mesma maneira que o caso amoroso se torna o modo como as coisas deviam ter sido.

Nos muitos retratos menores, o toque é igualmente seguro e psicologicamente astuto: «Tal como muitos homens que consideram o seu sucesso incompleto, o pai de Edith era extraordinariamente vaidoso e convencido da sua própria importância. De dez em dez minutos, ou de quinze em quinze, tirava um grande relógio de ouro do bolso do colete, olhava para ele e fazia um aceno de cabeça.» Temos os amigos de Stoner: o brilhante David Masters, que dá voz a algumas das perspectivas do próprio John Williams sobre a natureza da instituição universitária, vai para a guerra e é morto em França; o mundano Gordon Finch, que regressa da guerra com honras militares e volta para a universidade, onde ascende ao cargo de diretor da faculdade. Finch permanece um leal aliado e protetor de Stoner, ainda que por vezes exasperado, no seio da universidade, e a sua amizade simples acompanha toda a vida de Stoner. Assistimos também ao lento declínio do mentor de Stoner, Archer Sloane, e à ascensão do seu substituto, Hollis Lomax, que se torna inimigo implacável de Stoner. Num romance de retratos brilhantes, o de Hollis Lomax é o mais complexo. Algumas das cenas de conflito são quase insuportáveis, de tão intensas.

Stoner é também um romance sobre o trabalho, o trabalho árduo e inglório das quintas; o trabalho de viver num casamento destrutivo e de criar uma filha com paciente mutabilidade num lar envenenado; o trabalho de ensinar Literatura a alunos completamente desinteressados. A maneira como Williams consegue dramatizar este material tão difícil é, em si, um pequeno milagre.

Numa rara entrevista dada no final da vida, John Williams diz acerca de Stoner:

Penso que ele é um *verdadeiro* herói. Muitas pessoas que leram o romance acham que Stoner levou uma vida muito triste e má. Eu julgo que ele teve uma vida ótima. Teve, certamente, uma vida melhor do que a maior parte das pessoas. Fez o que gostava de fazer, tinha uma certa noção do que fazia e da importância do seu trabalho. Foi testemunha de valores que são importantes. [...] O mais importante no livro, para mim, é a noção que Stoner tem do que é um *emprego*. Lecionar é para ele um emprego, um emprego no sentido melhor e mais honrado do termo. O emprego deu-lhe um tipo especial de identidade e fez dele quem ele era. [...] É o amor pela coisa que é essencial. E quando amamos uma coisa, compreendemo-la. E se a compreendemos, aprendemos muito. É a falta desse amor o que define um mau professor. [...] Nunca sabemos

quais serão todas as consequências do que fazemos. Creio que tudo se resume ao que tentei exprimir em *Stoner*. Temos de manter a fé. O mais importante é manter a tradição, porque a tradição é civilização.

John Williams é conhecido pelos romances *Nothing but the Night*, *Stoner*, *Butcher's Crossing* e *Augustus*, que ganhou o National Book Award, em 1973. Publicou também dois livros de poesia e editou uma antologia clássica de poesia renascentista inglesa. Os romances são notáveis não só pelo seu estilo, mas também pela diversidade de cenários. São todos completamente diferentes uns dos outros, a não ser pela clareza da prosa; podiam facilmente ser tidos como fruto de quatro escritores distintos. Na longa e fascinante entrevista que Williams deu a Brian Wooley e da qual citei os seus comentários sobre *Stoner*, torna-se claro que, dos quatro romances, *Stoner* é o mais pessoal, na medida em que é o mais próximo da vida e carreira do próprio John Williams, sem, de modo algum, ser autobiográfico. A entrevista foi dada em 1985, o ano em que Williams se reformou do cargo de professor de Inglês da Universidade de Denver, onde lecionara durante trinta anos. Pressionado mais para o fim da entrevista, queixa-se da mudança, no seio das universidades, do estudo puro, cujos resultados não podem ser previstos, para uma forma de fazer as coisas mais eficaz, puramente utilitarista e prática, passível de ser comprovada e medida quer nas Letras, quer nas Ciências. Depois, mais especificamente, Williams queixa-se das mudanças no ensino da Literatura e na atitude para com o texto, «como se um romance ou um poema fosse uma coisa a ser *estudada* e *compreendida* em vez de *sentida*». Wooley sugere, então, em tom jocoso: «Ou seja, é para ser interpretada.» «Sim. Como se fosse uma espécie de enigma.» «E a Literatura é escrita para servir de entretenimento?», sugere Wooley novamente. «Sem dúvida. Meu Deus, ler sem alegria e prazer é uma estupidez.»

Stoner oferece-nos uma grande dose de entretenimento, aquilo que o próprio Williams define como «um escape para a realidade», bem como dor e alegria. A lucidez da prosa é, em si, uma pura alegria. Situado uma geração antes da do próprio Williams, o romance destaca-se não só pela sua clareza e inteligência, mas também pela maneira como tantas vezes o material banal, nada promissor, é dramatizado de uma forma tão fria. O mundinho da universidade abre-se para a guerra e a política, para os anos da Depressão e os milhões de homens que «outroza caminhavam eretos nas suas próprias

identidades» e, daí, para a vida em geral.

Se o romance tem uma ideia central, essa ideia é certamente a do amor, as muitas formas que o amor assume e todas as forças que se lhe opõem. «Não era uma paixão nem da mente nem da carne; era, isso sim, uma força que as abrangia a ambas, como se fossem a matéria do amor, a sua substância específica.»

:: John McGahern

2002

Table of Contents

[Ficha Técnica](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Posfácio](#)